

ESCOLA DE GUERRA NAVAL
SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS MARÍTIMOS

MAURICIO MONTEIRO DE SALLES

A ‘JOIA DO ATLÂNTICO’ NA GRANDE GUERRA: uma retrospectiva da
primeira missão brasileira de ocupação militar permanente e pesquisa científica da Ilha
da Trindade (1916-1919)

RIO DE JANEIRO
2024

MAURICIO MONTEIRO DE SALLES

A ‘JOIA DO ATLÂNTICO’ NA GRANDE GUERRA: uma retrospectiva da
primeira missão brasileira de ocupação militar permanente e pesquisa científica da Ilha
da Trindade (1916-1919)

Trabalho de conclusão de doutorado
apresentado ao Programa de Pós-Graduação
em Estudos Marítimos como parte dos
requisitos necessários à obtenção do título de
Doutor em Estudos Marítimos.

Linha de pesquisa: Política e Estratégia
Marítimas – LP1.

Orientador: CMG (REF) Prof. Dr.
Francisco Alves de Almeida.

Coorientador: Prof. Dr. Fernando Coreixas
de Moraes.

RIO DE JANEIRO
2024

S168j Salles, Mauricio Monteiro de

A 'JOIA DO ATLÂNTICO' NA GRANDE GUERRA: uma retrospectiva da primeira missão brasileira de ocupação militar permanente e pesquisa científica da Ilha da Trindade (1916-1919). / Mauricio Monteiro de Salles. - Rio de Janeiro, 2024.

318f.: il.

Tese (doutorado) - Escola de Guerra Naval, Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos (PPGEM), 2024.

Orientador (a): Francisco Alves de Almeida.

Coorientador (a): Fernando Coreixas de Moraes.

Bibliografia: f.294-318.

1. Ilha da Trindade. 2. Grande Guerra. 3. Marinha do Brasil. 4. Museu Nacional. 5. Ciências oceânicas. I. Escola de Guerra Naval (BRASIL). II. Título.

CDD: 940.45981

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária
Mariana Gonçalves Dias – CRB7/7259
Biblioteca da Escola de Guerra Naval

MAURICIO MONTEIRO DE SALLES

A ‘JOIA DO ATLÂNTICO’ NA GRANDE GUERRA: uma retrospectiva da
primeira missão brasileira de ocupação militar permanente e pesquisa científica da Ilha
da Trindade (1916-1919)

Trabalho de conclusão de doutorado apresentado ao
Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos como
parte dos requisitos necessários à obtenção do título de
Doutor em Estudos Marítimos.

Aprovado em 5 de novembro de 2024.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Francisco Alves de Almeida
Orientador
Escola de Guerra Naval (EGN)

Prof. Dr. Adriano Lauro
Escola de Guerra Naval (EGN)

Prof. Dr. Claudio Rodrigues Corrêa
Escola de Guerra Naval (EGN)

Prof. Dr. Nival Nunes de Almeida
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ)

Prof. Dr. Renato Petrocchi
Universidade Federal Fluminense (UFF)

AGRADECIMENTOS

À Marinha do Brasil e ao PPGEM da Escola de Guerra Naval-MB pela confiança e pelo investimento na minha formação no curso de Doutorado Profissional em Estudos Marítimos.

Ao meu orientador, o CMG (REF) professor Dr. Francisco Alves de Almeida, pelo apoio e tempo dedicados, por todos os ensinamentos e palavras de incentivo, e pela ajuda prestada no desenvolvimento desta tese — desde a nossa primeira reunião.

Ao meu coorientador, o professor Dr. Fernando Coreixas Moraes, pelas orientações científicas, pelo preciosismo na revisão deste trabalho e por me incentivar a pesquisar nos Arquivos da Marinha as fotografias históricas da primeira expedição científica do Museu Nacional à Ilha da Trindade. Foi por meio deste material que eu conheci a história da primeira ocupação brasileira permanente da Ilha da Trindade, tema central desta tese.

Ao professor Dr. Nival Nunes de Almeida e à professora Dra. Rachel Bertol pelos comentários relevantes sobre o projeto na sua fase de qualificação; e a todos os professores, alunos e funcionários do PPGEM da EGN-MB que me ajudaram a chegar até aqui, em especial o sr. Valdir Jorge Luiz (SO-RM1-MC), Aux. da Secretaria do PPGEM.

À Biblioteca Nacional; à Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM); à Biblioteca da Marinha; à Coleção Helmintológica do Instituto Oswaldo Cruz (CHIOC); ao Museu Nacional/UFRJ (MN/UFRJ); à Biblioteca de História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz; ao Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST); e ao Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro (IPJB-RJ), pelo trabalho primoroso de preservação da memória nacional, sem o qual não seria possível alcançar os objetivos deste projeto.

À pesquisadora Marcia Prestes Taft, da DPHDM; à chefe do departamento de arquivos da Marinha, Comandante Glória; à Dra. Daniela de Almeida Lopes, da CHIOC; aos pesquisadores e professores do MN/UFRJ Dr. Cristiano Rangel Moreira, Dra. Renata Stopiglia, Dr. Alexandre Dias Pimenta e Dra. Manoela Woitovicz Cardoso; à chefe da Biblioteca Central do MN/UFRJ Leandra Pereira de Oliveira; ao Chefe do Arquivo de História da Ciência do MAST Everaldo Pereira Frade; ao pesquisador do IPJB-RJ Massimo Bovini; e ao diretor de pesquisa científica do IPJB-RJ Leonardo Tavares Salgado, pelo apoio que foi essencial para os resultados deste trabalho.

Ao fotógrafo Claudio Ciambelli e aos revisores Isteice Nogueira de Lima e David Luiz Barbosa de Souza que deram importantes contribuições para esta tese, e aos amigos e familiares que sempre torceram pelo sucesso desta minha longa, difícil e desafiadora caminhada acadêmica.

RESUMO

Incorporada ao território nacional em 1825, com o tratado que confirmou a Independência do Brasil, a Ilha da Trindade, localizada a cerca de 1.140 km do ponto mais próximo da costa brasileira (*i.e.*, Vitória-ES), só passou a ser ocupada permanentemente pelo país em junho de 1916, na Grande Guerra. O motivo foi evitar a sua utilização como base naval por alguma nação beligerante. A missão de ocupação da ilha foi coordenada pela Marinha do Brasil e durou até 1919, quando Trindade voltou a ficar despovoada, meses após o término da guerra, em outubro de 1918. A expedição militar que deu início a esta missão contou com a participação de uma comissão científica composta por pesquisadores do Museu Nacional e pelo médico do Instituto Oswaldo Cruz, Lauro Travassos. Liderada pelo então diretor do museu, Bruno Lobo, esta comissão foi responsável pelos primeiros estudos científicos brasileiros sobre a geologia, a fauna e a flora da ilha. Em 1917, representantes de outras instituições científicas nacionais também realizaram expedições em Trindade, como o naturalista do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Paulo Campos Porto, e o astrônomo do Observatório Nacional, Mario Rodrigues. Apesar da grande repercussão que teve na imprensa, no período da Grande Guerra, e da sua relevância militar e científica, a história da primeira missão brasileira de ocupação militar e pesquisa científica da Ilha da Trindade foi pouco explorada e divulgada nos meios acadêmicos e em publicações da Marinha. Com o objetivo de agregar à literatura sobre esta história, novos conhecimentos, dados, informações, análises, pontos de vista, percepções, personagens, curiosidades, imagens, discussões e contextualizações históricas, este trabalho de conclusão de doutorado utilizou como metodologia uma revisão da literatura sobre o tema e uma pesquisa documental que analisou mais de 900 documentos da época (entre cartas, relatórios, memorandos, fotografias, coleções científicas e cerca de 700 publicações de jornais e revistas veiculadas entre 1916 e 1919) relacionados com a missão e a Ilha da Trindade. Com base neste amplo conteúdo bibliográfico e documental, o trabalho apresenta uma retrospectiva com texto acessível sobre a história desta missão e seus diversos aspectos (militar, estratégico, científico, social, econômico, político, ambiental, histórico, contemporâneo, entre outros). Ele também discute questões relevantes no contexto dos estudos marítimos e da divulgação científica das ilhas oceânicas brasileiras, como: os desafios logísticos, econômicos e de sustentabilidade da ocupação brasileira da Ilha da Trindade; o apoio da Marinha às pesquisas científicas no local; a popularização das ciências oceânicas e da Ilha da Trindade; e como a divulgação nos meios de comunicação a respeito da importância estratégica, militar, econômica, ambiental e científica deste pequeno pedaço do Brasil no Atlântico pode contribuir para a formação da mentalidade marítima no país.

Palavras-chave: Ilha da Trindade; Grande Guerra; Marinha do Brasil; Museu Nacional; ciências oceânicas.

ABSTRACT

Incorporated into the national territory in 1825 through the treaty that recognized Brazil's independence, Trindade Island, situated approximately 1,140 km from the nearest point on the Brazilian coast, namely Vitória-ES, was only permanently occupied by the country in June 1916, during the Great War. The reason for this occupation was to prevent its use as a naval base by any belligerent nation. The mission to occupy the island lasted until 1919, when Trindade became uninhabited again, months after the end of the war in October 1918. The military expedition that initiated this mission included a scientific commission comprising researchers from the National Museum of Brazil and by a physician from the Oswaldo Cruz Institute, Lauro Travassos. Led by Bruno Lobo, then director of the museum, this commission was responsible for the first Brazilian scientific studies about the island's geology, fauna and flora. In 1917, representatives from other national scientific institutions also conducted expeditions on Trindade, including Paulo Campos Porto, a naturalist from the Rio de Janeiro Botanical Garden, and Mario Rodrigues, an astronomer from the National Observatory. Despite the significant media coverage it had during the Great War and its military and scientific relevance, the history of the first Brazilian military occupation and scientific research mission of Trindade Island has been scarcely studied and underpublicized in academic circles and publications by the Navy itself. Aiming to enrich the literature on the subject with new knowledge, data, information, analyses, perspectives, insights, characters, intriguing details, pictures, discussions and historical contextualization, this doctoral dissertation employed a methodology that combined a literature review on the subject with a documentary research approach, analyzing over 900 documents from the period—including letters, reports, memorandums, photographs, scientific collections, and approximately 700 newspaper and magazine articles published between 1916 and 1919—related to the mission and to Trindade Island. Based on this extensive bibliographic and documentary content, the dissertation provides an accessible retrospective on the history of this mission and its various aspects—military, strategic, scientific, social, economic, political, environmental, historical, contemporary, and more. It also examines key issues within the context of maritime studies and the scientific dissemination of Brazil's oceanic islands, such as the logistical, economic, and sustainability challenges of Brazil's occupation of Trindade Island; the Navy's support for scientific research in the area; the popularization of ocean sciences and Trindade Island; and how media coverage emphasizing the strategic, military, economic, environmental, and scientific significance of this small piece of Brazil in the Atlantic can contribute to fostering a maritime mindset in the country.

Keywords: Trindade Island; Great War; Brazilian Navy; The National Museum of Brazil; ocean sciences.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa político do Brasil com a inclusão dos limites da Amazônia Azul.	18
Figura 2: Pintura de Charles Edward Dixon retratando a “Batalha da Trindade”.....	48
Figura 3: Acampamento da expedição do Primeiro-Tenente Cantuária Guimarães em Trindade (1914).	57
Figura 4: Reportagem sobre a partida do “Barroso” para a Ilha da Trindade (1916)....	60
Figura 5: Navio-Escola “Benjamin Constant”.....	62
Figura 6: Marco (provisório) da Ilha da Trindade.	63
Figura 7: Mimi Sodré com a camisa do Botafogo Football Club.....	69
Figura 8: Cruzador “Barroso”.....	72
Figura 9: Reportagem do <i>A Época</i> dias antes da partida do “Barroso” para a Trindade.	83
Figura 10: Uma das reportagens de Paulo Cleto da série <i>A joia de turco do Atlântico</i> (1916).....	85
Figura 11: Uma das reportagens de Idelfonso Falcão da série <i>Na Ilha dos Tesouros Fabulosos!</i> (1916).....	86
Figura 12: Ilustração de uma sessão espírita publicada em uma das reportagens de Paulo Cleto sobre a ocupação da Ilha da Trindade (1916).	93
Figura 13: Reportagem do <i>A Noite</i> com o diretor do MN, Bruno Lobo (1916).....	104
Figura 14: Entrevista com o professor Bruno Lobo (1916) (1).....	108
Figura 15: Entrevista com o professor Bruno Lobo (1916) (2).....	108
Figura 16: Crítica à ocupação da Ilha da Trindade (1916).....	112
Figura 17: Acampamento da primeira guarnição militar da Ilha da Trindade (1916)..	115
Figura 18: Primeiro relatório militar sobre os primeiros meses da inédita ocupação brasileira permanente da Ilha da Trindade, escrito pelo Dr. Pedro Martins (1916).	116
Figura 19: Fragatas na Ilha da Trindade (1916).	120
Figura 20: Amontoados de rochas na Ilha da Trindade (1916).	122
Figura 21: Cachoeira do Oeste na Ilha da Trindade.	123
Figura 22: Aspecto do litoral e das formações rochosas da Ilha da Trindade.	124
Figura 23: Balsa improvisada utilizada no embarque de materiais na ilha.	125
Figura 24: A violência das ondas do mar em Trindade que dificultava o embarque na ilha.	126
Figura 25: Oficial da MB (possivelmente o Dr. Pedro Martins) explorando um dos pontos da costa da Ilha da Trindade.	128

Figura 26: Oficial da MB (possivelmente o Dr. Pedro Martins) sentado ao lado de um homem de bigode branco em frente a Cascata do Oeste.	128
Figura 27: Comparação entre as caligrafias da palavra “cascata” escrita com lápis, no cartão postal, e com caneta, no relatório do Dr. Pedro Martins.	129
Figura 28: Navio Mineiro “Carlos Gomes”.....	130
Figura 29: Cartaz do Centenário do 1º Salão dos Humoristas (2016).	139
Figura 30: Estudo da obra de Helios Seelinger (1916) (1).	140
Figura 31: Obra original de Helios Seelinger publicada na revista D.Quixote (1917) (2).	140
Figura 32: Enquete literária publicada na primeira página do <i>A Lanterna: Jornal da Noite</i> (1916).....	142
Figura 33: Oficiais do “Barroso” com o Almirante Frontin no centro da foto.....	145
Figura 34: Paulo Campos Porto do JBRJ, primeiro à esquerda na foto, em Trindade (1917).....	146
Figura 35: O cruzador “Barroso” nas proximidades da Ilha da Trindade (1917).....	146
Figura 36: Troncos de árvores arrancados por vendavais violentos (1917).....	149
Figura 37: Duas grazinas com o “Barroso” ao fundo (1917).	150
Figura 38: Ninho com filhotes de Fragatas (1917).....	150
Figura 39: Morros e picos da Ilha da Trindade (1917).....	151
Figura 40: Alojamentos na ilha (1917).....	151
Figura 41: Instrumentos de navegação sendo utilizados por oficiais da Marinha, no “Barroso” (1917).	152
Figura 42: Vista da ilha a bordo do “Barroso” (1917).	152
Figura 43: Embarcação de apoio do “Barroso” (1917).	153
Figura 44: Barraca montada em uma das praias da ilha (1917).	153
Figura 45: Aspecto geológico da ilha (1917).	154
Figura 46: Samambaias (1917).....	155
Figura 47: Página inicial do site do Herbário Virtual Re flora do JBRJ.	156
Figura 48: <i>Cereus insularis</i> , planta endêmica da Ilha de Fernando de Noronha.....	157
Figura 49: Holótipo da espécie <i>Bulimulus bruno</i> i (Ihering, 1917).....	161
Figura 50: O cruzador “Tiradentes”.	171
Figura 51: Tabela demonstrativa da economia realizada com os aparelhos de luz A.G.A.	176

Figura 52: Carta geográfica da República comemorativa do Centenário da Independência do Brasil.....	181
Figura 53: Planta com as coordenadas geográficas da Ilha da Trindade (1918) – Parte 1.	183
Figura 54: Planta com as coordenadas geográficas da Ilha da Trindade (1918) – Parte 2.	183
Figura 55: Telegrama de Mario Rodrigues comunicando sobre a sua chegada na ilha e os procedimentos para a realização da correspondência radiotelegráfica (1918).	184
Figura 56: Telegrama do encarregado da estação de São Tomé explicando que a troca de sinais com a estação de Trindade foi prejudicada devido às fortes descargas.	185
Figura 57: Telegrama de Mario Rodrigues transmitida pela estação de Olinda ao Diretor do ON.	186
Figura 58: Memorando do ON que ressalta a importância da estação meteorológica da Ilha da Trindade para o serviço de previsão do tempo (1916).	187
Figura 59: Resposta do diretor do ON sobre a proposta de se instalar uma estação meteorológica em Trindade.	189
Figura 60: Memorando sobre o pagamento do pessoal da estação meteorológica da Ilha da Trindade (1917)	190
Figura 61: Carta do Ministro da Marinha aceitando a proposta do Ministro da Agricultura para que os militares assumissem as observações meteorológicas em Trindade (1917).	191
Figura 62: Documento sobre a mudança da estação meteorológica para uma de segunda classe.....	192
Figura 63: Imagem da estação meteorológica da Ilha da Trindade (1919).	192
Figura 64: Manchete do jornal <i>Correio da Manhã</i> anunciando a declaração de guerra do Brasil contra a Alemanha (1917).....	193
Figura 65: Almirante Storino (no centro da foto) na Ilha da Trindade (1919).....	195
Figura 66: Exemplar da espécie <i>Caranx lugubris</i> coletado em Trindade em 1916.	200
Figura 67: Exemplares da espécie <i>Cucullanus pulcherrimus</i> (Barreto, 1918).....	200
Figura 68: Parte da Coleção Helminológica do Instituto Oswaldo Cruz.	201
Figura 69: Ficha de registro da espécie <i>Cucullanus pulcherrimus</i> na CHIOC.	202
Figura 70: Rochedo da Praia da Cachoeira onde foi feito o primeiro desembarque da missão, realizado pelo professor Bruno Lobo, o Capitão-Tenente Moraes Rêgo, o Tenente Olavo Araújo, um sinaleiro e um marinheiro.	207

Figura 71: Vista do lado Leste da Ilha da Trindade a bordo do “Barroso” (1916).	209
Figura 72: Morro do Furado ou Morro do Túnel (1916).	210
Figura 73: Morro do Pão de Açúcar na Ilha da Trindade em 1916.	211
Figura 74: Grandes blocos de rochas que rolaram das montanhas (1916).	212
Figura 75: Fetos arborescentes e outras plantas (1916).	214
Figura 76: Vegetação rasteira constituída em sua maioria pela <i>Canavalia obtusifolia</i> , D.C.	214
Figura 77: Ninho de fragatas (1916). Percebe-se, no plano mais elevado, a presença de um macho, com seu papo vermelho inflado, e uma fêmea, com plumagem branca ao redor do pescoço e parte do tórax.	216
Figura 78: Tartaruga capturada em Trindade por um marinheiro e trazida para o MN. Exemplar taxidermizado sobre o piso de madeira original do Palácio de São Cristóvão, sede do Museu Nacional.	218
Figura 79: Quatro filhotes de tartaruga coletadas na Ilha da Trindade. Nota-se a etiqueta original com os dados de entrada no acervo do Museu Nacional, assim como as medidas dos recém-nascidos coletados.	219
Figura 80: O resultado de uma pescaria feita de terra, a linha, em Trindade (1916). Nota- se a forte presença das garoupas nesta captura.	220
Figura 81: Formação Valado onde a vegetação é mais intensa (1916).	222
Figura 82: Ponta Sul da Ilha da Trindade (1916).	223
Figura 83: Praia dos Portugueses.	223
Figura 84: Embarcações de apoio do “Barroso” e uma jangada improvisada (1916). ..	224
Figura 85: Aves (adulto e filhote) da espécie <i>Estrellata arminjoniana</i> (1916).	224
Figura 86: Navio-Escola “Benjamin Constant” e escaleres na Praia dos Portugueses (1916).	225
Figura 87: Concurso do jornal <i>A Noite</i> (1918).	237
Figura 88: Sobreviventes do navio americano (possivelmente o “Chaska” que afundou próximo à Trindade) resgatados pelo “Pittsburg”.	241
Figura 89: Comandante Storino registrando dados da estação meteorológica da Ilha da Trindade (1919).	248
Figura 90: Excursões pela Ilha da Trindade (1919).	250
Figura 91: Excursões pela Ilha da Trindade (1919).	251
Figura 92: Içamento da Bandeira na ilha (1919).	251
Figura 93: Alojamento dos oficiais (1919).	252

Figura 94: Parte da guarnição militar em uma pescaria na entrada do Túnel (1919)...	253
Figura 95: Estrada de pedras construída pelos portugueses em Trindade (1919).	254
Figura 96: Entrada do Túnel (1916).	255
Figura 97: Pilar da Ilha da Trindade. Na foto, o Comandante O.O. Storino e o Primeiro-Tenente Médico Pedro de Moraes e Mattos apoiado no Pilar (1919).	256
Figura 98: Capitão de Mar e Guerra José Francisco de Moura.	257
Figura 99: A vila militar vista da casa do Comando.	259
Figura 100: Casas de madeira na ilha (1919).	260
Figura 101: Tipos do novo gênero <i>Heliconema</i> Travassos coletados em 1916 na Ilha da Trindade.....	265
Figura 102: Exemplar de <i>Echidna catenata</i> Bloch, 1795, coletado em 1916 na Ilha da Trindade.....	266
Figura 103: Ficha de registro da espécie <i>Heliconema heliconema</i> Travassos, 1918, na CHIOC.....	266
Figura 104: Carta do diretor do MN ao Dr. Lauro Travassos.	267
Figura 105: Holótipo da <i>Ophioblennius trinitatis</i> (Miranda Ribeiro, 1919), coletado em Trindade (1916).	269
Figura 106: Registro da entrada no Museu Nacional de 16 exemplares jovens da espécie <i>Chelonia mydas</i> (Linnaeus, 1758), coletados por Pinto Peixoto Velho na Ilha da Trindade em 1916.	270
Figura 107: <i>Fregata minor</i> (Gmelin, 1789).....	271
Figura 108: <i>Fregata ariel</i> (Gray, 1845).	271
Figura 109: Registro (nº 2575) de um exemplar da espécie <i>Pterodroma arminjoniana</i> coletada em 1914 na Ilha da Trindade pelo Primeiro-Tenente Cantuaria Guimarães..	272
Figura 110: Etiqueta da coleta da espécie <i>Pterodroma arminjoniana</i> com o nome do Primeiro-Tenente Cantuaria Guimarães.	273

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ALCAR – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
APA – Área de Proteção Ambiental
BN – Biblioteca Nacional
CAPES -Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CHIOC – Coleção Helminológica do Instituto Oswaldo Cruz
CIRM – Comissão Interministerial para os Recursos do Mar
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DHN – Diretoria de Hidrografia e Navegação
DNOG – Divisão Naval em Operações de Guerra
DPHDM – Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha
ECIT– Estação Científica da Ilha da Trindade
EMA – Estado Maior da Armada
EUA – Estados Unidos da América
FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz
FURG – Universidade Federal do Rio Grande
IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IN – Imprensa Nacional
IOC – Instituto Oswaldo Cruz
JBRJ – Jardim Botânico do Rio de Janeiro
MAST – Museu de Astronomia e Ciências Afins
MB – Marinha do Brasil
MCTIC – Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações
MD – Ministérios da Defesa
MEC – Ministério da Educação
MMA – Ministério do Meio Ambiente
MME – Ministério de Minas e Energia
MN – Museu Nacional
MONA – Monumento Natural
ON – Observatório Nacional

ONU – Organização das Nações Unidas
POIT – Posto Oceanográfico da Ilha da Trindade
PROTRINDADE – Pesquisas Científicas na Ilha da Trindade
RMB – Revista Marítima Brasileira
SBC – Sociedade Brasileira de Ciências
SEAP – Secretaria da Aquicultura e da Pesca
SECIRM – Secretaria da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar
SIBBr – Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira
SNCA – Submarino Nuclear Convencionalmente Armado do Brasil
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UFES – Universidade Federal do Espírito Santo
UFPR – Universidade Federal do Paraná
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UNB – Universidade de Brasília
UNESP – Universidade Estadual Paulista
Unifesp – Universidade Federal de São Paulo
UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí
USP – Universidade de São Paulo
WoRMS- *World Register of Marine Species*
ZEE – Zona Econômica Exclusiva

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	16
1.1 – Objetivos.....	25
1.2 – Metodologia.....	26
1.3 – Literatura sobre a missão	30
1.4 – Documentos históricos pesquisados	32
1.5 – Justificativas	35
2 – RETROSPECTIVA.....	43
2.1 – A importância estratégica da Ilha da Trindade na Grande Guerra	45
2.2 – A percepção de militares, cientistas, políticos e jornalistas sobre a Ilha da Trindade antes e depois do início da sua ocupação (1916).....	84
2.3 – As novas expedições da Marinha, do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e do Observatório Nacional na Ilha da Trindade (1917).....	144
2.4 – A Ilha da Trindade na imprensa após o Brasil declarar guerra contra a Alemanha (1917-1918).....	193
2.5 – Os últimos meses da ocupação (1919)	238
3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	279
4 – REFERÊNCIAS	294

1 – INTRODUÇÃO

Ilha da Trindade: importância estratégica, econômica e científica

Localizada entre o Brasil e a África, a cerca de 1.140 km a Leste da cidade de Vitória, capital do estado do Espírito Santo, e a cerca de 2.400 km do continente africano,¹ a Ilha da Trindade é o território nacional habitado mais distante da costa brasileira.²

Esta pequena ilha de origem vulcânica, de 8,2km², é ocupada de forma contínua por um destacamento da Marinha do Brasil (MB) desde 1957, quando foi criado o Posto Oceanográfico da Ilha da Trindade (POIT).³ Além da guarda do território e manutenção do POIT, a MB também é responsável pela coleta de dados meteorológicos e oceanográficos na ilha, entre outras atribuições.

Por estar ao largo das principais bacias petrolíferas e da região de maior desenvolvimento econômico e concentração populacional do país, a Ilha da Trindade constitui um posto avançado de apoio às forças navais brasileiras em operação no Atlântico Sul.⁴

A soberania brasileira sobre a Ilha da Trindade dá direito exclusivo ao país de explorar economicamente uma área marítima de 200 milhas náuticas de raio, aproximadamente 370 km, ao redor da ilha. Esta área corresponde à Zona Econômica Exclusiva (ZEE) da Ilha da Trindade.

De acordo com a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, realizada em Montego Bay, Jamaica, em 1982, as ilhas oceânicas que ficam além da plataforma continental de seus estados costeiros soberanos, como é o caso da Ilha da Trindade, garantem a estes o estabelecimento de uma ZEE, a partir da vida econômica ativa e/ou ocupação permanente e desenvolvimento científico.⁵

¹MESSIAS, Paulo Felipe Ohara. Ilha da Trindade, tesouro nacional no extremo leste da Amazônia Azul. **Revista INFOCIRM**, Brasília, v. 35, n. 3, 200 p, nov. 2023. p. 12. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/infocirm/article/view/5100>. Acesso em: 05 set. 2024.

²CIRM - Comissão Interministerial para os Recursos do Mar. **PROTRINDADE: Programa de Pesquisas Científicas na Ilha da Trindade - 10 anos de pesquisas**. 1. ed. Brasília- DF: SECIRM, 2017. 200 p, p.13. Disponível em: https://gaigerco.furg.br/images/Arquivos-PDF/protrindade-10anos_so_praias.pdf. Acesso em: 05 set. 2024.

³MB - Marinha do Brasil. **Posto Oceanográfico da Ilha da Trindade**. Rio de Janeiro, RJ: MB, s/a. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/com1dn/poit>. Acesso em: 18 jun. 2024.

⁴MB - Marinha do Brasil. **Programa de pesquisas científicas na Ilha da Trindade**. Rio de Janeiro, RJ: MB, s/a. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/secirm/pt-br/psrm/protrindade>. Acesso em: 18 jun. 2024.

⁵BRASIL. Decreto n. 1.530, de 22 de junho de 1995, Parte VIII, art. 121º. Declara a entrada em vigor da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, concluída em Montego Bay, Jamaica, em 10 de dezembro de 1982. **Diário Oficial da União**: 23 jun. 1995, Seção 1, p. 9199.

Nas ZEEs, os estados costeiros soberanos podem explorar com exclusividade os recursos naturais, vivos ou não vivos das águas sobrejacentes ao leito do mar, do leito do mar e de seu subsolo, e outras atividades com vista à exploração e aproveitamento da zona para fins econômicos, como a produção de energia a partir da água, das correntes e dos ventos.⁶

A área marítima onde o Brasil exerce soberania tem 5,7 milhões de km² e inclui “o Mar Territorial Brasileiro, a Zona Econômica Exclusiva (ZEE) e a extensão da Plataforma Continental para além das 200 milhas náuticas (aproximadamente 370 km), traçada a partir das linhas de base da costa brasileira”.⁷ Esta área é denominada pela MB de Amazônia Azul. Esta alusão à floresta amazônica tem o intuito de “ressaltar as riquezas do mar brasileiro e despertar o interesse da sociedade pelo mar que pertence aos brasileiros”,⁸ um espaço oceânico de grandes dimensões, abundante em riquezas naturais e biodiversidade, além de ser estratégico para o país como a floresta amazônica.

Na área da Amazônia Azul estão as reservas do pré-sal e dela se retira cerca de 85% do petróleo, 75% do gás natural e 45% do pescado produzido no país. Via rotas marítimas são escoados mais de 95% do comércio exterior brasileiro. Nessa área existem recursos naturais e uma rica biodiversidade ainda inexplorados. Área que apenas o Brasil pode explorar economicamente e que, por conta das riquezas naturais e minerais abundantes, é chamada de Amazônia Azul, numa comparação à importância da floresta amazônica para o país.⁹

⁶*Ibid.*

⁷ ALMEIDA, Luciana. **Novo mapa do Brasil é expandido com 5,7 milhões de km² de área marítima**. Agência Marinha de Notícias, 28 set. 2023. Disponível em: <https://www.agencia.marinha.mil.br/amazonia-azul/novo-mapa-do-brasil-e-expandido-com-57-milhoes-de-km2-de-area-maritima>. Acesso em: 23 nov. 2024.

⁸ SECIRM. **Dia da Amazônia Azul**. Revista INFOCIRM, v. 35, n. 3, p.14, nov. 2023.

⁹ CENTRO de Comunicação Social da Marinha. **O que é a Amazônia Azul e por que o Brasil quer se tornar potência militar no Atlântico**. 1 nov. 2019. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/economia-azul/noticias/o-que-%C3%A9-amaz%C3%B4nia-azul-e-por-que-o-brasil-quer-se-tornar-pot%C3%Aancia-militar-no-atl%C3%A2ntico#:~:text=%C3%81rea%20que%20apenas%20o%20Brasil,floresta%20amaz%C3%B4nica%20para%20o%20pa%C3%ADs>. Acesso em: 23 nov. 2024.

Figura 1: Mapa político do Brasil com a inclusão dos limites da Amazônia Azul.

92



Federação e território

Político



Fonte: IBGE.

O tradicional Atlas Geográfico Escolar do Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE) incluiu pela primeira vez, na sua 9ª edição (2023), um mapa do Brasil com os limites da

“Amazônia Azul”.¹⁰ Na mesma página do mapa tem um QRCode que direciona o leitor a uma página de um site da MB com informações sobre a “Amazônia Azul”, numa tentativa de ampliar o conhecimento dos leitores sobre a importância de quatro vertentes relacionados ao espaço marítimo brasileiro: econômica, científica, ambiental e da soberania.¹¹

As ilhas de Trindade e Martim Vaz,¹² que estão localizadas no mapa (Figura 1) próximas ao paralelo 20°S, ficam distantes entre si cerca de 48 km e formam o Arquipélago da Trindade e Martim Vaz. Martim Vaz não é habitada. Estas duas ilhas formam “um edifício vulcânico cuja base possui cerca de 50 km de diâmetro”.¹³ Trata-se de uma formação geológica que se eleva a partir de região do assoalho oceânico com fundo plano a profundidade de 5.000 m.¹⁴ Atualmente, as condições topográficas da Ilha da Trindade diferem-se dos maciços vulcânicos originais e evidenciam “a presença de agentes intempéricos associados à erosão, que se acentuaram após a remoção da cobertura vegetal”.¹⁵

Além da relevância estratégica e econômica, a Ilha da Trindade também possui grande importância científica e ambiental. Entre os principais motivos, destacam-se a singularidade de seus ecossistemas, a sua formação geológica e a possibilidade de se realizar no local estudos científicos em diversas áreas: geologia, oceanografia, biologia, meteorologia, astronomia, entre outras.¹⁶

Os estudos e pesquisas científicas que são realizados no Arquipélago de Trindade e Martim Vaz e no seu entorno contam com apoio da MB e do Programa de Pesquisas Científicas na Ilha da Trindade (PROTRINDADE). Criado em 2007, o PROTRINDADE é coordenado pela MB por intermédio da Secretaria da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (SECIRM). O objetivo é promover, gerenciar, monitorar e apoiar o desenvolvimento de

¹⁰ INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Atlas Geográfico Escolar**. Centro de Documentação e Disseminação de Informações. Rio de Janeiro, 9ª edição, p.92, 2023.

¹¹ MARINHA do Brasil. **Amazônia Azul**. Centro de Comunicação Social da Marinha. [s.d.]. Disponível em: https://www.mar.mil.br/hotsites/amazonia_azul/index.html. Acesso em: 24 nov. 2024.

¹² O primeiro nome da Ilha Martim Vaz aparece escrito em diversas publicações de duas formas diferentes: “Martim” com “m” no final e “Martin” com “n” no final. Este trabalho segue a forma como o nome da ilha foi escrito no texto do decreto n. 9.312 de 19 de março de 2018 que trata da criação de duas Unidades de Conservação no Arquipélago de Trindade e Martim Vaz e no seu entorno, ou seja, com a letra “m” no final do primeiro nome: Martim Vaz.

¹³ CORDANI, Umberto G. Idade do vulcanismo no Oceano Atlântico Sul. 1968. 88 f. Tese (Doutorado em Petrologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1968, p.22.

¹⁴ *Ibid.*

¹⁵ CASTRO, João Wagner Alencar. Ilhas oceânicas da Trindade e Fernando de Noronha, Brasil: Uma visão da Geologia Ambiental. Lisboa, Portugal, Revista da Gestão Costeira Integrada, vol. 10, n.3, 2010, pp 303-319.

¹⁶ MB - Marinha do Brasil. **Pesquisas científicas nas ilhas oceânicas- PROILHAS**. Rio de Janeiro, RJ: MB, s/a Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/secirm/pt-br/psrm/ilhasoceanicas>. Acesso em: 18 jun. 2024.

pesquisas científicas na região. “Trindade é a única ilha oceânica brasileira que possui nascentes com água potável abundante. Esse patrimônio esteve ameaçado e foi a pesquisa científica que orientou as ações lideradas pela Marinha na recuperação da vegetação e dos córregos”.¹⁷

A implementação do Programa está a cargo de um Comitê Executivo formado por representantes dos ministérios da Defesa (MD), Educação (MEC), Minas e Energia (MME), Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações (MCTIC) e Meio Ambiente (MMA); Secretaria da Aquicultura e da Pesca (SEAP); Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA); Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio); e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).¹⁸

A descoberta e as disputas pela posse da Ilha da Trindade nos séculos XVIII e XIX

A descoberta da Ilha da Trindade é marcada por controvérsias. Para alguns historiadores, o primeiro a avistá-la foi o navegador galego João da Nova, em 1502, a serviço de Portugal. Para outros, no entanto, a ilha avistada por João da Nova, no início do século XVI, seria, na realidade, a Ilha de Ascensão, localizada a pouco mais de 2.000 km a Nordeste da Ilha da Trindade. Pela falta de precisão dos instrumentos de medição na época, os viajantes muitas vezes erravam as coordenadas geográficas de uma ilha. Posteriormente, outras expedições corrigiam essas coordenadas.¹⁹

Na opinião do médico e professor Bruno Álvares da Silva Lobo (1919), que foi diretor do Museu Nacional (MN) de 1915 a 1923,²⁰ o conquistador e político português Affonso de Albuquerque seria, possivelmente, o descobridor da Ilha da Trindade, onde esteve em 1503, mas pensou tratar-se da Ilha da Ascensão, a mesma noção errada que teve João da Nova.²¹

O primeiro documento que manifesta a posse de Portugal sobre a Ilha da Trindade data de 1539. É uma carta assinada pelo Rei de Portugal, Dom João III, doando o território para o fidalgo da Casa Real, Belchior de Carvalho, que nunca tomou posse.²² Trindade foi alvo de

¹⁷SOUZA, Camilo de Lellis Menezes Felipe de. PROTRINDADE: Importância Estratégica da Pesquisa. **Âncoras e Fuzis**, n. 42, p. 50. jul. 2011.

¹⁸MB, ref. 4.

¹⁹LOBO, Bruno. A Ilha da Trindade. *Archivos do Museu Nacional*, v. XXII. **Imprensa Nacional**, Rio de Janeiro, 1919.

²⁰SEÇÃO de Museologia do Museu Nacional/UFRJ. **Os Diretores do Museu Nacional/UFRJ**. Coordenação Geral: Thereza de Barcellos Baumann Zavataro. Rio de Janeiro, RJ, p.22-23, 2007/2008.

²¹LOBO, ref.19.

²²LOBO, ref.19.

disputas entre ingleses e portugueses, no século XVIII, e entre a Inglaterra e o Brasil, no século XIX.²³ Em 1781, a ilha foi ocupada pela Marinha britânica com o objetivo de utilizá-la como ponto de apoio para as suas rotas oceânicas e base de ataque às embarcações espanholas que faziam comércio na América do Sul.²⁴

Ao tomar conhecimento da invasão, Portugal reivindicou a desocupação da Ilha da Trindade à Coroa Britânica que acabou reconhecendo a soberania portuguesa sobre a ilha. Para garantir que ela não seria invadida novamente por outra nação, a Corte Portuguesa enviou para lá, em 1783, uma guarnição com cerca de 150 homens e alguns casais de colonos para ocupar o território.²⁵ Estes colonos eram dos açores, um arquipélago português localizado no Atlântico Norte. “Em Trindade os processos erosivos são decorrentes dos desmatamentos provocados pela introdução de rebanhos de animais domésticos pelos colonizadores açorianos ainda no século XVIII.”²⁶

Esta ocupação, no entanto, tornou-se bastante onerosa. Além disso, Trindade não apresentava condições naturais favoráveis nem para a prática da agricultura e nem para a atracação e desembarque de navios. Em 1797, a Coroa portuguesa decidiu retirar o destacamento militar que guarnecia a ilha.²⁷

No decorrer dos séculos XVII a XIX, Trindade foi visitada por cientistas e naturalistas estrangeiros para fins científicos²⁸ e por navegadores de diferentes países em busca de um fabuloso tesouro que diziam ter sido enterrado no local por piratas.²⁹ O tesouro da Ilha da Trindade é uma antiga lenda que se perpetua até hoje no imaginário popular.

Em 1825, no tratado que confirmou a Independência do Brasil, Trindade foi incorporada definitivamente ao território brasileiro. Não houve, no entanto, interesse do Brasil em ocupá-la, deixando-a completamente despovoada por mais de 90 anos. Já no final do século XIX, este pequeno território insular brasileiro, isolado no meio do Atlântico, voltou a ser alvo de disputa

²³ LOBO, ref.19; GUSMÃO, Daniel Martins. Ilha da Trindade: síntese histórica. **Portal Brasileira Fotográfica**, 4 out. 2019. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=16551>. Acesso em: 18 jun. 2024; ALVES, José Valka; SILVA, Nílber Gonçalves. De Historia Naturali Insulæ Trinitatis MDCC – MMX- Três Séculos de História Natural na Ilha da Trindade com Comentários Sobre Sua Conservação. Smashwords, 2016.

²⁴ GUSMÃO, Daniel Martins. Ilha da Trindade: síntese histórica. **Portal Brasileira Fotográfica**, 4 out. 2019. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=16551>. Acesso em: 18 jun. 2024.

²⁵ LOBO, ref.19.

²⁶ CASTRO, João Wagner Alencar. Ilhas oceânicas da Trindade e Fernando de Noronha, Brasil: Uma visão da Geologia Ambiental. Lisboa, Portugal, Revista da Gestão Costeira Integrada, vol. 10, n.3, 2010, p.303.

²⁷ *Ibid.*

²⁸ ALVES, José Valka; SILVA, Nílber Gonçalves. De Historia Naturali Insulæ Trinitatis MDCC – MMX- Três Séculos de História Natural na Ilha da Trindade com Comentários Sobre Sua Conservação. Smashwords, 2016.

²⁹ LOBO, ref.19.

e cobiça dos britânicos. Em 1895, sob o pretexto de instalar na ilha uma estação de cabo submarino, que se estenderia até a Argentina, a Inglaterra a ocupou, alegando que Trindade era um território abandonado e não havia no local vestígio de posse de qualquer outra nação.³⁰

Por meio da diplomacia brasileira e com o apoio de Portugal, os ingleses reconheceram a soberania brasileira sobre a Ilha da Trindade e desistiram da ideia de ocupá-la. Mas não por muito tempo. Em 1915, na Grande Guerra, a Inglaterra tentou comprá-la do Brasil que não aceitou a proposta.³¹ Também conhecida como a Primeira Guerra Mundial, a Grande Guerra teve início em 1914 na Europa. Grandes potências se organizaram em dois blocos antagônicos: a Tríplice Aliança (ou Potências Centrais), formada em 1882 e composta pela Alemanha, Império Austro-Húngaro e Itália (que se recusou a entrar na guerra ao lado das Potências Centrais); e a Tríplice Entente (ou Aliados), que teve origem em três acordos separados entre França e Rússia (1892-1894), Grã-Bretanha e França (1904) e Grã-Bretanha e Rússia (1907).³²

No decorrer da guerra, outras nações foram se envolvendo no conflito, como Grécia, Estados Unidos da América (EUA), Canadá, Japão e o Brasil, no lado dos Aliados, e o Império Otomano e a Bulgária, no lado das Potências Centrais. Com mais de nove milhões de vidas perdidas, a Grande Guerra foi o segundo conflito militar mais mortal da história,³³ só perdendo para a Segunda Guerra Mundial, que gerou dezenas de milhões de mortes.

O início da primeira ocupação brasileira permanente da Ilha da Trindade

Apesar de ter sido incorporada ao território nacional em 1825, a Ilha da Trindade só passou a ser ocupada de forma contínua pelo Brasil, por meio de uma guarnição da MB, em junho de 1916, na Grande Guerra. A expedição militar que deu início a esta missão contou com a participação de uma comissão científica composta por pesquisadores do Museu Nacional e pelo médico do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), Lauro Travassos. Liderada pelo então diretor do museu, Bruno Lobo, esta comissão foi responsável pelos primeiros estudos científicos

³⁰CRUZ, Carlos Luis Marques Castanheira da Cruz. Para uma historiografia sobre a Questão da Ilha da Trindade (1895-1896). *Navigador*, Rio de Janeiro, RJ, 2006, v.2, n.4, p. 42-58; KÄMPF, Martin Normann. Ilha da Trindade – A ocupação britânica e o reconhecimento da soberania brasileira (1895 - 1896). Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), Brasília, DF, 2016, 221 p.

³¹GUSMÃO, ref. 24.

³²DARÓZ, Carlos. *O Brasil na Primeira Guerra Mundial*. Contexto, São Paulo, 2016. 208p.

³³ALLONSO, Wladimir J.; SCHUCK-PAIM, Cynthia; SHANKS, G. Dennis; ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. *A alta mortalidade da pandemia espanhola na divisão naval em operações de guerra em 1918*. ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de (tradução). *Revista Navigator*, Rio de Janeiro, v.9, n.17, p.11-21, 2013.

brasileiros sobre a geologia, a fauna e a flora da ilha. Em 1917, representantes de outras importantes instituições científicas do país realizaram expedições em Trindade, como o naturalista do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (JBRJ), Paulo Campos Porto e o astrônomo do Observatório Nacional (ON), Mário Rodrigues. A ocupação da ilha durou até 1919, quando o Brasil decidiu deixá-la novamente desguarnecida, meses após o término da guerra, em 1918.

Sob o aspecto militar, a primeira ocupação brasileira permanente da Ilha da Trindade teve como objetivo evitar que este território, fortemente projetado da costa brasileira, fosse utilizado como base naval por outras nações durante o conflito. Evitar que o seu litoral e águas territoriais fossem utilizados como base de operações navais pelas nações beligerantes fazia parte de uma série de regras de conduta, estabelecidas por meio do Decreto nº 11.037, cujo principal objetivo era resguardar a neutralidade do Brasil no conflito.³⁴ Com 27 artigos redigidos, este documento foi assinado no dia 04 de agosto de 1914, na mesma data em que os britânicos declararam guerra às Potências Centrais.

Sob o aspecto científico, a missão teve como objetivo produzir conhecimento sobre a biodiversidade, constituição e formação geológica da ilha, reforçando assim, a soberania brasileira sobre o território. “A manutenção do controle da soberania nacional através da investigação científica”³⁵ foi o argumento utilizado pelo MN para obter autorização e apoio da MB para a realização de pesquisas científicas em Trindade.

A cobertura jornalística da ocupação

Devido a sua importância militar e científica, e ao seu pioneirismo, a primeira missão brasileira de ocupação militar permanente e pesquisa científica da Ilha da Trindade despertou um grande interesse dos principais meios de comunicação do país na época: a mídia impressa.

Dezenas de periódicos, entre jornais e revistas, de todas as regiões do Brasil produziram e veicularam, de 1916 a 1919, centenas de publicações (entre notícias, reportagens, notas,

³⁴BRASIL. Decreto Nº 11.037, de 4 de agosto de 1914. Estabelece regras gerais de neutralidade do Brasil no caso de guerra entre as Potências estrangeiras. **Diário Oficial da União**: seção 1, Rio de Janeiro, RJ, p. 9045, 5 ago. 1914. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-11037-4-agosto-1914-575458-publicacaooriginal-98652-pe.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

³⁵LOPES, Maria Margareth. Culturas científicas sobre os oceanos na historiografia das ciências no Brasil. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 37, n. 75, p.695, set./ dez. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-87752021000300004>. Acesso em: 14 mai. 2024.

artigos de opinião, entrevistas, crônicas, charges etc.), abordando diferentes temas e aspectos relacionados com a missão e a Ilha da Trindade, como por exemplo:

- A importância estratégica e a necessidade de o Brasil ocupar a Ilha da Trindade com o objetivo de evitar uma nova invasão estrangeira, como a que aconteceu em 1895, quando o Reino Unido tomou posse da ilha;
- Os desafios e os altos custos da ocupação;
- O revezamento das guarnições da MB, de tempos em tempos (entre dois e sete meses), para manter o território ocupado ininterruptamente;
- A instalação das estações de radiotelegrafia e de meteorologia na ilha;
- As expedições realizadas em Trindade, com apoio da MB, por cientistas e pesquisadores brasileiros de renomadas instituições científicas nacionais, e os resultados desses estudos;
- A lenda dos tesouros da Ilha da Trindade;
- O naufrágio da escuna “Chafka” que teve seus naufragos acolhidos pela guarnição da MB em Trindade, incluindo a esposa do comandante do navio, a primeira mulher que se tem notícia a pisar na ilha neste período;
- Curiosidades, artigos bem-humorados, crônicas sociais, ilustrações, críticas, notícias pitorescas e até uma enquete intitulada “Quem você deixaria na deserta Ilha da Trindade?”

Literatura pouco aprofundada sobre o tema

Se por um lado, as questões envolvendo a missão brasileira em Trindade, na Grande Guerra, foram amplamente divulgadas nos jornais e revistas daquela época, por outro, no meio acadêmico, este evento não teve a mesma repercussão.

A revisão da literatura sobre a história desta missão revelou que os principais estudos que se referem ao tema são bastante reduzidos e pouco aprofundados. Não foi encontrado, por exemplo, no Catálogo de Teses e Dissertações de 2016 da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), nenhum estudo voltado exclusivamente sobre o tema.³⁶ Já a maioria dos artigos e livros que citam a referida missão limita-se a fazer uma síntese dos principais fatos, sem se aprofundar em discussões, análises, percepções e contextualizações históricas. Neste sentido, o presente trabalho tem os seguintes objetivos:

1.1 – Objetivos

Objetivo geral

- Agregar à literatura sobre a história da primeira missão brasileira de ocupação militar permanente e pesquisa científica da Ilha da Trindade (1916-1919), novos conhecimentos, dados, informações, análises, pontos de vista, percepções, curiosidades, imagens, discussões e contextualizações históricas.

Objetivos específicos

- Realizar uma revisão da literatura e uma pesquisa documental sobre o tema.
- Apresentar uma retrospectiva com texto acessível sobre a história da missão e seus diversos aspectos (histórico, militar, estratégico, científico, social, econômico, político e ambiental) tendo como base as publicações de jornais e revistas da época, bem como outras fontes documentais, históricas e bibliográficas.

³⁶ BRASIL. **Catálogo de Teses e Dissertações**. Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), 2016. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

- Verificar como a Ilha da Trindade e seus diversos aspectos (estratégico, geopolítico, científico, ambiental, mítico, lendário, entre outros) foi retratada nos jornais e revistas da época.

1.2 – Metodologia

A metodologia utilizada nesta pesquisa incluiu uma revisão da literatura, uma pesquisa documental e a análise de publicações de jornais e revistas da época sobre o tema. De acordo com Jeffrey W. Knopf (2006), a revisão de literatura é um trabalho de síntese que deve apresentar concisamente os achados que surgiram de esforços de pesquisas anteriores em um assunto.³⁷ Este trabalho é essencial para dar uma visão geral sobre o corpo da pesquisa, revelando o que já foi feito, problemas, falhas e lacunas. Ela é imprescindível para a produção de novos conhecimentos sobre um tema já pesquisado por outros autores, pois proporciona novas ideias e permite que se coloque a pesquisa em um contexto maior, mostrando que novas conclusões podem resultar dela.³⁸

A revisão da literatura sobre a história da primeira ocupação brasileira permanente da Ilha da Trindade evidenciou a necessidade de ser realizada uma ampla pesquisa documental, visando ampliar o horizonte do conhecimento que se tem sobre este tema na literatura. Os principais acervos históricos pesquisados foram os das instituições envolvidas na ocupação, entre elas a MB, a Fiocruz, o JBRJ e o ON, além da BN.

No acervo da BN, foram identificadas e fichadas centenas de publicações de jornais e revistas da época, datadas de 1916 a 1919, que mencionam a Ilha da Trindade. A identificação foi feita por meio de uma ferramenta de busca *online*, utilizando as palavras entre aspas “Ilha da Trindade”, no portal da Hemeroteca Digital da BN. Tais publicações foram selecionadas dentro de um universo de 936 periódicos dos acervos da BN e 2668 ocorrências das palavras-chave “Ilha da Trindade”. Deste total e dentro do recorte temporal estipulado (1916-1919), a busca resultou em 62 periódicos de todas as regiões do Brasil e pouco mais de 700 publicações.

Um dos achados mais importantes desta pesquisa realizada na Hemeroteca Digital da BN foi a cobertura jornalística *in loco* da primeira expedição que deu início à ocupação. Esta

³⁷KNOPF, Jeffrey W. Doing a Literature Review. *PS: Political Science & Politics*, v. 39, n.1; p. 127-132, jan. 2006. Disponível em: https://writingcenter.commonscs.cuny.edu/wp-content/blogs.dir/3005/files/2019/04/Doing_a_Literature_Review-1.pdf. Acesso em: 07 set. 2024.

³⁸*Ibid.*

cobertura foi realizada pelos repórteres Idelfonso Falcão e Paulo Cleto, respectivamente dos jornais, *A Rua* e *A Época*. Essa cobertura é composta de 13 reportagens (que ainda não foram publicadas na literatura acadêmica sobre a Ilha da Trindade) e corresponde à primeira cobertura jornalística *in loco* realizada no Brasil de uma expedição militar e científica na Ilha da Trindade.

Todo este conteúdo jornalístico pesquisado e analisado, revelou-se uma rica fonte de dados e informações (muitas delas ainda inéditas na literatura acadêmica sobre o tema), contribuindo, inclusive, para apontar novos caminhos de pesquisa e possibilitar a descoberta de importantes achados históricos sobre o tema.

A partir de notícias publicadas em alguns jornais sobre a ida a Trindade, em 1917, do naturalista do JBRJ Paulo Campos Porto, por exemplo, que foi para a ilha em busca de exemplares de uma espécie de cacto, cujo nome científico foi descrito pelos jornais como *Cactus insularis*, foi possível encontrar nos acervos do JBRJ 23 fotografias raras, produzidas na ilha durante esta viagem. Além disso, a pesquisa sobre esta expedição revelou que o nome científico da espécie procurada pelo naturalista, a pedido do renomado botânico dos EUA Dr. Rose, era na realidade o *Cereus insularis*, que apesar de nunca ter sido encontrado em Trindade, era endêmico de uma outra ilha oceânica brasileira, a Ilha de Fernando de Noronha, onde teve um exemplar coletado em 1873, pela expedição do navio britânico “HMS Challenger”.

Outro exemplo foi a descoberta, por meio das notícias dos jornais da época, da história do Segundo-Tenente Benjamin Sodré, que fez parte da guarnição do cruzador “Barroso” que levou para Trindade o destacamento militar responsável pelo início da ocupação permanente da ilha, em 1916. Este oficial da MB era também jogador de futebol do clube Botafogo de Futebol e Regatas e era conhecido no meio futebolístico como Mimi Sodré. Campeão pelo Botafogo em 1910, Mimi Sodré, que chegou ao posto de almirante na MB, foi o autor do primeiro gol do time alvinegro contra o Flamengo na primeira partida da história dos clássicos entre os dois clubes.³⁹

De acordo com o historiador José D’Assunção Barros (2019), os documentos históricos, que incluem, entre outros, fotografias, cartas, telegramas, jornais e revistas de época, são fontes que podem nos proporcionar “um acesso significativo à compreensão do passado humano e de

³⁹RIBEIRO, Emanuelle. Em 1913, Botafogo inaugurava estádio de General Severiano com vitória sobre o Flamengo. GLOBO Esporte, 9 abr. 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/botafogo/noticia/em-1913-botafogo-inaugurava-estadio-de-general-severiano-com-vitoria-sobre-o-flamengo.ghhtml>. Acesso em: 29/09/2024.

seus desdobramentos no presente”.⁴⁰ Neste sentido, vale ressaltar que na pesquisa documental realizada, verificou-se que muitas questões reveladas nos documentos antigos daquela época ainda são atuais.

A preocupação com o uso sustentável do oceano, por exemplo, que hoje é um tema global, está presente no primeiro relatório militar sobre o início da ocupação brasileira da ilha. Segundo este relatório de 1916, escrito há mais de um século, evitar a sobrepesca em Trindade era fundamental para garantir a perenidade de uma das principais fontes de alimento dos futuros colonos da ilha.⁴¹

Os documentos pesquisados e analisados foram organizados seguindo uma ordem cronológica e fichados de acordo com os temas abordados: “expedição científica do Museu Nacional”, “expedição do Jardim Botânico”, “novas coordenadas da Ilha”, “Defesa Nacional, “corsários alemães”, “naufrágio”, “relatório militar”, “cruzador ‘Barroso’”, “Navio-Escola ‘Benjamin Constant’”; “críticas à ocupação”, “Inglaterra”, “estação radiotelegráfica”, “estação meteorológica”, “novo comandante” etc. Os textos destes documentos que foram citados na redação final deste trabalho foram transcritos de acordo com as regras atuais da gramática da língua portuguesa, com algumas exceções, como no caso dos títulos das publicações.

A organização temporal e temática das fontes documentais e bibliográficas foi essencial para a estruturação e redação da retrospectiva, e para a realização de algumas análises, reflexões, discussões e comentários sobre determinados temas específicos, bem como a contextualização histórica destes. Com relação a análise qualitativa do conteúdo dos periódicos da época que fazem parte do *corpus* desta pesquisa, foi aplicado o protocolo de análise de conteúdo de matérias de ciências desenvolvido pela Rede Ibero-Americana de Monitoramento e Capacitação em Jornalismo Científico.⁴² Coordenada pelo Núcleo de Estudos da Divulgação Científica, do Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, a Rede Ibero-Americana de Monitoramento e Capacitação em Jornalismo Científico reúne pesquisadores de 10 países ibero-americanos: Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Cuba, Equador, Espanha, México, Portugal e Venezuela. A Rede iniciou as suas atividades em 2009, tendo com objetivo “unir

⁴⁰BARROS, José D’Assunção. Fontes históricas – introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019a, p. 15.

⁴¹MARTINS, Pedro. Relatório sobre os primeiros meses de ocupação da Ilha da Trindade. Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha – DPHDM. Acervo DPHDM, 1916.

⁴²RAMALHO, M. et al. Ciência em telejornais: uma proposta de ferramenta. In: MASSARANI, Luisa (org). **Monitoramento e capacitação em jornalismo científico: a experiência de uma rede ibero-americana**. Rio de Janeiro: Museu da Vida /Casa de Oswaldo Cruz / FIOCRUZ; Ciespal. 2012. p. 11-24.

esforços e experiências dos grupos envolvidos para apoiar, disseminar e incrementar, de maneira sinérgica, a qualidade do jornalismo científico na região”.⁴³

O ponto de partida para o desenvolvimento desse protocolo foi uma ferramenta usada por Bauer, Ragnarsdóttir e Rúdólfssdóttir.⁴⁴ “Originalmente dedicada à análise de notícias impressas, essa ferramenta foi adaptada pelo grupo para aplicação em telejornais, com a supressão de algumas categorias de análise e o acréscimo de outras de interesse do grupo”.⁴⁵

No caso específico deste trabalho, o protocolo foi utilizado como uma ferramenta de apoio para a organização e análise das matérias jornalísticas. Diante do grande número de publicações pesquisadas sobre o tema, esta organização foi fundamental para facilitar a análise das matérias e a escrita da retrospectiva. Com algumas adaptações, o protocolo foi dividido em cinco dimensões de análise: características gerais, relevância, narrativa, tratamento e atores.

Na primeira dimensão, foram identificados o nome dos periódicos, título, data e página da publicação. Esta identificação foi imprescindível para fazer as referências dos trechos dos textos das publicações e veículos que foram citados neste trabalho. Na segunda dimensão, que se refere à relevância das publicações, foi verificado principalmente se estas foram veiculadas na primeira página dos periódicos, o tamanho das matérias, se faziam parte de uma série de reportagens, se continham fotografias e ilustrações etc. Por serem uma das principais fontes de dados e informações deste trabalho, as publicações mais relevantes foram transcritas, facilitando, assim, a redação da retrospectiva. Sobre a narrativa, que corresponde à terceira dimensão de análise, foram identificados os principais enfoques (militar, científico, social, cultural, econômico, político, ambiental, religioso, entre outros) abordados em cada publicação. Uma das contribuições desta dimensão de análise foi a ampliação da coleta de dados e informações sobre um determinado enfoque relacionado com a missão ou com a Ilha da Trindade. Por meio desta dimensão de análise, também foi possível agrupar e analisar diferentes publicações que abordavam enfoques semelhantes, porém, com diferentes pontos de vista e percepções. Isto colaborou para uma abordagem mais aprofundada e diversificada dos enfoques analisados, enriquecendo, assim, o conteúdo da retrospectiva. Na quarta dimensão, tratamento, verificou-se quais foram os recursos textuais, como figuras de linguagem, utilizados nas publicações para retratar a Ilha da Trindade. Com isso, foi possível ter uma ideia das percepções

⁴³*Ibid*, p.7.

⁴⁴BAUER, M., RAGNARSDÓTTIR, Á., RÚDÓLFSSDÓTTIR, A. Science and Technology in the British Press, 1946-1990 – A systematics content analysis of the press, work report, 1993.

⁴⁵RAMALHO, ref. 42, p. 12.

e da imagem que a mídia jornalística e alguns personagens, que fizeram parte da missão, tinham sobre a ilha naquela época. Neste caso específico, as matérias que foram analisadas foram as que compõe as duas séries de reportagens que foram realizadas *in loco* durante a primeira expedição da missão na ilha e que serão abordadas mais a seguir. A quinta dimensão, atores, diz respeito às principais fontes mencionadas e entrevistadas nas publicações. A partir desta dimensão de análise novos personagens que fizeram parte da missão, mas que estavam ausentes na literatura acadêmica sobre o tema foram identificados e suas participações conhecidas. Foi possível também conhecer mais sobre as percepções de muitos personagens sobre a Ilha da Trindade, como é o caso de Paulo Campos Porto, naturalista do JBRJ. Porto não publicou nenhum artigo sobre a expedição que fez na Ilha da Trindade, em 1917. Foi somente por meio de uma entrevista que ele concedeu ao jornal *A Rua*, em 12 de fevereiro de 1917, que foi possível conhecer mais sobre a sua viagem e a sua percepção sobre a flora e outros aspectos científicos e ambientais da ilha, agregando desta forma novos conhecimentos à literatura acadêmica sobre a história da missão.

1.3 – Literatura sobre a missão

Entre os autores que pesquisaram e escreveram sobre a missão, destacam-se alguns cientistas que participaram da expedição que marcou o início da primeira ocupação brasileira da Ilha da Trindade, como o diretor do MN, Bruno Lobo, que escreveu o artigo *A Ilha da Trindade*. Neste artigo, Lobo conta como foram os desafios dos primeiros dias da missão brasileira na ilha, em 1916, além de fazer uma extensa descrição sobre as características geológicas e ambientais do local, e sobre as principais espécies da fauna e da flora que os pesquisadores do MN encontraram e coletaram em Trindade.⁴⁶ Este trabalho de Bruno Lobo foi publicado em 1919 no volume XXII dos *Arquivos do Museu Nacional* (o periódico científico mais antigo do Brasil, de 1876), numa edição em homenagem ao centenário do MN. Outros dois importantes artigos sobre a missão também foram publicados neste periódico: *Informações sobre o material Helmintológico coletado na Ilha da Trindade em 1916*,⁴⁷ do Dr. Lauro

⁴⁶LOBO, ref.19, p. 105-158.

⁴⁷TRAVASSOS, Lauro. Informações sobre o material helminthologico colleccionado na Ilha da Trindade. *Archivos do Museu Nacional*, v. XXII. **Imprensa Nacional**, Rio de Janeiro, RJ, 1919, p. 159-167.

Travassos, do IOC, e *A fauna vertebrada da Ilha da Trindade*,⁴⁸ do professor do MN, Miranda Ribeiro. Apesar de serem artigos voltados principalmente para os resultados das pesquisas da comissão científica do MN em Trindade, eles apresentam também relatos da viagem, fotografias, fatos históricos e curiosidades sobre a ilha, bem como a sua importância geopolítica.

Militares também escreveram sobre o tema. O Almirante Jorge da Silva Leite, que participou da primeira expedição de ocupação em 1916 como Segundo-Tenente, escreveu o artigo *Aspectos da Participação da Marinha de Guerra Brasileira na Primeira Grande Guerra*, publicado em 1987 na *Revista Marítima Brasileira (RMB)*.⁴⁹ Neste artigo, ele relata detalhes desta viagem, como os desafios do desembarque e os integrantes da missão.

O Almirante Oswaldo Osiris Storino publicou dois artigos, em 1986 e 1987, na *RMB*, *Ilha da Trindade: Uma Contribuição Histórica – (Parte 1)*⁵⁰ e *(Parte 2)*⁵¹. Além de fotografias históricas registradas na ilha pelo próprio autor, em 1919, estes dois artigos apresentam ricos detalhes sobre os dias que o então Primeiro-Tenente Storino comandou a ilha até ela ser desguarnecida pelo governo brasileiro, em 1919. Outro autor militar é o Almirante Dídio Costa (1939) que escreveu o livro *Nas Águas da Gasconha*.⁵² Ele relata nesta obra passagens bem-humoradas da missão, como o desembarque de um burro na ilha em cima de uma jangada.

Informações mais detalhadas sobre a estação radiotelegráfica instalada na Ilha da Trindade, bem como sobre a história deste serviço no Brasil, foram publicadas em 1936 no livro *Serviço de Rádio da Marinha de ontem e de hoje*, de Luiz José de Brito Reis.⁵³ Outro livro que menciona detalhes desta estação e a desconfiança do governo brasileiro a respeito de Ludof Waldmann, técnico alemão responsável por fazer a estação funcionar, é o livro *A fantástica Ilha da Trindade: a verdadeira história do descobrimento aos dias atuais*, de Willis de Faria (2010).⁵⁴

⁴⁸ RIBEIRO, Miranda A. de. A fauna vertebrada da Ilha da Trindade. Archivos do Museu Nacional, v. XXII.

Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, RJ, 1919, p. 169-192

⁴⁹ LEITE, Jorge da Silva. Aspectos da participação da Marinha de Guerra brasileira na Primeira Grande Guerra. **Revista Marítima Brasileira**, Rio de Janeiro, ed. 222, 3º trimestre, jul./ago./set. 1987, p.9-40.

⁵⁰STORINO, Oswaldo Osiris. Ilha da Trindade - Uma Contribuição Histórica. **Revista Marítima Brasileira**, Rio de Janeiro, ed. 220, jul./ ago./ set., 1986, p. 89-101.

⁵¹STORINO, Oswaldo Osiris. Ilha da Trindade - Uma Contribuição Histórica (Parte II). **Revista Marítima Brasileira**, Rio de Janeiro, ed. 221, jan./ fev./ mar., 1987, p. 43-52.

⁵²COSTA, Dídio. Nas águas da Gasconha. **Imprensa Naval**, Rio de Janeiro, RJ, 1939.

⁵³REIS, Luiz José de Brito. O S.R.M. de ontem e de hoje. **TYP**. Baptista de Souza, Rio de Janeiro, RJ, 1936.

⁵⁴FARIA, Willis de. **A fantástica Ilha da Trindade**. Gráfica e Editora Jep. Vitória, ES, 2010.

Artigos que citam a história da missão brasileira em Trindade na Grande Guerra: *Expedição à Ilha da Trindade*, do engenheiro geógrafo Paulo Assis Ribeiro (1951);⁵⁵ *Ilha da Trindade & Arquipélago Martin Vaz: Um Ensaio Geobotânico*, do doutor em Geobotânica Ruy José Válka Alves (1998);⁵⁶ e *Três Séculos de História Natural na Ilha da Trindade com Comentários Sobre Sua Conservação*, de Ruy José Válka Alves em co-autoria do Dr. Nílber Gonçalves da Silva (2016).⁵⁷

Outro artigo relevante é o do Historiador Naval Daniel Martins Gusmão (2019), *Ilha da Trindade: síntese histórica*.⁵⁸ Destaque também para o artigo da doutora em História Social pela USP Maria Margaret Lopes (2021), *Culturas científicas sobre os oceanos na historiografia das ciências no Brasil*, que ressalta o pioneirismo do MN nos primeiros estudos brasileiros sobre o oceano, no início do século XX, citando como exemplo a missão em Trindade, na Grande Guerra.⁵⁹

1.4 – Documentos históricos pesquisados

Além das centenas de publicações jornalísticas (veiculadas entre 1916 e 1919) sobre o tema e que estão disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital da BN, também foram pesquisados nos acervos da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM), do MN, da Fiocruz, do JBRJ e do ON, mais de 200 documentos históricos, entre fotografias, telegramas, cartas, memorandos e coleções científicas. Muitos destes documentos e acervos, como os telegramas e memorandos do ON que se referem à instalação da estação meteorológica em Trindade, e diversas fotografias dos acervos históricos da DPHDM e do JBRJ, ainda não foram publicados e nem mencionados em livros, artigos e trabalhos acadêmicos.

Na DPHDM, além do primeiro relatório militar sobre a ocupação, com 26 páginas escritas à mão pelo Dr. Pedro Martins, primeiro Oficial Médico da Ilha, foram pesquisados

⁵⁵RIBEIRO, P. de A. Expedição à Ilha da Trindade. Revista Brasileira de Geografia, 13: 293-314, abr./jun. 1951, p.139.

⁵⁶ ALVES, Ruy José Válka. *Ilha da Trindade & Arquipélago Martin Vaz: Um Ensaio Geobotânico*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 1998, 144 p.

⁵⁷ALVES; SILVA, ref. 28.

⁵⁸GUSMÃO, ref.24.

⁵⁹LOPES, ref. 35.

outros importantes documentos e relatórios referentes à missão, além de três raras coleções fotográficas.

Uma destas coleções é composta de 43 slides positivos de vidro. As imagens destes slides foram registradas, principalmente, pelo preparador do MN José Domingues dos Santos Filho, que permaneceu na ilha durante os seis primeiros meses da ocupação, realizando coletas científicas para o MN. São imagens da fauna, da flora, dos aspectos geológicos da ilha e de integrantes da expedição. Algumas dessas fotografias também foram creditadas ao então Capitão-Tenente Moraes Rego, responsável pela primeira tentativa de montagem e instalação na ilha de uma estação radiotelegráfica.⁶⁰

A segunda coleção de fotografias da DPHDM estava guardada junto com o primeiro relatório militar sobre a ocupação, que foi escrito à mão pelo Tenente Médico Dr. Pedro Martins. Provavelmente, essas fotos foram registradas no período em que ele serviu na ilha, de junho a agosto de 1916. O uniforme militar de oficial médico e a caligrafia de um texto escrito no verso de uma das fotos que se assemelha à caligrafia do seu referido relatório, evidenciam que as fotos pertenciam ao Dr. Pedro Martins. Entre as imagens, destacam-se a de uma cachoeira, a de oficiais e integrantes da guarnição, a de um desembarque ou embarque de materiais, além de fotografias do próprio Dr. Pedro Martins explorando alguns pontos da ilha.

A terceira coleção é composta por 22 fotografias e corresponde às imagens produzidas pelo então Primeiro-Tenente Oswaldo Osíris Storino, comandante da guarnição militar da ilha, em 1919. Este foi o último comandante da ilha, de 24 de maio a 1 de setembro de 1919, antes dela ser novamente desguarnecida pelo governo brasileiro. Essas fotos mostram diversas localidades da ilha, os alojamentos dos militares, vários integrantes da guarnição, a estação meteorológica, a cerimônia de içamento da bandeira e o próprio Storino fazendo diferentes tipos de atividade na ilha.

No acervo histórico da Biblioteca de História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, o único documento relevante encontrado sobre o tema foi uma carta do professor Bruno Lobo, datilografada em papel timbrado do MN e do “Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio”, datada de 5 de dezembro de 1919, comunicando ao Dr. Lauro Travassos que a impressão do volume XXII dos *Archivos do Museu Nacional*, contendo três artigos científicos sobre a Ilha da Trindade, achava-se terminada e que ele tinha a satisfação de

⁶⁰ LOBO, ref.19, p. 105-158.

enviar 100 exemplares do artigo *Informações sobre o material helminthologico collecionado na Ilha da Trindade* ao médico do Instituto Oswaldo Cruz, que era o autor deste artigo.

Na Fiocruz, foi realizada também uma pesquisa na Coleção Helmintológica do Instituto Oswaldo Cruz (CHIOC). Ali, foram encontrados exemplares conservados em álcool de duas importantes descobertas científicas decorrentes das pesquisas brasileiras realizadas na Ilha da Trindade, em 1916: um novo gênero (*Heliconema* Travassos, 1919) e uma nova espécie (*Cucullanus pulcherrimus* Barreto, 1918) para a ciência de vermes parasitas (helmintos). Estes vermes foram encontrados na barriga de dois peixes que foram coletados por Lauro Travassos durante a sua passagem pela ilha. Os peixes, da espécie *Caranx lugubris* (Poey, 1860) e *Echidna catenata* (Bloch, 1795), fazem parte da Coleção Ictiológica do MN, bem como outros exemplares da fauna da Ilha da Trindade. Estas e outras espécies coletadas pela expedição científica brasileira de 1916 foram fotografadas para publicação neste trabalho.

No Instituto de Pesquisas JBRJ, foram encontradas 23 fotos da expedição do naturalista da instituição Paulo Campos Porto na Ilha da Trindade, em 1917. Essas fotos, que pertencem ao Acervo e Memória do Instituto de Pesquisas JBRJ, revelam uma pequena amostra da fauna, da vegetação, dos morros e picos da ilha, das casas e barracões, dos oficiais do “Barroso” operando instrumentos de navegação e do próprio naturalista. A pesquisa realizada no JBRJ também encontrou 22 espécies de plantas, coletadas na Ilha da Trindade em 1917 pelo naturalista Campos Porto. Imagens e informações gerais a respeito deste material biológico podem ser consultadas no Herbário Virtual Re flora do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Lançado em 2013, esse herbário virtual abriga fotografias de plantas coletadas no Brasil, com alta qualidade de resolução de imagem, e fornece dados interessantes sobre a flora brasileira. Até março de 2024, estavam disponíveis neste portal 4.279.488 imagens de espécimes diversas.⁶¹

Os acervos científicos do MN, da CHIOC e do Herbário RB do JBRJ são responsáveis atualmente pela guarda e conservação de dezenas de exemplares de diferentes espécies da fauna e da flora da Ilha da Trindade trazidas para o Rio de Janeiro pela comissão científica do MN e pelo naturalista do JBRJ Campos Porto, em 1916 e 1917, respectivamente. Essas coleções científicas ampliam o conhecimento sobre o objeto de pesquisa deste trabalho e revelam a

⁶¹REFLORA. Herbário Virtual. Rio de Janeiro, RJ: REFLORA, s/a. Disponível em: <https://reflora.jbrj.gov.br/reflora/herbarioVirtual/ConsultaPublicoHVUC/ConsultaPublicoHVUC.do>. Acesso em: 26 jun. 2024.

importância histórica do apoio da MB para a realização de pesquisas científicas na Ilha da Trindade, além do inventário da biodiversidade marinha e terrestre na região.

Na pesquisa realizada no acervo histórico do ON sobre a expedição do astrônomo Mario Rodrigues à Ilha da Trindade foram encontrados 31 arquivos digitalizados, contendo telegramas, cartas e memorandos datados de 1916 e 1917. Esses documentos referem-se aos trabalhos que o astrônomo realizou na ilha, em 1917, de montagem e instalação de uma estação meteorológica, além da medição das novas coordenadas geográficas da Ilha da Trindade por meio da radiotelegrafia e da observação das estrelas. São documentos que agregam novos conhecimentos sobre esta estação que é pioneira, em nível oceânico no Brasil, e cuja história, contexto, dados e informações são pouco explorados na literatura, assim como nas publicações jornalísticas sobre ela.

1.5 – Justificativas

Divulgação e geração de novos conhecimentos sobre o tema

Como já foi mencionado, apesar da grande repercussão que a primeira ocupação permanente da Ilha da Trindade pela MB teve, na imprensa da época, este evento histórico foi muito pouco explorado e divulgado na literatura sobre a Ilha da Trindade, incluindo publicações da própria MB.

No portal *online* da MB, por exemplo, o texto de apresentação sobre o PROTRINDADE, cita apenas uma frase referente à ocupação: “Em 1916, Trindade foi ocupada por brasileiros, na 1ª Guerra Mundial, com o objetivo de impedir a sua utilização por navios adversários”.⁶² Nesta publicação, a comissão científica que realizou estudos e coletas na ilha, em 1916, cujo trabalho resultou na descoberta de algumas espécies novas para a zoologia, e na publicação de alguns importantes artigos científicos, não foi mencionada. A única referência que o texto desta publicação faz a uma expedição científica é sobre a expedição científica brasileira que foi à Trindade em 1950: “Finalmente, em 1950, uma expedição científica foi enviada para planejar a ocupação permanente da ilha”.⁶³

⁶²MB, ref. 4.

⁶³MB, ref.4.

Uma importante publicação de 2017 da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (CIRM), em comemoração aos 10 anos de pesquisa do PROTRINDADE na Ilha da Trindade, comete um erro histórico ao afirmar que: “Em 1950 foi realizada a primeira expedição científica brasileira à Trindade, que visava a possibilidade de ocupá-la em caráter permanente”.⁶⁴ No texto de apresentação desta publicação,⁶⁵ a história da primeira ocupação brasileira permanente da Ilha da Trindade, que contou com a participação de pesquisadores de renomadas instituições da ciência nacional, também não foi citada, apesar da publicação veicular algumas fotografias produzidas pela expedição científica de 1916. A única menção à ocupação é feita na página 20: “A primeira ocupação militar brasileira em Trindade ocorreu em 1916.”⁶⁶ A CIRM, um colegiado integrado por representantes de vários ministérios brasileiros e coordenado pela MB, foi criada em 12 de setembro de 1974 com a finalidade de coordenar os assuntos relativos à consecução da Política Nacional para os Recursos do Mar (PNRM).⁶⁷

Sobre o MN, a publicação afirma que os cientistas deste museu foram os primeiros brasileiros a desembarcarem em Trindade para a realização de pesquisas. Como a data deste desembarque não foi mencionada no texto, não foi possível saber se a publicação se refere à expedição de 1916 ou de 1950.

No livro comemorativo de 190 anos do ON, a história da primeira estação meteorológica oceânica do Brasil, instalada na Ilha da Trindade, em 1917, não foi sequer lembrada. Neste caso, cabe lembrar que o próprio ON possui em seu acervo: documentos, memorandos e telegramas referentes à história desta estação, que foi a primeira a ser utilizada para coleta de dados meteorológicos nesta região do Brasil, em um período marcado pelo início das atividades de previsão do tempo no país.

Em seu testemunho sobre os dias que viveu em Trindade, o Almirante Storino, alerta sobre a necessidade de se divulgar a história da primeira ocupação permanente da Ilha da Trindade para que os mais jovens a conheçam e os mais velhos jamais se esqueçam dela:

Eis porque escrevo estas notas com atraso de quase 70 anos e com o propósito de contribuir para vencer a desinformação dos mais jovens e o esquecimento dos mais velhos. É preciso que todos os que viveram aqueles duros e difíceis

⁶⁴CIRM, ref. 2, p. 13.

⁶⁵*Ibid.*

⁶⁶*Ibid.*, p. 20.

⁶⁷ BRASIL. Decreto n. 74.557, de 12 de setembro de 1974. Cria a Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (CIRM) e dá outras providências. **Presidência da República**: Brasília, DF, 12 set. 1974.

tempos estejam dispostos a alertar os mais jovens sobre o que foi realmente viver em 1919 numa ilha como a da Trindade.⁶⁸

Além da divulgação e da geração de novos conhecimentos sobre o tema, há outros aspectos que endossam a relevância deste trabalho tanto para a MB e para a ciência nacional quanto para a sociedade brasileira.

Estudos Marítimos

No contexto dos “Estudos Marítimos”, além da sua relevância para a história da MB e das pesquisas oceânicas brasileiras, este trabalho aborda questões valiosas para esta área de estudo, como por exemplo:

- A ocupação militar e a importância científica e estratégica das ilhas oceânicas brasileiras;
- O apoio da MB às pesquisas oceânicas brasileiras;
- A relação entre ciência e soberania nacional;
- A importância do poder marítimo e do poder naval para a Defesa Nacional;
- O papel da diplomacia brasileira nos conflitos internacionais marítimos;
- A história da Grande Guerra no Atlântico Sul;
- O papel da MB na Defesa, na ocupação das ilhas oceânicas e no desenvolvimento científico nacional;
- A influência dos meios de comunicação na formação do imaginário popular sobre o oceano e a Ilha da Trindade;
- Direito Marítimo;

⁶⁸STORINO, ref. 51, p. 43.

- Pesca e sustentabilidade do oceano;
- Água e energia renovável;
- Os primórdios da radiotelegrafia e do serviço de previsão de tempo no Brasil e a importância destes serviços para a Marinha de Guerra e Mercante.

Sobre o apoio mencionado da MB às pesquisas oceânicas, destaca-se o fato de que a primeira expedição científica do MN realizada na Ilha da Trindade, em 1916, marcou o início do apoio da MB às instituições nacionais de pesquisa oceânica. De acordo com Bruno Lobo (1919): “a aludida aliança, entre marinheiros e cientistas [...] deverá sempre existir para a garantia do progresso do Brasil”.⁶⁹

Mentalidade Marítima

A CIRM define o conceito de mentalidade marítima como sendo “a convicção ou crença, individual ou coletiva, da importância do mar para a sobrevivência e a prosperidade do País, desenvolvendo nos brasileiros hábitos e atitudes de uso racional e sustentável dos recursos marinhos”.⁷⁰ A divulgação e discussão em torno dos principais aspectos relacionadas à soberania e à ocupação brasileira da Ilha da Trindade, bem como às atividades militares e científicas que ali são realizadas, podem contribuir para a formação da mentalidade marítima no Brasil, principalmente, entre os jovens. Neste sentido, a história da primeira missão brasileira de ocupação e pesquisa da Ilha da Trindade, por ser uma história de aventura, superação humana, conquistas, lendas, mistérios, desafios tecnológicos, descobertas científicas e defesa de um pequeno pedaço do Brasil, pode despertar em muitos jovens o desejo de trabalhar no mar, seja seguindo carreira na MB, ou realizando pesquisas científicas marinhas. O Almirante Storino, por exemplo, passou a se interessar pela Ilha da Trindade a partir de uma aula de geografia que teve no ensino médio no Colégio Pedro II, conforme ele mesmo revelou em um dos seus artigos.⁷¹

⁶⁹LOBO, ref. 19, p. 108.

⁷⁰CIRM - Comissão Interministerial para os Recursos do Mar. **Promoção da Mentalidade Marítima.** Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/secirm/pt-br/promar>. Acesso em: 14 nov. 2024.

⁷¹STORINO, ref. 50, p. 89.

Entre outras contribuições, no contexto da mentalidade marítima, este trabalho amplia o conhecimento que a sociedade tem da relevância estratégica, histórica, ambiental, científica e econômica da Ilha da Trindade, além de divulgar e valorizar a importante e complexa missão brasileira de ocupação militar permanente e pesquisa desta ilha, iniciada na Grande Guerra.

Aplicabilidade

No contexto da aplicabilidade deste trabalho, vale lembrar que em 2026, a primeira ocupação brasileira permanente da Ilha da Trindade completará 110 anos do seu início. Esta é uma data que merece ser lembrada e comemorada por todas as instituições que foram protagonistas nesta história, como a MB, MN, JBRJ, ON, Fiocruz, entre outras, além dos ministérios brasileiros que tiveram um papel essencial nesta ocupação, como o da Guerra e o da Agricultura.

O extenso conteúdo pesquisado poderá ser utilizado para a realização de exposições, vídeos, documentários, programas e reportagens de TV, informativos, palestras e seminários (a pesquisa já foi apresentada no *I Seminário de Pesquisa em Defesa Nacional*, promovido pelo Departamento de Educação e Cultura do Exército, em outubro de 2023, e no *VIII Encontro Regional Sudeste de História da Mídia*, promovido pela Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia – ALCAR, na Universidade Federal de Minas Gerais, em agosto de 2024), entre outros produtos de comunicação, como um livro. Esses produtos voltados para a educação e divulgação da história do Brasil oceânico podem contribuir, entre outros pontos, para fomentar a mentalidade marítima na sociedade brasileira, corroborando os objetivos da “Década da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável”, também chamada de “Década do Oceano”.⁷²

Estabelecida pelas Organizações das Nações Unidas (ONU), a “Década do Oceano”, faz um alerta à sociedade sobre a importância do conhecimento científico, da conservação e da sustentabilidade do oceano para o bem-estar, para o desenvolvimento social e econômico da humanidade, para o enfrentamento do aquecimento global e para a saúde ambiental do planeta.

⁷² BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações – MCTI. Plano Nacional de Implementação da Década da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável. 2021. Disponível em: <https://decada.ciencianomar.mctic.gov.br/wp-content/uploads/2022/01/Plano-Nacional-de-Implementac%C3%A7%C3%A3o-da-D%C3%A9cada-da-Ci%C3%Aancia-Oce%C3%A2nica-links.pdf>, Acesso em: 18 set. 2024.

Uma de suas principais missões é conscientizar a população mundial sobre a importância do oceano para a humanidade e “mobilizar atores públicos, privados e da sociedade civil organizada em ações que favoreçam a saúde e a sustentabilidade dos mares”.⁷³ Instituições do mundo inteiro com diferentes atividades-fim, estão trabalhando para tentar atingir as metas definidas por esta iniciativa da ONU.

Outra aplicabilidade diz respeito à revisão e correção de dados dos acervos pesquisados. No repositório de informações sobre o acervo arquivístico da Fundação Oswaldo Cruz, “Base Arch”, por exemplo, o conteúdo sobre a expedição científica de 1916 à Ilha da Trindade, da qual participou Lauro Travassos, apresenta dois erros. O primeiro diz respeito ao ano da expedição, que na “Base Arch” é informada como tendo ocorrido em 1917, em vez de 1916, que é o ano correto. O segundo é sobre a localização da Ilha da Trindade. A citação a seguir referente à bibliografia do Dr. Lauro Travassos afirma que a Ilha da Trindade fica no litoral fluminense, quando na realidade a ilha está situada além do mar territorial brasileiro, em área oceânica, e tendo a cidade de Vitória- ES, como o ponto da costa brasileira mais próximo dela: “Em 1915 (Lauro Travassos) acompanhou as primeiras demonstrações da Fundação Rockefeller sobre a profilaxia da ancilostomíase em Minas Gerais, e dois anos depois tomou parte da Comissão Científico-Militar enviada à Ilha de Trindade, no litoral fluminense.”⁷⁴

A pesquisa também encontrou um erro no artigo que apresenta a descrição científica original da já mencionada espécie nova de helminto para a ciência, *Cucullanus pulcherimus*. Este artigo, assinado pelo Dr. Antonio Luiz de Barros, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e publicado na revista *Brazil-Medico*, em 1918, informa que a espécie descrita por Barreto se encontra registrada na CHIOC sob o nº 1491.⁷⁵ No catálogo de espécies da CHIOC, no entanto, esta espécie está registrada sob o nº 1591.⁷⁶

No site do Herbário Virtual Re flora do JBRJ também foi verificado um erro que diz respeito à data de uma das coletas — a de um exemplar de POLYPODIACEAE *Polypodium trinidadense* Brade — realizadas pelo naturalista Campos

⁷³VOGT, Carlos. **Revista Ciência e Cultura**, ano 73, nº 2, jul. 2021, p.3.

⁷⁴FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Fundo Lauro Travassos: inventário analítico. Departamento de Arquivo e Documentação. Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz, 1998. Disponível em: <https://basearch.coc.fiocruz.br/fundo-lauro-travassos>. Acesso em: 23 ago. 2024.

⁷⁵BARROS, Antonio Luiz de. Trabalhos do Instituto Oswaldo Cruz. **O Brazil-Medico**: Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, Rio de Janeiro, RJ, ano XXXII, n.18, p. 138, 4 mai. 1918.

⁷⁶FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Coleção Helmintológica do Instituto Oswaldo Cruz. Disponível em: <http://chioc.fiocruz.br/catalogue>. Acesso em: 22 jun. 2024.

Porto, em 1917, na Ilha da Trindade. Esta coleta foi catalogada erroneamente neste portal como tendo sido realizada em 1911 em vez de 1917, que é a data correta.⁷⁷

Os achados desta pesquisa também podem incrementar os acervos históricos das instituições que fizeram parte da história da ocupação. Para a DPHDM, todos os documentos históricos e material iconográfico pesquisados nos acervos do ON, JBRJ, Fiocruz, MN e na Hemeroteca Digital são de alta relevância. Todas as informações referentes ao trabalho de Lauro Travassos, também são de grande interesse para a Fiocruz.

Para o MN, este projeto contribui para o incremento do seu acervo histórico referente às ilhas oceânicas brasileiras, além da divulgação e valorização tanto da expedição científica de 1916 — a primeira realizada por cientistas do MN na Ilha da Trindade — quanto da importância das suas coleções científicas.

Sobre o Acervo do JBRJ, vale mencionar que apesar de ter arquivado várias fotos da viagem do naturalista Campos Porto à Trindade, em 1917, ele não disponibiliza ao público um texto informativo sobre a atuação do naturalista na ilha e nem sobre a história da missão. Este acervo se limita a legendar algumas fotos, uma delas descrevendo erroneamente as graminhas da ilha como se fossem gaivotas. Esta pesquisa, portanto, pode contribuir com informações sobre a referida expedição de Campos Porto para este acervo fotográfico.

Sobre o ON, foram encontradas duas fotos da estação meteorológica da Ilha da Trindade no Acervo da DPHDM, na coleção de fotografias do Almirante Oswaldo Osiris Storino. Quando foi comandante da Ilha da Trindade, em 1919, Storino acumulou o cargo de encarregado da estação meteorológica. Essas fotos são um documento valioso para a história do ON.

Popularização das ciências oceânicas no Brasil

No campo da popularização das ciências oceânicas no Brasil, foram pesquisadas muitas fontes e conteúdos interessantes. Destaque para a *Conferência sobre a Ilha da Trindade* organizada em 1918 na BN pelo professor Bruno Lobo, em homenagem ao centenário do MN. Esta conferência resultou em uma série de publicações científicas e várias notícias publicadas na imprensa brasileira sobre os aspectos geográficos, oceânicos, ambientais e biológicos da ilha. Um evento histórico e inédito de popularização das pesquisas oceânicas realizadas por

⁷⁷REFLORA, ref. 61.

cientistas brasileiros naquela época em Trindade e que contou com a projeção de mais de 40 slides fotográficos positivos de vidro. Muitos destes slides foram encontrados no Acervo da DPHDM.

Outro ponto relevante no contexto da popularização das pesquisas oceânicas diz respeito às publicações que tiveram como principal enfoque as expedições científicas realizadas em Trindade na Grande Guerra. O conteúdo jornalístico e midiático publicado em dezenas de jornais e revistas da época, tornando público e popularizando o nome e o trabalho de cientistas e instituições científicas na Ilha da Trindade, fornece dados valiosos sobre como a ciência, os cientistas e as pesquisas oceânicas foram retratadas pela grande imprensa no início do século XX.

A partir deste conteúdo, também é possível identificar questões relacionadas aos aspectos científicos da missão que tiveram maior destaque na mídia, como por exemplo: quais foram as expectativas da imprensa antes e durante a missão com relação a sua importância científica? Houve alguma manifestação contra a ida dos cientistas à Trindade? As reportagens explicam conceitos científicos? As notícias veiculam estereótipos associados aos cientistas, à ilha, ao oceano e à ciência? Passada a expedição e apresentados os resultados científicos, o posicionamento da imprensa se mostrou favorável ou contrário à continuidade das pesquisas em Trindade? Todas essas questões abrem um leque de discussões que podem ser exploradas por futuros trabalhos de pesquisa e representam uma ótima oportunidade de divulgação e popularização das metodologias científicas que foram e são utilizadas nas pesquisas marinhas, como as que foram realizadas pelos cientistas que participaram da missão.

Este trabalho também revela e divulga para a sociedade brasileira, a existência de importantes instituições e organizações científicas nacionais, do passado e do presente, como o MN, o IOC, o JBRJ, o ON, a BN, o Clube de Engenharia, a Sociedade Brasileira de Ciências e a antiga Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (atual Faculdade de Medicina da UFRJ), que tiveram seus nomes associados às primeiras expedições científicas brasileiras realizadas na Ilha da Trindade, seja produzindo estudos científicos, seja promovendo a divulgação desses estudos ou implantando novas tecnologias, como a radiotelegrafia e a medição de dados meteorológicos na ilha.

2 – RETROSPECTIVA

De acordo com Houaiss e Villar (2001), a palavra retrospectiva tem muitos significados:

Relato de uma série de acontecimentos decorridos durante certo período; [...] observação de fatos, acontecimentos relativos ao passado; [...] apresentação sumária, síntese dos principais acontecimentos políticos, econômicos, culturais etc. que decorreram em determinada época; [...] análise de fato passado.⁷⁸

Neste sentido, a retrospectiva proposta nos objetivos deste trabalho visa apresentar em ordem cronológica os principais acontecimentos, fatos, personagens, documentos, imagens, dados, contextos, discussões, curiosidades, observações, análises e aspectos (estratégicos, militares, científicos, sociais, econômicos, políticos, ambientais, culturais, entre outros) relativos à história da primeira missão brasileira de ocupação militar permanente e pesquisa científica da Ilha da Trindade, na Grande Guerra.

Esta retrospectiva é dividida em cinco seções e escrita com uma linguagem acessível ao público amplo. A primeira seção, “A importância estratégica da Ilha da Trindade na Grande Guerra”, refere-se aos antecedentes da ocupação e aos principais fatos e motivações que levaram o Brasil à decisão de guarnecer a ilha, em 1916, para evitar que ela fosse utilizada como base naval por alguma nação beligerante. Destaque para os boatos divulgados na imprensa sobre a presença britânica em Trindade, o que aumentou a pressão sobre o governo brasileiro pela ocupação imediata da ilha. Neste trabalho, a palavra boato será utilizada com o seguinte significado: divulgação de um acontecimento sem confirmação oficial ou infundado.

A segunda seção, “A percepção de militares, cientistas, políticos e jornalistas sobre a Ilha da Trindade (1916)”, gira em torno das curiosidades, fatos interessantes e desafios envolvendo a primeira viagem da missão coordenada pela MB em Trindade. Também apresenta informações e conteúdos sobre os primeiros meses desta ocupação, a lenda dos tesouros que tornaram a ilha conhecida internacionalmente, observações científicas dos pesquisadores do MN sobre os aspectos gerais da ilha e a repercussão que a missão teve na imprensa. Destaque para a cobertura jornalística *in loco* realizada pelos repórteres Ildefonso Falcão e Paulo Cleto

⁷⁸HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. Dicionário houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. lxxxiii, p.2450.

dos jornais *A Rua* e *A Epoca*, respectivamente, sobre a primeira expedição a Trindade que marcou o início da ocupação.

Os principais assuntos abordados na terceira seção, “As novas expedições da Marinha, do Jardim Botânico e do ON na Ilha da Trindade (1917)”, são a segunda viagem do “Barroso” à Ilha da Trindade, levando a bordo o Almirante Pedro Max Fernando de Frontin e o naturalista do JBRJ, Paulo Campos Porto, que realizou nesta viagem estudos sobre a vegetação da Ilha da Trindade; o primeiro artigo científico publicado em uma revista estrangeira sobre uma nova espécie de molusco para a zoologia coletada pela comissão científica do MN em Trindade; a medição das coordenadas geográficas da Ilha da Trindade e a instalação de uma estação meteorológica no local pelo astrônomo do ON, Mario Rodrigues; o primeiro telegrama recebido da estação de rádio da Ilha da Trindade pelo Ministro da Marinha, Alexandrino de Alencar; as críticas da imprensa brasileira sobre o fato de um técnico alemão, funcionário da MB, ter sido um dos principais responsáveis pela instalação e funcionamento da estação de rádio em Trindade; as viagens para Trindade dos navios “Benjamin Constant”, levando grande quantidade de artigos bélicos para o local, e “Tiradentes”; e a declaração de guerra do Brasil contra a Alemanha, fazendo com que o comando militar da ilha assumisse a defesa estratégica da soberania daquele pequeno pedaço isolado do território nacional.

A quarta seção, “A Ilha da Trindade na imprensa após o Brasil declarar guerra contra a Alemanha (1917-1918)”, aborda vários assuntos, entre eles: as novas coordenadas geográficas da ilha divulgadas na imprensa; a doença que quase matou o oficial médico que cuidava da saúde da guarnição militar em Trindade; o primeiro artigo científico publicado no Brasil que descreve uma espécie de helminto nova para a ciência, coletada em 1916 pelo Dr. Lauro Travassos do IOC; as viagens do navio “Benjamin Constant” e “Itaperuna” a Trindade; e a histórica conferência realizada na BN pelo professor Bruno Lobo sobre a Ilha da Trindade.

A última seção da retrospectiva, “Os últimos meses da ocupação brasileira da Ilha da Trindade (1919)”, trata principalmente das últimas viagens do “Benjamin Constant” e do “Barroso” à ilha; o naufrágio da escuna estadunidense “Chaska”, cujos tripulantes, incluindo uma mulher, foram acolhidos pela guarnição brasileira em Trindade; o relato do último comandante da ilha, o então Primeiro-Tenente Oswaldo Osiris Storino, sobre a rotina dos militares e o dia em que Trindade voltou a ficar despovoada, como era antes da ocupação.

2.1 – A importância estratégica da Ilha da Trindade na Grande Guerra

No início de março de 1916, a notícia de que o corsário alemão “Mowe” (Gaivota) havia sido aprisionado e rebocado até a Ilha da Trindade por navios britânicos teve destaque na imprensa brasileira. De acordo com os periódicos *O Imparcial*⁷⁹, *Correio Paulistano*⁸⁰, *A Província*⁸¹, *Pacotilha*⁸², *Jornal do Recife*⁸³ e *O Dia*⁸⁴, comandantes de embarcações que passavam próximos à ilha, a caminho de Montevideo, no Uruguai, teriam conseguido interceptar as comunicações radiográficas entre os navios aliados relativas à captura do “Mowe”.

Este temido corsário alemão, que atacou, capturou e afundou diversos navios das forças aliadas no Atlântico e na costa brasileira, era um navio mercante equipado com canhões, torpedos e minas, que atravessava o oceano sem chamar a atenção e se abastecia de carvão dos navios que capturava.⁸⁵

Um mês após a divulgação do aprisionamento do “Mowe”, fato este nunca confirmado, outra história envolvendo a Ilha da Trindade e as forças navais britânicas foi divulgada em dois importantes periódicos da capital federal, Rio de Janeiro. Um leitor que se apresentava como capitão de uma barca, relatava que havia avistado dois navios ingleses fundeados e a bandeira da Inglaterra tremulando em um mastro fincado na Ilha da Trindade, como descreve a reportagem a seguir, de 4 de abril de 1916, do *Jornal do Brasil*:

A carta abaixo, ontem recebida pelo *Jornal do Brasil*, contém matéria digna de atenção do governo. Publicamo-la, por isso mesmo, é claro, sem aceitar e sem pôr em dúvida as suas afirmativas. No caso, é o governo que cabe se, efetivamente, há ponto do território nacional que esteja sendo aproveitado por qualquer das nações beligerantes, em favor da sua própria causa. Eis a missiva que nos foi endereçada de Santos: – ‘Sr. Redator do *Jornal do Brasil* – Saudações – Como brasileiro que sou venho relatar-vos um fato que julgo de grande importância. Ao passar pela Trindade em 14 de março em minha barca em demanda do porto de Santos, avistei fundeados na parte leste da mesma dois navios que com o auxílio de óculos de alcance, reconheci serem ingleses

⁷⁹NO MAR – O aprisionamento do ‘Mowe’ pelos vasos de guerra ingleses no Atlântico. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 3 mar.1916, p. 4.

⁸⁰O CORSÁRIO ‘Mowe’ aprisionado. **Correio Paulistano**, São Paulo, SP, 3 mar.1916, p. 1.

⁸¹UM VAPOR alemão aprisionado. **A Província**, Recife, PE, 4 mar.1916, p. 1.

⁸²MONTEVIDEO, 1. **Pacotilha**, São Luiz, MA, 4 mar.1916, p. 1.

⁸³MONTEVIDEO, 3. **Jornal do Recife**, Recife, PE, 5 mar.1916, p. 5.

⁸⁴MAIS uma violação?. **O Dia**, Florianópolis, SC, 5 mar. 1916, p. 2.

⁸⁵QUEIROZ, Tito Henrique Silva. A guerra dos corsários – ações navais na costa brasileira durante a Primeira Guerra Mundial (1914-18). **Navigador**, Rio de Janeiro, RJ, 2017, v.13, n.25, p. 36-49.

pela bandeira hasteada. Bem assim, na própria ilha, tremulava um mastro a bandeira inglesa. Não estarão os ingleses fazendo da Trindade uma base de operações no Atlântico, ou querem repetir a façanha de apropriar-se da ilha como há tempos tentaram? Aceite as saudações do Capitão A. L. S.’⁸⁶

A mesma carta deste leitor foi enviada ao jornal *O Imparcial*, que publicou no mesmo dia que o *Jornal do Brasil*, uma nota sobre a história dos navios ingleses em Trindade.

Recebemos de um leitor alarmado uma comunicação que, a ser inteiramente verídica, teria sensacional importância. Diz esse amável missivista, que ao passar a 14 de março último, a vista da Ilha da Trindade, em uma barca, lobrigou dois vasos de guerra ingleses fundeados junto a ilha e observando-os com um óculo, distinguiu uma bandeira inglesa hasteada em um mastro fixado em terra. Resta-nos uma esperança. Talvez o óculo não funcionasse bem.⁸⁷

No dia seguinte, uma nova publicação do *O Imparcial* fazia, mais uma vez, referência à base naval que teria sido instalada em Trindade pelos ingleses, ressaltando o fato dela não estar sendo aproveitada pelo Brasil. Nesta publicação, marcada pela ironia, o jornal lembra seus leitores sobre uma companhia constituída por acionistas que em sua maioria residiam em Guaratinguetá, Cachoeira e outras cidades do norte de São Paulo, e que tinham como intuito procurar os tesouros lendários da Ilha da Trindade. De acordo com o jornal, esses acionistas deveriam estar bastante preocupados com a possibilidade de os ingleses estarem em Trindade:

Imagine-se, pois, o desagrado com que lerão a notícia de que, segundo se supõem, navios ingleses fazem da Ilha da Trindade uma base naval. É de notar que, se o boato for verdadeiro não deve causar estranheza, pois não será a primeira vez que a Inglaterra tenta se apoderar do longínquo rochedo, cuja posse o Brasil reclama para deixá-lo inaproveitado, lá no alto mar. Suponhamos, porém, que quando menos o esperar descubram os ingleses, mesmo sem roteiro, as barras de ouro e prata que os piratas de outrora esconderam na Trindade. Por isso mesmo não nos surpreenderão se, de repente, surgir a notícia de que Guaratinguetá expediu um ultimato à Inglaterra acerca da insólita ocupação da misteriosa ilha.⁸⁸

Uma segunda carta do “misterioso” Capitão A. L. S, insistindo na veracidade do seu testemunho sobre a base naval inglesa em Trindade e cobrando do governo brasileiro a

⁸⁶A ILHA da Trindade transformada em base de operações?. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, RJ, 4 de abril de 1916, p. 8.

⁸⁷POR um óculo. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 4 abr. 1916, p. 5.

⁸⁸SOCIAES, Vida Acadêmica, nos Palcos. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 5 abr. 1916, p. 10.

ocupação militar imediata da ilha, foi publicada no *O Imparcial* no dia 9 de abril de 1916, sob o título *Estará mesmo a Ilha da Trindade ocupada pelos ingleses?*.

Na carta, o leitor que se apresentava como Capitão A. Lopes da Silva fez o seguinte relato:

Em vosso conceituado jornal, li a notícia que vos transmiti e de cuja veracidade duvidais. Infelizmente, posso vos afirmar ser verdadeira a notícia de estar a Ilha da Trindade ocupada pelos ingleses. Fatos anteriores provam que os ingleses têm feito da Ilha da Trindade base de operações no Atlântico. O ano passado, noticiaram os jornais que o ‘Cap Trafalgar’, procurando fugir à perseguição dos navios ingleses que patrulhavam o Atlântico, mudou de rumo indo passar pela Trindade. De nada lhe valeu a astúcia, pois, que os ingleses que estavam na Trindade o meteram a pique na baía nordeste da ilha. Se no tempo em que predominava a força do direito tentaram os ingleses apoderar-se da ilha, por que duvidar dessas intenções hoje em que prevalece o direito da força? Reconhecida como está a importância estratégica da Ilha da Trindade no Atlântico para qualquer nação da Europa, não nos devemos surpreender que queiram os ingleses repetir a façanha já tentada anteriormente. Não será caso do Brasil, a fim de guardar a neutralidade prometida durante a guerra, mandar guarnecer militarmente a ilha, a fim de impedir que seja a mesma ocupada pelos ingleses?⁸⁹

Questionado pela imprensa, o Ministro da Marinha, Almirante Alexandrino Faria de Alencar desmentiu a história da construção de uma base inglesa de operações navais na Ilha da Trindade, afirmando ser este fato nada verdadeiro.⁹⁰

Independente da veracidade do testemunho do “misterioso” Capitão A. Lopes da Silva, vale ressaltar alguns fatos históricos mencionados por ele nesta sua segunda carta, fatos estes que foram, entre outros, determinantes para que o governo brasileiro e a Marinha decidissem por dar início a primeira ocupação militar de forma contínua da Ilha da Trindade.

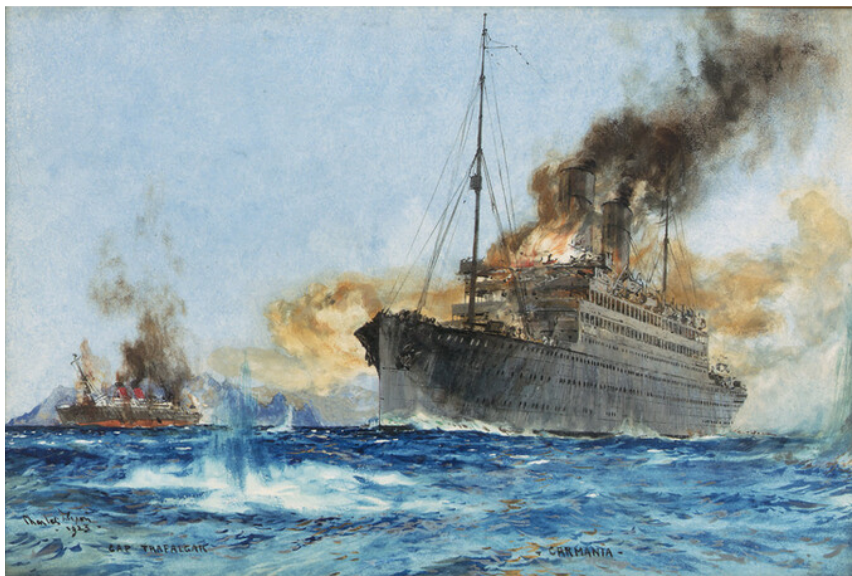
O primeiro fato refere-se ao episódio da “Batalha da Trindade”, ocorrida em águas brasileiras, em 1914, no início da Grande Guerra. Convertidos para uso militar, os transatlânticos “Carmania”, de bandeira inglesa, e o alemão “Cap Trafalgar” trocaram tiros de canhão nas proximidades da Ilha da Trindade. O resultado foi o afundamento do navio alemão com 16 mortos, entre eles o comandante. O navio inglês também ficou avariado, contabilizando nove mortos e 26 feridos.⁹¹

⁸⁹ESTARÁ mesmo a Ilha da Trindade ocupada pelos ingleses?. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 9 abr. 1916, p. 6.

⁹⁰RIO, 9. **Jornal do Recife**, Recife, PE, 10 abr.1916, p. 2.

⁹¹QUEIROZ, ref. 85, p .40.

Figura 2: Pintura de Charles Edward Dixon retratando a “Batalha da Trindade”.



Fonte: National Maritime Museum, Greenwich, London.

Diante das visitas constantes de navios de guerra das nações beligerantes na costa do Brasil, o presidente da República, Hermes da Fonseca, assinou poucos dias após a “Batalha da Trindade”, o Decreto nº 11.181 de 30 de setembro de 1914.⁹² O decreto criava uma guarnição mista de terra e mar, sob a administração da MB, em cada uma das ilhas Fernando de Noronha e Trindade, e um serviço de telegrafia sem fio, com apoio do Ministério da Viação e Obras Públicas. Esta guarnição foi criada com o objetivo de garantir e reforçar a neutralidade do Brasil na guerra, evitando que alguma nação beligerante ocupasse alguma dessas ilhas oceânicas brasileiras, como já haviam feito os ingleses, há menos de duas décadas antes do início do conflito.

Naquela época, os navios de guerra em geral eram movidos a vapor gerado, principalmente, pelo calor obtido a partir da queima de carvão. O raio de ação dessas embarcações era limitado à quantidade de carvão que elas conseguiam transportar. Para serem reabastecidos de carvão pelos navios carvoeiros, muitos navios de guerra europeus fundeavam em águas brasileiras nas proximidades de Abrolhos e Trindade, como foi o caso do “Cap Trafalgar”.

⁹² BRASIL. Decreto n.11.181 de 30 de setembro de 1914 – Crêa uma guarnição militar mixta de terra e mar, sob a administração do Ministerio da Marinha, em cada uma das ilhas de Fernando de Noronha e da Trindade. In: **Revista Marítima Brasileira**, Rio de Janeiro, n.4, ano XXXIV, out. 1914, p. 741.

A Ilha da Trindade, portanto, era um ponto estratégico, que servia como base de apoio e de reabastecimento de combustível para os navios de guerra e mercantes estrangeiros que transitavam entre a Europa, América do Sul, África, Índia e Ásia Oriental.

Sua localização privilegiada fez com que a Inglaterra resolvesse tomar posse da ilha em janeiro de 1895. Este é o segundo fato histórico mencionado na carta do Capitão A. Lopes da Silva. A alegação do Império Britânico era de que não havia em Trindade nenhum indício de ocupação por outra nação. A intenção da Inglaterra, com a anexação desse pequeno território insular brasileiro, era estabelecer ali uma estação telegráfica de cabos submarinos que conectaria Londres a Buenos Aires.

Despreparado militarmente para enfrentar a Inglaterra, só restou ao Brasil o caminho do Direito e da diplomacia para reaver a posse da ilha, além do apoio de Portugal, que atuou na mediação desta disputa. Por motivos políticos e econômicos, a Inglaterra acabou cedendo e reconhecendo a soberania brasileira sobre a Ilha da Trindade.⁹³

Para evitar novas ocupações estrangeiras indevidas, a MB, ergueu um marco de posse na Ilha da Trindade, em 1910, no qual consta a inscrição: “O direito vence a força”.⁹⁴ Apesar do marco, a ilha continuou abandonada pelo Brasil, que realizava somente expedições esporádicas ao local.

Aproximadamente seis meses após a invasão inglesa, no final do século XIX, o *Jornal do Commercio*, no dia 20 de julho de 1895, publicou um artigo do Capitão Collatino Marques de Souza da MB que ressaltava a falta de interesse do Brasil em ocupar a Ilha da Trindade e o valor estratégico dela para os britânicos:

Há três anos que temos escrito e publicado pela imprensa, quer nas colunas do *Jornal do Commercio*, quer nas do *Jornal do Brasil*, diversos artigos chamando atenção dos nossos governos para aquela ilha que de direito nos pertence, mas na qual ainda não tremulou a bandeira brasileira [...] Demos o grito de alarma, mostrando o quão importante e estratégica seria esta localidade em poder dos ingleses, para fecharem com o seu quadrilátero de ferro, composto das ilhas de Ascensão, Santa Helena, Trindade e o Cabo de Boa Esperança, convenientemente armadas e abastecidas de combustível e sobressalentes de todas as espécies, como possuem nas Malvinas, e trajeto às esquadras das outras nações que pretendessem atacar as suas possessões da

⁹³CRUZ, Carlos Luis Marques Castanheira da Cruz. Para uma historiografia sobre a Questão da Ilha da Trindade (1895-1896). *Navigador*, Rio de Janeiro, RJ, 2006, v.2, n.4, p. 42-58; KÄMPF, Martin Normann. Ilha da Trindade – A ocupação britânica e o reconhecimento da soberania brasileira (1895 - 1896). Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), Brasília, DF, 2016, 221 p.

⁹⁴Marinha do Brasil. A Comissão do ‘Benjamin Constant’. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 1, ano XXII, jul. 1902, p. 586.

Índia e da Ásia Oriental. Em Suez, já não podem passar para o Mar das Índias as esquadras inimigas quando os ingleses não o quiserem. Desde que não possam também ir ali pelos Cabos da Boa Esperança e de Horn, o acesso lhes ficaria perpetuamente interdito. Sabe-se que o poder ofensivo dos atuais cruzadores, desses varredores dos mares ou corsários de nova espécie dependem exclusivamente da capacidade de suas carvoeiras. Sem combustível não há cruzador, por mais veloz e melhor artilhado que seja, que possa tornar-se temido das outras nações marítimas na guerra Moderna.⁹⁵

Com o deflagrar da Grande Guerra, em 1914, a possibilidade de a Inglaterra ou outra nação beligerante tomar posse da Ilha da Trindade para construir ali uma base de operações navais passou a ser cada vez mais discutida nos meios políticos e na imprensa brasileira. Afinal, como afirmou o Capitão A.L.S em sua segunda carta: “Se no tempo em que predominava a força do direito tentaram os ingleses apoderar-se da ilha, por que duvidar dessas intenções hoje em que prevalece o direito da força?”.⁹⁶

O possível interesse das nações beligerantes por Trindade, que mesmo após a invasão inglesa de 1895 continuava abandonada e desguarnecida militarmente pelo Brasil, se tornou motivo de grande preocupação e críticas por uma parte da imprensa e da política nacional.

O mesmo *O Imparcial* que ajudou a difundir a história da presença inglesa na Ilha da Trindade, em março de 1916, e que já havia criticado o governo brasileiro pelo abandono deste pequeno território nacional, passou a cobrar do Ministro da Marinha a ocupação imediata da ilha. É o que mostram dois textos publicados neste periódico nos dias 02 e 13 de maio de 1916, respectivamente. O primeiro foi intitulado *Vai ou não vai?*:

Há meses, quando correram boatos de que navios de guerra pertencentes às nações beligerantes estavam ancorados nas proximidades da Ilha da Trindade, o senhor Alexandrino de Alencar mandou que se anunciasse a sua disposição em reprimir o abuso fazendo ocupar militarmente a ilha. Mais tarde, quando passageiros e comandantes de vapores nacionais denunciaram que os navios ingleses já haviam feito desembarques naquela ilha, onde já flutuava a bandeira britânica, o senhor Ministro da Marinha mandou adiantar quais as forças destinadas à expedição e que esta seguiria infalivelmente no ‘Carlos Gomes’ logo que esse navio terminasse os reparos que está sofrendo agora. Entretanto, o que já se anuncia é que o ‘Carlos Gomes’ em vez de ir descobrir no oceano a Ilha da Trindade, vai procurar pelos mares o ‘Sargento Albuquerque’ que se bem foi puxado pelas correntes marítimas, já deve estar

⁹⁵ILHA da Trindade. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, RJ, 20 jul.1985, p. 2.

⁹⁶ESTARÁ mesmo a Ilha da Trindade ocupada pelos ingleses?. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 9 abr. 1916, p. 6.

enganchado em algum banco de gelo da Groelândia. E da Ilha da Trindade, quem trata não se fará nada nem mesmo para inglês ver?⁹⁷

O segundo texto ganhou o título de *Uma expedição que não parte!*:

As grandes expedições ao polo, quando são anunciadas, partem sempre para o seu destino poucas semanas ou poucos meses depois. A própria expedição de Cabral com as suas 13 caravelas não levou com certeza mais de um ano [...] há, no entanto, uma expedição que se está tornando mais difícil do que todas as outras que se tem efetuado na Terra. É a que se pretende mandar à Ilha da Trindade para ver se os ingleses já têm, como se diz, um estabelecimento ali, quando há meses, se anunciou a permanência de cruzadores da esquadra britânica nas proximidades desse nosso rochedo e que esses navios haviam feito ali um desembarque. O senhor Alexandrino de Alencar declarou estar preparando a viagem de um navio de guerra a fim de ocupar solenemente a terra que nos pertence. De dois em dois meses e de três em três, a imprensa tem voltado a afirmar que a grande expedição continua em preparativos, tendo sido essa declaração feita ontem pela quinta ou sexta vez. Trata-se, como está vendo, de resolver uma grande dificuldade para ir ocupar um simples ilhote no meio do oceano. Imagine-se, agora, que tempo levaria o senhor Alexandrino, se o Rei Dom Fernando de Castela o tivesse incumbido de descobrir a América?⁹⁸

Aliadófilos, Germanófilos e a Ilha da Trindade

A questão envolvendo os ingleses e a Ilha da Trindade teve repercussão também em uma outra “guerra”: a “guerra” das narrativas, argumentos e controvérsias presentes nos jornais brasileiros, na época, entre dois grupos políticos antagônicos: os germanófilos, que se posicionavam ao lado da Tríplice Aliança (Potências Centrais), e os aliadófilos, que eram a favor da Tríplice Entente (Aliados). Os dois grupos, formados principalmente pela elite intelectual do país e divididos entre a “Liga Brasileira pelos Aliados” e a “Liga Brasileira Pró-Germânia”, defendiam não apenas as ações bélicas, mas também os padrões culturais das nações envolvidas na guerra.

No dia 9 de abril de 1916, o *A Noite*, cuja linha editorial era simpática aos Aliados, publicou o artigo: *Uma base de operações inglesas na Ilha da Trindade, boato infundado*, no qual acusava os germanófilos de terem inventado e disseminado a história da nova invasão inglesa em Trindade.

⁹⁷VAE ou não vae?. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 02 mai. 1916, p. 2.

⁹⁸UMA expedição que não parte. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 13 mai. 1916, p. 2.

[...] A campanha germanófila que se procura fazer entre nós, com certa intensidade, acaba de criar mais um boato de certa gravidade. Convém que o público aguarde maiores esclarecimentos para evitar que tome vulto mais uma intriga com que se procura malquistar a Inglaterra com o Brasil. [...] Trata-se de uma base de operações que os ingleses teriam instalado na Ilha da Trindade. A esse respeito tivemos ocasião de falar com autoridades de Marinha que nos declararam ser absolutamente inverdade que o governo tenha tido informações a tal respeito. No começo da guerra, houve realmente receio de que os navios beligerantes tentassem utilizar-se da ilha para centro de operações. Daí, o estabelecimento de um destacamento militar naquela ilha onde foi instalado um posto radiográfico criado por decreto do governo brasileiro e que será em breve conduzido por um dos nossos navios de guerra o ‘Barroso’ ou talvez o ‘Carlos Gomes’. Essa providência que foi determinada desde o começo da conflagração europeia é um complemento natural da neutralidade.⁹⁹

De acordo com Compagnon (2014), além do jornal *A Noite*, adotaram uma linha editorial aliadófila *O Paiz*, *A Gazeta de Notícias*, *O Imparcial*, *Jornal do Commercio*, no Rio de Janeiro (RJ); *A Gazeta do Povo* e *Jornal da Noite*, em Santos (SP); *A Tarde*, em Salvador (BA); *Correio do Povo*, em Recife (PE), e *Diário Popular*, *Correio Paulistano* e *Estado de S. Paulo*, em São Paulo (SP).¹⁰⁰

Um artigo datado de 23 de março de 1916, do jornal *O Dia*, do partido Republicano Catharinense, cuja linha editorial era germanófila, fez severas críticas à Inglaterra, sugerindo que o Brasil abandonasse a sua política de neutralidade e passasse a apoiar os Impérios Centrais:

Convenhamos senhores: A descartarmo-nos da nossa neutralidade, ordenamos o nosso passado, que nos coloquemos ao lado dos Impérios Centrais. Dos aliados nos afastaria ressentimentos fortes, especialmente ‘espezinhamentos’ que sofremos, atitudes que nos aviltaram, nos desmereceram e desonraram sobremaneira.¹⁰¹

Um desses “espezinhamentos”, segundo o jornal, foi a ocupação da Ilha da Trindade pelos ingleses em 1895. Segundo Compagnon (2014), além do *O Dia*, em Florianópolis, os jornais brasileiros que adotaram uma linha editorial germanófila foram o: *Deutsche Post*, em São Leopoldo (RS); *Diário de Notícias*, em Salvador (BA); *Tribuna*, no Rio de Janeiro (RJ) *Novidades*, em Itajaí (SC); e *Diário Popular*, em Pelotas (RS). Havia ainda jornais que

⁹⁹AS BALELAS germanophilas; O que há de verdade a respeito da ilha da Trindade *A Noite*. Rio de Janeiro, RJ, 9 abr. 1916, p. 3.

¹⁰⁰COMPAGNON, Olivier. *O adeus à Europa: a América Latina e a Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

¹⁰¹O DIA. Florianópolis, SC, 23 mar. 1916, p. 2.

publicavam em suas colunas alguma opinião germanófila, como é o caso do *Correio da Manhã* e do *Jornal do Brasil*, ambos do Rio de Janeiro.¹⁰²

No dia 29 de março de 1916, o *Diário de Pernambuco*, um dos mais antigos jornais da América Latina em circulação, publicou um artigo, assinado pelo advogado Dr. Gondim Filho, acusando a Inglaterra de agir de modo arbitrário em relação aos estados que não lhe oferece resistência e de desrespeitar os preceitos do Direito Internacional. Segundo ele, a Inglaterra “arrancou as Ilhas Malvinas à República Argentina e pretendeu arrebatá-las também, há pouco tempo, a Ilha da Trindade.”¹⁰³ Além disso, os ingleses teriam cometido injustiças e humilhações contra o Brasil, e estariam causando prejuízos às exportações brasileiras ao considerarem “o nosso café, contrabando de guerra”.¹⁰⁴ Com relação aos alemães, o advogado se posicionou a favor deles, afirmando que a Alemanha trouxe, em abundância para o Brasil: “o produto de sua indústria e as conquistas de sua ciência.”¹⁰⁵

Em 16 de agosto de 1916, o jornal *O Fluminense*, publica um editorial alertando que ao sugerirem que a Alemanha tinha intenções de conquistar o Brasil, os aliadófilos, acima de tudo, com suas grotescas “fanfarranadas”, eram motivos de risos.¹⁰⁶ Para o jornal, os verdadeiros inimigos do Brasil eram a França e a Alemanha: “A dias foi o aniversário da invasão do Amapá, solo brasileiro, pelas tropas francesas. A Inglaterra já se apossou da Ilha da Trindade! E a Alemanha? De que já se apossou a Alemanha que fosse brasileiro? De nada, absolutamente nada!”¹⁰⁷

Neste contexto de debates políticos e ideológicos sobre a guerra, difundidos nos jornais, a pequena Ilha da Trindade era vista como o território mais vulnerável do Brasil. Primeiro, porque além de estar localizada a muitas milhas de distância da costa brasileira, ela estava completamente abandonada e desguarnecida militarmente. Segundo, porque de acordo com alguns estrategistas militares, Trindade representava um ponto estratégico de apoio para as esquadras das nações beligerantes no Atlântico Sul. Além disso, conforme o jornal *O Fluminense* mencionou, países como a França e a Inglaterra, do grupo dos aliados, já haviam se apoderado de outras partes do território brasileiro:

¹⁰²COMPAGNON, Olivier. **O adeus à Europa: a América Latina e a Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

¹⁰³OS VAPORES Allemaes. **Diário de Pernambuco**, Recife, PE, 29 mar. 1916, p. 5.

¹⁰⁴*Ibid.*

¹⁰⁵*Ibid.*

¹⁰⁶SALINEIRO Viajado. O Brasil em face da conflagração europeia. **O Fluminense**, Niterói, RJ, 16 ago. 1916, p. 2.

¹⁰⁷*Ibid.*

Se o Brasil quisesse de fato entrar na guerra devia ser para se apoderar das Guianas francesas e inglesas que são geograficamente brasileiras e que nada justificam aquelas cunhãs em território brasileiro. Nisto teríamos o apoio do Tio Sam porque a América é dos americanos.¹⁰⁸

Apesar de ter assumido uma posição neutra na guerra, o governo do Brasil chegou a ser aconselhado pelo governo dos EUA a investir na sua preparação militar. É o que revelou o artigo *Pela Força, Para a Paz*, publicado no dia 10 de janeiro de 1916, no jornal *O Paiz*. Este artigo repercutiu o discurso do magistrado norte-americano, o Sr. Grey, durante um banquete oferecido aos membros do Congresso Pan-Americano pelo Sr. Lansing, secretário dos Negócios Estrangeiros dos EUA.

Nesse discurso, o jurista norte-americano sugeriu que as nações americanas deveriam cuidar de sua preparação militar, não para fazer a guerra, mas para manter o próprio respeito e a paz.

O Brasil não fez até hoje, desde a Independência, seguindo, aliás, as tradições de abandono da época colonial, que permitiram as incursões e as desfeitas de toda espécie de conquistadores e corsários estrangeiros, se não, entregar-se em matéria de segurança nacional, as injunções da fatalidade e à proteção da Providência. [...] Tivemos de arcar com agressões e desrespeitos partidos mesmo de povos que figuram entre os nossos melhores amigos mundiais. Desrespeitos e agressões solvidos diplomaticamente com honras depois de lhe ter ficado impressa na face a marca da insolência desde a questão Christie e o caso do Alabama, até os episódios do Amapá e da Ilha da Trindade. [...] A reentrega da Ilha da Trindade não foi se não o preço do reatamento de relações rotas pelo Marechal Floriano com a Monarquia Portuguesa. E agora mesmo salvaguardamos com princípios jurídicos sobre a extensão das águas territoriais, a defesa de uma neutralidade a que falta a doutrina respeitável de uma Marinha de Guerra eficaz.¹⁰⁹

No contexto da Grande Guerra, este artigo do *O Paiz* que sugere que a Ilha da Trindade só foi devolvida pelos ingleses por influência da Monarquia portuguesa revela a existência de duas outras correntes de pensamento antagônicas no Brasil: a dos que pensavam que a nação não poderia mais retardar o preparo eficaz da sua Defesa e a dos que entendiam que isso seria adiável ou desnecessário. O jornal *O Paiz* apoiava a política de armamento nacional:

O horror, as carnagens e as devastações da guerra que constitui a bandeira da resistência pacifista ao armamento nacional acredita ou finge acreditar que é o preparo da Defesa que faz a luta, que o enfraquecimento intencional de um,

¹⁰⁸SALINEIRO, ref. 106.

¹⁰⁹PELA Força, para a Paz. **O Paiz**. Rio de Janeiro, RJ, 10 jan. 1916, p. 1.

desarma as insolências do outro, que as manifestações doutrinárias de cordura têm o poder, partidas de um povo, de domar os maus instintos de cobiça, de deslealdade e de bruteza dos demais, e que se pode firmar como lei na vida internacional, o brocardo popular, já contestável quanto aos indivíduos, de que *quando um não quer, dois não brigam*, quando a realidade é que quando um homem ou nação quer brigar, o outro tem de resistir ou ser batido.¹¹⁰

Corroborando as ideias do Sr. Grey e dando sequência a sua campanha pela preparação eficaz da Defesa Nacional, *O Paiz* publica em 10 de fevereiro de 1916, um outro artigo, intitulado *Pela Defesa Nacional*, que ressalta o movimento iniciado pelo deputado baiano Mario Hermes, em busca da elevação das instituições ligadas à Defesa Nacional “ao grão de coisas decisivas e respeitáveis.”¹¹¹

De acordo com o deputado, que também era militar, à exceção de um ou outro estabelecimento como, a fábrica de pólvora, bem montada e funcionando bem, “o nosso aparelhamento técnico deixa muito a desejar. Que temos por exemplo como fábricas de armamento ou como aviação militar?”¹¹²

O *Jornal do Commercio* também deu destaque à conferência de Mario Hermes, no Clube Militar, com a presença do ex-presidente da República Marechal Hermes da Fonseca. Segundo o jornal, o Deputado afirmou que apesar de sempre ter sido e ainda ser pacífico, o Brasil ainda poderia passar por uma guerra. Caso isso acontecesse, o país não seria capaz de resistir vitoriosamente à menor afronta ou invasão estrangeira:

Tudo nos falta, o combustível para a mobilização; a matéria-prima, ou melhor, os elementos indispensáveis ao fabrico das pólvoras químicas para a artilharia e a infantaria. Não temos nada! Faltam-nos soldados, fuzis, canhões, animais, viaturas, dinheiro, recursos, materiais de toda a sorte.¹¹³

Nas duas reportagens sobre a conferência do deputado Mario Hermes, o episódio referente à violação inglesa dos direitos internacionais do Brasil sobre a Ilha da Trindade é citado como exemplo de um fato, que poderia acontecer novamente, caso o Brasil não estivesse preparado militarmente para uma guerra. O episódio envolvendo a Inglaterra e a Ilha da Trindade foi visto pelo *O Paiz* como um caso de desrespeito e agressão, que só aconteceu

¹¹⁰PELA, ref. 109.

¹¹¹PELA Defesa Nacional. *O Paiz*, Rio de Janeiro, RJ, 10 fev. 1916, p. 1.

¹¹²*Ibid.*

¹¹³PELA Defesa Nacional. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, RJ, 1 jun. 1916, p. 4.

porque em “nem um só instante, desde que existimos como nação, pensamos seriamente em nos organizar e fortalecer no ponto de vista militar.”¹¹⁴

De acordo com a reportagem do *Jornal do Commercio*, a questão da Ilha da Trindade com os ingleses representava mais um aviso da urgência que o Brasil tinha em praticar a Defesa Nacional, a fim de salvaguardar as suas riquezas: “Não se fomentam as riquezas de um país sem se possuir o meio de guardá-las.”¹¹⁵

Quase um ano e meio após essas duas publicações em defesa da política de armamento nacional e capacitação das forças militares brasileiras, seja para enfrentar um possível conflito armado, seja para evitar um conflito, o Brasil, de fato, entrou na guerra contra os alemães, em outubro de 1917.

A expedição de 1914 do Primeiro-Tenente Antonio Sabino Cantuaria Guimarães

Menos de dois meses após a assinatura do Decreto Lei que criava uma guarnição mista em Fernando de Noronha e na Ilha da Trindade, foi realizada uma expedição da MB em Trindade, entre os dias 28 de novembro e 4 de dezembro de 1914. Liderada pelo Primeiro-Tenente Antonio Sabino Cantuaria Guimarães, esta expedição teve como objetivo fazer sondagens e levantamentos topográficos e hidrográficos na ilha, entre outros trabalhos “preparatórios das obras que se projetam executar nessa ilha, entregue hoje à jurisdição do Ministério da Marinha para que ali se possa estabelecer um contingente militar e um posto telegráfico”.¹¹⁶

A bordo do navio “Carlos Gomes”, sob o comando do Capitão de Fragata Isaías Noronha, a expedição saiu do Rio de Janeiro no dia 24 de novembro de 1914, fundeando na Ilha da Trindade no dia 28. Neste mesmo dia, com o mar calmo, a expedição desembarcou na ilha e montou o acampamento (Figura 3). Do dia 29 ao dia 03, de acordo com o relatório do Primeiro-Tenente Cantuaria (1914), ele realizou várias tarefas da missão, entre elas, medir a vazão das fontes de água doce da ilha.

Encontrei água nos seguintes lugares: Praia dos Portugueses, água corrente, produzindo [...] 230 toneladas em 24 horas. Enseada do Príncipe: Fonte do

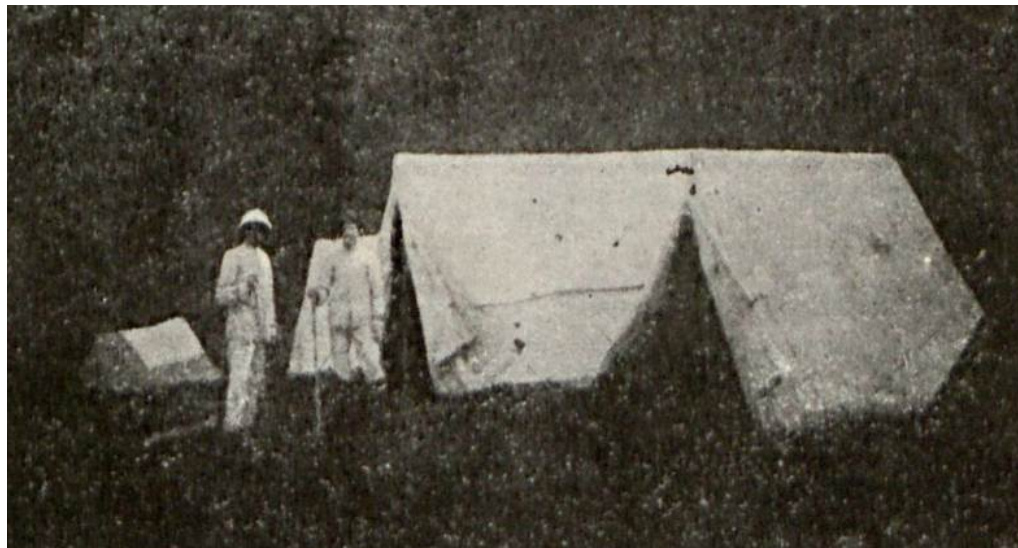
¹¹⁴PELA, ref. 104.

¹¹⁵PELA Defesa Nacional. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, RJ, 1 jun. 1916, p. 4.

¹¹⁶Excursão à Ilha da Trindade. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, n.4, ano XXXIV, out.1914, p. 1119.

Porto — 8 toneladas em 24 horas; Fonte Barril [...] 43 toneladas em 24 horas; Fonte Escondida — 8 toneladas em 24 horas. Cachoeira Grande; que dá mais que a fonte dos Portugueses, mas que dificilmente será aproveitada. Penso existir na parte NW, mais algumas nascentes, o que não pude verificar devido à escassez de tempo.¹¹⁷

Figura 3: Acampamento da expedição do Primeiro-Tenente Cantuaria Guimarães em Trindade (1914).



Fonte: Revista Marítima Brasileira, ano XXXIV, n.7, janeiro de 1915, p.1443.

Além da fauna que encontrou em Trindade e de algumas outras curiosidades, como um esqueleto de baleia em perfeito estado na Praia dos Portugueses e vestígios da ocupação portuguesa, como “restos de casas de madeira, duas sepulturas e grandes muros de pedras”¹¹⁸, Cantuaria Guimarães também descreveu em seu relatório os melhores pontos de desembarque na ilha e os locais mais indicados para a construção de habitações e instalação da estação de radiotelegrafia:

O desembarque na ilha é função do tempo e penso que sempre será possível à sotavento. Os melhores lugares são os seguintes: Praia dos Portugueses - para jangada. Porto da Canoa - para escaler. Praia do Marco - para a Jangada, de preferência a maré cheia. Praia Vermelha - para a Jangada. Praia do Príncipe - para jangada. Praia da Cachoeira (W) - para escaler. O ponto que mais se presta à construção de habitações fica na Praia dos Portugueses em barranco alto de 15 m e distante da praia cerca de 80 m. Para a construção de depósitos é mais conveniente a Praia do Príncipe no mesmo lugar em que acampamos. A estação radiográfica ficará bem colocada na encosta da Praia do Marco, terá

¹¹⁷GUIMARÃES, Cantuaria. Comissão à Ilha da Trindade. **Revista Marítima Brasileira**, Rio de Janeiro: Imprensa Naval, n.7, ano XXXIV, jan. 1915, p. 1438.

¹¹⁸*Ibid.*, p.1439.

boa terra e se poderá aproveitar em lugar dos mastros para a antena os Morros Filhote e do Morro Número 1.¹¹⁹

De acordo com o *Correio da Manhã*, após voltar à Ilha da Trindade o Primeiro-Tenente Cantuaria Guimarães havia dito a um jornal que a ilha “é perfeitamente habitável, possui muita água, vegetação, pássaros, peixe e um excelente clima. Nada mais é preciso realmente para nela estabelecermos um porto militar que ali ateste a nossa soberania.”¹²⁰

Sobre as condições de habitação no local, Cantuaria escreveu em seu relatório que 1/6 da superfície da Ilha da Trindade pode ser destinado a plantações e o restante para a criação de cabras. Além disso, “o clima [...] parece bom, a temperatura é suportável nas praias e muito agradável na montanha. As noites são frescas. A água é excelente.”¹²¹

Sobre a defesa da ilha, Cantuaria propôs que a guarnição que fosse ocupá-la, estivesse armada de metralhadoras de 7 mm para evitar qualquer desembarque indesejável na ilha. “Não há um ponto que bata todos os lugares capazes de permitir o desembarque e, por isso, acho conveniente o emprego das metralhadoras que são de fácil transporte. Para defender com canhão todos os pontos de desembarque serão necessários muitos canhões e muito grande será a despesa.”¹²²

Ainda de acordo com o *Correio da Manhã*, o relatório de Cantuaria Guimarães pois um fim na “balela [...] de que a Trindade era inabitável.”¹²³ O jornal também criticou o governo pelo abandono da Ilha da Trindade.

Muito tempo levou a Trindade absolutamente abandonada, a ponto de tanto tentar a cobiça das nações estrangeiras, que nos levou a uma questão com a Inglaterra. Ainda há pouco, quando rompeu o conflito europeu e a guerra de corso começou a ser feita no Atlântico, surgiram notícias de que a ilha estava servindo de base naval aos vasos beligerantes, obrigando o governo a mandar vigiá-la [...] A causa principal que se invocava para esse abandono era de que a Trindade era inabitável. O Tenente Cantuaria pôe fim à balela e com as suas declarações deixa patente que o que nos levava a não fazer caso da Trindade era uma coisa muito nossa conhecida: o proverbial relaxamento administrativo desta terra. Vejamos se desta vez conseguimos fazer daquilo alguma coisa que marque a nossa posse. Custa a crer. Sobretudo quando a crise econômica e financeira que vamos atravessando serve de capa a todos os dislates que se cometem a cada passo nas regiões governamentais.¹²⁴

¹¹⁹GUIMARÃES, ref. 117, p.1439-1440.

¹²⁰CORREIO da Manhã. Rio de Janeiro, RJ, 9 dez. 1914, p. 2.

¹²¹GUIMARÃES, ref. 117, p. 1440.

¹²²*Ibid.*

¹²³CORREIO da Manhã. Rio de Janeiro, RJ, 9 dez. 1914, p. 2.

¹²⁴*Ibid.*

Como mostra esta notícia do jornal *Correio da Manhã*, datada de 1914, os boatos sobre a ocupação da Ilha da Trindade por uma nação estrangeira na Grande Guerra já eram difundidos na imprensa brasileira antes de 1916.

O início da ocupação brasileira da Ilha da Trindade em 1916

Em 20 de maio de 1916, por volta das 20h, a bordo do cruzador “Barroso”, partiu do porto do Rio de Janeiro a missão brasileira de ocupação militar permanente e pesquisa científica da Ilha da Trindade. Após quase um século sob o domínio do Brasil, este pequeno pedaço do país, isolado no meio do Atlântico, estava prestes a ser ocupado de forma contínua, pela primeira vez, por um destacamento militar da MB.

A notícia da partida do “Barroso” para Trindade foi destaque em vários jornais. O *Gazeta de Notícias*, na reportagem intitulada *O ‘Barroso’ zarpou ontem*, ressaltou o entusiasmo dos marinheiros e oficiais que faziam parte da guarnição do navio:

Às 8 horas da noite, zarpou ontem de nosso porto com rumo a Ilha da Trindade, o cruzador ‘Barroso’. Desde as primeiras horas da manhã que a seu bordo havia grande movimentação por parte da maruja e de toda a oficialidade fazendo os últimos preparativos para a viagem. Todos se encontravam satisfeitos, entusiasmados pela realização dessa viagem, com a qual, finalmente se vai efetuar a ocupação militar daquele pedaço de terra brasileira isolada no Atlântico. A cada momento chegavam volumes, caixas, malas e outros muitos apetrechos necessários. O comandante do ‘Barroso’ e o seu imediato davam as ordens indispensáveis para que tudo estivesse pronto para o sinal de partida.¹²⁵

Um dia antes desta publicação, no dia da viagem, o próprio *Gazeta de Notícias* já havia publicado uma outra reportagem, ilustrada com uma fotografia do “Barroso” e outra da Ilha da Trindade (Figura 4), anunciando a partida da missão brasileira.¹²⁶ De acordo com o *Gazeta de Notícias*, o “Barroso” deveria chegar em Trindade no dia 23 de maio, e sair de lá por volta do dia 5 ou 6 de junho. O interessante desta notícia é que ela faz um pequeno resumo sobre a descoberta da Ilha da Trindade, a sua ocupação pelos portugueses e a primeira invasão inglesa da ilha, no século XVIII, que foi contestada por Portugal.

¹²⁵O ‘BARROSO’ zarpou hontem à noite. **Jornal Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, RJ, 21 mai. 1916, p. 3.

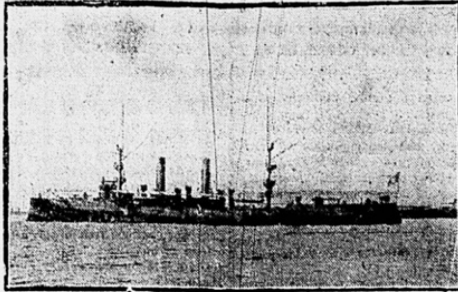
¹²⁶O ‘BARROSO’ partirá hoje, à tarde. **Jornal Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 20 mai. 1916, p. 2.

Descoberta nos primeiros anos do século XVI, a Ilha da Trindade foi ocupada sempre pelos portugueses e havida entre as possessões de Portugal, sem outra contestação a não ser a da Inglaterra, que em 1781 ali fundou um estabelecimento de pouquíssima duração. No ano seguinte, as reclamações do governo português fizeram-na abandonar essa tentativa ilegítima de posse: a Inglaterra conheceu o seu erro, desistiu da ilha e os portugueses mantiveram nela um destacamento militar até 1797. Com a Independência do Brasil em 1822 passou para nós o direito à posse desse território, nunca contestado até agora.¹²⁷

Figura 4: Reportagem sobre a partida do “Barroso” para a Ilha da Trindade (1916).

ILHA DA TRINDADE

O “Barroso” partirá hoje, á tarde



O cruzador “Barroso”

Está marcada para hoje, ás 3 horas da tarde, a partida do cruzador “Barroso”, sob o commando do capitão de mar e guerra José Lbano Lamecha Lima e Souza com destino á Ilha da Trindade.

Como já temos noticiado, a bordo do “Barroso” seguirão o capitão de corveta Joaquim Ribeiro Sobrinho, que vai assumir o commando militar da Ilha; a respectiva guarnição mista de terra e mar, composta de 25 pracinhas; uma comissão scientifica, da qual fazem parte o Dr. Bruno Lobo, director do Museu Nacional; tres preparadores e um professor do mesmo Museu; o capitão-tenente Tiago de Moraes Rêgo, encarregado de montar a estação radiographica na ilha; o pessoal necessario para esse serviço e uma turma de operarios, pedreiros, carpinteiros e serralheiros, que se vão allí occupar da construção de habitações para os alojamentos dos officiaes e praças.

Tambem segue no “Barroso” o capitão-tenente Dr. Pedro Martins, hontem nomeado, para servir como medico do destacamento da Ilha.

Ao que ouvimos, o Sr. ministro da Marinha permittirá que as pra-

to á posse desse territorio, nunca contestado até agora.

A Ilha da Trindade, distante 800 milhas do Rio de Janeiro e 614 de Victoria (Espírito Santo), fica a 27 milhas das ilhas de Martin Vaz e tem cerca de 6.000 metros de extensão por 2.000 de largura; 1/3 de sua superficie é adaptavel á cultura. O terreno presta-se bem para a criação de cabras.

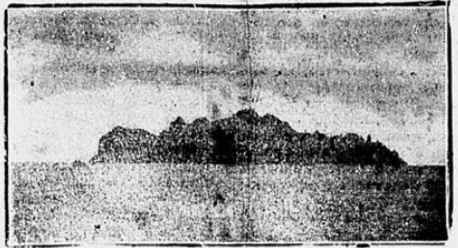
A Ilha da Trindade é constituída por uma só montanha com 699 metros de altitude. Possue muitos picos e alguns morros. O seu solo é muito acidentado e formado por argilla e rocha calcarea.

A acção das aguas pluviaes sob o coprio dos ventos dá nos picos as formas mais variadas.

Não ha arvores de grandes dimensões na Trindade.

Arbustos de 2 e 4 metros cobrem os picos da Trindade e Dessejo, pelo lado de oeste. As altas encostas desses picos são cobertas por uma infinidade de samambaias e fôrças; em alguns vales e na bacia onde nasce a maior cachoeira tambem abundam os fôos e as samambaias.

Correndo para a fonte dos “Portuguezes”, ha uma nascente a 490 metros de altitude.



A ilha da Trindade

Fonte: Jornal Gazeta de Noticias (RJ), 20/05/1916, p.2.
Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

¹²⁷O ‘BARROSO’, Ref. 126.

Este último trecho da reportagem apresenta um erro histórico ao afirmar que o direito do Brasil à posse da ilha nunca fora contestado pela Inglaterra que, como já foi mencionado, a invadiu em 1895.

A ocupação ilegítima inglesa da Ilha da Trindade foi tema de outra reportagem publicada pelo jornal *O Imparcial*, dois dias antes da partida da missão. Abordando, principalmente, os temas sobre a ocupação militar da Ilha da Trindade e as reminiscências da sua ocupação pela Inglaterra, a reportagem do *O Imparcial* inicia com um breve anúncio sobre a ida da missão brasileira até Trindade, e segue com uma longa narrativa sobre a história que estremeceu as relações entre o Brasil e a Inglaterra, no final do século XIX, quando o Império Britânico quis tomar para si a posse da ilha:

Há exatamente 20 anos, estiveram estremecidas as relações entre o Brasil e a Grã-Bretanha por ter o governo inglês tomado clandestinamente posse daquele território nacional. Eis a gênese dessa melindrosa crise internacional, que felizmente teve solução honrosa e satisfatória, graças aos bons ofícios do então Rei de Portugal, Sr. D. Carlos I. A ocupação da Ilha da Trindade pela Inglaterra foi efetuada em fins de janeiro de 1895. O governo brasileiro, tendo recebido em julho deste ano, por intermédio do almirante, então deputado, José Carlos de Carvalho, a notícia da incorporação da ilha ao domínio do Império Britânico, reclamou imediatamente a sua restituição por intermédio da legação do Brasil em Londres, transmitindo-lhes as instruções para protestar contra o ato do governo de sua Majestade britânica. [...] O que, porém, causou profunda emoção no Brasil foi o processo usado pela Inglaterra para praticar esse verdadeiro esbulho ao patrimônio da nação brasileira. O ato criminoso da Inglaterra só foi conhecido pela leitura do *Rio News*, de 16 de julho de 1896, que transcrevera do *Financial News*, de 4 do mês anterior, a notícia da incorporação da ilha. Essa notícia fora comunicada pelo deputado José Carlos de Carvalho ao nosso Ministério das Relações Exteriores. Iniciada a reclamação em julho, só em dezembro desse ano, o senhor Phippes, Ministro inglês no Rio, de ordem de seu governo, propôs que a questão fosse submetida a arbitramento. Esse alvitre foi rejeitado pelo governo brasileiro, que, em nota documentada repeliu semelhante propósito por contrariar um direito pleno e insofismável do Brasil à posse da ilha [...]. Prosseguia a questão diplomática, quando o governo brasileiro recebeu de s. m. el Rei d. Carlos I, o oferecimento dos seus bons ofícios junto ao governo de sua Majestade britânica para o bom termo da questão. Aceito esse obsequioso oferecimento, foram desde logo iniciadas as negociações diplomáticas entre os dois governos, tendo a Inglaterra reconhecido finalmente a soberania do Brasil sobre a Ilha da Trindade. Esse ato de justiça foi comunicado à nossa chancelaria pela legação de Portugal, em nome de sua s. m. el Rei d. Carlos I em nota de 6 de agosto de 1896.¹²⁸

¹²⁸OCCUPAÇÃO militar da ilha da Trindade – A próxima viagem do ‘Barroso’ – Reminiscências da ocupação da ilha pela Inglaterra. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, RJ, 18 mai. 1916, p. 5.

Logo que se tornou efetiva a desocupação britânica, o governo brasileiro enviou para Trindade o Navio-Escola “Benjamin Constant”¹²⁹, sob o comando do Capitão de Fragata Rodrigues Torres, com a missão de erigir ali um marco padrão como forma de denotar a soberania do Brasil sobre aquele território. Como o navio não possuía uma jangada apropriada para desembarcar as peças do marco padrão na ilha, este foi substituído por um marco provisório fincado no solo da antiga fortificação portuguesa, denominada o Forte da Rainha, no dia 24 de janeiro de 1897. Na época, o presidente do Brasil era o Prudente José de Moraes e Barros; o Vice-presidente em exercício, Manuel Vitorino Pereira; e o Ministro da Marinha, o Contra-Almirante José Alves Barbosa.

Figura 5: Navio-Escola “Benjamin Constant”.



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo da DPHDM.

O marco provisório consistia em uma haste de bronze com 2 m e 90 cm de comprimento e 18 mm de diâmetro, em uma chapa de metal de 1 m e 50 cm de comprimento e 850 mm de largura, com a inscrição “Brazil” (Figura 6). Junto ao marco, foi colocada uma caixa de madeira de cedro com 325 mm de comprimento, 250 mm de largura e 1cm de altura, dentro de uma outra de chumbo, com 334 mm de comprimento, 250 mm de largura e 110 mm de altura, envolvida em cimento tendo, na parte superior uma chapa com a seguinte inscrição:

¹²⁹O nome do navio é uma homenagem feita em 1894 ao primeiro-ministro da Guerra Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

Este marco foi colocado [...] em consequência de não se poder erigir o marco padrão que trouxe este navio ('Benjamin Constant') para ser colocado na referida ilha, devido [...] a não possuir o navio uma jangada apropriada para o desembarque das peças do mesmo marco padrão, em número de 12, porquanto a enseada do lado até o oeste, adequada para semelhante fim, arrebenta continuamente e é toda margeada de arrecifes, impossibilitando a aproximação de qualquer embarcação, sob pena de virar, sacrificando todo o pessoal. Não satisfazendo a prancha que o navio trouxe para este serviço, visto ser a praia rampada, improvisou-se a bordo uma jangada de cinco tábuas com seis pipas, a qual só se prestou com bastante dificuldade a passar um cabo de vaivém em terra e transportar o sinal acima mencionado, a fim de denotar que a referida ilha pertence à República dos Estados Unidos do Brasil...¹³⁰

Figura 6: Marco (provisório) da Ilha da Trindade.



Fonte: *Ilha da Trindade* (LOBO, 1919, p.126).

Um novo marco em granito, transportado pelos cruzadores “República” e “Andrada”, foi erguido em 1910, na praia do Andrada, junto ao morro das Tartarugas,¹³¹ onde encontra-se instalado até hoje.

Apesar de ter sido decidida meses antes, foi só no dia 15 de maio de 1916, às 16h, que foi dada a ordem para o “Barroso” aprestar-se a fim de seguir viagem, no dia 20 de maio, rumo

¹³⁰DPHDM - Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha. Termo justificativo de Posse de 24 de janeiro de 1896. Fundo: OM – Ilha da Trindade. Acervo DPHDM, 1896.

¹³¹GUSMÃO, ref. 24.

a Trindade. Dois dias depois, no dia 17 de maio, o Capitão de Mar e Guerra Jose Libânio Lamenha Lins assumiu o comando do navio. Em entrevista ao jornal *A Notícia*, ele se mostrou entusiasmado e feliz com o desafio que tinha pela frente:

É a primeira vez que me cabe a ventura de comandar o nosso tão disputado e tão querido ‘Barroso’. Estou satisfeitíssimo com isso e essa satisfação se torna muito maior porque, pode-se dizer, assumi este comando em vésperas de uma viagem. Nunca estive na Trindade e, por isso mesmo, deve compreender o quanto me é agradável conhecer agora essa ilha que é de fato a mais distante do nosso continente.¹³²

Além do Comandante Lamenha Lins, outros oficiais da Marinha também foram designados para servir no “Barroso”, às vésperas da viagem, de acordo com o *Gazeta de Notícias*:

No dia 18 de maio, foram mandados passar com urgência seis Segundo-Tenentes para o ‘Barroso’, três da guarnição do ‘Minas’ e três da do ‘São Paulo’, e mais o Segundo-Tenente Maquinista, Manuel da Silveira Carneiro, que se acha embarcado no destróier ‘Santa Catarina’. Na impossibilidade de seguir nessa viagem, o Capitão-Tenente Médico Doutor Manuel Guimarães Ferreira Filho, designado para servir nesse cruzador, permanecerá como médico do mesmo navio até o seu regresso, o senhor Capitão de Corveta Médico Dr. Adhemar Barbosa Romeo.¹³³

Antes de partir, o “Barroso” foi abastecido com carvão e víveres para 35 dias, além de mantimentos para dois meses destinados aos militares e civis que iriam permanecer na ilha. A bordo do navio, foram cerca de 300 pessoas entre marinheiros, oficiais da Marinha, praças, cientistas, pesquisadores, representantes da imprensa e um grupo de cerca de 30 operários,¹³⁴ entre pedreiros, carpinteiros, serralheiros e mecânicos, que tinham a incumbência de construir os alojamentos de madeira para abrigo da oficialidade e da guarnição militar da ilha. Estes operários também se ocupariam da instalação de uma estação de radiotelegrafia com alcance previsto de 700 milhas e capacidade de se comunicar com as estações de Amaralina, na Bahia, e de Fernando de Noronha.¹³⁵

¹³²UMA Expedição Militar - Uma ocupação, pela nossa Marinha, da ilha da Trindade – A partida do ‘Barroso’ e das forças incumbidas da empresa. *A Notícia*, Rio de Janeiro, RJ, 21 mai. p. 1.

¹³³ILHA da Trindade – A próxima viagem do cruzador ‘Barroso’. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, RJ, 19 mai. 1916, p. 4.

¹³⁴LEITE, ref 49, p.10.

¹³⁵ILHA da Trindade – A sua ocupação pela Marinha - A próxima viagem do cruzador ‘Barroso’. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, RJ, 17 mai. 1916, p. 2.

Além do pessoal e do material necessários para a construção dos alojamentos e instalação da estação de radiotelegrafia, o “Barroso” levou para Trindade mudas de árvores frutíferas como jabuticabeiras, jaqueiras, laranjeiras, pessegueiros, ameixeiras, bananeiras, cajueiros, mangueiras, coqueiros, entre outras espécies da flora brasileira para serem plantadas na ilha. Vale a observação de que jaqueira, mangueira e coqueiro não eram da flora brasileira, mas exóticas cultivadas em solo nacional. Latas de querosene, medicamentos, aves de criação e cerca de 300 volumes do MN destinados aos trabalhos de pesquisa científica que lá seriam realizados, também fizeram parte da carga transportada na viagem.

A comissão científica capitaneada pelo MN que foi para Trindade era formada pelo diretor do museu, Bruno Lobo, o professor Arnaldo Blake de Santanna e os preparadores Pedro Peixoto Velho, de zoologia, José Domingues dos Santos Filho, de mineralogia e Armando dos Santos, de laboratório. Também fez parte dessa comissão, o Dr. Lauro Travassos, do Instituto Osvaldo Cruz de Manguinhos.¹³⁶

Com relação à participação de cientistas na expedição militar a Trindade, o *Jornal do Brasil* publicou uma notícia, ressaltando que aquela era a primeira “dupla missão: militar e científica” que se fazia no Brasil, algo que era de “uso corrente nas marinhas de países mais adiantados.”¹³⁷

Os cientistas do MN e do IOC, segundo o *Jornal do Brasil*, tinham como objetivo coletar espécies da fauna e da flora marinha e terrestre, além de amostras mineralógicas da ilha:

A missão colherá algas e outros vegetais marinhos, vegetais da flora da ilha, aves, peixes, crustáceos, insetos, sendo que os exemplares da fauna terão um duplo valor pelo estudo dos vermes intestinais que lhes são próprios. Não será esquecida a parte mineralógica a cargo de um preparador que trará abundante material de estudo. Informações dos que conhecem a ilha adiantam que a fauna marinha assim como a terrestre, no que concerne a aves e crustáceos, é numerosa e variada. É a primeira vez que se estuda a Ilha da Trindade em relação aos seus aspectos científicos.¹³⁸

De acordo com o *Brazil-Medico - Revista Semanal de Medicina e Cirurgia*, que se apresentava como um órgão dos interesses científicos práticos e profissionais da classe médica

¹³⁶CLETO, Paulo. A *Epoca* de volta da Trindade - A ‘Joia de Turco’ do Atlântico. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 10 jun. 1916, p.1.

¹³⁷O ‘BARROSO’ parte para a ilha da Trindade – Dupla missão: militar e científica. **Jornal do Brasil**, 20 mai. 1916, p. 6.

¹³⁸*Ibid.*

brasileira, em uma reunião ocorrida no dia 18 de maio de 1916, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, o professor Nascimento Bittencourt propôs e foi aceito que o professor Bruno Lobo ficasse encarregado de colher material científico para o gabinete de história natural médica da faculdade.¹³⁹

Além do Comandante Jose Libânio Lamenha Lins, compunham a oficialidade do “Barroso” os Capitães-de-Corveta Augusto Durval da Costa Guimarães (Imediato) e Adhemar Mesquita Barbosa Romeu (Médico); os Capitães-Tenentes Alcino Cochrane de Affonseca (Primeiro-Oficial), Vital Monteiro de Azevedo (Encarregado do Destacamento Naval), Augusto Fernandes de Araujo (Chefe de Máquinas) e Julio Souto Maior (Comissário); os Primeiros-Tenentes Rodolpho de Souza Burmester (Encarregado de Artilharia), Otto de Faria (Encarregado dos Sinais) e Edgard de Mello (Encarregado de Navegação); e os Segundos-Tenentes Benjamin de Almeida Sodré, Zenithilde Magno de Carvalho, Olavo de Araujo, Amilcar Moreira da Silva, Euclides de Souza Braga, Jorge da Silva Leite e Affonso Aranha Parga Nina.

Para comandar o destacamento militar da Ilha da Trindade foi designado o Capitão de Corveta Ribeiro Sobrinho. Segundo *O Paiz*, este destacamento era composto de um cabo, 12 soldados do batalhão naval e de igual número de praças do exército.¹⁴⁰ Foram designados também para servirem na ilha, o Capitão-Tenente Médico Dr. Pedro Martins e o Sargento-Enfermeiro Francisco M. Linhares. O Capitão-Tenente Tácito Moraes Rego, diretor da estação radiográfica da Ilha das Cobras, foi incumbido pelo Ministro da Marinha da montagem na ilha da estação radiotelegráfica.¹⁴¹

De acordo com o jornal *A Época* o Comandante Ribeiro Sobrinho também tinha intenções de realizar estudos científicos na ilha, pois estava levando consigo “um pequeno laboratório bacteriológico, bem como o material necessário para a conserva de peixes, pássaros etc.”¹⁴²

Antes de zarpar, o “Barroso” recebeu a visita do Ministro Alexandrino de Alencar, do Almirante Gustavo Garnier, Chefe do Estado Maior da Armada (EMA), e do Contra-Almirante

¹³⁹O BRAZIL-Medico, Revista Semanal de Medicina e Cirurgia. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, n.21, ano XXX, 20 mai. 1916, p. 168.

¹⁴⁰EXPEDIÇÃO à Trindade - Partida do Cruzador ‘Barroso’. *O Paiz*, Rio de Janeiro, RJ, 21 mai. 1916, p. 5.

¹⁴¹LEITE, ref. 49.

¹⁴²A PARTIDA do ‘Barroso’ para a Trindade – Um representante da *A Época* seguiu a bordo. *A Época*, Rio de Janeiro, RJ, 21 mai. 1916.

Francisco de Mattos, comandante da 2ª Divisão Naval, à qual pertencia o navio. Os oficiais foram dar os votos de boa viagem à guarnição do navio e a todos a bordo.

O jornalista Paulo Cleto, que também participou da expedição a Trindade como representante do jornal *A Época*, fez um relato sobre o início da viagem.

Dia 20 – Bordo do ‘Barroso’. Chego às 16h30. Já encontro uma grande azáfama de marinheiros que vão e vêm, sobem e descem, na ânsia da última hora da partida. Enquanto isso, o navio era entulhado de caixas e caixões, contendo coisas preciosas, como, em primeiro lugar, a nova boia, e, em segundo, os aparelhos de radiotelegrafia. Comparando mal, o ‘Barroso’ chegava a ter mesmo uma feição de cargueiro! Estava ainda meio espantado diante de tanta dobadoura, quando entrou a comissão científica. À frente, o doutor Bruno Lobo. Trazia também a sua bagagem, como diríamos, também científica, isto é, malas e caixas com aparelhos que nunca me tinham passado pela mente. Momentos depois chegavam o Capitão-Tenente Moraes Rêgo, encarregado de instalar a estação rádio telegráfica na Trindade, e o Comandante Ribeiro Sobrinho, que ia tomar posse militar da ilha. Ambos, como toda a oficialidade, já em seus postos, trajavam o uniforme branco. Meia hora depois, houve um toque de corneta. Ao mesmo tempo, um oficial gentilmente me convidava para assistir ao Arriar da Bandeira. Subi ao tombadilho, onde já estavam formados os marinheiros e toda a oficialidade. Começou então a cerimônia militar, aliás, comovente àquela hora da noite, que começa ao toque dos clarins, abafados pelos rufos marciais dos tambores.¹⁴³

Representando o jornal *A Rua*, Idelfonso Falcão, outro jornalista que participou da primeira viagem da missão brasileira a Trindade, considerou a cerimônia do Arriar da Bandeira “um momento eletrizante e de alta emoção, em que se tem a sagrada noção do sentimento da pátria.”¹⁴⁴ Após a cerimônia, de acordo com Paulo Cleto, o comandante dirigiu-se ao passadiço onde ficou à espera da ordem de partida, que veio do navio almirante, o couraçado “Deodoro”. Dadas as ordens, as máquinas começaram a funcionar. Neste momento, Cleto ouviu o primeiro rumor surdo e confuso das hélices e se estremeceu intimamente, pois, enfim, havia chegada a hora da partida.

Conforme o “Barroso” ia se afastando da costa, à noite, a atenção dos jornalistas a bordo voltou-se, imediatamente, para o deslumbrante cenário da cidade do Rio de Janeiro, que ia ficando para trás até sumir de vez em alto-mar, como descreveu em tons épicos e poéticos, o jornalista Paulo Cleto:

¹⁴³CLETO, Paulo. O meu diário - A ‘Joia de Turco’ do Atlântico. *A Época*, Rio de Janeiro, RJ, 11 jun. 1916, p. 1.

¹⁴⁴FALCÃO, Idelfonso. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. *Jornal O Estado*, Florianópolis, SC, 6 jul. 1916, p. 1.

As primeiras luzes apareciam ao mesmo tempo por toda a amplitude da Guanabara. Eram as barcas da Cantareira que passavam como um perfeito andor iluminado; era, mais ao longe, a linha curva de Niterói, toda feérica dando a impressão muito real de uma procissão fantástica; era o Pão de Açúcar, a praia de Botafogo e, de lá do mar, as pequenas luzes quase mortíferas do Morro do Castelo. Começamos a deixar atrás de nós, todas as pequenas luzes das boias, dos mastros dos navios, dos vários pontos da cidade. [...] A proa e ao longe já víamos as luzes branca e encarnada do farol da Ilha Rasa, sucedendo-se cadenciadamente; a bombordo, do lado da Atlântica, a massa densa dos morros circunstantes, antes, oferecendo, em parte, com a sua linha de focos elétricos, a imagem perfeita de uma fascinadora barrete de brilhantes nas trevas; a boreste, silenciosa, no seu isolamento, a atalaia tradicional da Fortaleza de Santa Cruz [...]. Algumas horas depois, estávamos avistando o farol de Cabo Frio e o navio rumava diretamente para a Trindade. Eram cerca de 21h30. A corneta deu o toque de silêncio e cada um de nós procurou o seu camarote.¹⁴⁵

Um dos oficiais do “Barroso”, o Primeiro-Tenente Benjamin de Almeida Sodré, era uma figura de destaque no meio esportivo. Conhecido como Mimi Sodré, era atleta de futebol do Botafogo Football Club (que em 1942 se fundiria com o Club de Regatas Botafogo para criar o atual Botafogo de Futebol e Regatas) e foi o primeiro jogador a marcar um gol na história dos clássicos entre o time alvinegro e o Clube de Regatas do Flamengo. Tanto a sua ida a Trindade quanto o seu retorno ao Rio de Janeiro foram noticiados pelo jornal *O Imparcial*, na seção de esportes. A primeira nota foi intitulada *Mimi Sodré embarcou* e anunciava o seguinte: “O distinto *sportman*, Primeiro-Tenente Benjamin Sodré, que muitas simpatias contam no nosso meio esportivo, seguiu no sábado último, a bordo do cruzador ‘Barroso’, com destino à Ilha da Trindade, onde vai a serviço da nossa Marinha de Guerra”¹⁴⁶.

A segunda nota, *Mimi Sodré vai jogar*, relatou que:

O distinto e querido *sportman* Segundo-Tenente Benjamin Sodré deve chegar hoje ao Rio de regresso da viagem que fez à Ilha da Trindade a bordo do cruzador ‘Barroso’. Diziam ontem alguns paredros do simpático clube alvinegro que me vai iniciar os seus treinos para tomar parte no *Matt* do dia 25 contra o Fluminense. Teremos assim muita gente satisfeita, os que torcem e as que torcem e veem no querido forte botafoguense um sério perigo para as defesas contrárias.¹⁴⁷

¹⁴⁵CLETO, ref. 143.

¹⁴⁶MIMI Sodré embarcou. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 23 mai. 1916, p. 8.

¹⁴⁷MIMI vae jogar. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, 9 jun. 1916, p. 8.

Figura 7: Mimi Sodré com a camisa do Botafogo Football Club.



Fonte: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=3818460>.

Apesar do Ministro da Marinha ter consentido a ida das esposas dos homens do destacamento militar da ilha, nenhuma mulher foi para Trindade. O pernambucano Manuel Bastos Tigre, que editava a seção “Pingos e Respingos” do jornal *Correio da Manhã*, sob o pseudônimo de Cyrano & C., fez uma poesia sobre a questão da ausência do “sexo feminino” em Trindade, entre outras temáticas relacionadas com a ocupação da ilha. A poesia foi publicada na primeira página deste jornal.

Diz-se que é uma maravilha
De seiva e fertilidade
No meio do oceano, a ilha
Da Trindade

A fauna e a flora prodígios
São de imensa variedade
Daí diversos litígios
Com a Trindade

Muita gente lá tem ido
Cavar... (Dizem ser verdade
Que há ouro em penca escondido
na Trindade.)

O inglês que sabe é o que monta
De tal ilha utilidade,
Que certa vez tomar conta
Da Trindade

Surge Rio Branco e consegue
Com sua rara habilidade
De novo nos seja entregue
A Trindade

Mas em completo abandono,
Do oceano na imensidade,
Parecia a ilha sem dono
A Trindade

Gritou a imprensa: -Vergonha,
Perder tal preciosidade!
Que gente o governo ponha
Na Trindade.

E o governo finalmente
Faz aos jornais à vontade
E ocupa militarmente
A Trindade.

Soldados em grandes levas
Seguem. Mas céus! Quem crer há de?
Vão Adãos e não vão Evas
A Trindade!

E o ministro e luz que pedem
Não consinta em tal maldade:
Sem Evas não se acha um Éden
Na Trindade

Algas, ostras, caranguejos.
Há os na Ilha da Trindade em quantidade.
Mas não se ouvem som de beijos
Na Trindade

Homens apenas! Que seca!
Que horrível banalidade!
Foram melhor ir à breca.
Que há Trindade.

Ao ministro um deles disse:
Consinta por caridade!
Pelo nome da Santíssima
Trindade!

Ao pedido o Alexandrino
Atende: depois que a vontade,
Siga o eterno feminino
Para Trindade!

Siga já que isso é preciso

Para bem da humanidade
Vão Evas ao Paraíso
Da Trindade

E o cada casal, conforme
Com o ambiente fertilidade,
Dentro em pouco se transforme
Em... trindade¹⁴⁸

No dia seguinte (22 de maio de 1916), o *Correio da Manhã* publicou uma errata afirmando que a reivindicação da posse e subsequente reconhecimento, por parte da Inglaterra, da soberania brasileira sobre a Ilha da Trindade, não fora obra do Rio Branco, como citava o texto, mas sim do então Ministro do Exterior, o conselheiro Carlos de Carvalho. Neste mesmo dia, a coluna de Arara e C. do jornal *A Tribuna* sugeriu que o governo construísse um farol na ilha: “a Ilha da Trindade está novamente em foco. Com tanta vocação para estar em foco, o governo poderia conceder-lhe um farol.”¹⁴⁹

Dois pontos se destacam nessas duas publicações. Primeiro, a linguagem poética que foi utilizada pelo *Correio da Manhã* para noticiar a possível ida das esposas dos militares a Trindade, reforçando a ideia de que a cobertura jornalística sobre a ocupação brasileira da Ilha da Trindade foi marcada pelo uso de diferentes estilos de narrativas e gêneros textuais. Já a nota do *A Tribuna*, que afirmava que a Ilha da Trindade estava novamente em foco, confirma a tese de que a referida ocupação da ilha teve grande repercussão na imprensa.

O navio de guerra que levou o primeiro destacamento militar da Ilha da Trindade na Grande Guerra, o “Barroso”, era um cruzador construído na Inglaterra, com cerca de 100 m de comprimento e mais de três mil e quatrocentas toneladas. Foi incorporado à MB no dia 25 de agosto de 1896. Seu nome é uma homenagem ao Almirante Francisco Manoel Barroso da Silva, Barão de Amazonas, vencedor da Batalha Naval do Riachuelo, na guerra contra o governo do Paraguai (1864-1870).

O “Barroso” era artilhado com seis canhões de 152 mm, quatro canhões de 120 mm, 10 canhões de 57 mm e seis canhões de tiro rápido de 37 mm. Dispunha de nove embarcações, uma lancha a vapor, uma lancha a remos, quatro escaleres, duas canoas, um bote e uma chalana. Tinha capacidade para armazenar 990 t de carvão, que era utilizado como combustível. Foi o

¹⁴⁸CYRANO & C. A Expedição à Trindade. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, RJ, 21 mai. 1916, p. 1.

¹⁴⁹ARARA & C. Balas d'estalo. *A Tribuna*, São Paulo, SP, 22 mai. 1916, p. 2.

primeiro navio da Marinha do Brasil a ser provido de instalações de radiotelegrafia, cabendo-lhe fazer as primeiras experiências no Brasil.¹⁵⁰

Figura 8: Cruzador “Barroso”.



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo da DPHDM.

Graças ao sistema de radiotelegrafia do “Barroso”, tanto o governo brasileiro, quanto os militares e a imprensa, puderam acompanhar, via radio-telegramas, a chegada deste navio em Trindade, o estado de saúde de todos a bordo, os imprevistos e as principais notícias sobre a viagem, como mostram a sequência de telegramas noticiados pelos jornais a seguir:

O comandante da Ilha de Fernando de Noronha transmitiu ao subchefe do Estado Maior da Armada um radiotelegrama comunicando que o cruzador ‘Barroso’, às 5h de anteontem, estava a 1.000 milhas daquela ilha e a 120 mi da Ilha da Trindade navegando bem. O senhor chefe do Estado Maior da Armada recebeu ainda o seguinte radiotelegrama transmitido pelo Capitão de Mar e Guerra Lamenha Lins, comandante do ‘Barroso’: ‘Tudo bem devemos amanhã quarta-feira chegar a Trindade comunicamos diretamente com Amarelinna e Olinda’.¹⁵¹

O Almirante Gomes Pereira, chefe do Estado Maior da Armada recebeu um radiograma comunicando que o cruzador ‘Barroso’ chegou anteontem (24 de maio) às 2h à Ilha da Trindade e que o comandante aguardava bom tempo para efetuar o desembarque. O estado sanitário a bordo do ‘Barroso’, segundo o radiograma, é excelente.¹⁵²

¹⁵⁰DPHDM - Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha. Cruzador ‘Barroso’. Marinha do Brasil, s/a.

¹⁵¹NOTAS. **Correio Paulistano**, São Paulo, SP, 26 mai. 1916, p. 2.

¹⁵²O PAIZ. Rio de Janeiro, RJ, 26 mai. 1916, p. 2.

O senhor chefe do Estado Maior da Armada recebeu um radiotelegrama do senhor Capitão de Mar e Guerra Lamenha Lins, comandante do cruzador ‘Barroso’, comunicando que, devido ao mar grosso e ventos fortes que têm dificultado o desembarque, ainda não tinha sido ocupada a Ilha da Trindade, estando todos a bordo bons.¹⁵³

O comandante do cruzador ‘Barroso’ radiografou às autoridades da Armada, informando que devido a ventos duros e mar forte, a comitiva que viaja naquele navio não conseguiu ainda desembarcar na Ilha da Trindade.¹⁵⁴

O senhor Ministro da Marinha recebeu um telegrama do comandante do cruzador ‘Barroso’, participando que apesar do mar forte que faz nas proximidades da Ilha da Trindade algumas pessoas conseguiram desembarcar na ilha.¹⁵⁵

O telegrama que ontem dissemos ter sido recebido pelo chefe do Estado Maior da Armada sobre o embarque na Ilha da Trindade do Dr. Bruno Lobo e do Comandante Moraes Rêgo está assim redigido: ‘Impossível desembarque material há 4 dias estamos interditos de abordar a Terra; temos empregado todos os esforços sem resultado e apenas conseguimos fazer desembarcar o Capitão-Tenente Moraes Rêgo e o doutor Bruno Lobo que ficaram 3 dias sem poder regressar ao navio, no entanto sem risco de vida. O navio tem percorrido todos os pontos de desembarque sem resultado’.¹⁵⁶

O senhor Vice-Almirante Gustavo Garnier, chefe do Estado Maior da Armada recebeu ontem um radiograma do comandante do cruzador Barroso informando o de que esse vaso de guerra deixou anteontem às 9h da noite a Ilha da Trindade com destino a esta capital.¹⁵⁷

Ao sr. Ministro da Agricultura enviou o senhor doutor Bruno Lobo diretor do Museu Nacional o seguinte radiograma de bordo do cruzador ‘Barroso’ na altura de Olinda: ‘Comunico-vos que dada a importância do material existente na Ilha da Trindade deixei dois preparadores encarregados de completar as coleções por mim iniciadas tudo vai bem apesar das dificuldades vencidas pela dedicação do comandante e da oficialidade’.¹⁵⁸

Segundo o radiograma recebido à tarde por intermédio da Babilônia só hoje à noite entrará em nosso Porto o cruzador Barroso que devia chegar à tarde de volta de sua viagem à Ilha da Trindade.¹⁵⁹

¹⁵³JORNAL do Commercio. Rio de Janeiro, RJ, 27 mai. 1916, p. 4.

¹⁵⁴TELEGRAMAS – Serviço especial da Pacotilha interior. **Pacotilha**, São Luiz, MA, 30 mai. 1916, p. 1.

¹⁵⁵NOTAS. **Correio Paulistano**, São Paulo, SP, 2 jun. 1916 p. 3.

¹⁵⁶NA TRINDADE - O Dr. Bruno e o comandante Rego desembarcam, mas passa três dias de fome. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 2 jun. 1916, p. 6.

¹⁵⁷O ‘BARROSO’ deixou, afinal, a Trindade. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, RJ, 8 jun. 1916, p. 2.

¹⁵⁸JORNAL do Commercio. Rio de Janeiro, RJ, 9 de junho de 1916, p. 6.

¹⁵⁹O ‘BARROSO’ entrará à noite. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 9 jun. 1916, p. 3.

No caminho para Trindade, o “Barroso” avistou um navio estrangeiro. A estação radiotelegráfica do navio brasileiro, sob a direção do Primeiro-Tenente Otto Faria, comunicou-se com a embarcação avistada, pedindo-lhe o nome e o destino. Por rádio, alguém prontamente respondeu ao “Barroso” de que se tratava de um navio mercante americano, que vinha da Ilha da Trindade e dirigia-se para o Rio de Janeiro.¹⁶⁰

Segundo o jornalista a bordo do “Barroso”, Ildefonso Falcão, a conclusão a que os oficiais do navio de guerra da MB chegaram era de que, na verdade, aquele era um cruzador inglês, que reconheceu o “Barroso” e que, provavelmente, estava em rumo para o Arquipélago dos Abrolhos. “O ‘Barroso’ assestou-lhe o holofote, que rompeu a escuridão, à maneira de um coruscante gladio fantástico, chamalotando as grossas vagas. Navegávamos a 200 mi da costa. O vaso inglês ainda nos seguiu por algum tempo para desaparecer depois...”¹⁶¹, relatou Falcão.

Ainda segundo Falcão, na noite de 22 de maio de 1916, a estação radiotelegráfica do “Barroso” se comunicou com a estação de Olinda e, no dia seguinte, com as estações radiotelegráficas de Fernando de Noronha e Amaralina, chegando a alcançar 1040 milhas, uma distância que até então ainda não havia sido alcançada pela estação do “Barroso”.

O representante do jornal *A Rua* teve uma aula a bordo sobre o sistema de radiotelegrafia do navio, com o oficial responsável, e ficou entusiasmado com o que viu: “O Primeiro-Tenente Otto Faria, que é um oficial distintíssimo, instruiu-nos sobre os progressos do invento extraordinário de Marconi, abundando em considerações interessantes”¹⁶², comentou o jornalista.

No livro: *O “S.R.M.” de hontem e de hoje*, o jornalista Luiz José de Brito Reis contou que até 1895 as ondas eletromagnéticas ainda estavam restritas aos laboratórios de pesquisas científicas. Ninguém cogitava que elas pudessem servir de meio de ligação entre os pontos afastados do planeta, até que um italiano de 20 anos, Guglielmo Marconi, conseguiu transmitir sinais a curtas distâncias por meio de aparelhos construídos pelo próprio Marconi. Em 1899, esses sinais atravessaram o Canal da Mancha e finalmente em 1901, o seu transmissor emitiu a letra “s” através do Atlântico.

Concomitantemente, outros vultos apareciam no cenário e melhoravam e aperfeiçoavam o que já, então, existia. E dali por diante o progresso da radiotelegrafia vem se acentuando vertiginosamente, dando-nos a

¹⁶⁰FALCÃO, Ildefonso. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. **O Estado**, Florianópolis, SC, 7 jul. 1916, p.1.

¹⁶¹*Ibid.*

¹⁶²*Ibid.*

radiotelefonia e as estações de ondas curtas e prometendo nos novos estupendos espetáculos com a radiotelefotografia, a radiotelevisão etc. [...] E rasgando o éter em louca propagação através das ondas hertzianas, os sinais telegráficos e a voz humana se transportam com fenomenal rapidez entre vilas, cidades, países, continentes, quiçá atingindo o desconhecido? Este pequeno introito feito à guisa de prólogo do nosso trabalhinho serve para demonstrar que a radiotelegrafia é praticamente do nosso século, e que a Marinha de Guerra brasileira começando a tratar do assunto em fins de 1903, não ficou como pode parecer aos espíritos menos observadores atrás das demais nações mais adiantadas do orbe, emparelhando com elas na aplicação prática de tão útil quão importante meio de comunicação.¹⁶³

Taparelli (2002-2003), em seu artigo *A evolução tecnológica do rádio*, cita Marconi como o precursor da telegrafia sem fio, tendo este conseguido transmitir sinais em código Morse no jardim de sua casa, na cidade de Bolonha, na Itália, sem o uso de fios. Após mudar-se com a família para a Inglaterra, Marconi pôde aperfeiçoar o seu método de transmissão, chegando a milhas de distância. “O sucesso desses experimentos rendeu-lhe o Prêmio Nobel de Física de 1909.”¹⁶⁴

Neste artigo, Taparelli também destaca o trabalho de um padre gaúcho, Landell de Moura, cujas patentes obtidas “para um *telefone sem fio* e um *telégrafo sem fio* que, se reconhecidos, o inscreveriam entre os precursores do rádio”.¹⁶⁵

Nascido em Porto Alegre em 1861, Roberto Landell de Moura, desde criança, buscava nas ciências físicas e químicas soluções para os problemas do dia a dia. Estudou na Universidade Gregoriana de Roma, onde conheceu Marconi e concebeu sua primeira teoria: *Unidade das Forças Físicas e a Harmonia do Universo*, segundo a qual ‘o ar quando aquecido parece galopar no espaço e é possível enviar mensagens por ele’. Em 1892, de volta ao Brasil, foi ser vigário em Santos, Campinas e São Paulo, cidades em que realizou várias experiências. Uma delas consistiu no envio da voz humana do alto do bairro de Santana para a Avenida Paulista – dois anos antes de Marconi fazer seu experimento em Bolonha. Chamado de ‘telefone sem fio’, o invento do padre Landell utilizava ondas eletromagnéticas e ondas de luz como portadoras. Combatido pela Diocese, em 1902, seguiu para Nova York, onde, após reconstruir seus inventos, conseguiu receber as patentes n. 771.917, de 11 de outubro de 1904, para o transmissor de ondas; n. 775.337, de 22 de outubro de 1904, para o telefone sem fio; e n. 775.846, da mesma data, para o telégrafo sem fio. Em 1905, de volta ao Rio de Janeiro, resolve doar seus inventos, com as respectivas patentes, ao Governo brasileiro. Mas o presidente Rodrigues

¹⁶³REIS, ref. 53, p.15-16.

¹⁶⁴TAPARELLI, Carlos Henrique Antunes. “A evolução tecnológica do rádio”. Revista USP, São Paulo, n.56, dezembro/fevereiro 2002-2003, p.18.

¹⁶⁵*Ibid.*

Alves, através de um gentil telegrama, responde que, no momento, não podia atender seu pedido, devendo o padre Landell aguardar nova oportunidade.¹⁶⁶

De acordo com o artigo *Rádio no Brasil: há mais de 100 anos criando e contando histórias*, assinado pela assessoria de comunicação do Ministério das Comunicações (2022), há realmente a possibilidade de um brasileiro ter sido um dos pioneiros na invenção do rádio.

O envolvimento dos brasileiros com a radiodifusão é tão forte, que pesquisadores apontam um padre gaúcho como um dos pioneiros na invenção do rádio. Alguns estudos indicam que Landell de Moura realizou sua primeira transmissão de sinais via rádio em 1893! Seis anos depois, ele teria feito a primeira transmissão da voz humana. Entretanto, não há registros do feito e o mérito nunca foi reconhecido. Em documentos históricos, consta que o rádio foi inventado pelo italiano Guglielmo Marconi, que em 1896 montou o primeiro sistema prático de telegrafia sem fios (TSF), com equipamentos patenteados pelo norte-americano Nikola Tesla.¹⁶⁷

O tesouro da Ilha da Trindade

Junto com a missão, viajou um farmacêutico de Guaratinguetá, o Sr. Maximiano Barbosa Sobrinho, que estava indo pela terceira vez a Trindade em busca do fabuloso tesouro que estaria supostamente lá escondido.¹⁶⁸ Viajando a convite do Comandante Joaquim Ribeiro Sobrinho, de quem era amigo e conterrâneo, o farmacêutico possuía documentos que, segundo ele, indicavam o local mais provável onde estariam os fabulosos objetos de ouro e prata saqueados e enterrados por piratas no solo acidentado da ilha.

A presença de um caçador de tesouros na expedição atraiu a atenção dos jornalistas e pôs em evidência nas páginas dos principais periódicos da época, as lendas de um fabuloso tesouro escondido por piratas, no século XVIII, em algum sopé de montanha na ilha. De acordo com Bruno Lobo (1919), essas lendas começaram a ser disseminadas de 1880 em diante, levando ao menos doze expedições, até 1916, a se aventurarem na ilha em busca dessas riquezas, sem nada encontrarem.¹⁶⁹

¹⁶⁶ TAPARELLI, ref. 164.

¹⁶⁷ ASCOM - Ministério das Comunicações. **Rádio no Brasil: há mais de 100 anos criando e contando histórias**. Ministério das Comunicações. Brasília, DF, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/setembro/radio-no-brasil-ha-mais-de-100-anos-criando-e-contando-historias#>. Acesso em: 14 mai. 2024.

¹⁶⁸ O 'BARROSO' zarpou hontem à noite. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, RJ, 21 mai. 1916.

¹⁶⁹ LOBO, ref. 19.

Não há quem não conheça a lenda dos grandes tesouros ali enterrados por um célebre pirata e que tantas vezes têm dado aos miolos dos aventureiros pesquisadores de riquezas fabulosas. Muitas foram as experiências tentadas para trazer à luz os montes de ouro e de pedrarias preciosas ali encerrados. Todas elas redundaram em fracasso; mas a ilusão humana não tem limites e a lenda persiste, toma vulto a cada nova lembrança de se explorar o árido rochedo tristemente isolado no meio do Atlântico.¹⁷⁰

O pirata mencionado pelo *Correio da Manhã* era um antigo oficial da Marinha inglesa e chamava-se Zulmiro. Certo dia, nas Bermudas, graças ao seu temperamento irascível, ele matou um companheiro. Fugindo à prisão, Zulmiro foi para a Flórida onde embarcou em um navio negreiro. Algum tempo depois, o terrível pirata liderou um motim a bordo desse navio, assassinou o comandante e passou a navegar pelo oceano com extraordinária coragem e habilidade.¹⁷¹

À proporção que ia arrebanhando as riquezas que eram transportadas nas embarcações que lhe caíam as garras, Zulmiro as transportava para a Ilha da Trindade que ele julgava ser um seguro esconderijo por ser muito afastada da costa do Brasil, completamente desabitada, de difícil acesso [...] situada em mar sempre revolto.¹⁷²

O capitão de uma nau inglesa, o sr. Kepel, foi quem conseguiu aprisionar o navio de Zulmiro. Mas, para sorte do pirata, o capitão era um antigo camarada seu na Marinha inglesa. Essa antiga amizade contribuiu para que o sr. Kepel, mesmo revoltado e arrependido de não ter afundado o navio de Zulmiro, não o punisse pelos crimes que havia cometido. Ao invés disso, o capitão reconduziu o pirata até a América do Sul, sob a condição dele nunca mais retornar aos mares. Zulmiro cumpriu a promessa e foi morar em Curitiba, por onde passou oculto os últimos 50 anos da sua vida.¹⁷³

Segundo Barbosa, em entrevista concedida ao repórter Ildefonso Falcão, do jornal *A Rua*, um inglês chamado Edwards Staminer Young em viagem pelo Brasil, no ano de 1889, chegou a Curitiba e se interessou pela história de um outro inglês misterioso, conhecido na região como o velho da mata onde vivia, há muitos anos, distante da cidade. Curioso em conhecer esse homem, Edwards foi visitá-lo. O inglês misterioso era o antigo pirata Zulmiro, já com 80 anos. Os dois se conheceram e daí nasceu uma amizade. As visitas ao velho pirata

¹⁷⁰A LENDA da Ilha da Trindade. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, RJ, 14 jun. 1916, p. 3.

¹⁷¹FALCÃO, Ildefonso Falcão. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. *O Estado*. Florianópolis, SC, 9 jul. 1916.

¹⁷²A LENDA, ref. 170.

¹⁷³FALCÃO, ref. 171.

Zulmiro eram frequentes. Porém, o senhor Edwards precisou deixar a capital do Paraná. Antes de partir, Zulmiro decidiu presentear-lo com o livro, *The Tatler*, edição de 1754.¹⁷⁴

Nas entrelinhas de diversas páginas deste livro, ele havia escrito em inglês todas as indicações necessárias para se chegar até o tesouro da Ilha da Trindade¹⁷⁵. Mas o alto custo da viagem, fez com que Edwards Young desistisse de ir atrás das riquezas que o seu mais novo amigo, o velho da mata, havia lhe revelado com detalhes onde estavam escondidas na Ilha. Com a morte do senhor Young, o *The Tatler* passou a pertencer a seu irmão Alfredo Young, antigo maquinista da E.F.C.B. que o sr. Barbosa disse ter conhecido em Lorena e recebido dele o tão valioso livro.

Durante a entrevista, o jornalista quis saber sobre o roteiro que seguiram as expedições anteriores. Barbosa respondeu que várias delas seguiram o roteiro escrito pelo velho pirata, mas, como a agulha magnética havia declinado com o decorrer do tempo, segundo o próprio ON, o rumo a seguir naquele momento seria diferente. Por isso, os engenheiros das outras expedições haviam errado o cálculo. O sr. Martiniano Barbosa estava confiante na descoberta do tesouro:

O marco que do ‘Barroso’ já vi e que serve de ponto de partida para a procura do tesouro prova ter sido o roteiro escrito realmente por um conhecedor da ilha em seus menores detalhes. Arrimado nesses elementos, aqui volto, esperançado, para aquilatar da veracidade das palavras de Zulmiro.¹⁷⁶

Ao ser indagado por Ildefonso Falcão, se o tesouro valeria mesmo tanto trabalho e sacrifício, o sr. Barbosa respondeu:

O Tesouro? É extraordinário. Basta assegurar-lhe que entre muitas outras coisas de sabido valor, o pirata mencionou 81 pequenas barras de ouro, 25 maiores, um saco dos de chumbo cheio de pedras preciosas e mais um com joias diversas, dinheiro cunhado em ouro e prata acumulado em grandes barris, candelabros e alfaías de ouro maciço...¹⁷⁷

O *Diario da Tarde* publicou no dia 9 de junho uma reportagem que sugeria que o pirata Zulmiro havia deixado parte de sua fabulosa fortuna na propriedade onde morou, em Curitiba, em seus últimos anos de vida. Segundo o jornal, a residência de Zulmiro ficava na colônia Santa

¹⁷⁴ *Ibid.*

¹⁷⁵ FALCÃO, Ildefonso. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. **Jornal O Estado**, Florianópolis, SC, 9 jul. 1916, p. 1.

¹⁷⁶ *Ibid.*

¹⁷⁷ *Ibid.*

Felicidade pouco além do lazareto de São Roque. Ali o pirata morou até morrer. Mais tarde outros se estabeleceram no mesmo local, entre eles João Hartley Gutierrez que resolveu reformar a propriedade, passando, então, por muitas reformas. Durante as obras, foi encontrado uma galeria subterrânea. No interior dela, havia vários corredores e salas. Porém, não foi possível explorar os subterrâneos dessa galeria por completo, pois existiam vários obstáculos no caminho. Estaria ali a parte do tesouro que o pirata Zulmiro deixou em Curitiba?¹⁷⁸

Para o *Jornal do Commercio*, a ideia do pirata Zulmiro ter escondido parte do seu tesouro na capital do Paraná, caía como uma luva para aqueles que tinham receio de atravessar o oceano e enfrentar o risco de ficar enjoado ou perder a vida em um naufrágio.¹⁷⁹ Os detalhes da história e os resultados da exploração da galeria subterrânea da antiga morada do pirata Zulmiro, em Curitiba, foram apresentados pelo jornal *A Noite*, no dia 31 de julho de 1916, em uma longa reportagem intitulada: *Os tesouros misteriosos: uma excursão aos subterrâneos do pirata Zulmiro e uma descoberta inesperada*.¹⁸⁰

Um fato novo na história dessa exploração foi a sondagem que um amigo do Dr. Gutierrez, o Dr. Teixeira de Carvalho, fez dos espaços da galeria. Durante a sondagem, esse amigo do Dr. Gutierrez, que era espírita, teve a sorte de encontrar um espírito amigo que confirmou a existência de um tesouro ali guardado naqueles subterrâneos. O espírito lhe deu todas as indicações de onde a tal riqueza escondida estava guardada: um grande salão tal como nas “Minas de Salomão”. Com o “mapa do tesouro” nas mãos, os doutores Gutierrez e Teixeira de Carvalho resolveram fazer, em sociedade, uma grande exploração nos subterrâneos da misteriosa galeria, como relata os trechos da reportagem a seguir:

A sociedade que resolveu descobrir os tesouros encantados começou por fazer uma grande e dispendiosa instalação elétrica à entrada dos subterrâneos. Operários trabalhavam dia e noite, ora limpando, ora reforçando as paredes construídas segundo uns cálculos a perto de 200 anos. Não se internavam muito, temendo naturalmente algum segredo desconhecido tal como nas Minas de Salomão. À proporção que avançavam iam descobrindo galerias com 200, 400 e 800 m. O trabalho era penoso, mas no final todos seriam bem recompensados. Havia algumas galerias obstruídas, mas com a instalação e os ingentes esforços dos exploradores todos os obstáculos eram removidos. Dois meses a fio trabalhou-se ali. Afinal, há poucos dias os operários descobriram um salão amplo nos fundos de uma das galerias. Gritaram satisfeitos. Os dois

¹⁷⁸O THESOURO do pirata Zulmiro está no Paraná. **Diário da Tarde**, Curitiba, PR, 9 jun. 1916, p.1.

¹⁷⁹FOLHETIM do Jornal do Commercio – A Semana – Um Tesouro e uma decepção. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, RJ, 3 ago. 1916, p. 1.

¹⁸⁰OS THESOUROS misteriosos – Uma excursão aos subterrâneos do pirata Zulmiro. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 31 jul. 1916, p. 4.

diretores da empresa, ao terem ciência da descoberta, respiraram satisfeitos: estavam ali os tesouros. As Minas de Salomão não eram na África e sim no Paraná, num modesto arrabalde de Curitiba! Correram para lá. O salão, como dissemos, era amplo, arejado e tinha mesas de pedras forjas, enfim, todos os requisitos para se julgarem verídicas as lendas. Mas não deixaram de causar estranheza aos exploradores uns tantos objetos modernos encontrados ali... Como piratas tê-los-ia conseguido? Essa interrogação não durou muito, pois num minucioso exame procedido pelos próprios doutores Gutierrez e Teixeira de Carvalho verificaram eles que existia ali uma moderna e bem montada fábrica de moedas falsas. Há lá máquinas para fabricar níqueis e pratas de todos os valores... A notícia correu logo em Curitiba. Não se fala noutra coisa e todo mundo indaga como tal pirata morto há tantos anos tinha previsto o futuro. E depois ainda há quem não acredite no espiritismo...¹⁸¹

De acordo com o *A Noite*, os sonhadores que ainda acreditavam nas lendas dos tesouros enterrados nos tempos coloniais tiveram mais uma grande decepção. Para o *Jornal do Commercio*, em texto publicado na primeira página, o espírito que indicou o local onde foram encontradas as máquinas de fazer moedas falsas não havia mentido:

O espiritismo sentenciou que aquele papel era autêntico e digno de confiança e o resultado confirmou, até certo ponto, o que se esperava [...]. Depois de afanosas desobstruções de corredores, de amoráveis, deram, enfim, os caminhantes com um vasto salão que logo se encheu de berros de alegria e gritos de surpresa. Estavam ali reluzindo, os preciosos metais do pirata. A lenda não mentira. O outro mundo fornecera informações absolutamente sérias. Achava-se ali, mais ou menos, a riqueza. Não era, porém, a riqueza já pronta para ser metida no saco e trocada em moeda corrente. Não havia ouro em barras e diamantes em arcas. Notava-se apenas aquilo com que se faz dinheiro. Ali era uma Casa da Moeda aparelhada para fabricar a fortuna em níquel ou em prata, isto é, sob a forma mais adequada aos tempos de agora. [...] Ninguém poderá duvidar da verdade da lenda e da infalibilidade do espiritismo.¹⁸²

Há mais de três séculos, os lendários tesouros do pirata Zulmiro vêm fazendo parte do imaginário popular. Segundo o *Diario da Tarde*, mais de uma empresa havia se formado no Rio de Janeiro para explorar os lugares onde se achava enterrada a fabulosa fortuna da Ilha da Trindade. Essas empresas constituídas com grandes capitais “têm feito expedições custosas à ilha lendária, não lhes sendo possível descobrir o local que guarda o enorme tesouro”¹⁸³ apesar de possuírem um roteiro com todas as “supostas” indicações precisas. E, assim, o pirata Zulmiro fez com que pessoas sonhadoras e ambiciosas, como os doutores Gutierrez e Teixeira de

¹⁸¹OS THESOUROS, ref. 180.

¹⁸²FOLHETIM, ref. 179.

¹⁸³O THESOURO, ref. 178.

Carvalho, gastassem fortunas em busca do lendário tesouro. O autor do livro *The Cruise of the Alert - The narrative of a search for treasure in the desert Island of Trindad*, E.F Knight, contou outra lenda sobre a existência de um tesouro oculto em Trindade que ouviu de um membro da expedição do “Aurea” que estivera na Ilha em 1885 - como conta o professor Bruno Lobo:

O capitão de um navio que fazia o comércio do ópio da China para a Índia de 1848 a 1850 tomara para seu quarto mestre um tipo estranho de russo educado frio e calado, mas excelente homem do mar. [...]. Este homem adoeceu na travessia da China para o mar de Omã sendo afinal internado em um hospital de Bombay. Sentindo que iria morrer, pediu para chamar o capitão do seu navio e em homenagem à distinção com que fora tratado entregou-lhe um velho pergaminho onde estava traçada a carta da Ilha da Trindade e dizendo-lhe que ali no sopé do Pão de Açúcar estava enterrada uma riqueza imensa consistindo principalmente de alfaías e ornamentos de ouro e prata, saque das igrejas do Peru que certos piratas ali haviam escondido em 1821. A maior parte das alfaías, acrescentou, provinha da Catedral de Lima e havia sido roubada por ocasião da guerra da Independência quando os espanhóis abandonaram o país e que entre muitas outras riquezas saqueadas pelos espanhóis havia diversos candelabros de ouro maciço. Disse também ser o único sobrevivente dos piratas porquanto todos os outros tinham sido capturados pelos espanhóis e executados em Cuba, alguns anos atrás [...] O capitão senhor do segredo não pôde, porém, armar uma expedição. Envelhecido, retirou-se da vida do mar para uma vivenda nas imediações de New Castle e ali transmitiu a história a um outro capitão que chegou na ilha em 1885 com o navio ‘Aurea’, tendo ali permanecido 23 dias e perdido dois homens. O senhor Knight, de posse dessas informações sobre o tesouro, encetou pesquisas que vieram confirmar a veracidade da história. Dos arquivos de Cuba verificou que realmente uma tripulação de piratas acusados de haverem saqueado navios espanhóis procedentes do Peru haviam sido enforcados em Havana na época indicada. A sua probabilidade foi ainda mais avigorada pela história do Peru durante as lutas da Independência. Lima era então uma cidade muitíssimo rica em ouro e alfaías de prata. O sr. Kight, então, preparou uma expedição completa com um esplêndido material de desembarque; e permaneceu por muito tempo na ilha escavando com as indicações em mãos todos os pontos onde poderiam ter sido enterradas as preciosidades peruanas, porém, nada encontrou.¹⁸⁴

A lenda dos tesouros da Ilha da Trindade, que vem sendo há séculos disseminada, tanto na literatura, quanto na imprensa em geral, e que atraiu para lá diversas expedições brasileiras e estrangeiras, acabou contribuindo para a construção de uma imagem fantástica da ilha como sendo um lugar misterioso, mítico, lendário, paradisíaco, infernal, entre outras representações. Mas segundo um artigo publicado na primeira página do jornal *O Paiz*, ao receber “a nossa

¹⁸⁴LOBO, ref. 19, p. 129.

civilização com caráter de permanência nas suas plagas”,¹⁸⁵ a ilha provavelmente iria perder o seu “manto de fantasia”,¹⁸⁶ o seu “poder de fascinação lendário”¹⁸⁷, o seu “grande prestígio de mistério que era o seu principal atrativo e a sua maior sugestão para quantos sonham com a possibilidade de mais dia menos dia virem a encontrar o *velocino* de ouro”¹⁸⁸.

Em função da sua tardia ocupação pelo Brasil, o curioso penhasco de difícil acesso, segundo o jornal, “perde, pois, a principal razão de ser da sua grandeza, na imaginação do vulgo sempre impressionável pela fantasia megalomaniaca e adere à vida nacional, da qual estava, até este momento, completamente insulada.”¹⁸⁹

Neste artigo, intitulado *Desaparece o manto da fantasia*, a misteriosa e fantástica Ilha do Tesouro estaria em vias de ser transformada em “um posto militar, uma vedeta da nossa Defesa.”¹⁹⁰ Do ponto de vista estratégico e militar, segundo *O Paiz*, Trindade poderia oferecer ao Brasil uma riqueza muito mais preciosa do que o tão cobiçado tesouro: “Se ela vier a nos prestar serviço de valor, em caso de qualquer conflito em que formos parte, poder-se-á, então, ter ali, um tesouro muito mais precioso do que as cabalísticas riquezas que visionários ou iludidos acreditam existir na ilha.”¹⁹¹

Reportagem com temática parecida, *A partida do ‘Barroso’ para a Trindade*, foi publicada em 17 de maio do mesmo ano, igualmente na primeira página, só que agora no jornal *A Epoca*, que inicia a matéria afirmando o seguinte: “A Trindade deixará de ser a Ilha do Sonho: o Governo vai povoá-la. [...] Agora, a ideia de povoá-la vai de certo apagar o sonho, ou talvez, quem sabe, a terra cultivada se abra um dia para deixar entrever em seu seio, como uma dádiva radiosa, o sonho feito realidade?”¹⁹²

¹⁸⁵DESAPARECE o manto da fantasia. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 21 mai. 1916, p. 1.

¹⁸⁶*Ibid.*

¹⁸⁷*Ibid.*

¹⁸⁸*Ibid.*

¹⁸⁹*Ibid.*

¹⁹⁰*Ibid.*

¹⁹¹*Ibid.*

¹⁹²A PARTIDA do ‘Barroso’ para a Trindade. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 17 mai. 1916, p. 1.

Figura 9: Reportagem do *A Época* dias antes da partida do “Barroso” para a Trindade.



Fonte: Jornal A Epoca (RJ), 17/05/1916, p.1.
Acervo: Fundação da Biblioteca Nacional/Hemeroteca Digital.

O que os primeiros expedicionários da missão brasileira encontraram na Ilha da Trindade? Tesouros? Sonhos? O inferno? Isto será mostrado na próxima seção que se inicia com a apresentação de um importante achado histórico deste trabalho: a cobertura jornalística *in loco*, realizada pelos repórteres Ildefonso Falcão e Paulo Cleto, da primeira viagem da missão de ocupação brasileira permanente da ilha.

2.2 – A percepção de militares, cientistas, políticos e jornalistas sobre a Ilha da Trindade antes e depois do início da sua ocupação (1916)

Entre 1916 e 1919, período em que a Ilha da Trindade permaneceu, pela primeira vez, ocupada ininterruptamente por uma guarnição militar brasileira, mais de 60 periódicos nacionais veicularam notas, artigos e notícias sobre a ilha e seus diferentes aspectos: histórico, militar, ambiental, científico, humano, econômico, social, cultural e fantástico.

Naquela época, a mídia jornalística impressa era o principal meio de informação no país. Estima-se que somente na capital federal, o Rio de Janeiro, eram oferecidos cerca de 300.000 exemplares de sete grandes jornais neste período que ficou marcado pela expansão e modernização da Imprensa Nacional.¹⁹³

Dois periódicos cariocas receberam autorização da MB para participar da viagem da missão que daria início à inédita ocupação brasileira permanente da Ilha da Trindade. Como representantes desses jornais, seguiram para lá, como já mencionado, os repórteres Ildefonso Falcão, do *A Rua*, e Paulo Cleto, do *A Epoca*. Esses dois jornalistas fizeram a cobertura *in loco* da chegada e dos primeiros dias dos militares e cientistas na ilha.

Foram oito reportagens escritas por Paulo Cleto, quatro delas publicadas na primeira página do jornal *A Epoca*. A primeira reportagem, escrita antes da viagem, é intitulada *A filosofia de um homem do povo*, em que o repórter entrevista um cidadão comum que tinha o sonho de morar em Trindade para fugir da cidade. As outras sete reportagens fazem parte da série *A Joia do Turco no Atlântico* (Figura 10), em que o repórter narra o dia a dia da expedição.

Os exemplares do jornal *A Rua* com as reportagens de Ildefonso Falcão não foram encontrados no site da Hemeroteca Digital da BN, onde foi realizada a maior parte da pesquisa deste trabalho. No entanto, quatro reportagens do redator do *A Rua* foram republicadas pelo *O Estado* (Figura 11) e veiculadas na primeira página deste jornal. Estas reportagens compõem a série *Na Ilha dos Tesouros Fabulosos!* que apresenta as crônicas de Ildefonso Falcão sobre a viagem.

¹⁹³GARAMBONE, Sidney. *A Primeira Guerra Mundial e a Imprensa Brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, p. 28, 2003.

Figura 10: Uma das reportagens de Paulo Cleto da série *A joia de turco do Atlântico* (1916).



Fonte: Jornal A Epoca (RJ), 15/06/1916, p.2.

Acervo: Fundação da Biblioteca Nacional/Hemeroteca Digital.

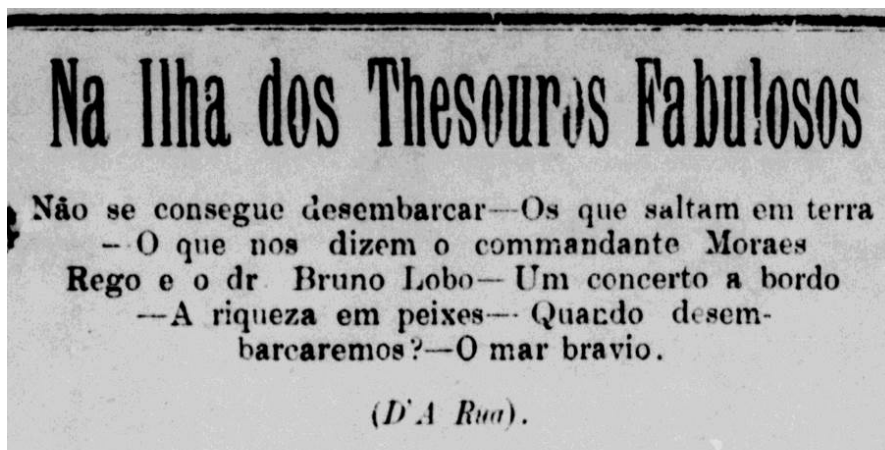
Além do ineditismo, pelo fato de ser a primeira cobertura jornalística *in loco* de uma expedição militar e científica na Ilha da Trindade, este acervo de 13 reportagens é um conteúdo histórico que marca os primórdios da divulgação na grande imprensa da presença da MB e da ciência nacional (representada nessa expedição por pesquisadores do MN e do IOC) nesta ilha, bem como o início das pesquisas oceânicas realizadas no local pelo MN que foi a instituição brasileira precursora nesta área de estudo. “Na ausência de instituições específicas de investigação hidrográfica e oceanográfica no país, o Museu Nacional do Rio de Janeiro foi um dos responsáveis pela consolidação desses estudos. Em 1916, com o apoio da Marinha, a bordo do ‘Barroso’, o museu realizou uma grande expedição científica à Ilha da Trindade.”¹⁹⁴

Na literatura acadêmica sobre a Ilha da Trindade nunca houve a publicação de um ou mais trechos dessas reportagens ou qualquer tipo de análise sobre essas obras. A única referência sobre a cobertura jornalística *in loco* da expedição foi feita em um artigo do Almirante Jorge da Silva Leite, publicado em 1987, na edição de número 222 da *Revista Marítima Brasileira*. O almirante, que fez parte da Divisão Naval responsável pelo início da

¹⁹⁴LOPES, ref. 35, p. 694.

ocupação da ilha, em 1916, cita no artigo a presença na missão brasileira do repórter Ildefonso Falcão e de um outro repórter cujo nome ele não se lembrava.¹⁹⁵ A ida de Paulo Cleto e Ildefonso Falcão para Trindade, como representantes da imprensa, também foi noticiada em 21 de maio de 1916, na seção “Última Hora” do jornal *Gazeta de Notícias*.

Figura 11: Uma das reportagens de Ildefonso Falcão da série *Na Ilha dos Tesouros Fabulosos!* (1916).



Fonte: Jornal *O Estado* (SC), 15/06/1916, p.2.
Acervo: Fundação da Biblioteca Nacional/Hemeroteca Digital.

Em geral, as reportagens de Paulo Cleto e Ildefonso Falcão trataram a Ilha da Trindade como o elemento central de uma narrativa épica de aventura em alto-mar marcada por grandes desafios, perigos, lendas e mistérios. Nessas reportagens, a viagem a Trindade foi comparada a uma “viagem maravilhosa, como diria Júlio Verne”¹⁹⁶ em que se desenrolaram diversas “peripécias arriscadas com aspectos gulliverianos.”¹⁹⁷

A longa travessia, a bordo de um navio de guerra, as arriscadas tentativas de desembarque e exploração da ilha, as adversidades do mar e a busca pelo misterioso tesouro, foram os principais desafios da missão brasileira em Trindade, ressaltados pelos jornalistas.

No contexto da logística de ocupação, Trindade foi retratada por ambos como um local de difícil acesso, quase inabordável, principalmente por causa do mar bravio e dos recifes localizados entre as praias e a arrebentação.

¹⁹⁵LEITE, ref. 49.

¹⁹⁶CLETO, Paulo. A *Epoca* de volta da Trindade - A ‘Joia de Turco’ do Atlântico. A *Epoca*, Rio de Janeiro, n. 1.430, p. 1. ano V. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 10 jun. 1916.

¹⁹⁷FALCÃO, Ildefonso Falcão. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. *O Estado*, n.349, ano II, p. 1. Santa Catarina: Biblioteca Nacional, 6 jul. 1916.

“Ao redor dela, agressiva como os tremendos vagalhões que enfrenta, há uma intratável guarda de recifes agudos e farpados, cortantes que não permitem o desembarque. [...] É impossível descrever o que é o mar naquelas cercanias. Parece que toda a fúria do Atlântico avança sobre elas”¹⁹⁸, escreveu Paulo Cleto. Já Ildefonso Falcão, a definiu como “a terra mais defendida pela natureza que a inçara de arrecifes lhe dera por muralhas, rochas e escarpas de amedrontar.”¹⁹⁹

Após 48 horas da chegada da missão em Trindade, muitos a bordo se referiam a Trindade como a “Ilha amaldiçoada!”²⁰⁰, isto porque, até então, não havia tido nenhuma possibilidade de alguém conseguir saltar na ilha, pois “o mar convulsionado levantando ondas colossais que arrebentavam nas rochas abruptas impedia qualquer tentativa de desembarque.”²⁰¹

Em uma dessas tentativas, um escaler com oficiais percorreu grande parte do litoral, enfrentando durante horas o mar bravio e “havia ocasiões em que o escaler chegava a desaparecer tal altura das ondas. De volta, declararam os oficiais ser a ilha inabordável.”²⁰²

Mesmo à noite, o mar ao redor de Trindade não dava trégua aos navegantes. A bordo do “Barroso”, a centenas de milhas do Rio de Janeiro, o sono de todos era atrapalhado pelo “oceano lá fora rugindo, em vagas grossas que arrebentavam de encontro aos bancos de coral e as escarpas da ilha inabordável.”²⁰³

Sobre a estação de radiotelegrafia a ser instalada em Trindade, Cleto mencionou em uma de suas reportagens que “não se podia conceber a ocupação militar de uma ilha distante como é do litoral em pleno oceano sem um meio de comunicação.”²⁰⁴ Porém, segundo o jornalista, o oficial encarregado de instalar a estação, o Comandante Tácito Moraes Rego, que passou dois dias e duas noites na ilha, à procura de um local aonde fosse mais fácil o desembarque da estação, verificou que não havia lugar seguro para desembarcar o pesado equipamento, sob o risco de perdê-lo e ter um prejuízo de cerca de 50 contos.

¹⁹⁸CLETO, Paulo. A *Epoca* de volta da Trindade - A ‘Joia de Turco’ do Atlântico. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 10 jun. 1916, p.1.

¹⁹⁹FALCÃO, Ildefonso Falcão. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. **O Estado**, Florianópolis, SC, 8 jul. 1916, p.1.

²⁰⁰*Ibid.*

²⁰¹*Ibid.*

²⁰²CLETO, Paulo. A *Epoca* de volta da Trindade - A ‘Joia de Turco’ do Atlântico. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 15 jun. 1916, p.2.

²⁰³FALCÃO, Ildefonso Falcão. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. **O Estado**, Florianópolis, SC, 8 jul. 1916, p.1.

²⁰⁴CLETO, Paulo. A *Epoca* de volta da Trindade - A ‘Joia de Turco’ do Atlântico. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 10 jun. 1916, p.1.

Para Cleto, o comandante tinha razão: “A prova é que durante todo o tempo em que lá estivemos, o mar manteve-se feroz e não há absolutamente lugar para desembarque de material, a não ser com perda de vidas.”²⁰⁵

Apesar de possuir água doce, Trindade também foi retratada como uma ilha hostil, inóspita e vulcânica. “A cada passo encontra-se o vestígio de erupções dando a impressão de que tudo vive sobre uma enorme fornalha”²⁰⁶, explicou o diretor do MN, o professor Bruno Lobo, ao repórter do *A Epoca*. Já Idelfonso Falcão ouviu do Capitão-Tenente Moraes Rego a seguinte descrição: “É a Ilha do Diabo. [...] As duas noites que passamos em terra não conseguimos dormir incomodados pelas aves noturnas inumeráveis e pelos caranguejos de quase meio metro. Horas horríveis que curtimos!”²⁰⁷

Um dos dias da viagem, retratado pelos dois repórteres, foi marcado por um exercício de artilharia da Marinha. Sob a direção do Tenente Burmester, a primeira sessão de tiros aconteceu na parte Nordeste da Trindade, de onde se avistava uma cachoeira. O alvo específico foi uma grande pedra que ficava na base da ilha. À noite, inesperadamente, houve outro exercício de tiros, o que surpreendeu o repórter Paulo Cleto, “não era de esperar que à noite se ouvissem os formidáveis canhões outra vez a descartar sobre a Trindade, alvoreçando os seus habitantes (caranguejos).”²⁰⁸

Ao ouvir os tiros à noite, Cleto pensou que pudessem ser tiros de canhão de um navio inglês. Já o sr. Martiniano Barbosa, o farmacêutico de Guaratinguetá, caçador de tesouros, acreditou que o “Barroso” estivesse sendo bombardeado: “Fizeram fogo no ‘Barroso’. Não ria! É a verdade!”²⁰⁹, disse ele. Havia fogo realmente, explicou-lhe o repórter, mas era contra os caranguejos da ilha. Apesar de nenhum dos dois jornalistas mencionar a Grande Guerra em suas reportagens, ou os motivos que levaram o Brasil a estabelecer uma guarnição militar em Trindade, esse trecho da reportagem evidencia que havia sim, na missão, o receio do “Barroso” ser alvo de alguma nação beligerante.

Na opinião de Idelfonso Falcão, o exercício de tiros da Marinha “nos deu a noção do poder eficiente de nossa Marinha de Guerra.”²¹⁰ Segundo ele, o encarregado de artilharia, o

²⁰⁵CLETO, Paulo. *A Epoca* de volta da Trindade - ‘Joia de Turco’ do Atlântico. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 10 jun. 1916, p.2.

²⁰⁶*Ibid.*

²⁰⁷*Ibid.*

²⁰⁸CLETO, Paulo. *A Epoca* de volta da Trindade - ‘Joia de Turco’ do Atlântico. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 26 jun. 1916, p.2

²⁰⁹*Ibid.*

²¹⁰FALCÃO, Idelfonso Falcão. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. **O Estado**, Florianópolis, SC, 8 jul. 1916, p.1.

Primeiro-Tenente Rodolfo Burmester teve a oportunidade de mostrar o grau de adiantamento de seus alunos artilheiros “que num instante de perigo nacional saberão defender a Pátria com o seu heroísmo e a sua habilidade.”²¹¹

Sob o ponto de vista científico e ambiental, Trindade foi retratada nas matérias como um ambiente rico em espécies animais, entre peixes, aves, crustáceos, insetos, moluscos e coleópteros. Apesar das dificuldades, a comissão científica conseguiu coletar espécies para o MN, algumas delas desconhecidas. Foram capturados albatrozes, grazinas brancas e cinzentas, três espécies de caranguejos, peixes em grande variedade, esponjas e corais.

Algumas curiosidades sobre os animais foram mencionadas por Paulo Cleto. “Os pássaros da ilha são muito interessantes. Quase todos são palmípedes. Muito carinhosos para com os filhos e são verdadeiramente ferozes quando nos ninhos.”²¹² Uma tartaruga gigante, capturada pelo marinheiro João Henrique Millione, no dia 03 de junho, na Praia das Tartarugas, recebeu o nome de Susanna. Ela pesava cerca de 250 quilogramas. Millione ofereceu a tartaruga ao comandante e oficiais do “Barroso” que por sua vez a ofertaram ao MN.

Paulo Cleto escreveu sobre o reembarque no “Barroso” do primeiro grupo a desembarcar na ilha, entre eles, o professor Bruno Lobo, líder da comissão científica. “Pareciam náufragos. Vinham sujos, descalços, o rosto pálido, os olhos em côvados tresnoitados, cansados exaustos.”²¹³ Nessa reportagem, Lobo disse ter passado noites fantásticas na ilha. Para ele, Trindade era um outro mundo. Lá, o cientista tomou banho em uma cachoeira, avistou muitas aves de diferentes espécies e encontrou muitos caranguejos amarelos, os quais chamou de feios e diabólicos. Para afugentá-los, o cientista disse que tiveram de fazer uma fogueira que quase custou a vida de todos ali. Também viu muita coisa nova para a história natural, como algumas pedras desconhecidas. O terreno da ilha foi descrito por ele como falso: “sente-se a terra desfazer-se repentinamente. Por vezes tive a impressão da morte a meus pés. Passei em rochas de argila que se desfazem até no pegar.”²¹⁴

Sobre os aspectos geológicos, o Capitão-Tenente Moraes Rego fez a seguinte descrição dos picos de Trindade: “Você não imagina o que é aquilo lá em cima. As pedras que a subida

²¹¹FALCÃO, Ildefonso Falcão. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. **O Estado**, Florianópolis, SC, 8 jul. 1916, p.1.

²¹²CLETO, Paulo. A *Epoca* de volta da Trindade - A ‘Joia de Turco’ do Atlântico. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 26 jun. 1916, p.2.

²¹³CLETO, Paulo. A *Epoca* de volta da Trindade - A ‘Joia de Turco’ do Atlântico. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 21 jun. 1916, p.2.

²¹⁴*Ibid.*

íamos encontrando, pedras enormes, com facilidade desagregavam, rolando ao precipício; de modo que o nosso cuidado redobrava para não sermos arrastados e esmagados.”²¹⁵

Já Ildefonso Falcão descreveu Trindade como uma “rocha calcária, cinzenta e formidável, na sua grande série de morros e picos de altura respeitável.”²¹⁶ Bruno Lobo, em uma rápida conversa com Ildefonso, comentou o seguinte: “Pelo pouco que vi, é um prolongamento do purgatório. O que cair entre os seus penhascos terá, perfeita, a sensação do aniquilamento.”²¹⁷ Perguntado pelo repórter do *A Rua* sobre o que teria encontrado de interessante para o museu, respondeu: “Muita coisa, aves diversas, graminhas de extraordinária brancura que não trouxe por absoluta impossibilidade, nesse rápido e acidentado contato com a ilha.”²¹⁸

Sobre a vegetação, pouca coisa foi mencionada nas reportagens. Segundo Paulo Cleto, Trindade abrigava diversas plantas. Já para Ildefonso Falcão, havia pouca vegetação, pois, ela era uma “ilha estéril [...] calcinada pelas soalheiras e erupções vulcânicas.”²¹⁹ Conversando com Ildefonso Falcão, o Sr. Barbosa, que já estivera mais de uma vez na ilha, em anos anteriores, contou que “nas encostas dos morros e picos, como na bacia onde nasce a maior cachoeira, há em quantidade samambaias e fetos.”²²⁰

A fogueira que quase custou a vida do primeiro grupo a desembarcar na ilha, segundo o Dr. Bruno Lobo, foi feita a partir da queima dessas samambaias: “Era a samambaia rasteira seca que ardia sem cessar. [...] O vento que soprava ajudava ainda mais. Eu lembrei-me das famosas queimadas da Tijuca”²²¹, comentou Paulo Cleto, fazendo referência aos incêndios na Floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro.

Do ponto de vista humano e social, a primeira reportagem de Paulo Cleto, realizada no Rio de Janeiro, horas antes da saída do “Barroso” para Trindade, apresenta muitas questões interessantes. Nessa reportagem, o repórter entrevista um homem, o qual ele denominou de o primeiro habitante espontâneo da ilha. O entrevistado contou que tinha o sonho de morar lá porque estava cansado de viver na cidade, sem dinheiro para comer em um hotel, ir ao cinema, ou possuir um automóvel.

²¹⁵FALCÃO, Ildefonso Falcão. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. **O Estado**, Florianópolis, SC, 8 jul. 1916, p.1.

²¹⁶FALCÃO, Ildefonso Falcão. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. **O Estado**, Florianópolis, SC, 7 jul. 1916, p.1.

²¹⁷FALCÃO, Ildefonso Falcão. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. **O Estado**, Florianópolis, SC, 8 jul. 1916, p.1.

²¹⁸ *Ibid.*

²¹⁹FALCÃO, Ildefonso Falcão. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. **O Estado**, Florianópolis, SC, 9 jul. 1916, p.1.

²²⁰FALCÃO, Ildefonso Falcão. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. **O Estado**, Florianópolis, SC, 6 jul. 1916, p.1.

²²¹CLETO, Paulo. *A Epoca* de volta da Trindade - A ‘Joia de Turco’ do Atlântico. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 17 jun. 1916, p.2

A ilha era um meio desse homem sair do mundo sem precisar morrer, se suicidar ou transpor os polos. Era o paraíso. Segundo interpretou o jornalista, a expedição para o entrevistado significava uma viagem à “Terra Prometida”²²². Ao ser indagado se sabia que Trindade era como um deserto, o homem respondeu: “O deserto é o lugar onde não se vê ninguém, o que é da maior vantagem porque não se é visto com as botinas sujas, os cotovelos rotos, o chapéu já sem cúpula...”²²³ Disse ainda que a cidade era muito pior do que o deserto, principalmente por causa da polícia: “Para me ver a salvo da polícia preferiria todas as cobras e lagartos da Trindade.”²²⁴

O primeiro habitante espontâneo da Ilha da Trindade, segundo Cleto, viu nela a chance de deixar de ser o eterno espectador e se transformar “na mais alta autoridade, presidente, diretor, chefe, tudo.”²²⁵ Para ele, a ilha era encantada e iria se tornar uma colônia *sui generis* de fazer inveja, “uma cidade muito diferente desta que aqui há, porque será constituída justamente pelo avesso de tudo isso.”²²⁶

Enquanto para esse homem Trindade representava um meio de viver sem posses, sem dinheiro, mas com dignidade, para o sr. Maximiano Barbosa, que estava indo pela terceira vez a Trindade em busca do tesouro dos piratas, a ilha significava a sua independência financeira. Segundo Ildefonso Falcão, a vontade do farmacêutico “de mandar às favas a botica, os purgantes e os xaropes para instalar-se solidamente na vida, era infinita como o mar que ululava em torno dela, no desejo humano de arrebatá-la com escarpas e precipícios à face do mundo.”²²⁷

Segundo relatou o sr. Barbosa ao jornalista, o próprio comandante da ilha, o Capitão de Corveta Ribeiro Sobrinho, também compartilhava do sonho de encontrar em Trindade o tesouro perdido e ficar rico. A independência financeira de qualquer pessoa estava ali, escondida, explicou o farmacêutico.

A imagem da Ilha da Trindade como sendo a “Ilha do Tesouro” foi amplamente difundida nas duas séries de reportagens. A começar pelos títulos: *A Joia do Turco no Atlântico* e *A Ilha dos Tesouros Fabulosos!* A lenda do tesouro foi um dos temas que tiveram maior espaço e destaque nas reportagens.

²²² Na Bíblia, a “Terra Prometida” é o nome da área prometida por Deus a Abrão e a seus descendentes.

²²³ CLETO, Paulo. “A *Epoca* a caminho da Trindade - A primeira reportagem do nosso representante a bordo do ‘Barroso’ - A *filosofia* de um homem do povo”. *A Epoca*, Rio de Janeiro, RJ, 21 mai. 1916, p.1.

²²⁴ *Ibid.*

²²⁵ *Ibid.*

²²⁶ *Ibid.*

²²⁷ FALCÃO, Ildefonso Falcão. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. *O Estado*, Florianópolis, SC, 9 jul. 1916, p.1.

A primeira pessoa a ser entrevistada a bordo por ambos os jornalistas, por exemplo, foi o sr. Maximiano Barbosa, que tinha certeza de que ali, no território brasileiro mais distante das grandes capitais brasileiras, estava enterrado um imenso tesouro.

Como prova disso, ele revelou que recorreu aos “anais da pirataria e à legenda romanesca dos tesouros ocultos”.²²⁸ Levava consigo a bordo um exemplar do livro de E.F. Knight, *The Cruise of the Alert - The narrative of a search for treasure in the desert Island of Trinidad*, que era, para ele, uma prova incontestável da existência do tal tesouro. Este livro conta as aventuras das expedições que foram para Trindade em busca dos valiosos objetos de ouro e prata, entre outras joias preciosas, que lá estariam escondidos.

Além das aventuras de antigos piratas e da obra de E.F. Knight, de 1881, que ajudou, como já visto, a difundir mundialmente a lenda do tesouro perdido na Ilha da Trindade, outros fatos históricos associados à ilha foram citados nas reportagens, como a sua descoberta pelos portugueses no início do século XVI, o interesse da Inglaterra em apossá-la e a soberania brasileira sobre esse território após a independência do país. Também foi mencionado o local onde foi afundado o navio “Cap Trafalgar”, no início da Grande Guerra.

Outro ponto interessante é que entidades divinas e religiosas, personagens e lugares bíblicos e mitos gregos foram citados diversas vezes nas reportagens e associados a diferentes aspectos da Ilha da Trindade. Dessa forma, a imagem da ilha como sendo um lugar fantástico, lendário, misterioso, mítico e religioso foi ainda mais reforçada e difundida entre os leitores. O próprio sr. Barbosa afirmou em uma das reportagens de Paulo Cleto, que o local exato onde estava enterrado o tesouro, foi revelado pelo espírito de um pirata, durante uma sessão espírita realizada em Guaratinguetá (Figura 12). Para ele: “A descoberta do tesouro seria uma vitória do espiritismo caritativo, são, do espiritismo verdadeiro, científico”.²²⁹

²²⁸ FALCÃO, Ildefonso Falcão. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. **O Estado**, Florianópolis, SC, 6 jul. 1916, p.1.

²²⁹ CLETO, Paulo. A *Epoca* de volta da Trindade - A ‘Joia de Turco’ do Atlântico. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 13 jun. 1916, p.1.

Figura 12: Ilustração de uma sessão espírita publicada em uma das reportagens de Paulo Cleto sobre a ocupação da Ilha da Trindade (1916).



Fonte: Jornal *A Epoca* (RJ), 13/06/1916, p.1.

Acervo: Fundação da Biblioteca Nacional/Hemeroteca Digital.

Cleto comparou a expedição à Trindade à expedição de Jasão, um herói de Tessália, segundo a mitologia grega, que construiu um navio, o “Argos”, e reuniu uma tripulação de 50 homens, os argonautas, que partiram para a Cólquida, país onde se encontrava o *Velo de Ouro*, um tesouro a que se atribuía o poder de trazer prosperidade e riqueza a quem possuísse. Jasão e os Argonautas partiram então para uma expedição heroica que cruzou pela primeira vez mares e terras desconhecidas cercadas de perigo, em busca do *Velo de Ouro*. Ildefonso Falcão também fez a mesma comparação: “Era a Ilha dos Tesouros que para alguns visionários se afigurava uma nova Cólquida maravilhosa, apesar das suas asperezas naturais, os abismos e os obstáculos inumeráveis”.²³⁰

²³⁰ FALCÃO, Ildefonso Falcão. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. *O Estado*, Florianópolis, SC, 7 jul. 1916, p.1.

Para conseguir desembarcar na ilha, o repórter Paulo Cleto disse ter tido a paciência do velho Jó. Esta expressão é uma referência ao comportamento do personagem bíblico Jó, que passou por provações e sofrimentos, mantendo-se fiel à sua fé. Durante uma pescaria, depois de oito dias sem sair do navio, Cleto foi pescar em um escaler com o Capitão-Tenente Vital. Pescaram badejetes, garoupas e pequenos meros. “Como no Lago de Genesaré, momentos depois, o escaler estava cheio”²³¹, escreveu o repórter, comparando o então violento mar de Trindade, ao lago, na Galileia, onde Jesus andou sobre as águas, acalmou tempestades e realizou a multiplicação dos peixes. Ainda nesse contexto fantástico, mítico e religioso, a Ilha da Trindade também foi descrita nas reportagens como sendo “um inferno”, “um prolongamento do purgatório”, a “Terra Prometida”, “parte da Atlântida”²³², “uma Terra no tempo em que ainda não existia Adão e Eva”, “um paraíso”.

Interessante observar que os autores se valeram do uso de figuras de linguagem como recurso textual para retratar diversos aspectos da Ilha da Trindade, como por exemplo:

- Aspectos relacionados com mitos, lendas e mistérios: a Ilha da Trindade é um meio de sair do mundo sem precisar morrer, se suicidar ou transpor os polos. Um outro mundo. Um lugar onde você tem a chance de deixar de ser o eterno espectador e se transformar na mais alta autoridade. Uma ilha lendária, misteriosa, dos tesouros encantados, fantásticos e fabulosos. Uma nova Cólquida. Parte ou restos da velha Atlântida. Um Castelo de Tritão²³³;
- Aspectos relacionados com algumas características positivas da ilha: a famosa e desejada Ilha da Trindade é maravilhosa, encantada. A ilha do sonho. O paraíso. Um oásis e uma tentação perdida no oceano. Uma miragem encantadora;
- Aspectos relacionados com algumas características negativas da ilha: a Ilha da Trindade é uma joia de turco. Um pechisbeque. Uma penedia, intratável e hostil.

²³¹ CLETO, Paulo. *A Epoca* de volta da Trindade - *A Joia de Turco* do Atlântico. **Jornal A Epoca**, Rio de Janeiro, n. 1.430, p. 2. ano V. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 25 jun. 1916.

²³² Civilização lendária, rica e poderosa, descrita por Platão no século IV a.C.

²³³ Na mitologia grega, Tritão é uma divindade marinha, filho de Poseidon e Anfitrite. Popularmente conhecido como sendo a versão masculina de uma sereia.

Um novo círculo do inferno dantesco açoitado pelo látego dos ventos. A ilha amaldiçoada, tenebrosa, um inferno vulcânico, sinistro. É a ilha do diabo, um prolongamento do purgatório;

- Aspectos relacionados com algumas características geológicas e ambientais da ilha: a Ilha da Trindade é estéril, deserta. Um deserto estranho. Uma imensidão de rochedo. Um penhasco que emerge do oceano, inabordável. A terra mais defendida pela natureza. Uma massa escura, enorme. Uma rocha calcária, cinzenta e formidável. A ilha das pedras escarpadas e dos caranguejos;
- Aspectos relacionados à personificação do oceano: a fúria do Atlântico. A fúria do mar. A inquieta água azul. A água trêmula do mar. O oceano lá fora rugindo. As vagas altas que se insurgiam contra os que pretendiam instalar-se na ilha. O mar era bravio e sacudia o navio fortemente. Tremendos vagalhões furiosos. O mar manteve-se feroz, agitado e cada vez mais furioso, tempestuoso e ameaçador;
- Aspectos relacionados à descrição do oceano e das condições adversas do mar: O oceano é um deserto. É céu e água. É solidão. Verdadeiros muros de vagas. Ondas colossais.

Além das figuras de linguagem, outro recurso textual que se destaca nas narrativas, principalmente nas reportagens de Ildefonso Falcão, é o estilo poético utilizado para descrever suas visões e percepções sobre mar, o céu e o oceano.

- “O luar mais luminoso branqueava o mar, que ia, soturnamente em ondas cavadas chorando a sua mágoa indefinível.”²³⁴
- “O luar surpreendeu-nos assim para clarear um clarão de sonho, um infinito inquérito que íamos sulcando.”²³⁵

²³⁴ FALCÃO, Ildefonso Falcão. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. **O Estado**, Florianópolis, SC, 6 jul. 1916, p.1.

²³⁵ FALCÃO, Ildefonso Falcão. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. **O Estado**, Florianópolis, SC, 6 jul. 1916, p.1.

- “Não sabemos se por efeito do ambiente, o luar no oceano dá sensações novas, atuando como atua de maneira singular na alma ansiosa dos que navegam.”²³⁶
- “Cuidamos o comprido reflexo, sobre a água móbil, a estrada admirável para o mistério e para a beleza.”²³⁷
- “A noite deslumbrante com o céu muito fundo crivado de astros, vagas mansas quebravam-se no costado do navio. Lá fora rolava, de onda em onda, o grande mar.”²³⁸
- “O silêncio da noite caiu novamente sobre aquele recanto do oceano entre o infinito das águas e o infinito do céu.”²³⁹
- “Quatro dias de céu e mar, na monotonia dos mesmos aspectos, com olhar nos mesmos horizontes que se dilatavam e se perdiam no infinito.”²⁴⁰

As crônicas de Paulo Cleto e Ildefonso Falcão apresentam descrições e representações diversas, muitas vezes fantásticas, poéticas, românticas e antagônicas sobre a Ilha da Trindade. Há momentos em que a ilha é retratada como um lugar infernal, hostil, inabordável, um prolongamento do purgatório, amaldiçoado, infestado de caranguejos “feios e diabólicos”; em outros, um paraíso encantado, onde acredita-se existir um fabuloso tesouro, um lugar de grande interesse científico, formidável, com novas espécies para a ciência e fartura de peixes. Essas representações antagônicas da ilha estão presentes, inclusive, no título de uma das séries, a do jornal *A Epoca*, escrita por Paulo Cleto. A expressão *Joia de Turco*, que dá nome à série, significa algo que parece ser valioso, mas não é. Um pechisbeque.

Os jornalistas retrataram Trindade como um lugar perigoso, onde você pode morrer afogado, caindo de um penhasco ou sendo devorado por um tubarão. Uma ilha misteriosa e

²³⁶*Ibid.*

²³⁷*Ibid.*

²³⁸FALCÃO, Ildefonso Falcão. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. **O Estado**, Florianópolis, SC, 7 jul. 1916, p.1.

²³⁹CLETO, Paulo. A *Epoca* de volta da Trindade - A ‘Joia de Turco’ do Atlântico. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 25 jun. 1916, p.2

²⁴⁰FALCÃO, Ildefonso Falcão. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. **O Estado**, Florianópolis, SC, 7 jul. 1916, p.1.

lendária, onde a realidade e a fantasia se misturam, e o mar fez um pacto com os caranguejos para impedir que as pessoas pudessem desembarcar na ilha e ocupá-la. Ao redor dela, o Atlântico foi caracterizado como uma entidade divina, que rugia furiosa, era brava, violenta e sacodia navios. Apesar das ondas colossais, o mar era belo, assim como o céu crivado de astros e o brilho do luar refletido em suas águas trêmulas.

Trindade também foi retratada nas reportagens como uma miragem encantadora, um oásis formidável, uma tentação perdida no Atlântico, um lugar dos sonhos que se assemelha a outros lugares bíblicos e mitológicos, como a Terra Prometida, o Lago de Genesaré, a Atlântida, a Cólquida e o Castelo de Tritão. Uma ilha vulcânica intratável, uma massa grande e cinzenta que emerge do oceano e que te permite sair do mundo em busca de paz sem precisar morrer ou tirar a própria vida. Uma fuga dos males da cidade grande. Um exílio, como o de Napoleão, na Ilha de Santa Helena. Um estranho deserto, alucinante, sinistro, onde seria possível conquistar a independência financeira, caso você tivesse a sorte e a persistência de encontrar lá, enterrado, o antigo e fabuloso tesouro dos piratas.

Sobre o tesouro que, como já foi mencionado, além de estar presente nos títulos das séries e de ter sido um dos temas mais abordados nas reportagens, é interessante ressaltar que mesmo após quase 110 anos da veiculação dessas publicações, até hoje ele mexe com o imaginário popular, atrai aventureiros para lá e rende novas publicações na imprensa, como é o caso da reportagem, *Parada de piratas: como é a ilha brasileira que pode esconder um tesouro*, publicada no portal UOL em dezembro de 2023. A reportagem trata da expedição de um pesquisador brasileiro em busca do tesouro que ninguém nunca conseguiu encontrar em Trindade.²⁴¹

O “Barroso” e sua tripulação, segundo Cleto e Falcão

Na opinião de Ildefonso Falcão, o “Barroso” era um cruzador magnífico, branco e lindo, extremamente confortável para um navio de guerra, o que tornou a travessia oceânica entre Rio e Trindade, perfeitamente tolerável. Já a oficialidade do “Barroso”, segundo ele, era um grupo

²⁴¹PORTAL UOL. **Parada de piratas: como é a ilha brasileira que pode esconder um tesouro**. Nossa Viagem, São Paulo, 12 dez. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2023/12/11/ilha-trindade-tesouro-pirata-curitiba.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 16 jan. 2024.

composto por uma forte mocidade, inteligente, que procurava agradar, a todo instante, os representantes da imprensa e os membros da comissão científica.

A recepção carinhosa, a polidez no tratamento com a tripulação, a serenidade, a operosidade, a ordem e a disciplina, o profissionalismo, a agilidade, a competência e a habilidade para navegar em condições adversas de mar, o comprometimento, a defesa da Pátria, a coragem e o heroísmo foram pontos apontados por eles. Não faltaram elogios à guarnição do “Barroso” nos textos publicados pelos dois jornalistas.

Em uma de suas reportagens, Ildefonso Falcão conta que, quando o primeiro grupo que embarcou na ilha foi ameaçado por um incêndio e pediu socorro com urgência, um escaler conduzido pelo Capitão-Tenente Alcino Cochrane, o qual ele se referiu como “um oficial que honra a nossa Marinha”²⁴², saiu do “Barroso” e tentou efetuar o salvamento.

Merece também destaque o relato do representante do *A Rua* sobre o tratamento dispensado pelos oficiais à marinagem. Foi uma surpresa para ele, não ter visto, do comandante ao mais novo dos segundo-tenentes, um gesto ou uma palavra ofensiva, conforme mostra o relato a seguir do jornalista:

Os marinheiros, disciplinados, cumprindo rigorosamente os seus deveres, gozavam mesmo de regalias. Durante os dias em que vivemos a bordo do ‘Barroso’, nenhum teve necessidade de ser castigado. Quer isso dizer, por honra de nossa Marinha de Guerra, que o regime da chibata não mais encontrou adeptos. O imediato, o Capitão de Corveta Augusto Durval Guimarães, que superintendia os serviços com critério e uma competência, dignos de registro, tudo lograva sem alterar-se [...] ²⁴³

No contexto deste trecho da reportagem de Falcão, vale ressaltar que o “Barroso”, de acordo com a DPHDM, era um navio de grande prestígio na MB, além de ser considerado como uma excelente escola para oficiais e marinheiros. Ele era denominado de “Palheta de Ouro” devido a sua “impecável apresentação e pelo rigor e disciplina, ordem e eficiência mantida a bordo”.²⁴⁴

Sobre a fala do jornalista sobre o “regime da chibata”, ela faz uma referência histórica sobre a “Revolta da Chibata”, quando:

²⁴²FALCÃO, Ildefonso Falcão. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. **O Estado**. Florianópolis, SC, 8 jul. 1916, p.1.

²⁴³FALCÃO, Ildefonso Falcão. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. **O Estado**, Florianópolis, SC, 7 jul. 1916, p.1.

²⁴⁴DPHDM - Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha. Cruzador ‘Barroso’. Marinha do Brasil. p.5, s/a.

Centenas de marujos se insurgiram e se apossaram dos quatro navios da Marinha, entre os quais os encouraçados ‘Minas Gerais’ e ‘São Paulo’, as mais poderosas máquinas de guerra da época. Eles não tinham motivação política. A grande bandeira era o fim dos castigos corporais aplicados aos acusados de indisciplina. Dos castigos, o mais violento eram as chicotadas – da mesma forma que se fazia com os escravos na época da Colônia e do Império. Por causa das chibatadas as deserções no mundo naval eram rotineiras.²⁴⁵

Os momentos de descontração no navio também foram descritos nas reportagens pelos jornalistas. Na praça das armas, onde havia uma pianola, os oficiais reuniam-se para jogar gamão e damas. Após o jantar, sempre animado, aconteciam as sessões cinematográficas, com filmes de Vitagraph e Gaumont. Terminadas as sessões, iniciava-se um concerto a bordo, no salão da praça das armas, aonde alguns oficiais iam para a pianola tocar e cantar músicas clássicas. Dentre eles, um se destacava pela sua linda voz de barítono. Era o Segundo-Tenente Engenheiro Maquinista Manoel Bittencourt, o Pinduca (seu cognome a bordo), que cantava trechos de óperas populares, como *Armide*, *Tosca*, *Carmen*, *La Bohème*, *Aida* e *Os Palhaços*, além de grandes óperas de Wagner. A audição musical terminava às 21h30, ao toque de silêncio para os oficiais. E, assim, segundo Ildefonso Falcão:

Passavam-se as noites, entre os admiráveis camaradas que são os oficiais do ‘Barroso’. [...] Divertíamos-nos bastante. Que bom se a despeito dos contratemplos havidos, ainda nos tivéssemos demorado um mês por lá. [...] No ‘Barroso’, não se tinha, no momento, a sensação do navio de guerra com a intransigência de sua disciplina. Dir-se-ia, antes, uma confortável ilha flutuante, em que oficiais e marinheiros se divertiam para esquecer as canseiras de longa travessia.²⁴⁶

O representante do jornal *A Epoca* afirmou ter encontrado no “Barroso”, além do repórter do *A Rua*, Ildefonso Falcão, outros representantes de jornais, como o *A Noite*, o *Gazeta de Notícias*, o *Jornal do Commercio* e *O Imparcial*. Também o periódico *A Tribuna*, de São Paulo, publicou uma reportagem afirmando que quase todos os jornais do Rio de Janeiro enviaram representantes na viagem que o “Barroso” fez à Ilha da Trindade.²⁴⁷ Essas

²⁴⁵WESTIN, Ricardo. **Há 110 anos, marujos denunciaram chibata na Marinha e racismo no Brasil pós-abolição**. Agenda Senado, 6 nov. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/em-1910-marujos-denunciaram-chibata-na-marinha-e-racismo-no-brasil-pos-abolicao#gallery-1>. Acesso em: 04/10/2024.

²⁴⁶FALCÃO, Ildefonso Falcão. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. **O Estado**, Florianópolis, SC, 8 jul. 1916, p.1.

²⁴⁷A FAMOSA ilha dos tesouros. **Jornal A Tribuna**, São Paulo, SP, 14 jun. 1916, p. 4.

informações reforçam ainda mais a afirmação de que esta foi a primeira grande cobertura jornalística de uma expedição científica e militar em uma ilha oceânica brasileira. Mas, apesar dessas evidências, não é possível afirmar que outros jornalistas, além de Ildefonso Falcão e Paulo Cleto, estiveram a bordo do “Barroso” na primeira expedição de ocupação permanente da ilha, pois nenhum outro jornal creditou o nome de seus representantes em suas matérias, como fizeram os jornais *A Rua* e o *A Epoca*. Independente disso, este trabalho analisou duas reportagens²⁴⁸ sobre a ocupação brasileira da Ilha da Trindade publicadas, respectivamente, nos periódicos *Gazeta de Notícias* e *A Noite*, que de acordo com Barros (2023), eram dois dos principais jornais circulantes do Rio de Janeiro na época.²⁴⁹

O *Gazeta de Notícias* foi um dos mais críticos com relação à ocupação. Já nos subtítulos da reportagem, o jornal escreve: “Abandonemos aquela ilha!”²⁵⁰ Para o jornal, Trindade era um presente de grego, ou seja, algo que você recebe de presente, mas acaba te dando prejuízo. Um lugar em que nem mesmo os portugueses e os ingleses, dois povos trabalhadores e sagazes, na opinião do jornal, conseguiram ficar por muito tempo lá.

Já no primeiro parágrafo, o *Gazeta de Notícias* faz uma crítica a três oficiais da Marinha, o Capitão de Corveta Ribeiro Sobrinho, que tinha interesse no lendário tesouro da ilha segundo relatou o sr. Martiniano Barbosa ao jornalista Idelfonso Falcão; o Primeiro-Tenente Antonio Sabino Cantuaria Guimarães, que fez o reconhecimento da ilha em 1914 para saber se ela poderia ser abordada e ocupada; e o Ministro da Marinha, o Almirante Alexandrino de Alencar, que foi o principal responsável pela ocupação: “Sonho, fantasia ou temeridade? [...] Três oficiais: um sonha com o tesouro e pede o comando da ilha; outro borda fantasias em torno de um breve relatório e o terceiro, em obediência aos preceitos da diplomacia da guerra, manda executar a ocupação da Ilha da Trindade”²⁵¹, escreveu o jornal.

Apesar da crítica aos oficiais, logo em seguida, a reportagem destaca o fato de que esta havia sido até então uma das missões mais difíceis desempenhadas com sucesso pela MB:

Está ocupada militarmente a Ilha da Trindade, mas só aqueles que assistiram à série enorme de dificuldades de verdadeiros atos de heroísmo podem dar testemunho do quanto foi espinhosa a missão cumprida pelo cruzador ‘Barroso’. Pode-se mesmo afirmar que jamais este ou qualquer outro navio de

²⁴⁸COUSAS curiosas – A viagem à ilha dos tesouros. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, RJ, 10 jun. 1916, p.3; EXCURSÃO à Trindade - Episodios Curiosissimos da luta pela vida entre seus habitantes. *A Noite*. Rio de Janeiro, RJ, 12 jun. 1916, p.1.

²⁴⁹BARROS, José D’Assunção. O jornal como fonte histórica. Petrópolis, RJ: *Vozes*, 2023.

²⁵⁰COUSAS curiosas – A viagem à ilha dos tesouros. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, RJ, 10 jun. 1916, p. 3.

²⁵¹COUSAS, ref. 250.

guerra brasileiro teve comissão tão difícil de ser desempenhada. Honra, pois, aos comandantes, oficiais e marinheiros do garboso navio, os quais com risco da própria vida e sem perda de vida alguma, acabam de levar os vereditos da corporação naval brasileira, conseguindo deixar na Trindade todo o pessoal e o material necessário, além do auxílio prestado à comissão científica que numerosos e variadas espécies coletou na sua arrojada exploração da ilha infernal.²⁵²

Em agradecimento ao auxílio prestado à comissão científica, a Egrégria Congregação do MN, sob a presidência do professor Bruno Lobo tomou, em julho de 1916, a resolução de inserir em ata “um voto de agradecimento ao Ministro da Marinha por ter facilitado a viagem de funcionários do museu à Ilha da Trindade, tomando assim interesse pelo desenvolvimento do instituto.”²⁵³

Importante ressaltar o reconhecimento do *Gazeta de Noticias* a respeito da importância do auxílio da Marinha prestado à comissão científica, que, como já foi mencionado, marcou o início da relação de apoio logístico da MB à pesquisa oceânica brasileira, que hoje é desenvolvida em diversos pontos na área marítima onde o Brasil exerce soberania e também fora dela, como é o caso das pesquisas realizadas na Antártica.

Assim como vários outros jornais, o *Gazeta de Noticias* também ressaltou as dificuldades e os riscos que representaram tanto o desembarque em Trindade, quanto o reembarque no “Barroso”, desafios que o periódico classificou como “uma luta titânica entre o pessoal de bordo e a fúria do oceano.”²⁵⁴

Entre os personagens citados na reportagem, aquele que parece ter enfrentado a maior dificuldade para acessar a ilha foi o primeiro médico da guarnição, o Tenente Dr. Pedro Martins.

Duas ou três investidas foram feitas para deixar em terra o doutor Pedro Martins e seus companheiros que desesperados, regressavam de novo para a bordo. Seria uma temeridade insistir. Os escaleres não podiam aproximar-se mais de 100 m de terra, e isso mesmo correndo o risco de ir despedaçar-se nos rochedos porque a areia é coisa que não existe naquelas malditas praias. [...] As jangadas escangalhavam-se todas. Um desespero! Visão macabra! [...] Um escaler patrulhado por um sargento vai à praia atirado pelas ondas e milagrosamente salva-se toda a tripulação que consegue salvar também o escaler, arrastando-o intacto para a terra [...] O comandante resolve mandar fazer sinal para a terra por meio de semáforos para que sigam todos para a Praia dos Portugueses. [...] Na Praia dos Portugueses, assim chamada por terem estes ali desembarcado há cerca de 100 anos, o mar continuava encapelado. [...] Vai à garra a última jangada feita a bordo, felizmente, depois

²⁵²*Ibid.*

²⁵³MUSEU Nacional – Reunião de Congregação. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, RJ, 6 jul. 1916, p. 2.

²⁵⁴COUSAS, ref. 250.

de deixar em terra o doutor Martins, o enfermeiro, os medicamentos e outros objetos que só puderam ir em barricas. E para a bordo não foi possível vir ninguém. Veio à noite e foi suspenso o serviço para ser continuado no dia seguinte, dia 4, na Praia das Tartarugas. Não sendo ali possível de novo, se fez sinal para que todos demandassem à Praia dos Portugueses. E já seguiu a romaria extenuante e desesperadora. Encontraram-se a bordo dois foguetões e como jangada, só restava a que servia para fundear os alvos de artilharia. Foi esta aproveitada, infrutiferamente, no dia 5, até que na manhã de 6, o imediato resolveu que viessem todos de qualquer maneira ainda que amarrados à jangada, do contrário ficariam na ilha para regressar quando viesse outro navio, pois o ‘Barroso’ tinha ordem de estar no Rio de Janeiro no dia 9. Isto foi escrito no bilhete e amarrado no rabo de um ‘papagaio’ que os rapazes enfiaram para a terra, mas que caiu no mar. Lançado o último foguetão com a retinida, Deus das alturas teve piedade daquele punhado de brasileiros e armado o cabo de vaivém na jangada, último recurso existente a bordo, foram vindos eles agarrados, a jangada levando tremendas pancadas d’água, ora desaparecendo da flor do oceano, como se navegasse em submarinos sem casco, chegando até os escaleres semimortos, como verdadeiros náufragos! E não eram poucos: dois segundo-tenentes, Nunes e Fontes, o Dr. Travassos que resistiu heroicamente, um sargento, o pescador Armando e mais 17 marinheiros! Quando eles chegaram a bordo, houve um suspiro geral de alívio, uma verdadeira descarga de tensão nervosa que a todos dominava.²⁵⁵

O tesouro escondido em Trindade, tema comum entre as matérias que trataram da expedição, teve pouco destaque na reportagem do *Gazeta de Notícias*. Mas o farmacêutico Barbosa Sobrinho não foi esquecido pelo jornal que o acusou de representante do charlatanismo. Já o diretor do MN Bruno Lobo recebeu muitos elogios:

O diretor do nosso museu é uma figura encantadora, alegre, expansivo, fluente, possui uma força de simpatia que seduziu e faz de quem se lhe aproxima um admirador e amigo. A sua palestra prende pelo que transborda de ciência de literatura e humorismo. Ainda mais, é exímio atirador, pescador hábil, nadador, um ‘sportman’ completo, sendo muito jovem para tanto saber. Sem ele, a parte científica da comissão, que foi a mais proveitosa, teria sido um fracasso.²⁵⁶

A reportagem termina com mais críticas e ironias sobre a expedição:

Que proveito tirou o ‘Barroso’ desta comissão? Os exercícios de tiro ao alvo realizados à noite pelo Tenente Burmester e seus alunos com auxílio do holofote, a prática do serviço de salvamento aos náufragos que foi das mais repetidas e agitadas, a resistência da guarnição, que apesar do serviço exaustivo, conservou excelente estado sanitário, os exames de praças realizados a bordo nas vésperas de chegar ao Rio, o aniversário do comandante, festejado com carinho por todos de bordo e uma grande coleção

²⁵⁵COUSAS, ref. 250.

²⁵⁶COUSAS, ref. 250.

de peixes, pássaros, tartarugas, caranguejos, algas e minérios para o Museu Nacional, tendo ainda ficado na ilha os preparadores? Isso tudo quanto custou ao governo? 100 e tantos contos, francamente não valeu a despesa. A Ilha da Trindade nada representa, é positivamente inabordável e improdutiva. A sua ocupação militar nada significa porque ninguém a deseja e nem a força que lá está teria elemento de opor qualquer resistência, mesmo a piratas que quisessem esconder novos tesouros, bastando para isso que se eles acampassem do lado oposto em que está o Comandante Ribeiro, jamais se comunicariam... Nem para presídio servirá pois que aos presos terá de montar guarda gente que nunca fez mal a ninguém. E quanto custará cada viagem a Trindade dado o preço atual do carvão? E aquela gente precisa de socorros, de gêneros alimentícios, de notícias do mundo e de navio que se demora ali, a fim de apanhar bom tempo, milagre realizado apenas quando lá esteve, o Tenente Cantuaria, que disse maravilhas daquele aborto do oceano! Não acreditamos que o governo insista na ocupação daquela ilha, seria um mau sonho, uma louca fantasia ou uma lamentável temeridade!²⁵⁷

Publicada na primeira página e ilustrada com fotos, a reportagem especial do *A Noite* sobre a missão brasileira em Trindade deu grande destaque aos aspectos científicos e ambientais relacionados a formação geológica, condições de tempo e mar, fauna e flora da ilha.

Os penhascos descem até a profundidade do mar e só num ou noutro ponto, onde o trabalho do tempo já desfez os altos dos montes e a configuração em bacia quebrou o ímpeto das ondas, só ali se formaram esboços de praia. Mesmo ali, porém, desce em declive tão rude e cerca-se de uma orla irregular de pedras revestidas pelos corais, onde se arrebatam as ondas com uma violência indescritível.²⁵⁸

Intitulada *Excursão à Trindade - Episódios curiosíssimos da luta pela vida entre seus habitantes*, a reportagem, segundo o jornal, divulgou observações inéditas do diretor do MN, Bruno Lobo, em seu retorno da ilha.

²⁵⁷*Ibid.*

²⁵⁸COUSAS, ref. 250.

Figura 13: Reportagem do *A Noite* com o diretor do MN, Bruno Lobo (1916).



Fonte: *A Noite* (RJ), 12/06/1916, p.1.

Acervo: Fundação da Biblioteca Nacional/Hemeroteca Digital.

Na entrevista que concedeu ao jornal *A Noite*, Lobo disse que a parte geológica da Ilha da Trindade estava sendo estudada pelo sr. Williams do Serviço Geológico, porém o relatório desse estudo ainda não havia sido publicado. A ilha é uma formação vulcânica, que sai abruptamente do meio do oceano. Por este motivo, não há praias que a circundam, explicou Lobo:

Vários têm sido os aspectos mostrados na excursão à Ilha da Trindade. A palestra que logo no primeiro dia entretivemos com o doutor Bruno Lobo [...] foi tão interessante que não a quisemos sacrificar no pouco espaço que tínhamos. Não parece que se tenha encontrado na pequena ilha um grande número de coisas que oferecessem interesse transcendente à história natural. Foi, entretanto, útil ao museu à excursão porque permitiu que se conclua definitivamente estudos sobre uma ilha brasileira, muito distante do continente, e por esse motivo oferecendo condições especiais no que respeita a sua constituição geológica, a flora que a ornamenta e a fauna que a habita.²⁵⁹

²⁵⁹EXCURSÃO à Trindade - Episodios Curiosissimos da luta pela vida entre seus habitantes. *A Noite*, Rio de Janeiro, RJ, 12 jun. 1916, p. 1.

De acordo com a reportagem, a formação geológica da ilha tornava o desembarque ainda mais difícil e perigoso. Em torno dela, os excursionistas procuravam um ponto mais abrigado da violência das ondas do oceano, porém logo eram surpreendidos por “súbitas gargantas de água correndo numa velocidade impetuosa entre a orla de pedras que lhe parecia um desembarcadouro seguro e a margem da ilha próxima de poucos metros.”²⁶⁰ Apesar da violência do mar, a transparência das águas era grande. No fundo, era possível ver com nitidez os recifes cobertos de corais, grandes esponjas e inúmeros peixes. “Dir-se-ia um aquário artificial.”²⁶¹ Em terra, como a ilha era cercada de montanhas, ela não oferecia grande espaço às incursões. Porém, a curiosidade levou os excursionistas a tentarem passar pelas montanhas para alcançar o outro lado dela:

Nada mais angustioso que essa subida. Parecia um pesadelo. O solo sobre o qual o pé se apoiava fugia aos pés escavados de buracos de caranguejos. O capim que revestia o dorso do monte oferecia um apoio incerto às mãos que, não raro, o arrancavam de suas frouxas raízes. Por onde subia um excursionista todo um rastilho se formava, de terra que se desfazia aos seus pés, dos molhes de capim que as suas mãos iam arrancando e dos blocos de pedras que se despregavam de suas frouxas bases e desabavam pela encosta abaixo. O esforço dos músculos e a tensão dos nervos eram tais que ao chegar ao alto tremiam as pernas ao excursionista, como se tivesse tomado um tremor convulso.²⁶²

A descrição poética e assustadora que a reportagem faz dos rumores que enchiam o silêncio da noite em Trindade chama a atenção no texto:

O marulho da água rebentando com fragor criava um motivo musical ritmado dentro do qual surgiam sem ritmo, nem método, numa desordem apavorante, todos os demais rumores, num diabólico concerto de aves noturnas que grasnavam e gargarejavam na escuridão da noite com uma voz inimitável, que entrava pelos ouvidos, arranhando até a alma.²⁶³

As mudanças repentinas das condições de tempo e mar, comuns em Trindade, também foram citadas pelo jornal como um desafio para os excursionistas. Quando o mar de uma hora para outra ficava violento, nenhum dos que estavam a bordo ousava vir resgatar os que ficaram em terra, com uma embarcação apropriada para este fim, como um escaler ou uma jangada. Por

²⁶⁰ *Ibid.*

²⁶¹ *Ibid.*

²⁶² *Ibid.*

²⁶³ *Ibid.*

isso, criou-se na ilha um sistema curioso de transporte para a terra, denominado “sistema submarino”:

Era uma prancha amarrada a uma corda. A prancha dava à terra. O viajante agarrava-se a ela fortemente. Do bote puxavam com rapidez, com violência para que na arrebentação da onda, não permanecesse o viajante por muito tempo envolto na água. Nova onda, novo puxão e por fim, o viajante submarino chegava ao bote, onde tinha de entregar ao mundo externo, a carga d’água que em excesso recebera na extravagante locomoção. Os sacrifícios eram, porém, compensados pelo que era dado observar. No mundo dos peixes, que variedade e, sobretudo, que quantidade! Na arrebentação da onda, eles são tantos que sobem na espuma e vêm-se por transparência povoando a massa líquida em suspensão como desenhos escavados num vaso *Gallet*.²⁶⁴

Bruno Lobo levou vários espécimes mortos de um peixe azul safira e de um outro peixe, o peixe-porco, que os marinheiros apelidaram de “me pega por favor”, tamanha era a facilidade de apanhá-los. “A quantidade deles é tanta que um pedaço de pão atirado na água forma logo uma verdadeira mancha de peixes que ali ocorrem em multidão.”²⁶⁵ As garoupas grandes e pesadas ficavam nas maiores profundidades. Não era difícil pescá-las. O desafio era livrá-las dos tubarões que as arrancavam ferozmente dos anzóis. Na maré vazante, pequenas bacias se formavam, com pequenas profundidades. Nessas bacias, era possível matar uma grande quantidade de peixes a pauladas, segundo a reportagem. Um bom espaço da matéria foi destinada para apresentar o comportamento dos caranguejos de Trindade, os verdadeiros reis dali, segundo o jornal:

Buliçoso, esperto, sem medo nem das aves, nem do homem, o caranguejo da Ilha da Trindade é o habitante mais trabalhador que ela possui. [...] Desenterra os ovos das tartarugas para comê-los. Aguarda com muito cuidado a saída das tartaruguinhas para saborear suas carnes. Ataca as aves que lhe querem roubar os frutos do seu trabalho. O Dr. Bruno Lobo assistiu uma luta entre uma águia marinha e vários caranguejos. A resistência destes é enorme e sua capacidade de ataque incrível. A águia para vencê-los tem de segurá-los um por um, erguê-los a certa altura do solo e deixá-los cair para que se espatifem. Presos num saco, eles se soltaram. Entraram numa das malas e roubaram o relógio de um dos preparadores do museu. É impressionante a sua curiosidade.²⁶⁶

Na luta pela vida, as aves em Trindade tinham uma habilidade extraordinária:

²⁶⁴EXCURSÃO, ref. 259.

²⁶⁵*Ibid.*

²⁶⁵*Ibid.*

²⁶⁶EXCURSÃO, ref. 259.

A ave adulta sai a pescar para os filhinhos, ainda implumes. Volta para dar-lhes o peixinho. Mas, outras aves jovens, sem forças ainda de irem à pesca, embora já emplumadas, querem disputar aos pequeninos o que lhes traz a mãe. Esta não lhes deixa o peixe. Faz um voo e volta. Se persistem os preguiçosos glutões, voa de novo a pescadora, esconde alhures a pesca e volta para afugentá-los e deixar sós aos pequeninos, para os quais parte a buscar de novo o alimento. Sem conhecer o homem, consideram-no como um animal a mais, em cuja concorrência logo entram, já arrebatando-lhe das mãos a pesca, já querendo arrancar-lhes botões por pensá-los alimento.²⁶⁷

Da flora da ilha, a reportagem comentou que com exceção da grande quantidade de algas, a vegetação é muito pobre em Trindade. Há, no entanto, na parte leste da ilha “uma leguminosa exuberante que se alastrou por toda ela. Foi ali que alguns portugueses habitaram a tempos. Ela é talvez um vestígio dessa habitação.”²⁶⁸ Sobre o fabuloso tesouro escondido por um famoso pirata, de acordo com o jornal, “parece não existir senão a deslumbrante obsessão que enriquece o cérebro dos visionários...”²⁶⁹ Nenhuma crítica à ocupação da Ilha da Trindade foi feita nessa reportagem do *A Noite*.

Além do *A Noite*, outros jornais como *O Imparcial*, *A Notícia* e o *Correio da Manhã*, deram destaque às palavras do diretor do MN (Figuras 14 e 15). “As excursões têm sempre os seus resultados científicos e trazem proveitoso e ensinamentos e é de supor que essa à Ilha da Trindade traga alguma contribuição aos estudos que a respeito já encetámos”²⁷⁰, disse Lobo ao *Correio da Manhã*.

Apesar do pouco tempo para profundas investigações, o diretor do MN afirmou que “a excursão científica à Trindade foi coroada de êxito completo tanto quanto permitiam as condições difíceis do local.”²⁷¹

Lobo, contribuindo para a divulgação científica de vários aspectos ambientais e ecológicos da Ilha da Trindade, forneceu à imprensa dados interessantes, principalmente, sobre a flora e a fauna da ilha. Segundo ele, a flora é insignificante. Porém, em torno da ilha encontram-se muitos corais variados, corais brancos, róseos e vermelhos; e esponjas “que

²⁶⁷*Ibid.*

²⁶⁸*Ibid.*

²⁶⁹*Ibid.*

²⁷⁰A VIAGEM do ‘Barroso’ à Trindade – o que nos disse o professor Bruno Lobo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, RJ, 11 jun. 1916, p. 3.

²⁷¹A VIAGEM do ‘Barroso’ - A ocupação militar da ilha da Trindade- Antecedentes da ocupação. *A Noite*, Rio de Janeiro, RJ, 10 jun. 1916, p. 1.

podem ser colhidas já em condições de colecionar”.²⁷² Diante da grande quantidade de corais e esponjas na ilha, o cientista acredita que esses organismos “poderiam tornar-se uma fonte de renda, uma indústria nova.”²⁷³

Figura 14: Entrevista com o professor Bruno Lobo (1916) (1).

Figura 15: Entrevista com o professor Bruno Lobo (1916) (2).



Fontes: (Figura 14) *Correio da Manhã* (RJ), 11/06/1916, p.3 e (Figura 15) *A Noticia* (RJ), 10/06/1916, p.1.

Acervo: Fundação da Biblioteca Nacional/Hemeroteca Digital.

Nas cascatas, explicou Lobo ao *A Noticia*, existiam muitos fetos. Havia também uma exuberante leguminosa que dava uma fava de grandes dimensões e muitas árvores de alto porte caídas no chão, como se a ilha tivesse sido devastada por um furacão. “O que de mais interessante se nota quanto a flora é que parece ter havido por ali um grande tufão [...] que derrubou todas as grandes árvores.”²⁷⁴

²⁷²A VIAGEM, ref. 270.

²⁷³A EXCURSÃO à Ilha da Trindade - O desembarque. A flora. A fauna – Algumas palavras do Sr. Dr. Bruno Lobo. *A Noticia*, Rio de Janeiro, RJ, 10 jun. 1916, p. 1.

²⁷⁴*Ibid.*

Sobre a fauna da Ilha da Trindade, o diretor do MN citou as espécies mais numerosas que viviam no local: os peixes, de espécies variadas, sendo que muitos desses animais foram trazidos em barricas pela comissão científica; as aves, “essas sim são numerosas, orçando ali por oito espécies e bem variadas”²⁷⁵, habitando principalmente o lado oeste da ilha; os crustáceos que “se multiplicam de modo que além das três espécies conhecidas, conseguimos obter mais oito”²⁷⁶; além dos insetos e dos moluscos. No contexto econômico, face à grande quantidade de peixes que havia no local, Lobo afirmou ao *A Notícia*, que seria interessante o Brasil pensar em Trindade como uma “fonte excepcional para a nossa piscicultura.”²⁷⁷

Havia também diferentes espécies de vermes e parasitas das aves, que foram, muitas delas, coletadas pelo Dr. Lauro Travassos, do Instituto de Manguinhos. O único mamífero avistado na ilha foi um rato, mas como “até o regresso do diretor do museu não tinha sido possível apanhar nenhuma espécie”²⁷⁸, não foi possível classificá-lo. De acordo com o *A Notícia*, Bruno Lobo trouxe de Trindade uma tartaruga de 2 m de comprimento, com aproximadamente 300 anos, “mais velha do que a Independência e quase da idade do Brasil.”²⁷⁹ Lobo aproveitou a entrevista que concedeu ao *O Imparcial* para corrigir o tamanho do quelônio que saiu publicado na reportagem do *A Notícia*. Segundo ele, apesar de enorme, a tartaruga “continuava com o mesmo metro e meio que apresentou ao ser recebida a bordo.”²⁸⁰

Em resposta ao *Gazeta de Notícias* e outros jornais como *O Imparcial* que afirmou que “o país dispendeu mais alguns contos improficuamente e gastou carvão ordinário e custoso sem ter aproveitado a viagem para uma experiência em larga escala”²⁸¹, o jornalista Oscar Lopes saiu em defesa da ocupação brasileira da Ilha da Trindade no artigo *A volta do ‘Barroso’*, publicado em 11 de junho de 1916, na primeira página do *O Paiz*. Na opinião de Lopes, a viagem do “Barroso” com destino a Trindade, à qual referiu-se como uma excursão heroica, não foi inútil, apesar do desapontamento de alguns jornais. Como argumento, ele destacou o risco que a ilha corria de ser ocupada por outra nação por causa da guerra:

²⁷⁵A ILHA da Trindade – Uma viagem interessante e seus resultados. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 11 jun. 1916, p. 1.

²⁷⁶A VIAGEM do ‘Barroso’ à Trindade – o que nos disse o professor Bruno Lobo. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 11 jun. 1916, p. 3.

²⁷⁷A EXCURSÃO, ref. 273.

²⁷⁸A VIAGEM do ‘Barroso’ - A ocupação militar da ilha da Trindade - Antecedentes da ocupação. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 10 jun. 1916, p. 1.

²⁷⁹A EXCURSÃO, ref. 273.

²⁸⁰A ILHA da Trindade – Uma viagem interessante e seus resultados. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 11 jun. 1916, p. 5.

²⁸¹*Ibid.*

Uma ilha como a da Trindade, solta em pleno oceano, bem longe da costa, de difícil fiscalização, devia, nestes tempos de dura guerra, apetrechar algum dos beligerantes, que nesta angustiosa hora da civilização, arrasam desapidadamente a Europa. Confia que deixássemos lá o nosso sinal de donos antes que algum aventureiro cingisse a coroa simbólica. [...] Nós, avisadamente, não esperamos desta vez que nos arrombassem as portas. Pusemos com louvável prudência as trancas da precaução. Aliás, esses perigos que são remotos e vagos como todos os perigos que se não apresentaram ainda foram mero pretexto para essa mais do que retardada ocupação.²⁸²

Oscar Lopes segue fazendo considerações históricas sobre o momento em que a Ilha da Trindade quase virou propriedade dos ingleses, quando no Brasil veio à tona o que ele chamou de patriotismo ocasional:

Diante de uma violência, saltamos com as armas nas mãos, inflamados de patriotismo ocasional, como aconteceu, no momento em que a Inglaterra, ansiosa de mares, imaginou que, em verdade, nós desprezávamos aqueles poucos quilômetros de terra firme em meio do oceano. Isso foi há uns bons 20 anos. Diante da nossa justiça, uma reclamação, tudo acabou voltando, à ilha a nossa plena propriedade [...] que fizemos em seguida [...]? Nada. A Trindade continuou esquecida e nós ficamos muito contentes porque a Inglaterra no-la havia restituído. [...] Por um singular sentimento de providência, nós nos lembramos meses atrás da existência dessa ilha, no nosso patrimônio nacional, e acordando a consciência lerda pensamos em tornar efetiva e prática a sua posse.²⁸³

Para concluir, o jornalista questionou ironicamente se havia realmente motivos que justificassem os jornais estarem desapontados. Afinal o que estes esperavam que os excursionistas encontrassem na Ilha da Trindade, além do que foi encontrado?

A Ilha da Trindade é o que devia ser: um agreste pouso no agreste oceano. Que tem ela para oferecer ao viajor que a procura? Corais em torno, peixes em escandalosa abundância, caranguejos tartarugas seculares, aves selvagens, montes hispídeos, água nascente [...]. O mar em torno é bravio e o acesso à ilha é difícil, por isso nós vamos abandoná-la? Não é esse o conselho que se deve dar. [...] Pacifiquemos a ilha, tornemo-la menos áspera pela frequência das nossas visitas. Um contingente da nossa Marinha lá ficou, empenhado na construção de abrigos e barracas. Outros irão depois e nesse revezar de patrulhas, nós teremos conseguido a efetiva perpetuidade da nossa posse. Abandoná-la? Jamais.²⁸⁴

²⁸²A SEMANA. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 11 jun. 1916, p. 1.

²⁸³*Ibid.*

²⁸⁴*Ibid.*

No campo político, a expedição de ocupação da Ilha da Trindade também recebeu críticas. O jornalista maranhense e senador da República Mendes de Almeida considerou os gastos com a expedição a Ilha da Trindade excessivos e supérfluos.²⁸⁵ “O governo solicitou ao Congresso dois créditos para estabelecer bases militares na Ilha da Trindade. Foi um dinheiro gasto sem proveito nenhum. Quem autorizou o Ministro da Marinha a fazer bases militares, atualmente, nesta hora de aperto?”²⁸⁶ Já o senador Miguel de Carvalho, reclamou do crédito de 1.000 contos para o Ministério da Marinha pois considerava uma ideia extravagante manter um destacamento militar em Trindade “quando tudo no momento impõe o dever de reduzir as despesas e não inventá-las.”²⁸⁷ Além de afirmar que 1.000 contos era muito dinheiro, Carvalho acusou o EMA de não saber o ponto em que se deve desembarcar em Trindade. Porém, ele defendeu o comandante do “Barroso”, afirmando que o problema do desembarque na ilha tinha relação com as cartas náuticas brasileiras: “as nossas cartas estão erradas, porque, se assim não fosse, o comandante daquele vaso de guerra teria recentemente desembarcado na Trindade.”²⁸⁸

Uma nota do jornal *A Tribuna*, do dia 26 de agosto, tratou com ironia, a presença militar brasileira na ilha: “Vai ser reforçado o armamento da Ilha da Trindade. Por quê? Que ele mandará o governo? Arma d’ilha.”²⁸⁹ A revista *O Malho* publicou na seção “Salada da Semana” um desenho colorido de um caranguejo (Figura 16) e a bandeira do Brasil na Ilha da Trindade com o seguinte texto: “A Trindade é um verdadeiro trampolim estratégico que o melhor serviço que nos poderia prestar seria desaparecer nas profundas do oceano. É uma espiga que já nos fez dor de cabeça e que temos que salvar para a bem da nossa soberania... E da dos caranguejos que a habitam.”²⁹⁰

O jornal *Pacotilha*, em sua primeira página de 29 de setembro de 1916, publicou um artigo assinado por José Nava Rodrigues, no qual critica a abertura de créditos extraordinários “para manobras da perra esquadra para a transformação da Ilha da Trindade que tem servido para a criação de cabrito.”²⁹¹

²⁸⁵O SR. Mendes de Almeida responde ao desafio do sr. João Luiz – Os gastos monstruosos do governo. *A Rua*, Rio de Janeiro, RJ, 16 ago. 1916, p. 3; OS GASTOS excessivos. *O Jornal*, São Luiz, MA, 17 ago. 1916, p. 1.

²⁸⁶O SR. Dantas Barreto é recebido pelo Senado - O Sr. Mendes de Almeida continua a mostrar os gastos vultuosos do governo actual. *A Rua*, Rio de Janeiro, RJ, 17 ago. 1916, p. 3.

²⁸⁷TELEGRAMAS. *Pacotilha*, São Luiz, MA, 17 ago. 1916, p. 1.

²⁸⁸NO SENADO – O sr. Miguel de Carvalho falla contra o credito de mil contos para a nossa neutralidade. *A Rua*, Rio de Janeiro, RJ, 16 set. 1916, p. 3;

²⁸⁹BALAS d’estalo.... *A Tribuna*, São Paulo, SP, 26 ago. 1916, p. 2.

²⁹⁰SALADA da Semana. *O Malho*, Rio de Janeiro, RJ, Ed. 718, Ano XV, p.21, 1916.

²⁹¹O FUNCIONALISMO publico. *Pacotilha*, São Luiz, MA, 29 set. 1916, p. 1.

Figura 16: Crítica à ocupação da Ilha da Trindade (1916).



Fonte: Revista *O Malho*, edição n.718, 1916, p.21.
Acervo: Fundação da Biblioteca Nacional/Hemeroteca Digital.

O 'Benjamin Constant' vai à Trindade

Com uma turma de 22 guardas-marinha a bordo, em viagem de instrução pelo Nordeste e Norte do país, sob o comando do Capitão de Fragata Conrado Heck, partiu do Porto do Rio de Janeiro, no dia 26 de junho, o Navio-Escola "Benjamin Constant", tendo como seu primeiro destino a Ilha da Trindade. Antes de sair, o navio recebeu a visita do presidente da República, o sr. Wenceslau Brás.

Uma das missões do "Benjamin Constant" era conduzir até Trindade mantimentos e o Primeiro-Tenente Dr. Antônio Lemos Filho, que foi para lá substituir o Primeiro-Tenente Dr. Pedro Martins, que pediu dispensa do seu trabalho na ilha. O navio-escola ficou incumbido também de levar até a Bahia, o Dr. Pedro Martins e os operários encarregados da construção dos alojamentos dos oficiais, que já estavam há mais de dois meses em Trindade.

Depois de cumprir a missão em Trindade, o "Benjamin Constant" seguiu para a Bahia, onde desembarcaram o Dr. Pedro Martins, o Enfermeiro Naval Linhares e os operários, que

retornaram em um outro navio para o Rio de Janeiro. Dali, o navio-escola, seguiu à vela para Pernambuco, Fernando de Noronha e Belém do Pará. Permaneceram na ilha o Capitão de Corveta Joaquim Ribeiro Sobrinho, o Primeiro-Tenente Dr. Antônio Lemos Filho e 12 praças, que compunham o destacamento militar, além dos preparadores do MN, Pedro Pinto Peixoto e José Domingues, e o farmacêutico, pesquisador de tesouros, Barbosa Sobrinho.

A ida do “Benjamin Constant” à Trindade foi marcada pelo boato de que, devido às enormes dificuldades de abordagem e habitação da ilha, o Brasil havia desistido de ocupá-la. O navio-escola, então, estaria indo para Trindade a fim de recolher toda a guarnição militar que lá se encontrava. Notícia publicada no *O Paiz*, dias antes do início da viagem, 21 de junho, argumentava, no entanto, que tal notícia não devia ser verdadeira:

Não nos parece de fato crível que o governo houvesse aprestado uma expedição para aquela ilha com o fim de manter ali um posto permanente de defesa militar com estação radiotelegráfica e os demais aperfeiçoamentos recomendados pelo progresso da civilização, e de um momento para outro, feitas já avultadas despesas, dado início ao seu projeto, queira voltar atrás não se sabe por que motivo. Alegam-se as más condições de habitabilidade da ilha como se há dois séculos, sem os recursos que se dispõe hoje, quer quanto à navegação, quer quanto aos meios de subsistência, não se houvesse ali demorados portugueses que deixaram vestígios da sua permanência no formidável penhasco perdido em meio do Atlântico que os caranguejos elegeram para o seu retiro predileto. Como se alimentavam, como bebiam há 100 ou há 200 anos os portugueses na Trindade e não se pode hoje beber e se alimentar ali? O confronto entre as épocas em que os descobridores da nossa terra ali se mantiveram e a atual, na qual nos confessamos incapazes de repetir a façanha dos nossos antepassados, é deprimente para nós. [...] É de admirar que se não possa fazer agora o que já se fez há 200 anos, quando a Ilha da Trindade não era mais habitável, nem tinha outras condições de melhor conforto do que atualmente.²⁹²

Outros “boatos desencontrados e alarmantes”, segundo o *Gazeta de Notícias* de 12 de julho de 1916, também marcaram a viagem de instrução do “Benjamin Constant”. Mas esses boatos, que estavam relacionados com a ausência de notícias do veleiro, foram logo dissipados com a informação de que o comandante do navio-escola havia se comunicado às 5 h da manhã com a estação radiográfica de Fernando de Noronha, para a qual enviou a seguinte mensagem:

Cheguei a Trindade, às 4h30 da manhã, de 7 (julho). Após 31 horas de trabalho, todos os mantimentos, objetos e materiais embarcados no Rio foram desembarcados, sem exceção, graças a abnegação de todos de bordo. Só hoje posso ter o prazer de comunicar isso ao governo devido à insuficiência da

²⁹²A ILHA da Trindade. *O Paiz*, Rio de Janeiro, RJ, 21 jun. 1916, p. 2.

estação de bordo. Todas as ordens recebidas por este comando foram cumpridas. Deixei na Trindade, o médico. saudações.²⁹³

No dia 17 de julho, o Almirante Gustavo Garnier, Chefe do EMA, recebeu outro telegrama do comandante do “Benjamin Constant”, no qual constava mais informações sobre a missão em Trindade:

Bahia, 16. Cheguei bem, às 9h da manhã, tendo zarpado da Ilha da Trindade a 8, onde cheguei a 4. Desembarquei toda a carga recebida do Rio. Vieram a bordo até este porto, o doutor Pedro Martins, operários, empreiteiros e o enfermeiro inspecionador de saúde. Na Trindade, deixei o doutor Antônio Lemos. Viagem magnífica à vela. Saudações. O ‘Benjamin Constant’ vai demorar mais alguns dias na Bahia, continuando depois da sua viagem à vela para o Recife.²⁹⁴

Também por telegrama, o professor Bruno Lobo foi avisado pelo “Benjamin Constant” que os preparadores que se achavam na ilha estavam bem de saúde e ficaram lá colhendo material para os estudos científicos do MN.²⁹⁵ Durante a viagem a Trindade, o Comandante Conrado Heck verificou que a longitude exata do Pico da Trindade era de 29°18’48” W, e não de 29°21’42” W, como figurava na Carta número 88 do Almirantado britânico. O Contra-Almirante Américo Silvado, Superintendente de Navegação, mandou dar Aviso aos Navegantes sobre a retificação dessa longitude.²⁹⁶

No dia 21 de julho de 1916, os operários que estavam em Trindade chegaram no Rio de Janeiro. Em uma reunião com o Ministro da Marinha, declararam que deixaram prontos os barracões (Figura 17), fizeram as demais instalações e que, até antes de saírem de lá, todos na ilha gozavam de saúde.²⁹⁷

²⁹³O ‘BENJAMIN Constant’ – A sua chegada à ilha da Trindade – As comunicações feitas com Fernando de Noronha. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, RJ, 12 jul. 1916, p. 2.

²⁹⁴O ‘BENJAMIN Constant’ chegou à Bahia”. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, RJ, 18 de jul. de 1916, p.4.

²⁹⁵ECHOS e Factos. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 19 jul. 1916, p. 1.

²⁹⁶A LONGITUDE do Pico da Ilha da Trindade foi rectificada. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, RJ, 26 ago. 1916, p. 3.

²⁹⁷VOLTARAM para o Rio operários que foram para a Trindade, no ‘Barroso’. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 22 jul. 1916, p. 4; OS OPERÁRIOS que foram à ilha da Trindade chegaram ontem. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, RJ, 22 jul. 1916, p. 4.

Figura 17: Acampamento da primeira guarnição militar da Ilha da Trindade (1916).

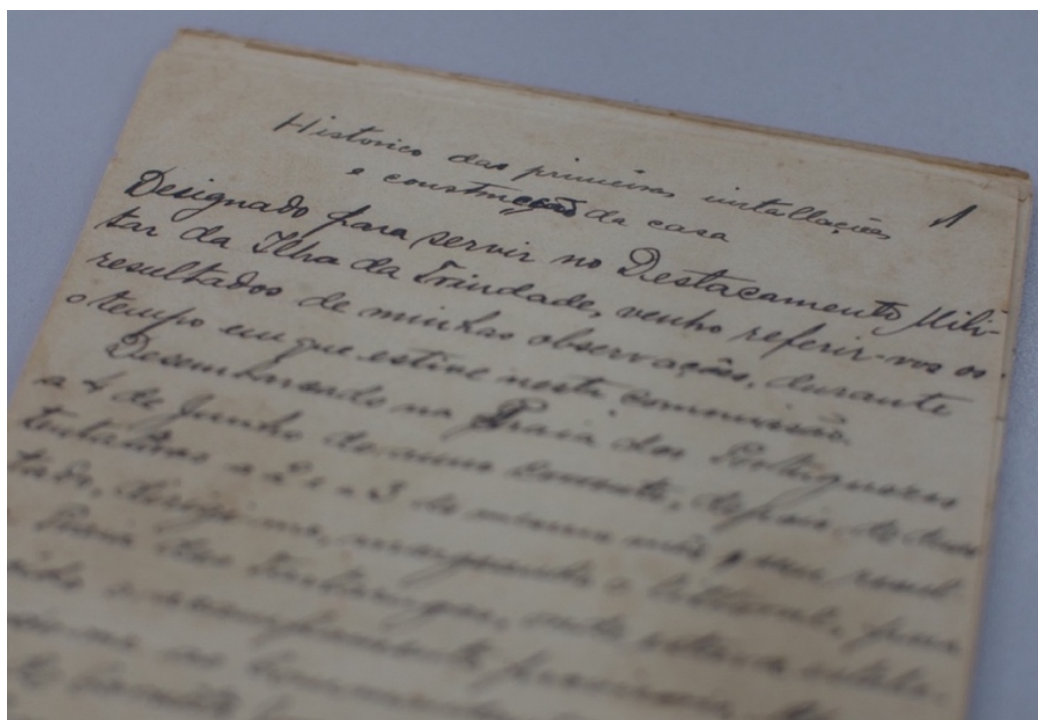


Fonte: Arquivo da Marinha Acervo DPHDM/Coleção da Expedição Científica Bruno Lobo (1916).
Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

Em seu retorno ao Rio de Janeiro, o Dr. Pedro Martins enviou ao Ministro da Marinha um relatório de 26 páginas escritas à mão²⁹⁸ (Figura 18), nas quais descreve os resultados de suas observações durante o tempo em que esteve em Trindade. Este documento é o primeiro relatório oficial sobre o início da ocupação brasileira da Ilha da Trindade. Ele está dividido em tópicos: “Histórico das primeiras instalações e construção da casa”; “Recursos existentes, melhoramentos propostos”; “Salubridade”; “Animais da ilha”; “Vegetação”; “Solo”; “Fontes de água”; “Observações meteorológicas”; “Serviço de desembarque”; “Explorações feitas”; “Auxiliar necessário”; “Radiotelegrafia”; e “Desenvolvimento futuros”.

²⁹⁸MARTINS, Pedro. Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha – DPHDM. Relatório sobre os primeiros meses de ocupação da Ilha da Trindade. Acervo DPHDM, 1916.

Figura 18: Primeiro relatório militar sobre os primeiros meses da inédita ocupação brasileira permanente da Ilha da Trindade, escrito pelo Dr. Pedro Martins (1916).



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo da DPHDM.

Foto: Mauricio Salles (2024).

Abaixo, segue um resumo dos principais pontos apresentados pelo Dr. Pedro Martins neste relatório.²⁹⁹

- Histórico das primeiras instalações e construção da casa: O desembarque do Dr. Pedro Martins aconteceu no dia 4 de junho de 1916, na Praia dos Portugueses, após algumas tentativas. Depois ele foi margeando o litoral para a Praia das Tartarugas onde fora estabelecido o acampamento provisório. Como nesta praia não havia manancial de água perto, o comandante da ilha, Joaquim Ribeiro Sobrinho, decidiu transferir o acampamento para um ponto na Praia dos Portugueses, a 2km dali, na margem direita de um córrego. No dia 8 desse mesmo mês, todos já estavam acampados em barracas militares e outras construídas com lona velha de velas inúteis do “Barroso”. Para a construção da casa, os operários tiveram de conduzir todo material, da Praia do Valado e praias adjacentes, para o acampamento definitivo. Os materiais da casa, como tábuas, vigas, caibros, ripas, portas e janelas,

²⁹⁹MARTINS, ref. 298.

foram lançados ao mar por marinheiros do “Barroso”, que estava fundeado em frente à Praia dos Portugueses. Todo este material ficou espalhado sobre as pedras que cobrem o litoral desde o Porto da Canoa até a Praia do Valado, e levado pela correnteza do mar que corre quase paralelamente à praia a nordeste da ilha. Pela violência do choque das ondas, que jogaram os materiais de construção sobre as pedras, parte deles ficou inutilizado, porém houve poucas perdas. O transporte destes materiais e dos mantimentos, do ponto onde eles foram desembarcados até o local escolhido para o acampamento, demorou alguns dias. Primeiro, por causa das dificuldades e da distância do caminho de aproximadamente 2 km que ligava esses dois pontos. Depois, porque, diante deste percurso fatigante e acidentado, cada homem só conseguia conduzir, em média, um peso inferior a 30 kg. A casa ficou pronta no dia 22 de junho, abrigando todo o pessoal da guarnição da ilha. Numa barraca, à margem esquerda do córrego, instalaram-se o farmacêutico José Martiniano Barbosa e os preparadores do MN, Pedro Pinto Peixoto e José Domingues, que assim o preferiram. Na margem direita do córrego, outra barraca foi instalada para abrigar os cinco operários civis que faziam parte da missão. A casa montada na ilha possuía três compartimentos. No primeiro, ao Sul, ficavam alojados o comandante e o médico, com a ambulância, e media 6 m por 3 m e 5 por 3,5 m, sendo subdividido em duas porções de 3,5 m por 4 e de 3,5 m por 2 m. No segundo, com as mesmas dimensões, ficavam os inferiores e no terceiro, ao norte, com 4 por 6 m, tendo dispositivo para armar macas e mesas fixadas às paredes com dobradiças para arriar bancos, ficava alojado o resto da guarnição. Aos fundos da casa havia um paiol, uma cozinha e o mastro com verga para a bandeira e sinais. Os banheiros eram constituídos por um abrigo de madeira, assoalhado, com perfuração para escoamento das águas e uma calha de madeira, por onde vinha a água de uma represa feita com pedras arrumadas no córrego dos portugueses. Também foi construído um sanitário, distante uns 80 m da casa, à margem da praia ao lado do acampamento, o que constituía sério inconveniente nos tempos chuvosos.

- Recursos existentes, melhoramentos propostos: Para levar água limpa até a casa e abastecer a guarnição, Martins sugeriu a instalação de encanamentos de chumbo, torneiras, um pequeno ralo para deter impurezas e uma represa de cimento a uma

altura conveniente. Como medida higiênica, a água para beber precisava ser passada por filtros de porcelana ou de barro poroso. Por ser alcançada pelas ondas somente durante a maré alta, a instalação sanitária que foi feita à beira da praia, acabava contaminando o solo, podendo disseminar doenças, além de emanar cheiros desagradáveis. Daí, a necessidade, apontada no relatório, de se construir uma canalização prolongada que adentrasse pelo mar. A lenha de madeira muito antiga e seca que existia espalhada em quase toda a ilha era utilizada como combustível. Como em Trindade não há florestas onde se pudesse contar com madeira para fornecimento de combustível por muito tempo, o relatório apontou para a necessidade de se fazer plantações de árvores que pudessem servir para este fim, em lugar com acesso relativamente fácil, pois as maiores árvores da ilha ficavam situadas no cume de um morro, de onde o transporte para o acampamento era quase impraticável. Martins sugeriu no relatório que a iluminação que era feita com lanternas “Dietz”, a querosene, poderia ser substituída, provisoriamente, por lâmpadas a álcool, a gasolina ou a acetileno. Em um futuro próximo, a iluminação elétrica da ilha poderia ser alimentada pela força de uma pequena queda d’água de 3 a 4 m de altura na Fonte do Barril. A sugestão de utilizar a força da água como fonte de energia sustentável era porque esta, além de ser mais econômica, seria mais difícil de faltar, diferentemente dos combustíveis como o querosene e a gasolina. Os peixes, abundantes no local, eram facilmente pescados com anzóis e excelentes para complementar a alimentação da guarnição. Porém, a fim de não os afugentar e não destruir as gerações futuras, Martins alertou que os habitantes da ilha deveriam evitar a mortandade exagerada e desnecessária de peixes, especialmente os pequenos, no intuito de garantir a continuidade da abundância de peixes na região. O relatório apontou ainda a necessidade de a guarnição poder contar com um forno de padaria a fim de substituir por pão, a bolacha que era distribuída conforme a tabela de viagem. Foi iniciada a plantação de batata, feijão, milho, legumes e foram feitas mudas de figueiras, encontradas no alto do Morro dos Príncipes. Em locais próximos ao acampamento, havia a possibilidade de serem plantadas árvores frutíferas como bananeiras, mamoeiros, abacateiros, cajueiros, coqueiros, limoeiros, melão, melancia e plantas que se adaptassem mais facilmente à proximidade do mar. Uma plantação importante seria a de mandioca, para fazer farinha. Tomateiros e

hortaliças diversas também seriam importantes para a melhoria da alimentação: por isso, deveriam ser enviadas as sementes e mudas necessárias para este fim. A criação de animais, praticamente de cabras e galinhas, já havia sido começada. O rebanho de cabras constava de parte que estava espalhada pela ilha e outra que estava presa, formada por 30 desses animais. As galinhas ainda eram em pequeno número. A criação de animais poderia ser aumentada com gado vacum, lanígero e muar, mas somente depois de serem feitas as pastagens com plantação de capim apropriado, pois o que lá existia não se prestava para tal fim.

- **Salubridade:** O acampamento ficava situado próximo à praia do lado nordeste da ilha. Era um local extraordinariamente ventilado pelos ventos alísios, que frequentemente sopravam na região, e cuja atmosfera era impregnada de água do mar, pulverizada pelo quebrar das ondas no banco de coral e nos recifes. As temperaturas eram mais ou menos constantes, sofrendo pequenas oscilações. Parecia que o local reunia várias condições para ser considerado salubre. Não havia pântanos, nem charcos. Não foi encontrada nenhuma espécie de mosquito, somente uma espécie de mosca da subfamília das *Sarcophagidae*, que há em abundância em Trindade. Havia também uma espécie de mosca hematófaga que parasitava aves marinhas e que, eventualmente, atacava o homem. Entre os que tiveram algum tipo de doença na ilha, Dr. Pedro Martins citou o Enfermeiro Naval de Segunda Classe Francisco Machado Linhares, por motivos estranhos à salubridade do local, e mais três doentes, que tiveram perturbações gastrointestinais passageiras devido a abuso de alimentação. Além disso, houve um caso de sarna, cujo parasita foi levado do continente; um outro de reumatismo; e pequenos ferimentos de pouca importância nos pés, causados principalmente por pedras do solo acidentado da ilha.
- **Animais na ilha:** Na ilha, havia pequenos ratos, aranhas, baratas, que juntamente com as moscas invadiram a casa logo que foi habitada, além de gafanhotos, formigas e libélulas. Não foram vistas borboletas, nem cobras, que o Dr. Pedro Martins esperava encontrar, conforme informações que ele recebeu. As duas variedades de guaiamuns, uns amarelos e outros vermelhos, bastante numerosos, e os aratus poderiam servir como alimentação e eram facilmente capturados. Foram reconhecidas sete espécies diferentes de aves, devendo o seu estudo e classificação

serem feitos, posteriormente, pelo MN. Estas aves marinhas, todas palmípedes, não foram experimentadas na alimentação. Porém, por mais de uma vez, a guarnição se alimentou dos ovos dessas aves que eram bastante saborosos.

Figura 19: Fragatas na Ilha da Trindade (1916).



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo da DPHDM [1916?].
Reprodução da foto original: Mauricio Salles (2024).

- Vegetação: Existia em abundância na ilha um feijão-bravo, de grandes sementes e casca espessa, que apesar da difícil digestão, poderia ser aproveitado quando houvesse falta de outro alimento melhor. Havia também mamona, cardo-santo, figueira comum, três variedades de gramíneas (capim) — imprestáveis para pastagens de animais —, e mais um arbusto espinhoso (leguminosa), trevo silvestre, sete variedades de feto — dentre os quais o feto arborescente localizado numa linda floresta, na vertente oeste dos morros Desejado e Trindade. No cume do Morro Desejado, havia uma capoeira de mato, conhecida como floresta e composta de árvores com 6 a 8 m de altura, numa extensão de 200 m, aproximadamente, nos dois sentidos. Segundo os pesquisadores do Museu Nacional, Nílber Gonçalves da Silva e Ruy José e Válka Alves (2020), essas árvores eram samambaias gigantes, da espécie *Cyathea copelandii*, que atualmente é dominante na floresta dos altos picos

da ilha. Tal planta foi a principal responsável pela regeneração atual da vegetação da Ilha da Trindade.³⁰⁰

- Solo: Trindade possuía vários tipos de solo. Na extremidade Sul, constituída pelo Morro do Tremal e adjacências, até o sopé do Pão de Açúcar, o solo era estéril, pedregoso e formado por um terreno vermelho escuro (roxo terra), seco e duro, parecendo queimado e que rolava facilmente sobre os pés. Já perto do Túnel, havia uma praia onde o médico encontrou dois blocos de parafina de petróleo. O solo na Praia das Tartarugas era como um areal não constituído por areia, mas por um cascalho fino, facilmente espalhado pelo vento, responsável pela formação das dunas nas bases do Pico Número Um e do Morro das Tartarugas. O solo próximo ao Pão de Açúcar, onde o terreno se elevava um pouco, era constituído por uma terra argilosa, coberta por feijão-bravo, mamona e uma gramínea. Na colina que separa a Praia do Príncipe e que alcança a cordilheira de montanhas que cobre o resto da ilha, até o extremo norte, existiam duas vertentes também constituídas por terreno argiloso. Estas vertentes eram cobertas por uma vegetação de 0,5 m de altura, aproximadamente, que vista de longe parecia um gramado verde, mas que na realidade, era composta de feijão-bravo e de duas espécies de gramíneas, das quais uma tem as folhas serrilhadas e cortantes. Próximo às praias, encontrava-se areia de cascalho fino que abrigava numerosos ninhos de tartarugas. Na Praia dos Portugueses, o terreno era escuro, semelhante ao húmus misturado à argila, vegetando nele o feijão-bravo. O solo apresentava o mesmo aspecto até a Praia do Valado, sendo, entretanto, um pouco mais acidentado e margeado de recifes. Nas encostas de leste do sistema de morros, desde a do Príncipe até a Crista do Galo, observavam-se árvores, arbustos e penhascos cobertos de líquen verde claro. O terreno da vertente Oeste do Morro do Príncipe era árido e se desagregava facilmente, tornando a travessia necessária para se alcançar os morros Desejado e Sapé, e a Cachoeira, a Oeste da ilha, extremamente perigosa. Observou-se ainda um

³⁰⁰SILVA, Nílber Gonçalves da.; ALVES, Ruy José Válka. Plantas Nativas da Ilha da Trindade. **INFOCIRM**, Brasília, DF, v. 32. n.1, p. 18, abr. 2020. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/infocirm/article/view/915/853>. Acesso em: 18 jun. 2024.

terreno escuro, úmido, provavelmente, muito fértil, que, até àquele momento, não poderia ser aproveitado para agricultura, devido ao seu acesso perigoso. Este terreno era encontrado no alto do Morro Desejado e nos vales por onde desciam as duas nascentes do maior manancial d'água da ilha, a Oeste, e onde localizava-se a grande floresta de fetos arborescentes, com uma extensão de mais ou menos 1 km. Seria preciso fazer ali caminhos seguros para fazer qualquer tentativa de cultivo neste terreno. Por toda parte da ilha, encontravam-se espalhadas pelo solo pedras segmentadas vindas dos morros por desmoronamentos de diversas datas, havendo em muitos lugares e em grandes extensões, amontoados dessas pedras (Figura 20) que impediam o crescimento da vegetação e atrapalhavam as excursões pela ilha.

Figura 20: Amontoados de rochas na Ilha da Trindade (1916).



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo da DPHDM Coleção da Expedição Científica Bruno Lobo (1916).
Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

- Fontes de Água: Na Praia dos Portugueses, havia um córrego e na Praia dos Príncipes, uma fonte, a Fonte do Barril, cuja água era límpida, arejada, fresca, constante e abundante, porém observou-se nela a presença de larvas de inseto que se encontravam também na água do Córrego dos Portugueses. Em vários pontos da ilha, havia filetes de água potável, com aspecto ligeiramente opalescente, mas que logo desapareciam, infiltrando-se no solo. A Cachoeira do Oeste (Figura 21), apesar de ser pouco volumosa, era maior do que a do córrego da Praia dos Portugueses, e

tinha água bastante fresca, límpida, arejada, leve e boa ao paladar. Do alto dos morros Desejado e Trindade, em um lugar de difícil acesso, desciam por extensos grotões, atravessando a floresta de fetos arborescentes, duas nascentes que acabavam se reunindo e passando por diversas quedas até formar, nas proximidades da praia, uma bela cascatinha. Na Praia do Valado, um pequeno córrego se infiltrava no solo antes de alcançar a praia. A água que abastecia a guarnição era proveniente do córrego da Praia dos Portugueses. Para confirmar a potabilidade desta água, o Dr. Pedro Martins coletou três amostras e as remeteu para a Segunda Sessão do Serviço Técnico Analítico da Armada para serem analisadas. O Capitão de Corveta Químico Arthur Carneiro, responsável por esta análise, considerou a água potável e muito pura, própria para o uso doméstico e industrial.³⁰¹

Figura 21: Cachoeira do Oeste na Ilha da Trindade.



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo da DPHDM [1916?].
Reprodução da foto original: Mauricio Salles (2024).

³⁰¹JORNAL do Commercio. Rio de Janeiro, RJ, 31 ago. 1916, p. 2.

- Explorações feitas: o Dr. Pedro Martins percorreu quase todos os pontos acessíveis da ilha, tendo feito excursões ao Túnel; à Praia do Príncipe, de onde seguiu até a Fonte do Barril; à floresta do Morro do Desejado, ao alto do morro do Sapé; fez também a travessia indo até a foz da Cascata. Na baía de oeste, alcançou o Valado, ao Norte da ilha, explorou todo o córrego da Praia dos Portugueses, até o limite acessível, verificando as suas nascentes, e explorou um córrego seco até a sua nascente, no lado sudoeste da ilha.

Figura 22: Aspecto do litoral e das formações rochosas da Ilha da Trindade.



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo da DPHDM [1916?].
Reprodução da foto original: Mauricio Salles (2024).

- Observações meteorológicas: O médico observou, diariamente, as temperaturas máxima e mínima. Havia chuva quase todos os dias, principalmente durante a madrugada. Os ventos predominantes eram os alísios de Sueste, que chegavam a rondar para Sudoeste até Nordeste. Não houve temporais. Não foi possível avaliar o grau de umidade atmosférica, mas ele supôs que não devia ser baixo por causa da água salgada pulverizada pelo quebrar incessante das ondas sobre os recifes. O acampamento sofria influência dessa umidade por estar localizado próximo à praia. Como permaneceu apenas dois meses na ilha, o Dr. Pedro Martins comentou que seria interessante fazer observações meteorológicas, por meio de aparelhos e

instrumentos meteorológicos, durante todas as estações do ano para fazer as deduções climatológicas decorrentes dessas observações.

- Serviço de desembarque: De acordo com Martins, a melhor embarcação utilizada para o desembarque em Trindade eram as jangadas com grande flutuabilidade. O Navio-Escola “Benjamin Constant”, que levou o Dr. Pedro Martins da ilha para a Bahia, antes dele regressar para o Rio de Janeiro, fez o serviço de descarga e desembarque do material de radiotelegrafia e mantimentos com relativa facilidade, ajudado pela calma relativa em que se achava o mar nessa ocasião. Tal serviço foi feito com uma balsa improvisada (Figura 23), construída pelos operários civis, aproveitando o material deixado pelo cruzador “Barroso”. Para a construção dessa balsa, foram utilizados um estrado, pouco flutuante, feito de pranchões sobre o qual foram fixados quatro barris vazios de óleo, e sobre estes, um assoalho com os restos das tábuas da casa. Uma tábua colocada longitudinalmente e presa nas extremidades do estrado serviu de amparo para a carga e para a guarnição. O flutuador foi deixado com a guarnição da ilha

Figura 23: Balsa improvisada utilizada no embarque de materiais na ilha.



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo da DPHDM [1916?].
Reprodução da foto original: Mauricio Salles (2024).

- Auxiliar necessário: O relatório apontou a necessidade de um operário carpinteiro, já prevendo um possível conserto emergencial da balsa flutuante da guarnição, ou de uma jangada ou um escaler, que quando utilizados no desembarque dos navios corriam risco de avarias devido à força do mar (Figura 24) que, dependendo da sua intensidade, era capaz de lançar tais embarcações contra os recifes e os rochedos da ilha.

Figura 24: A violência das ondas do mar em Trindade que dificultava o embarque na ilha.



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo da DPHDM [1916?].
Reprodução da foto original: Mauricio Salles (2024).

- Radiotelegrafia: O fato de a estação radiotelegráfica não ter sido montada foi considerado pelo Dr. Martins como um magno problema, pois ela era indispensável.
- Desenvolvimento futuro: Martins sugeriu aumentar o número de construções no acampamento ou em outros pontos habitáveis em Trindade, com o objetivo de melhorar o alojamento e o conforto do pessoal da guarnição militar, além de possibilitar que as famílias do pessoal do destacamento pudessem morar na ilha, facilitando deste modo a sua colonização.

Pontos relevantes do relatório e o acervo fotográfico do Dr. Pedro Martins

A saúde, o conforto e a alimentação do destacamento militar e os cuidados sanitários na ilha foram alguns pontos do relatório do Tenente Médico Dr. Pedro Martins que devem ser ressaltados. A proposta de se construir um emissário submarino que adentrasse no mar para evitar a disseminação de doenças; a solicitação de sementes e mudas para ampliar as plantações de frutas, legumes e hortaliças no local para melhorar a qualidade da alimentação na ilha; o envio de amostras de água do córrego que abastecia a guarnição ao laboratório de química da Marinha a fim de verificar a potabilidade dessa água; e o tratamento com filtros de porcelana e barro poroso da água que se bebia no acampamento, são alguns exemplos desses cuidados. Também vale destacar que estes e outros pontos do relatório, como as dificuldades de locomoção de um ponto a outro na ilha devido às suas características geológicas, além das particularidades da fauna, da flora e das fontes de água no local, permitiram tanto às altas autoridades, quanto à imprensa e à sociedade brasileira na época conhecer mais detalhadamente a realidade, os desafios e a rotina do destacamento militar brasileiro em Trindade nos primeiros meses da sua ocupação.

No contexto dos objetivos da “Década do Oceano”, iniciada em 2021, o relatório (escrito há mais de um século) aborda questões interessantes e contemporâneas no que diz respeito à ampliação do conhecimento científico sobre o oceano (como é o caso da proposta do Dr. Martins de se realizar a medição diária dos dados meteorológicos da Ilha da Trindade em todas as estações do ano) e ao uso sustentável dos recursos marinhos (como é o caso da preocupação do Oficial-Médico em preservar a abundância de peixes na região, evitando a sobrepesca).

Junto com o referido relatório, que está hoje sob a guarda da DPHDM, foi encontrada uma caixa de papelão com fotografias registradas na ilha, muito provavelmente no período em que lá serviu, de junho a agosto de 1916, o Dr. Pedro Martins. Este, supostamente, aparece em duas fotos (Figuras 25 e 26). Não é possível afirmar que o Oficial-Médico que aparece nas fotos é ele, mas há evidências que indicam que sim: primeiro, porque o uniforme que ele está vestindo é igual aos que os médicos da Marinha utilizavam naquela época; depois, porque as fotos foram encontradas juntas com o relatório original do Dr. Pedro Martins e, por fim, por causa da semelhança entre a caligrafia do texto do relatório e a da legenda “Cascata Oeste” (Figura 27), que foi escrita no cartão-postal onde a foto foi impressa e onde ele aparece sentado na frente desta cachoeira, em companhia de um homem mais velho de bigode branco e chapéu de palha.

Figura 25: Oficial da MB (possivelmente o Dr. Pedro Martins) explorando um dos pontos da costa da Ilha da Trindade.



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo da DPHDM [1916?].
Reprodução da foto original: Mauricio Salles (2024).

Figura 26: Oficial da MB (possivelmente o Dr. Pedro Martins) sentado ao lado de um homem de bigode branco em frente a Cascata do Oeste.



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo da [1916?].
Reprodução da foto original: Mauricio Salles (2024).

Figura 27: Comparação entre as caligrafias da palavra “cascata” escrita com lápis, no cartão postal, e com caneta, no relatório do Dr. Pedro Martins.



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo da DPHDM [1916?].
Reprodução da foto original e arte: Mauricio Salles (2024).

Terceira viagem a Trindade desde o início da ocupação, desta vez a bordo do “Carlos Gomes”

Quando a partir de final de agosto, alguns jornais³⁰² começaram a noticiar que a próxima embarcação da Marinha a seguir viagem para a Ilha da Trindade seria o vapor de guerra “Carlos Gomes”³⁰³, este estava atracado no porto do Rio Grande do Sul, onde já teria se abastecido de carvão das Minas de São Jerônimo. Dali ele iria até Santa Catarina, onde receberia quatro praças da Marinha, sentenciados por mau comportamento e recolhidos na Fortaleza de Santa Cruz, localizada no mesmo estado, e depois seguiria para a capital federal. Do Rio de Janeiro, iria direto para Trindade. Segundo esses jornais, os praças sentenciados estavam sendo enviados para a ilha a fim de auxiliar nos trabalhos que ali estavam sendo realizados pelo destacamento militar.

³⁰²NO REGRESSO do ‘Carlos Gomes’... – Virão a seu bordo sentenciados de Santa Catharina para à Ilha da Trindade. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, RJ, 30 ago. 1916, p. 4; JORNAL do Commercio, Rio de Janeiro, RJ, 30 ago. 1916, p.6; SENTENCIADOS para a Ilha da Trindade. **A Rua**, Rio de Janeiro, RJ, 3 set. 1916, p. 2; ILHA da Trindade – A viagem, desta vez, à ilha será do ‘Carlos Gomes’. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro 19 set. 1916, p. 3; O ‘CARLOS Gomes’ segue hoje para a ilha da Trindade. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, RJ, 22 set. 1916, p. 5; O PAIZ. Rio de Janeiro, RJ, 22 set. 1916, p. 1; RUMO à Trindade – O ‘Carlos Gomes’ adiou a sua partida para amanhã. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, RJ, 23 set. 1916, p. 1; O PAIZ. Rio de Janeiro, RJ, 23 set. 1916, p. 1;

³⁰³O nome deste vapor de guerra foi dado em homenagem ao maestro brasileiro Antônio Carlos Gomes, o mais importante compositor de ópera brasileiro.

A partida do “Carlos Gomes” do porto do Rio de Janeiro com destino a Trindade foi marcada para o dia 22 de setembro de 1916, mas devido ao atraso no embarque de diversos animais reprodutores, incluindo o gado vacum, que seriam transportados até a ilha, o navio só conseguiu zarpar dois dias depois.³⁰⁴

Figura 28: Navio Mineiro “Carlos Gomes”.



Fonte: <https://www.naval.com.br/ngb/C/C058/C058-f02.jpg>.

A bordo do “Carlos Gomes”, sob o comando do Capitão-Tenente Antônio da Motta Ferraz, além dos víveres, roupa e dinheiro para o pessoal da guarnição da ilha, e do material para a instalação da estação radiotelegráfica, seguiu também o Primeiro-Tenente Médico Dr. Carlos Viveiros da Costa Lima, que além de substituir o seu colega de igual patente, o Dr. Antônio de Lemos filho, também foi incumbido de assumir o cargo de comandante da ilha no lugar do Capitão de Fragata Ribeiro Sobrinho. Este iria regressar no “Carlos Gomes” junto com a guarnição que foi para a ilha em maio no “Barroso”, além dos preparadores do MN e o farmacêutico e pesquisador de tesouros Maximiano Barbosa. Como oficial responsável pela montagem da estação rádio telegráfica na ilha, prevista para ter um alcance aproximado de 700 milhas, foi designado o Primeiro-Tenente Alberto Pereira de Lucena.³⁰⁵

Um dia após a partida do “Carlos Gomes” para Trindade, o jornal *A Rua* publicou uma notícia maliciosa e bem-humorada, intitulada *Lá vão as Evas - Agora sim a Trindade será um Paraíso*³⁰⁶, na qual insinua que o vapor de guerra da MB teria levado para lá algumas mulheres

³⁰⁴RUMO à Trindade – O ‘Carlos Gomes’ adiou a sua partida para amanhã. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, RJ, 23 set. 1916, p. 1; O PAIZ. Rio de Janeiro, RJ, 23 set. 1916, p. 1;

³⁰⁵A PARTIDA do ‘Carlos Gomes’. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, RJ, 23 set. 1916.

³⁰⁶LÁ vão as Evas - Agora sim a Trindade será um Paraíso. **A Rua**, Rio de Janeiro, RJ, 25 set. 1916, p. 4.

(que, pelo tom irônico da narrativa, imagina-se que não eram as mulheres dos oficiais), como se lê a seguir:

Aquele povo que lá está desterrado, na atividade, devia já andar desgostoso com o senhor Ministro. Sua excelência esquecera, por certo, a promessa feita, quando foi da viagem do ‘Barroso’, à célebre ilha dos ainda mais célebres tesouros. — Vão descansados, rapazes, a Trindade é um paraíso, vocês serão ali uns novos Adões. — Mas as Evas, almirante? — Irão também, descanse, eu sei bem o que é isto de paraíso sem Eva [...]. Mas não foram. De Evas, no ‘Barroso’, nada. O ‘Benjamin’, que tempos depois para ali se fez de proa, também nada. Nadinha! Debalde os desterrados, sobre as escarpas, com o primeiro ponto negro avolumar-se no horizonte, sentiam a alma em frêmitos. Debalde interrogavam aos que iam: — E as Evas? — Que Evas? — As que o almirante prometeu. — Foi coisa que não trouxemos, aqui só vem bolacha, carne, barracas, cruzeiros... — Cruzeiros, já fazemos nós... na boca. E o ‘Benjamin’, como o ‘Barroso’, ganhou o mar largo deixando ali a desolação. Afinal, agora, a sua excelência parece ter pensado seriamente no caso. O ‘Carlos Gomes’ já partiu para a Trindade. É a terceira viagem para ali depois que o governo resolveu ocupar militarmente a ilha, todas feitas com intervalo de 75 dias, de uma para outra, o que continuará. O Almirante Alexandrino deu as suas ordens para que enviassem à decantada ilha, porcos, bois, cabras etc. Até feras humanas, que são os sentenciados. — Que lá não falte nada. — E não faltará almirante. O ‘Carlos Gomes’ vai carregado como uma arca de Noé. [...] E a coisa acudiu ao espírito de sua excelência. Se Noé já fora chamado ao caso, era necessário cuidar-se das Evas. — Que Evas almirante? — As... E o almirante falou no ouvido do seu ajudante de ordens. Este sorriu. O marinheiro de sentinela, à porta do gabinete, sorriu também maliciosamente... A ordem correu ontem e o ‘Carlos Gomes’ transportou no seu bojo, a caminho da Trindade, para gaudio daqueles Adões, uma boa penca de ‘Evas’! E sua Excelência, o senhor Ministro será abençoado por isto!³⁰⁷

Apesar de se tratar de uma história fictícia, essa notícia levanta uma questão importante no contexto da ocupação da Ilha da Trindade: a ausência de mulheres na ilha (o que tornava a vida dos homens do destacamento militar de lá ainda mais solitária e difícil), mesmo tendo o Ministro da Marinha, como já foi mencionado, autorizado a ida das esposas dos oficiais e praças casados para lá.

Antes do “Carlos Gomes” chegar a Trindade, sem as “Evas” mencionadas maliciosamente pelo *A Rua*, o senhor Ministro da Marinha resolveu que ao pessoal da Armada destacada na Ilha da Trindade se contaria em dobro, para os efeitos da reforma, o tempo em que ali efetivamente servissem, desde a data da chegada até a da saída da referida ilha, tal qual se

³⁰⁷LÁ, ref. 306.

praticava no território do Acre, em virtude do aviso do Ministério da Guerra de 25 de fevereiro de 1904 e do da Marinha de 20 de outubro de 1914.³⁰⁸

Depois de ter permanecido na Ilha da Trindade por mais de uma semana, o “Carlos Gomes” atracou no porto do Rio de Janeiro no dia 13 de outubro de 1916. Os resultados da sua missão na ilha foram exitosos. O desembarque dos mantimentos para o destacamento militar de lá, dos animais e de todo o material necessário para a instalação de uma estação radiotelegráfica foi feito em pouco mais de 24 horas. Em entrevista ao jornal *A Epoca*, um dos oficiais que participou da missão, mas que não teve o seu nome revelado, relatou que o navio chegou em Trindade no dia 28 de setembro. Nos dois dias que precederam essa chegada, o pessoal a bordo passou construindo uma jangada, utilizando 16 barris vazios de óleo e algumas tábuas. O Comandante Motta Ferraz e o Imediato Pereira da Motta acompanharam e dirigiram este serviço que demandava sérios cuidados pois, devido às condições perigosas do mar no local, tanto os volumes quanto os seus tripulantes precisavam chegar em segurança na ilha.³⁰⁹

De acordo com a reportagem do *A Epoca*, assim que o “Carlos Gomes” fundeou às 9h, em frente ao acampamento que fica na Praia dos Portugueses, uma pequena jangada vinda da ilha conduziu para bordo alguns peixes frescos. Era um presente dos insulados para os seus camaradas do “Carlos Gomes” que em retribuição lhes deram frutas e cigarros. Todos gozavam de boa saúde na ilha, queixando-se somente, e isto amargamente, de saudades do Rio de Janeiro e de falta de cigarros. A jangada, construída durante a viagem, foi lançada ao mar e nela foram transportados para a terra o gado, os mantimentos e os víveres que se destinavam à guarnição que lá se encontrava. O difícil e penoso transporte de aproximadamente 25 toneladas de carga ocorreu sem prejuízo algum. No dia seguinte, desembarcaram o Tenente Alberto Lucena e o mecânico eletricitista Ludolf Waldmann, que deram início à instalação da estação radiotelegráfica. Um carpinteiro, que veio no “Carlos Gomes”, se ocupou da construção de duas casas de madeira, sendo uma para as máquinas e outra para a estação, além de uma barraca para servir como paiol. Apesar da alta expertise técnica do Tenente Lucena e do mecânico alemão Waldmann, os dois não conseguiram fazer com que a estação, recém-instalada na ilha por eles, se comunicasse com alguma estação no continente. Como os mastros trazidos no “Carlos Gomes”, que iriam substituir os mastros real e médios (que seriam utilizados nessa estação e

³⁰⁸O PAIZ. Rio de Janeiro, RJ, 27 set. 1916, p. 1.

³⁰⁹O ‘CARLOS Gomes’ voltou hontem da Ilha da Trindade. *A Epoca*, Rio de Janeiro, RJ, 14 out. 1916.

que acabaram sendo arrastados pela corrente marinha durante o trabalho de desembarque do Navio-Escola “Benjamin Constant”), não tinham altura suficiente, a antena da estação ficou a apenas 23 m do solo. Com isso, o alcance do seu sinal era obstruído pelas montanhas e picos da ilha, atingindo apenas uma distância de 300 milhas.

Ainda segundo o jornal, a guarnição do “Carlos Gomes”, conseguiu encontrar os mastros real e médio, perdidos pelo “Benjamin Constant” em uma praia rodeada de penhascos e de difícil acesso. Parecia ser impossível a tarefa de retirá-los de lá. Mas a guarnição do navio conseguiu com muita dificuldade arrancar os mastros das pedras a que foram arremessados e os rebocaram para a Praia dos Portugueses. Também conseguiram recuperar em uma outra praia, encalhado, um escaler do “Barroso” que fora arremessado por uma onda e que estava bastante danificado. Este escaler foi trazido de volta ao Rio de Janeiro, no “Carlos Gomes”, para ser consertado. Diversos materiais que se achavam na costa da ilha também foram embarcados no “Carlos Gomes”.³¹⁰

De acordo com o jornal *Correio Paulistano* de 17 de outubro de 1916, dos acumuladores da estação de radiotelegrafia foi derivada a energia elétrica para iluminação da casa construída para o abrigo da guarnição.³¹¹

Além de toda guarnição militar, que foi substituída por outra, regressaram da Ilha da Trindade, o Capitão de Fragata Ribeiro Sobrinho, o Primeiro-Tenente Médico Dr. Antônio Lemos, o farmacêutico pesquisador de tesouros Maximiano Barbosa e os preparadores do MN. O jornal *A Rua* de 15 de outubro de 1916, que havia enviado um representante para cobrir a chegada da missão brasileira em Trindade, fez uma severa crítica à ocupação da ilha, considerando-a uma fantasia do governo:

Toda essa gente voltou enfarada da Trindade. Aquele degredo sinistro, verdadeiro oásis, triste, perdido num deserto oceânico, encheu-os de tédio e de aborrecimentos. Houve quem ficasse neurastênico à força daquela monotonia acabrunhante, monotonia de águas raivosas, monotonia de aspectos, monotonia de vida. Mas não existia recursos para o mal. A ilha soturna, com a perpétua onda monstruosa do mar a quebrar em vagas enormes nas rochas e nos corais, a muitas milhas da costa, sem comunicações com o mundo, não confortaria a ninguém. A esperança única era a aparição de um navio, que tardava sempre. E a saudade aumentava e a nostalgia ia lentamente dominando aquelas almas heroicas, que guarneciam por uma custosa fantasia do governo, uns destroços vulcânicos. As noites frias e horríveis. Os dias

³¹⁰O ‘CARLOS Gomes’, ref. 309.

³¹¹CORREIO Paulistano. São Paulo, SP, 17 out. 1916, p. 3.

longos e enfadonhos. A Trindade com a sua inenarrável melancolia transmuda-se, assim, em prolongamento de purgatório.³¹²

O Dr. Antônio Lemos Filho, que durante mais de três meses serviu como médico do destacamento militar da ilha, foi entrevistado pelo *A Rua*. Lemos narrou detalhes sobre a sua estada em Trindade, enfatizando o sacrifício humano que representava viver ali:

Nesses três meses e tanto, experimentei a sensação perfeita de abandono e de exílio. O espetáculo perpétuo do mesmo mar tumultuoso a bramir faz avultar a má impressão. Ao cabo de algum tempo, chega-se a perder a noção da vida com o seu conforto e a sua alegria.³¹³

Contou ainda que não foi preciso realizar grandes ações médicas, pois ninguém apresentou qualquer problema mais relevante de saúde:

O meu colega, doutor Carlos Viveiros da Costa Lima, que com a vinda do Comandante Ribeiro Sobrinho, acumula as funções de médico e comandante da ilha, pouco terá a fazer. E, neste instante, as coisas devem correr satisfatoriamente. O ‘Carlos Gomes’ levou víveres para 50 dias. Alimentação melhorada não proporcionará empachamento e flatulências a ninguém...³¹⁴

O *A Rua* quis saber detalhes sobre os resultados do trabalho científico realizado pelos preparadores do MN durante pouco mais de cinco meses na ilha. O Dr. Lemos Filho ficou impressionado com a dedicação deles:

Os auxiliares do doutor Bruno Lobo não descansaram. Vi-os em arriscadas excursões. [...] Auxiliei-os no que pude. O preparador Pedro, esse, então, não perdeu um dia. Cedo, lá andava pelas escarpas a colher novas espécies. E colheu-as realmente. Aves, trouxe perto de 100, algumas desconhecidas e só encontradas nos picos. Grazinhas, papudos, fragatas, maçaricos e águias marinhas vieram também enriquecer as coleções do museu. [...] A Trindade nunca foi seriamente estudada pelos naturalistas. Convenha, entretanto, em que ela, pela sua natureza especial, é um campo vasto para os estudos de história natural. Os espécimes conseguidos num curto espaço de tempo vem comprová-lo, exuberantemente. Insetos, parasitas, pequenos animais, líquens diversos, escolheram ainda os funcionários do museu em quantidade notável. A Trindade, ao menos sob o aspecto científico, possuía algo de interessante e de útil para os estudiosos da ciência. O doutor Bruno Lobo deve estar satisfeito

³¹²A ILHA da Trindade e os resultados da excursão do Museu Nacional – O que, em palestra, nos conta, o medico da guarnição, Dr. Antonio Lemos Filho. **A Rua**, Rio de Janeiro, RJ, 15 out. 1916, p. 1.

³¹³*Ibid.*

³¹⁴*Ibid.*

com o resultado do serviço. O museu ficará com as suas coleções consideravelmente aumentadas.³¹⁵

Para finalizar, o jornal perguntou ao médico se algum tesouro havia sido encontrado por lá e ele respondeu que não.

As pesquisas do senhor Barbosa e do Comandante Ribeiro Sobrinho foram infrutíferas. Cavaram-se morros, pedrouços foram virados, escarpas se arredaram e de tesouro nada. Se eles (os tesouros), algum dia, por lá andaram, desapareceram misteriosamente. Tenho a impressão de que em nenhum dos tenazes pesquisadores ficou uma sombra de ilusão. Os piratas e os seus herdeiros, fornecendo dados confusos e roteiros complicados, não tiveram, senão, intuito de trocar com os ingênuos e os espíritos simples.³¹⁶

No dia 14 de outubro de 1916, o Capitão-Tenente Ribeiro Sobrinho, que comandou por mais de cinco meses o primeiro destacamento de ocupação militar da ilha, apresentou-se às altas autoridades da Armada. Em seu relatório oficial, enviado ao Ministro da Marinha, relatou que durante a sua permanência em Trindade não se manifestou nenhum temporal, nem o mar esteve tão agitado quanto por ocasião de seu desembarque no “Barroso”. Foi feita uma pequena horta, que supria perfeitamente as necessidades da guarnição, e uma plantação de feijão, da qual não se esperava obter resultado, pois ela foi atacada por inúmeros camundongos e caranguejos que tudo destruíam, sendo inútil qualquer plantio em terreno que não seja convenientemente cercado. A pastagem era pobre, prestando-se, somente para satisfazer os poucos cabritos que habitam a ilha. Outros animais só poderiam ali se manter depois de se desenvolver uma pastagem adequada. Foi montada a estação radiotelegráfica com a qual se comunicaram além de 100 milhas. A guarnição dispunha de duas jangadas, uma das quais grande e forte. Era ótimo o estado sanitário de todos, apesar da alimentação salgada.³¹⁷

Em ordem do dia 20 de outubro, o Ministro da Marinha mandou elogiar o comandante do transporte de guerra “Carlos Gomes”, Capitão-Tenente Antônio da Mota Ferraz, o imediato, os oficiais e os praças da guarnição desse navio pelo desempenho da missão que lhes foi confiada de conduzir a Trindade a nova guarnição da ilha, a estação de rádio, vários animais, materiais e mantimentos. Tudo realizado em ordem, sem contratempos.³¹⁸

³¹⁵A ILHA, ref. 312.

³¹⁶*Ibid.*

³¹⁷O QUE é a Ilha da Trindade, segundo o comandante R. Sobrinho. **A Época**, Rio de Janeiro, RJ, 18 out. 1916, p. 2.

³¹⁸NA MARINHA – A guarnição do ‘Carlos Gomes’ elogiada. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 21 out. 1916, p. 5.

Um dos animais levados para Trindade pelo “Carlos Gomes” acabou se transformando em mais uma lenda na história da ilha. Esse animal era um burro. No livro *Nas águas da Gasconha*, Dídio Costa (1939) narra o desembarque deste burro e o abraço que o animal recebeu do farmacêutico Martiniano Barbosa.³¹⁹

Segundo Dídio Costa, após passar cinco meses cavando exaustivamente o solo vulcânico e acidentado da Ilha da Trindade sem encontrar sequer uma moeda de prata, o sr. Maximiano Barbosa, enfim, havia desistido de encontrar o tesouro. O sonho de ficar rico havia se tornado um pesadelo para ele. Vivía desalentado e desiludido, à espera do primeiro navio de guerra que pudesse levá-lo de volta para sua cidade. Sem a motivação do tesouro, extenuado de tanto cavar o áspero chão da ilha e cansado do mar e de suas ressacas atordoantes, dos cabritos, das cabras, das aves, dos peixes, dos caranguejos, o sr. Barbosa esperava como um aniquilado.

Até que o vapor de guerra “Carlos Gomes” chegou na ilha, trazendo uma nova guarnição, materiais, um touro, uma vaca, perus, galinhas e um burro. Dídio Costa, descreveu em seu livro, o desembarque desses animais e da história cômica e dramática ao mesmo tempo, que provavelmente ele inventou ou ouviu falar, do abraço emocionado que o sr. Barbosa deu no burro.

O Comandante Ferraz mandou logo arriar as embarcações miúdas e uma jangada. Estando o mar em boas condições e o navio mais perto possível de terra, pensou em deitar à água o burro, a vaca e o touro para que estes, a nado, alcançassem a praia. Temendo, porém, os tubarões, ali abundantes, sempre vorazes, resolveu que o burro desembarcasse primeiro, indo na jangada até onde o animal pudesse tomar pé e por si mesmo ganhar terreno enxuto. De uma pequena elevação, junto à praia, o farmacêutico e outros assistiam à faina. A jangada partiu de bordo. Nela só ia o burro. Quando os marinheiros julgaram assado deitaram o burro à água e este prestes se achou na ilha. O farmacêutico, entrando em alívio da sua decepção, a perspectiva da volta ao lar, desceu rápido de onde se achava e encaminhou-se para o animal recém vindo, abraçando-lhe o pescoço ainda úmido e exclamando: — Tu és o segundo burro que aqui aparece, pois fui eu o primeiro!³²⁰

Depois do burro, contou o autor, desembarcaram a vaca, o touro e outros bichos. O burro foi logo utilizado para transportar o material desembarcado de um ponto para outro na ilha. Cansado de transportar materiais e mantimentos pelas trilhas acidentadas do lugar, o burro passou a fugir sempre que avistava um navio. Essa habilidade de fugir, sempre que um navio

³¹⁹COSTA, Dídio. *Nas águas da Gasconha*. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1939.

³²⁰COSTA, ref. 319, p. 80-81.

aparecia no entorno da Trindade, acabou lhe rendendo o apelido de “Burro Inteligente”. Mas um dia, de acordo com a revista *O Criador Paulista*, o burro morreu após levar uma chifrada do único touro que vivia ali:

Na Ilha da Trindade, morreu um burro inteligente. Esse animal foi levado para ali, a fim de ser aproveitado na tração da jangada, em que se faz o transporte de gêneros destinados ao abastecimento da guarnição. O bucéfalo não era tão burro como parecia. Quando ele, orelha em pé, contemplava o oceano e via aproximar-se algum navio de guerra, desaparecia imediatamente. É que o burro, apesar de burro, achava muito penosa aquela tarefa de puxar a jangada para a terra, lutando com o vaivém das fortes ondas do mar largo. O esperto animal apercebia-se do navio, muito ao longe, quando a guarnição ainda não desconfiava de tal. Via e desaparecia. [...], mas há na Ilha da Trindade um touro e uma vaca. O burro, que de burro só parecia ter a forma, enfeitou-se para a vaca. Zurrava, escouceava, cavava a terra, dilatava as ventas. O touro não gostava da brincadeira. Um dia, o burro excedeu-se. O touro amarrou o focinho, avançou de chifre sobre o burro e vazou-lhe a barriga. Era Uma Vez um burro inteligente. O amor fizera o burro ficar burro...³²¹

De acordo com o jornal *O Imparcial*, o “burro da Trindade” era o único da sua espécie naquelas paragens que tinha préstimos extraordinários: ele entrava pelo mar adentro puxando a jangada que atracava ao costado dos navios, arriscando-se heroicamente à vida e “entregando o casco às ostras e as pernas aos camarões que lhe arrancavam urros profundos com as cócegas que lhe faziam.”³²² Mas após tanto sacrifício, o burro resolveu fazer greve:

Enquanto a ilha estava isolada, saía ele a respirar as brisas do oceano salgando com elas o saboroso capim que rebentava nas pedras; assim, porém, que surge ao longe o navio, o burro eclipsava-se, evaporava-se, desaparecia, obrigando os homens a substituí-lo na atração da jangada! Agora morreu o burro. E morreu como morrem os burros inteligentes: morreu da chifrada de um touro ciumento, que o encontrou uma tarde flertando com a vaca!...³²³

Já o sr. Martiniano Barbosa, meses após voltar de Trindade, acabou sendo preso em Guaratinguetá-SP. No dia 03 de dezembro de 1916, tomado por um acesso de loucura ou de ciúmes da esposa, de acordo com as diferentes versões existentes sobre o fato, o sr. Barbosa atirou com uma espingarda contra o prefeito da cidade, Pedro Marcondes Leite, que era seu

³²¹Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas do Estado de São Paulo. O burro inteligente da Ilha da Trindade. Revista O Criador Paulista (Revista da pecuária brasileira), São Paulo, ano XIV, p. 106, mai. 1919.

³²²UM BURRO ilustre. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 3 abr. 1919, p. 2.

³²³*Ibid.*

amigo, e contra a sua própria esposa, Eulália Jardim Barbosa, que tentou impedi-lo de continuar atirando no prefeito.³²⁴

Segundo o *Diário da Manhã*, o ato insano do farmacêutico Martiniano Barbosa foi provocado pelo fracasso de suas expedições em busca dos tesouros da Ilha da Trindade. O farmacêutico entregou-se voluntariamente à prisão. Apesar das graves lesões que recebeu, o prefeito não morreu. A Associação dos Empregados no Comércio da cidade de Guaratinguetá celebrou um ofício religioso, no dia 9 de janeiro de 1917, na igreja matriz da cidade, em ação de graças pelo seu restabelecimento.³²⁵ O farmacêutico foi absolvido da tentativa de duplo homicídio, o que provocou a revolta do promotor público interino da Comarca de Guaratinguetá. Inconformado com a absolvição do réu, o promotor apelou da sentença do júri para o Egrégio Tribunal de Justiça do Estado.³²⁶

A Ilha da Trindade no meio artístico, cultural e literário

No dia 14 de novembro de 1916, um dia antes da República do Brasil completar 27 anos, ocorreu a “vernissage” do *1º Salão dos Humoristas de 1916*, o primeiro Salão de Humor brasileiro que reuniu no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, 518 trabalhos de grandes artistas da caricatura, como Luiz Peixoto, Raul Pederneiras, K. Lixto, J. Carlos, Amaro do Amaral, Fritz, Seth, Max Yantok, Belmiro de Almeida, Hélios Seelinger, Basílio Viana, Nemésio Dutra, Ariosto, Di Cavalcanti, Romano, Arthur Lucas – Bambino, Loureiro, Mora, Madeira de Freitas, Nery, Anita Malfatti, entre outros.³²⁷

O dia de hoje, véspera da grande data nacional, passará a ser também um dos mais memoráveis de nossa vida. Assinala, nesta época de perspectivas sombrias, o triunfo incrível da única coisa séria neste mundo: o Riso. [...]. Não é possível deixar de rir indo ao Salão dos Humoristas. O lápis, o óleo, a aquarela, o miolo de pão, o bronze, o carvão, a madeira, o pano e ‘tutti quanti’, nunca tiveram em mãos de artistas tanta desenvoltura.³²⁸

³²⁴LAMENTÁVEL cena de sangue. *Diário da Manhã*, Vitória, ES, 5 dez. 1916, p. 1.

³²⁵ESTADO de S.Paulo – Guaratinguetá, 7. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, RJ, 11 jan. 1917, p. 2.

³²⁶ESTADO de S.Paulo – Guaratinguetá, 22. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, RJ, 26 fev. 1917, p. 6.

³²⁷ABI - Associação Brasileira de Imprensa. Caricatura celebra centenário do Salão dos Humoristas. Rio de Janeiro, 21 nov. 1916. Disponível em: <https://www.abi.org.br/caricatura-celebra-centenario-do-salao-dos-humoristas-no-rio/>. Acesso em: 15 mai. 1916.

³²⁸A INAUGURAÇÃO hoje do salão dos humoristas. *A Época*, Rio de Janeiro, RJ, 14 nov. 1916, p. 1.

A concorrida exposição, cuja entrada era gratuita, ficou aberta diariamente ao público, das 11h às 16h, de 15 de novembro até 10 de dezembro de 1916. De acordo com o *Jornal do Brasil*, teve dia que o evento chegou a receber 10 mil visitantes “que constituíam [...] uma verdadeira romaria à exposição da Avenida Rio Branco”.³²⁹ “Vimos ali artistas, políticos, intelectuais e diplomatas, muitos dos quais, de momento a momento, estacavam, espantados, diante de sua figura através da arte desse ou daquele caricaturista”.³³⁰

Figura 29: Cartaz do Centenário do 1º Salão dos Humoristas (2016).



Fonte: Associação Brasileira de Imprensa (2016).

Entre tantos artistas, gente famosa e milhares de visitantes, havia na exposição um quadro do artista e um dos organizadores do evento, Helios Seelinger, que mostrava “o Dr. Bruno Lobo isolado na Ilha da Trindade.”³³¹ A hostil, longínqua e recém ocupada Ilha da Trindade saía do universo da guerra, da política, da ciência e das relações internacionais, para entrar em um outro mundo, o mundo das artes, da cultura e do humor. A ocupação deste pequeno pedaço do Brasil havia tomado grandes dimensões na sociedade brasileira. A presença de uma obra em um evento que marcou época no início do século XX, difundindo a imagem da Ilha da Trindade e do primeiro cientista brasileiro a liderar uma grande expedição científica na ilha, era uma prova disso.

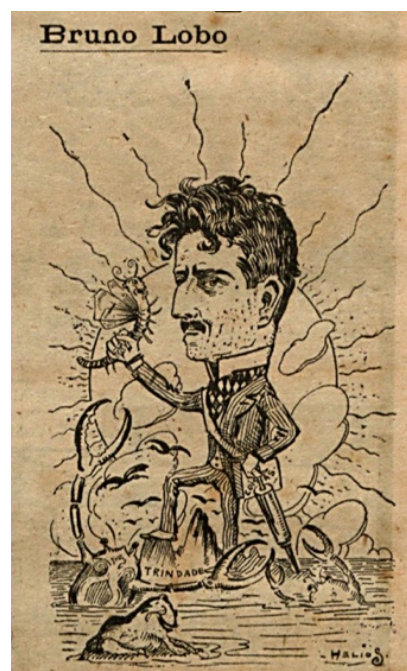
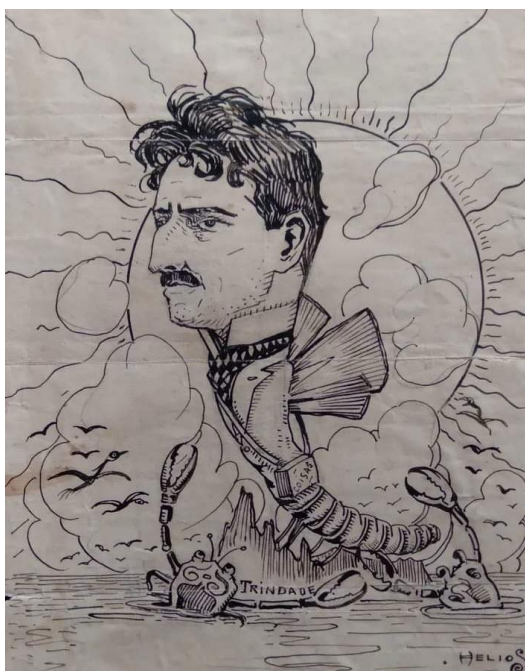
³²⁹SALÃO dos humoristas - A concorrência ao Lyceau de Artes e Offícios. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, RJ, 19 nov. 1916, p. 8.

³³⁰O PRIMEIRO salão dos humoristas o vernissage hoje. *A Noite*, Rio de Janeiro, RJ, 15 nov. 1916.

³³¹O VERNISSAGE do salão dos humoristas - Aspectos interessantes e críticas finas. *A Lanterna: Jornal da Noite*, Rio de Janeiro, RJ, 13 nov. 1916, p. 3.

Figura 30: Estudo da obra de Helios Seelinger (1916) (1).

Figura 31: Obra original de Helios Seelinger publicada na revista D.Quixote (1917) (2).



Fontes: Arquivo Helios Seelinger, sob responsabilidade de Heloisa Seelinger, neta do artista (Figura 30); Revista D. Quixote, n.33, p.18, 26/12/1917 (Figura 31).

Seguindo linhas editoriais marcadas pelo humor político e de costumes³³², as revistas *O Malho* e *Careta*, nas quais o autor do quadro do Dr. Bruno Lobo isolado na Ilha da Trindade, Hélio Seelinger, atuou como ilustrador e caricaturista, também fizeram referência à Ilha da Trindade em publicações bem-humoradas. A revista *O Malho* publicou na seção “Postais Masculinos” um poema, provavelmente de um leitor, que falava sobre a ingratidão do coração de uma mulher. Em nota da redação, a revista compara, ironicamente, a Ilha da Trindade ao coração desta mulher retratada no poema:

O coração de uma mulher é um grande continente isolado cheio de rochedo e cavernas onde somente existe... A ingratidão - J. Ribeiro (Barreiros Pernambuco) (Nota da redação: — essa história de ‘continente isolado’, cheio de rochedos e cavernas, faz lembrar a Ilha da Trindade, onde somente existem... Caranguejos... Será isso o coração da mulher?).³³³

Neste contexto, vale destacar também uma crônica publicada na revista *Careta*, que tem um dos caranguejos da Ilha da Trindade como personagem. Nesta crônica, o crustáceo é

³³²NOGUEIRA, Clara Asperti. Revista *Careta* (1908-1922): Símbolo da modernização da imprensa no século XX. *Miscelânea - Revista de Pós-Graduação em Letras da UNESP*, v.8, p.70, jul./ dez. 2010.

³³³POSTAIS Masculinos. *O Malho*, Rio de Janeiro, RJ, n. 722, p. 31, ano XV, jul. 1916.

acusado por uma criança pelo roubo de um relógio de uma madame muito rica. A imagem do caranguejo “ladrão” da Ilha da Trindade foi disseminada amplamente pela imprensa brasileira a partir dos relatos do diretor do MN, Bruno Lobo, sobre os caranguejos que lá pegavam tudo que viam pela frente, como o relógio de um dos preparadores daquele museu. Uma observação científica, fruto dos estudos do MN em Trindade, iniciados em 1916, que acabou inspirando a hilária história (e crítica social) a seguir:

No interior daquele elegante palacete à beira-mar, moderníssimo das decorações ao mobiliário, apenas existia um objeto antigo, uma relíquia de família. — Tic, tac... Tic, tac... Dominando os arabescos e as molduras da sala de jantar, sobre uma alta coluna marmórea, o velho relógio não cessava de bater: — Tic, tac... Tic, tac... O chefe da família, sempre que tinha que lhe dar corda, procurava imitar os gestos do seu Fidalgo avô ao entregar-se ao mesmo mister. Madame, fitando-lhe os ponteiros, recordava uma porção de coisas deliciosas da mocidade. Nessa sala, durante as refeições, só tinha o privilégio de entrar o menor dos cinco filhos do casal. No dia memorável em que o Dr. Bruno Lobo desvendou à imprensa a sensacional existência de tartarugas e caranguejos na Ilha da Trindade, o assunto da palestra entre os esposos, ao jantar, foi a visita de uma das tais tartarugas ao Rio e o mau hábito dos caranguejos daquela ilha em furar as malas dos expedicionários para surrupiar os cronômetros dos empregados no museu. O velho relógio, indiferente à palestra, continuava, no alto de sua coluna marmórea: — Tic, tac... Tic, tac... Mas o petiz, Que Fora admitido à mesa, tudo ouvia e, sem compreender o alcance da palestra de papá e mamã, guardou três vocábulos na memória: relógio, caranguejo e museu. Terminada a refeição e levantada a coberta da mesa, o casal foi continuar a palestra no terraço. O petiz ficou só. Um estranho personagem, sem dar importância ao pequerrucho, com toda a calma entrou e passou a mão numa linda estatueta de bronze. O petiz, observando-o, gritou lhe em continente com o minúsculo dedinho apontado para a coluna marmórea: — Não é isso, é o relógio. O larápio, refletindo talvez que venderia com mais facilidade o objeto apontado, colocou uma cadeira junto à coluna, apossou-se do relógio e foi-se calmamente embora. Madame, tendo que sair, veio consultar as horas e já não o encontrou mais. — Quem tirou o relógio dali? Perguntou ao petiz. O petiz com toda a naturalidade respondeu: — O caranguejo levou. Madame, percebendo que tinha sido roubada, esbravejou. O petiz então, agarrando-se lhe às saias exclamou admirado: — Ué!... Mamã não dizia ao Papá na mesa que o caranguejo ia levar o relógio para o museu!... Madame agora, quando se refere ao desaparecimento do relógio, culpa cruelmente a expedição ainda da Trindade como única responsável pelo seu furto. A verdade é que, devido à solidariedade secreta existente entre a polícia e esses novos caranguejos, nunca mais os membros daquela ilustre prole verão, sobre a coluna marmórea, o Balanço do velho pêndulo: — Tic, tac...³³⁴

No início de dezembro de 1916, um colaborador do *A Lanterna: Jornal da Noite*, o jornalista José Vieira, idealizou uma interessante enquete entre políticos, literatos e jornalistas

³³⁴PIPAROTES. CARETA, Rio de Janeiro, RJ, 24 jun. 1916, n.418, ano IX, p. 21.

brasileiros. Se estes fossem forçados a permanecer em exílio durante seis meses na Ilha da Trindade, e esse exílio pudesse ser amenizado com a leitura de três obras literárias, que livros, indagava o jornalista, eles levariam para lá?³³⁵

A enquete também foi publicada nos jornais *Gazeta de Notícias*³³⁶, *A Gazeta*³³⁷, *A Tribuna*³³⁸ e o *Pequeno Jornal*³³⁹. Os mais citados pelos entrevistados foram *A Bíblia*, com oito citações; *A imitação de Cristo*, de Tomás de Kempis; *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes; e *A divina Comédia*, de Dante Alighieri, ambas com sete; *Correspondência*, de Fradique Mendes, com quatro; e com três citações cada: *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, *O Príncipe*, de Nicolau Maquiavel e *Política positiva*, de Auguste Comte.

Alguns pontos se destacam nesta enquete: a representatividade e a força do cristianismo no meio político e intelectual brasileiro; a ausência de obras escritas por autores nacionais na lista dos mais citados; e a menção de muitas obras da literatura francesa como *Souvenirs de enfance e jeunesse*, de Ernest Renan; *A quoi tient la supériorité des Anglo-Saxons ?*, de Edmond Demolins; *Origens da França contemporânea*, de Hippolyte Taine; *La légende des siècles*, de Victor Hugo, entre outras, evidenciando a influência que a literatura francesa e o positivismo tinha entre os políticos e intelectuais brasileiros daquela época.

Figura 32: Enquete literária publicada na primeira página do *A Lanterna: Jornal da Noite* (1916).



Fontes: *A Lanterna: Jornal da Noite* (RJ), 7/12/1916, p.1.
Acervo: Fundação da Biblioteca Nacional/Hemeroteca Digital.

³³⁵SEIS mezes na ilha da Trindade – Constrangido a esse exílio, que livros levaria V. Ex.?. *A Lanterna – Jornal da Noite*, Rio de Janeiro, RJ, 7 dez. 1916, p. 1.

³³⁶SE V.Ex. fosse passar três mezes na ilha da Trindade, quais os três livros que levava?. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, RJ, 4 dez. 1916.

³³⁷PELO nocturno do Rio. *A Gazeta*, São Paulo, SP, 11 dez. 1916, p. 2.

³³⁸DO RIO. *A Tribuna*, Santos, SP, 14 dez. 1916, p. 2.

³³⁹SEIS mezes na Ilha da Trindade – Constrangido nesse exílio, que livros levaria v. exc?. *Jornal Pequeno*, Recife, PE, 19 dez. 1916, p. 1.

Entre as obras de grandes escritores brasileiros, com uma citação cada, fizeram parte da lista *Os Sertões*, de Euclides da Cunha; *O Ateneu*, de Raul Pompeia; *A revelação dos perfumes*, de Gilka Machado; e *Pequenos Males*, de Antônio Austregésilo. Entre as respostas da enquete literária, uma se destaca pela criatividade, bom-humor e justificativa. Foi a do jornalista Agenor Lafayette de Roure:

Tratando-se de ir à deserta ilha e devendo eu mesmo preparar as minhas refeições, levaria um volume do *Cozinheiro Nacional*. Tratando-se de ilha, onde se diz existir um tesouro escondido, [...] um exemplar do *Conde de Monte Cristo*, para aprender com Edmundo Dantés, os processos a empregar para encontrá-lo. Uma vez encontrado o tesouro, sendo muito provável que eu deseje sair da ilha, havia de ter comigo um *Robinson Crusóé*, a fim de aprender a construir uma jangada e... fugir.³⁴⁰

A enquete, realizada pelo jornalista José Vieira e divulgada em vários periódicos acabou gerando em torno da pequena Ilha da Trindade, mesmo que indiretamente, um grande debate literário e um movimento de divulgação e valorização de grandes obras da literatura internacional e nacional. No mesmo mês em que foi lançada esta enquete, o “Barroso”, sob o comando do Capitão de Fragata José Isaías de Noronha, recebeu ordem para prestar-se a fim de seguir mais uma vez para a Ilha da Trindade, provavelmente, na segunda semana de janeiro. Segundo alguns jornais³⁴¹, o Almirante Pedro Frontin, comandante da 2ª Divisão Naval, à qual pertencia o “Barroso”, também iria seguir no cruzador, assim como o Primeiro-Tenente Armando Berfort Guimarães, designado pelo Ministro da Marinha para assumir o comando do destacamento militar da ilha. A nova missão do “Barroso”, até então, consistia em levar víveres para a guarnição que lá estava, além de material para a estação radiográfica, que seria transferida para um local mais apropriado.

Esta e outras missões da MB na Ilha da Trindade, realizadas em 1917, além de duas novas expedições científicas que renderam além de um estudo sobre a vegetação da ilha, a instalação de uma estação radiotelegráfica e uma estação meteorológica em Trindade, serão apresentadas na seção seguinte.

³⁴⁰SEIS meses na ilha da Trindade – Constrangido a esse exílio, que livros levaria V. Ex.?. **A Lanterna: Jornal da Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 7 dez. 1916, p. 5.

³⁴¹JORNAL do Commercio, Rio de Janeiro, RJ, 26-27 dez, 1916, p. 6.; A PROVINCIA. Recife, PE, 29 dez. 1916, p. 1; O ‘BARROSO’ vai outra vez à Trindade. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ, 30 dez. 1916, p. 2; JORNAL do Commercio, Rio de Janeiro, RJ, 30 dez. 1916, p. 4

2.3 – As novas expedições da Marinha, do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e do Observatório Nacional na Ilha da Trindade (1917)

No dia 9 de janeiro de 1917, o cruzador “Barroso”, sob o comando do Capitão de Fragata Isaías de Noronha, saiu do porto do Rio de Janeiro, no início da noite, com destino à Ilha da Trindade.³⁴² Desde que o governo brasileiro decidiu guarnecer, permanentemente, com um destacamento militar, esse pequeno pedaço isolado do território nacional no Atlântico, o “Barroso” estava indo para lá pela segunda vez.

A bordo do elegante navio de guerra da MB, seguiu o Primeiro-Tenente Armando Belfort, designado pelo Ministro Alexandrino para assumir o comando da ilha no lugar do Primeiro-Tenente Carlos Viveiros da Costa Lima, que acumulava as funções de médico naval e comandante da ilha. Além de Belfort e do novo médico da guarnição, o Dr. Pedro Monteiro Gondim Júnior, um contingente composto de 13 praças, um fiel e um enfermeiro foram para Trindade substituir o destacamento que lá se encontrava. O “Barroso” levava ainda uma grande quantidade de animais e mantimentos, além de novos equipamentos e pessoal encarregado da transferência da estação radiotelegráfica para um local mais apropriado. Uma casa portátil, construída para abrigar a estação de rádio da ilha, também fazia parte da carga que estava sendo transportada pelo navio.³⁴³

O Almirante Pedro Max Fernando de Frontin (Figura 33), comandante da 2ª Divisão Naval, viajou no “Barroso”, acompanhado do seu assistente, o Capitão-Tenente Brício Guilhon e do ajudante de ordens, o Primeiro-Tenente Cotrim Coimbra. Apesar do “Barroso” fazer parte da Divisão Naval sob o seu comando, Frontin declarou ao jornal *Gazeta de Notícias*³⁴⁴ que havia apenas uma razão para a sua ida à Trindade: o desejo de conhecer a ilha que nunca tinha visto.

Atendendo a um pedido do Dr. Pacheco Leão, diretor do JBRJ, o Almirante Alexandrino autorizou a ida do naturalista Paulo Campos Porto (Figura 34), pesquisador daquele instituto, acompanhado de um auxiliar. O objetivo dessa nova expedição científica a Trindade, capitaneada pelo JBRJ, era estudar a vegetação e colher algumas espécies endêmicas da flora da ilha.³⁴⁵

³⁴²GAZETA de Notícias. Rio de Janeiro, RJ, 10 jan. 1917, p. 3.

³⁴³*Ibid.*

³⁴⁴*Ibid.*

³⁴⁵*Ibid.*

Figura 33: Oficiais do “Barroso” com o Almirante Frontin no centro da foto.



Fonte: Jornal *Gazeta de Notícias* (RJ), 10/01/1917, p.3.
Acervo: Fundação da Biblioteca Nacional/Hemeroteca Digital.

De acordo com alguns jornais³⁴⁶, o naturalista do JBRJ também foi incumbido de coletar em Trindade um exemplar de uma espécie de cacto, a *Cactus insularis*, que foi solicitado ao JBRJ pelo renomado cientista estadunidense e especialista em cacto, o Dr. J.N. Rose, do Jardim Botânico de Nova Iorque. Desde muito tempo, esse instituto botânico estadunidense mantinha uma constante troca de espécies com o Herbário do instituto brasileiro.

No dia 13 de janeiro, o “Barroso” (Figura 35) chegou em Trindade. Como as condições de mar e vento eram boas, o desembarque tanto do pessoal quanto dos materiais e dos animais foi realizado sem grandes percalços.³⁴⁷

³⁴⁶GAZETA de Notícias.. Rio de Janeiro, RJ, 10 jan. 1917, p. 3; O IMPARCIAL, Rio de Janeiro, RJ, 7 jan. 1917, p.3; A NOITE, Rio de Janeiro, RJ, 6 jan. 1917, p. 3; JORNAL do Commercio. Manaus, AM, 10 fev. 1917, p. 1.

³⁴⁷GAZETA de Notícias. Rio de Janeiro, RJ, 18 jan. 1917; O PAIZ. Rio de Janeiro, RJ, 18 jan. 1917.

Figura 34: Paulo Campos Porto do JBRJ, primeiro à esquerda na foto, em Trindade (1917).



Fonte: Acervo do JBRJ/Imagem (CLC_E100_F001).

Figura 35: O cruzador “Barroso” nas proximidades da Ilha da Trindade (1917).



Fonte: Acervo do JBRJ/Imagem (CLC_E096_F001).

Com o objetivo de aumentar a vigilância do litoral das regiões Norte e Nordeste do país, o Ministro da Marinha radiografou, no dia 21 de janeiro, ao Almirante Pedro de Frontin, que ainda se encontrava em Trindade, dando instruções para que ele, em vez de regressar ao Rio de Janeiro, seguisse com a guarnição do “Barroso” em missão de policiamento das águas do litoral brasileiro, entre Pernambuco e Maranhão.³⁴⁸ Outros navios da esquadra da MB também foram incumbidos dessa missão. Entre eles, o couraçado “Deodoro”, o cruzador do tipo *Scout* “Rio Grande do Sul” e o cruzador torpedeiro “Tymbira”.³⁴⁹

Esta solicitação do ministro foi motivada por notícias publicadas na imprensa de que navios beligerantes estariam utilizando-se de alguns pontos da costa brasileira para fundeadouro. Uma dessas notícias, publicada no *O Imparcial*³⁵⁰, afirmava que uma esquadra de navios estrangeiros, constituída de quatro vapores, fora vista ancorada na costa do Rio Grande do Norte. De acordo com essa notícia, as costas do Brasil estariam cheias de navios de guerra estrangeiros.

Procedente dos portos do norte fundeou ontem, pela manhã, em nosso porto, o paquete nacional ‘Maranhão’ do Lloyd brasileiro. O comandante desse navio, sr. Storry, conta que viu a cerca de 12 milhas da costa da Paraíba um grande navio mercante, armado em guerra, tendo hasteada no mastro de proa a bandeira americana. Entre a foz do rio Água Amarela e o canal Caiçara, afirma também o Comandante Storry que viu quatro paquetes, sendo um mercante [...], armado em cruzador auxiliar, dois cargueiros e um de quatro chaminés, provavelmente cruzador. Estavam todos parados e trazendo também a bandeira norte-americana. Acredita, entretanto, o comandante referido, que esses navios pertençam a outra qualquer nação e nunca à América do Norte.³⁵¹

Pouco tempo após o “Barroso” deixar Trindade rumo a Pernambuco, o *A Razão* publicou uma reportagem na qual o imediato do vapor “Goyaz”, do Lloyd brasileiro, contou que, ao seguir para Belém, soube, no Recife, que um navio de guerra britânico havia afundado um corsário alemão, que se dizia ali ser o “Mowe” ou o “Vineta”. Esse combate teria sido travado perto da Ilha da Trindade.³⁵²

Outra reportagem, desta vez publicada em destaque na primeira página do *A Rua*, de 23 de janeiro de 1917, afirmava que no dia anterior submarinos alemães em operação no Atlântico

³⁴⁸A VIGILÂNCIA das nossas águas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 23 jan. 1917, p.3.

³⁴⁹*Ibid.*

³⁵⁰O IMPARCIAL. Rio de Janeiro, RJ, 26 jan. 1917, p. 10.

³⁵¹*Ibid.*

³⁵²A RAZÃO. Rio de Janeiro, RJ, 21 mar. 1917, p. 5.

ocidental puseram a pique o vapor “Syrio”, do Lloyd brasileiro. A notícia alardava ainda que o governo brasileiro sabia do ocorrido, mas para não alarmar o público, ordenou a interceptação, nas estações radiográficas e telegráficas do país, de todas as comunicações nesse sentido. E mais: o “Barroso”, que estava vindo da Ilha da Trindade, havia trocado tiros com uma esquadra de destroieres alemães.³⁵³

Ouvido pelo jornal, o Ministro da Marinha negou que tivesse algum conhecimento sobre o ocorrido e explicou que a saída repentina do “Barroso” da Ilha da Trindade para Pernambuco tinha como objetivo tornar mais eficiente o patrulhamento da extensa costa do litoral Norte e Nordeste do Brasil, onde se tornava cada vez mais efetiva a ação de navios corsários alemães.

De regresso ao Rio de Janeiro, depois de passar alguns dias explorando a vegetação e a flora da Ilha da Trindade, o naturalista Paulo Campos Porto, do JBRJ, instituição da qual viria a ser diretor por duas vezes (1933/1938 e 1951/1958)³⁵⁴, foi entrevistado pelo *A Rua*. Segundo a reportagem, o naturalista encontrou em Trindade um campo admirável para o estudo da história natural, principalmente na área da geologia, pois tanto o solo da ilha quanto a sua vegetação singular e os seus aspectos diversos são carentes de estudo.³⁵⁵ Sobre a vegetação e a flora da ilha, Campos Porto disse que nos poucos dias em que lá esteve, fez muitas observações, em longas caminhadas:

Em busca de espécimes solicitados ao Jardim pelo Dr. Rose, e de outros, para o enriquecimento das nossas coleções, andei por grimpas e grotas, escarpas e praias. Escusado é dizer que esse tempo não foi o bastante para um estudo completo, se não para uma avistagem preliminar. Sou dos que pensam que aquela ilha deve ser estudada pelos nossos mais ilustres naturalistas, demoradamente. Ela, com as suas asperezas e seu mar intranquilo, encerra preciosidades. A flora não apresenta variedades notáveis. É mesmo pobre. Viçam com maior abundância, duas leguminosas apenas. Na parte central, arbustos de 3 m de altura no máximo, e isso a uma altura de 600 m. Nas encostas, grandes troncos de árvores (Figura 36) arrancados pelos vendavais violentos. Trouxe para o Jardim alguns desses troncos que são de esplêndida madeira de lei.³⁵⁶

Campos Porto comentou sobre a única orquídea (*Polystachya estrellenses*) que coletou na ilha, comum em todo Brasil; as amostras de terra que trouxe para serem submetidas à análise

³⁵³A PIRATARIA alemã nos nossos mares. *A Rua*, Rio de Janeiro, RJ, 23 jan. 1917, p.1.

³⁵⁴CASAZZA, I. F. Natureza e ciência na trajetória do botânico Paulo Campos Porto (1914-1939). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27, 2013, Natal. *Anais [...]*. Natal: ANPUH, 2013.

³⁵⁵A RUA. Rio de Janeiro, RJ, 12 fev. 1917, p. 1.

³⁵⁶*Ibid.*

do serviço geológico do Ministério da Agricultura; e as mamonas e figueiras que encontrou no alto da ilha, plantadas, provavelmente, pelos portugueses.

Da fauna, ele ressaltou a presença de grandes aves, como as águias marinhas, e as pequenas, como as grazinas (Figura 37), que, segundo ele, eram alvíssimas, além dos caranguejos: “caranguejos de todos os tamanhos, caranguejos até nos cumes dos morros e que não se acabam mais...”³⁵⁷

Figura 36: Troncos de árvores arrancados por vendavais violentos (1917).



Fonte: Acervo do JBRJ/Imagem (CLC_E151_F001).

Sobre o dia a dia da guarnição militar, o botânico relatou que após os militares terminarem seus afazeres, eles geralmente iam, tranquilamente, pescar ou caçar. A pesca era abundante. Poucos eram aqueles que se animavam a explorar os recantos da ilha, que ofereciam muitos perigos pelos obstáculos a serem transpostos. Campos Porto descreveu a vila militar como um lugar insuportavelmente monótono, com os mesmos horizontes e as mesmas paisagens queimadas pelo sol.

Ele também elogiou a viagem no navio de guerra da Marinha e o tratamento que recebeu da oficialidade, cumulando-lhe gentilezas e afabilidades. Por fim, explicou que teve de seguir junto com a guarnição do “Barroso”, após a expedição na ilha, até Pernambuco, devido às

³⁵⁷A RUA. Rio de Janeiro, RJ, 12 fev. 1917, p. 1.

ordens recebidas pelo comandante do navio para seguir rumo a costa Nordeste e Norte do país, como já foi mencionado, a fim de ajudar outros navios da esquadra brasileira na vigilância daquela região. De Pernambuco, embarcou no navio “Sargento Albuquerque”, que o deixou em Santos. Da cidade praiana paulista, regressou de trem até o Rio de Janeiro.³⁵⁸

Figura 37: Duas grazinas com o “Barroso” ao fundo (1917).



Fonte: Acervo do JBRJ/Imagem (CLC_E105_F001).

Figura 38: Ninho com filhotes de Fragatas (1917).



Fonte: Acervo do JBRJ /Imagem (CLC_E134_F001).

³⁵⁸A RUA, ref. 357.

Figura 39: Morros e picos da Ilha da Trindade (1917).



Fonte: Acervo do JBRJ/Imagem (CLC_E105_F001).

Figura 40: Alojamentos na ilha (1917).



Fonte: Acervo do JBRJ/Imagem (CLC_E101_F001).

De acordo com a reportagem do *A Rua*, durante as suas excursões na ilha, Campos Porto registrou imagens fotográficas da fauna, da vegetação, dos morros e picos (Figura 39), dos barracões (Figura 40), e foi fotografado também. Fotografou oficiais do “Barroso” operando instrumentos de navegação (Figura 41) e o navio, fundeado, em frente a uma praia. Dessas

fotografias históricas, 23 fotos pertencem ao Acervo e Memória do Instituto de Pesquisas JBRJ que cedeu as imagens, digitalizadas em alta resolução, para a publicação neste trabalho.

Figura 41: Instrumentos de navegação sendo utilizados por oficiais da Marinha, no “Barroso” (1917).



Fonte: Acervo do JBRJ/Imagem (CLC_E095_F001).

Figura 42: Vista da ilha a bordo do “Barroso” (1917).



Fonte: Acervo-JBRJ/Imagem (CLC_E101_F001).

Figura 43: Embarcação de apoio do “Barroso” (1917).



Fonte: Acervo do JBRJ/Imagem (CLC_E158_F001).

Figura 44: Barraca montada em uma das praias da ilha (1917).



Fonte: Acervo do JBRJ/Imagem (CLC_E170_F001).

No artigo *A Ilha da Trindade*, o professor Bruno Lobo relata que Campos Porto colheu em Trindade apenas 26 espécies vegetais, das quais todas bem conhecidas, o que evidenciava a pouca diversidade e quantidade de vegetação na ilha. O jovem naturalista encontrou nas

encostas da montanha da ilha uma vegetação rasteira semelhante a um grande tapete verde, que se destacava do tom escuro da cor das pedras. Tal vegetação era formada por uma convolvulácea, a *Ipomoea pes-caprae*, e duas leguminosas, a *Canavalia obtusifolia* e a *Caesalpinia bonducella*. Todas essas espécies são muito comuns no litoral brasileiro.³⁵⁹

Figura 45: Aspecto geológico da ilha (1917).



Fonte: Acervo do JBR/Imagem (CLC_E093_F001).

Ao Sul e a Sudoeste da ilha, ele encontrou uma gramínea do gênero *Sporobulus* e uma *Cyperaceae*, que não determinou, e a partir de 100 m de altitude, seis espécies de pteridófitas: *Dryopteris ormithopus*, *Dryopteris oppositus*, *Ceropteris tartarea*, *Polypodium lepidopteris*, *Polypodium Recurvalum*, *Asplenium cuneatum*. Uma das Pteridófitas mais conhecidas é a samambaia. Sobre a parte a Oeste e as nascentes dos pequenos córregos, o naturalista do JBRJ observou que grande parte desses lugares são cobertos de samambaias (Figura 46), a *Cyathea veslita*.³⁶⁰

³⁵⁹LOBO, ref. 19, p.142.

³⁶⁰LOBO, ref. 19, p.144.

Figura 46: Samambaias (1917).



Fonte: Acervo-JBRJ/Imagem (CLC_E157_F001).

No alto, testemunhou a existência de muitas árvores com até 5 m de altura da família das Myrsinaceas, gênero *Rapanea*, em cujos troncos colheu a já referida orquídea e um líquen, do gênero *Parmelia*. Em um local que foi provavelmente queimado por ação humana, coletou um exemplar de *Scrophulariaceae* – *Verbascum blallarioides*. Tanto nas margens dos córregos, quanto nos lugares úmidos da ilha, Campos Porto encontrou facilmente o *Oxalis corniculata*, e no alto, entre pedras, uma *Piperaceae* do gênero *Piperonia*. Na Praia das Tartarugas, coletou uma *Papaveraceae* – *Argemone mexicana*, e, nas margens do córrego, duas *Amaranthaceas* e uma *Composta*. Aqueles pedaços de tronco de velhas leguminosas arrancados provavelmente por um vendaval, aos quais o naturalista do JBRJ se referiu na reportagem do *A Rua*, possivelmente se tratavam, na opinião do professor Bruno Lobo, de uma *Caesalpinia*.³⁶¹

Nas palavras do diretor do MN:

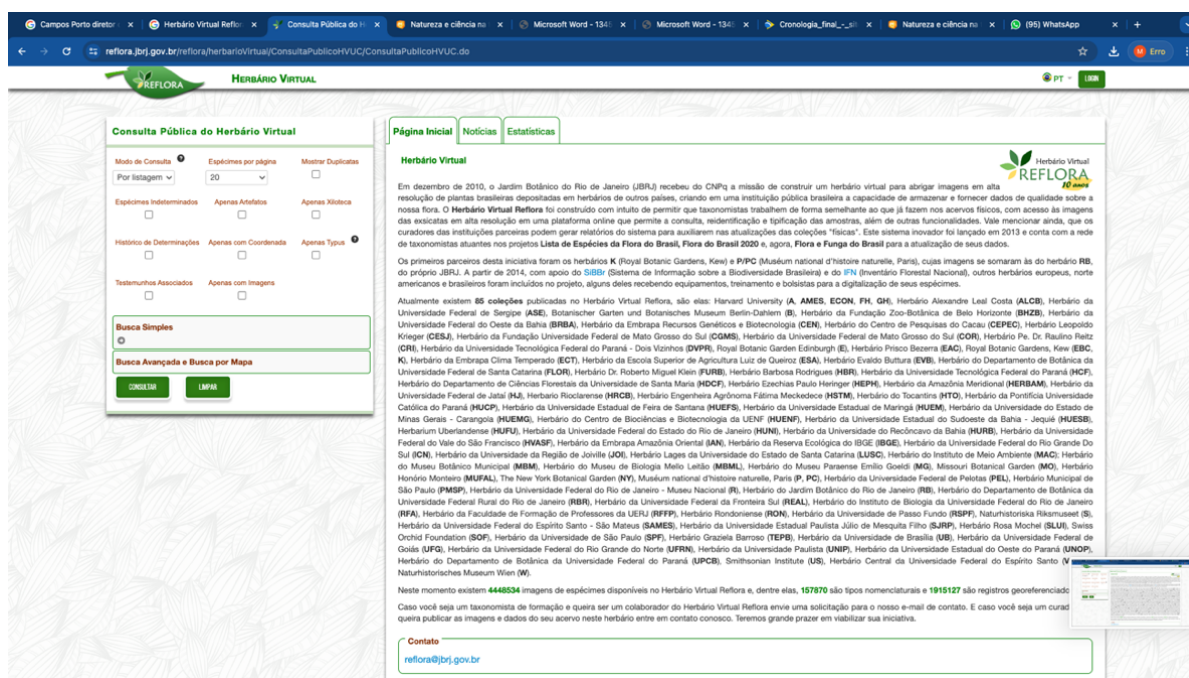
Apesar de todo o cuidado com que Campos Porto colheu o material botânico, podemos garantir que na Trindade existem outros vegetais, além das 26 espécies por ele colecionadas. Basta dizer que conseguimos reunir sete

³⁶¹LOBO, ref. 19.

espécies que não foram coletadas por esse nosso colega [...], sem falar das abundantes algas e outros vegetais inferiores.³⁶²

No artigo *De Historia Naturali Insulae Trinitatis MDCC- MMX – Três Séculos de História Natural da Ilha da Trindade Com Comentários Sobre Sua Conservação*, os autores Ruy José Válka Alves e Nílber Gonçalves da Silva (2016) afirmam que, de acordo com o relato de Bruno Lobo sobre as 26 espécies coletadas por Paulo de Campos Porto, as novidades botânicas referentes àquelas já conhecidas da ilha foram as seguintes: *Dryopteris novaeana*, *Pityrogramma tartarea*, *Verbascum virgatum*, *Myrsine umbellata*, *Polystachya estrellensis*, *Peperomia* e uma espécie não determinada de *Amaranthaceae*.³⁶³ Dessas 26 espécies coletadas por Campos Porto em Trindade, ao menos 22 delas estão catalogadas no Herbário Virtual Reflora do Jardim Botânico do Rio de Janeiro³⁶⁴ (Figura 47).

Figura 47: Página inicial do site do Herbário Virtual Reflora do JBRJ.



Fonte: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro/ Herbário Virtual Reflora.

Sobre a *Cactus insularis*, solicitado ao JBRJ pelo Dr. J.N. Rose, do Jardim Botânico de Nova York, não há registro de que o naturalista Campos Porto tenha coletado algum espécime

³⁶²*Ibid.*

³⁶³ALVES; SILVA, ref. 28.

³⁶⁴REFLORA, ref. 61.

na Ilha da Trindade. Também não há na literatura, referência sobre esse nome específico de espécie. Ao que tudo indica, o nome *Cactus insularis* nunca existiu cientificamente. Isso pode ter sido um erro de nomenclatura divulgado pela imprensa. Contudo, havia na época o conhecimento de uma outra espécie, a *Cereus insularis*³⁶⁵ (Figura 48), da família Cactaceae, que provavelmente era a planta que o Dr. Rose desejava. A *Cereus insularis* é uma espécie endêmica da Ilha de Fernando de Noronha e foi coletada nessa ilha, em 1873, pela expedição do navio britânico “HMS Challenger”. O que pode ter acontecido com relação a essa encomenda é que o Dr. Rose acreditou que, pelas condições da Ilha da Trindade, lá também poderia existir a referida espécie.

Figura 48: *Cereus insularis*, planta endêmica da Ilha de Fernando de Noronha.



Fonte: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro/ Herbário Virtual Re flora.

³⁶⁵Zappi, D.; Taylor, N.P. Cactaceae in Flora e Funga do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB1446>. Acesso em: 16 mar. 2024

O bloqueio marítimo alemão

No dia 31 de janeiro de 1917, o Sr. A. Zimmermann, Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros do Governo Imperial Alemão, enviou uma nota ao governo brasileiro, comunicando sobre a decisão daquele governo de empreender um extenso bloqueio marítimo em águas da Grã-Bretanha, da França, da Itália e do Mediterrâneo Oriental. Nesta nota, o governo alemão afirmava que, a partir do dia 1º de fevereiro de 1917, todo o tráfego marítimo nessas zonas interditas seria combatido por todos os meios armados, sem restrição alguma. Por isso, o governo alemão aconselhava o Brasil a prevenir os seus navios do perigo que corriam ao entrar nessas zonas.³⁶⁶

Em resposta, o governo brasileiro enviou uma nota no dia 6 de fevereiro de 1917, afirmando que não poderia aceitar como efetivo o bloqueio estabelecido pelos alemães. Entre outros motivos, a nota cita a desmedida extensão das zonas interditas, a dispensa de prévio aviso aos navios neutros e o uso anunciado de destruição por quaisquer meios armados. Para o governo brasileiro, tal bloqueio não seria regular, nem efetivo, e estaria desobedecendo os princípios de direito e cláusulas convencionas estabelecidas para operações militares dessa natureza.³⁶⁷

Ao tomar conhecimento da nota enviada pelo governo brasileiro ao alemão, a Liga dos Aliados aprovou uma longa moção de protesto contra ela. De acordo com a Liga, a nota brasileira tinha um caráter vago e tímido que não se ajustava às tradições de nossa chancelaria como as notas do Marquês de Abrantes, no caso Christie, e de Carlos de Carvalho, no caso da Ilha da Trindade, nas quais se sentem o valor jurídico do protesto e a vibração do sentimento patriótico!³⁶⁸

Para finalizar, a Liga dos Aliados fazia votos para que o presidente do Brasil, Wenceslau Braz, pudesse suprir as deficiências da nota com toda a inspiração nacional afim de buscar uma solução honrosa para a dignidade do Brasil. Já o New York Times e outros jornais, de acordo com o *A Tribuna*³⁶⁹, elogiaram a nota da chancelaria brasileira, ressaltando que apesar de não

³⁶⁶BRASIL. Relatório do Ministério das Relações Exteriores 1917. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, RJ, 1931, p. 20-25.

³⁶⁷*Ibid.*, p. 30 e 31.

³⁶⁸LIGA dos aliados. **A Província**, Recife, PE, 15 fev. 1917, p. 1.

³⁶⁹A IMPRENSA norte-americana e a nota do Brasil à Alemanha. **A Tribuna**, Santos, SP, 11 fev. 1917, p. 1.

romper as relações com a Alemanha, o Brasil havia protestado energicamente contra as ameaças alemães.

Com relação ao “sentimento patriótico” referido na nota da Liga dos Aliados, é possível afirmar que as questões diplomáticas, geopolíticas, militares e científicas associadas à Ilha da Trindade, que foram amplamente abordadas e difundidas na imprensa brasileira, na Grande Guerra, contribuíram para promover este sentimento em parte da sociedade brasileira.

Alguns dias após o Brasil protestar contra o bloqueio marítimo imposto pela Alemanha, que ameaçava de ataque, sem aviso prévio, os navios brasileiros em rotas comerciais com a Europa, um corsário alemão resolveu se abastecer de carvão com o auxílio de um outro navio de bandeira alemã, escondidos em águas próximas à Ilha da Trindade, conforme revela o artigo *A guerra dos corsários – ações navais na costa brasileira durante a Primeira Guerra Mundial (1914-18)*, do historiador e mestre em Ciência Política, Tito Henrique Silva Queiroz (2017).

De acordo com o artigo, na madrugada de 13 de fevereiro de 1917, os navios “Mowe” (“Gaivota”) e um antigo navio britânico, o “Saint Théodore”, que havia sido capturado e rebatizado de “Geier” (“Abutre”) pelos alemães, avistaram mastros e sinais de construção na ilha. O Comandante Dohna-Schlodien sabia que a ilha era brasileira, mas suspeitava que ali fosse uma base britânica. “Na escuridão da noite, os navios passam despercebidos, dando a volta pela ponta norte, de onde a base não pudesse observá-los. Fazem o serviço o mais rápido possível e saem sem serem percebidos”³⁷⁰ pelos oficiais e praças brasileiros que guarneciam a ilha.

O trabalho dos praças do destacamento militar da Ilha da Trindade, que viviam isolados naquele território árido, hostil e inóspito, a centenas de milhas de distância da costa brasileira, acabou sendo recompensado: foi concedido no dia 22 de fevereiro de 1917, por determinação das altas autoridades das Forças Armadas, os seguintes abonos de gratificação: ao chefe da estação rádio telegráfica, 42\$000; ao telegrafista chefe de quarto, 12\$000; ao mestre d’armas, 9\$000; ao escoteiro, 6\$000; ao paioleiro, 6\$000; ao ajudante de cozinha, 8\$000; ao taifeiro dos oficiais, 12\$000; ao taifeiro dos suboficiais e inferiores, 9\$000.³⁷¹

³⁷⁰QUEIROZ, ref. 85, p.43.

³⁷¹ABONO de gratificação ao destacamento da Trindade. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ, 23 fev. 1917, p. 6; ABONO de gratificações as praças do destacamento da Trindade. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 23 fev. 1917, p. 10.

Os avanços da pesquisa científica e da radiotelegrafia em Trindade

Os moluscos coligidos em 1916 na Ilha da Trindade pela comissão científica do MN foram entregues pelo professor Bruno Lobo ao especialista alemão em zoologia, que residia no Brasil, Hermann von Ihering, para serem estudados. Entre estes animais, uma espécie, representada por um único exemplar trazido da ilha, chamou a atenção do cientista alemão. Ihering, então, descreveu as principais características desta espécie em uma nota científica e a enviou para um dos maiores especialistas do mundo em taxonomia de caracóis, o biólogo e fundador da revista *Nautilus*, Henry Augustus Pilsbry.

Há um ponto que desejo comunicar imediatamente ao meu competente amigo, Sr. H. A. Pilsbry, na esperança de ouvir sua opinião. Entre as conchas marinhas encontrei também uma pequena concha terrestre, que evidentemente habita esta ilha. A concha está bastante intacta e não desgastada na sua escultura, mas apresenta um aspecto branco calcário, não raro em conchas expostas a um ambiente árido. A concha [...] me parece representante de um novo gênero da família Achatinidae.³⁷²

A descrição da concha terrestre, que Ihering acreditava ser um novo gênero de molusco, foi publicada na revista *Nautilus* em março de 1917.³⁷³ Foi a primeira publicação científica decorrente da expedição de 1916 do MN na Ilha da Trindade. Em homenagem ao professor Bruno Lobo, líder desta expedição, o cientista alemão nomeou o gênero e a espécie da concha terrestre de *Loboa Brunoi*. A espécie é válida até hoje, porém o gênero foi sinonimizado, sendo atualmente reconhecida como *Bulimulus brunoi* (Ihering, 1917), segundo o Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira (SiBBR)³⁷⁴. O holótipo (Figura 49) coletado pela expedição do MN e utilizado por Ihering para descrever esta nova espécie segue ainda perfeitamente conservado na Coleção de Mollusca do MN.³⁷⁵ De acordo com Busanello (2020): “Holótipo é um único exemplar designado pelo autor na ocasião da publicação da descrição da

³⁷²IHERING, Hermann Von. LOBOA BRUNOI N. G. N. SP., A Land shell from the brazilian island of trinity. *The Nautilus*, São Paulo, v. XXX. N. 11, p. 121. mar. 1917.

³⁷³*Ibid.*, p. 121-122.

³⁷⁴SiBBR - Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira. *Bulimulus brunoi* (Ihering, 1917). Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação - MCTI. Disponível em <https://ala-bie.sibbr.gov.br/ala-bie/species/246957>. Acesso em: 24 set. 2024.

³⁷⁵PIMENTA, A.D.; MONTEIRO, J.C.; BARBOSA, A.F.; SALGADO, N.C. & COELHO, A.C.S. 2014. Catalogue of the type specimens deposited in the Mollusca Collection of the Museu Nacional / UFRJ, Rio de Janeiro, Brazil. *Zootaxa* 3780 (1): 51-107. Disponível em: <https://ala-hub.sibbr.gov.br/ala-hub/occurrences/97ae927e-5be6-4bc5-8690-9b4d297d201b>. Acesso em: 24 set. 2024.

espécie. Os holótipos podem ser um exemplar inteiro, uma imagem ou muitas vezes, partes de um espécime”.³⁷⁶

Figura 49: Holótipo da espécie *Bulimulus bruno*i (Ihering, 1917).



Fonte: Coleção de Mollusca do Museu Nacional – UFRJ.
Foto: Mauricio Salles (2024).

Em 2018, mais de um século após ser descoberto e descrito por Ihering, este valioso holótipo da espécie *Bulimulus bruno*i (Ihering, 1917), depositado na Coleção de Mollusca do Museu Nacional - UFRJ, foi salvo do incêndio que atingiu o Palácio de São Cristóvão do MN, na Quinta da Boa vista, no Rio de Janeiro (sede do MN). O autor deste ato heroico foi o servidor do museu Cláudio José Fernandes da Costa, que conseguiu salvar também “cerca de 90% da coleção de espécies tipo do Laboratório de Malacologia do Museu durante o incêndio. Cláudio representa todos os servidores que, naquele momento, se arriscaram para salvar as coleções da instituição.”³⁷⁷ Este incêndio destruiu a maioria dos 20 milhões de itens do MN que estavam abrigados no Palácio de São Cristóvão.³⁷⁸

³⁷⁶BUSANELLO, Maitê Zanella. **Vamos falar sobre exemplares-tipo?**. Centro de Estudos Costeiros Limnológicos e Marinhos (CECLIMAR), UFRGS. Imbé, RS, 14 de dez 2020.

³⁷⁷MUSEU NACIONAL. **Homenagem!** Rio de Janeiro, 23 out. 2019. Facebook: Museu Nacional. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/yHxKiLKXxwjzFqNa/?>. Acesso em: 26/09/2024.

³⁷⁸PESSOA, Carolina. Cinco anos após incêndio, Museu no Rio busca restauração e modernidade. **Agência Brasil**. Rio de Janeiro, 2 set. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/cinco-anos-apos-incendio-museu-no-rio-busca-restauracao-e-modernidade>. Acesso em: 26/09/2024.

Dentre as coleções zoológicas constituídas pelo Museu Nacional, a Coleção de Mollusca se tornou uma das maiores no Brasil, tendo sido a base para o estudo sobre a diversidade de moluscos no Brasil e para a formação de vários malacólogos brasileiros. Além de ter importância histórica, reunindo acervos da Comissão Geológica do Império do Brasil, da Comissão Rondon, das pioneiras expedições às ilhas oceânicas brasileiras. [...] Nas últimas duas décadas, a coleção teve um crescimento acentuado em seu acervo, sobretudo entre os microgastrópodes marinhos, alvo de projetos de revisão taxonômica desenvolvidos pelos integrantes do Setor de Malacologia. Em setembro de 2018, o incêndio do Museu Nacional interrompeu abruptamente esta trajetória. O incêndio atingiu todo o acervo, exceto a maioria dos lotes de tipos, salvos minutos antes das chamas chegarem à sala da coleção. Considerando esses tipos e os lotes que se encontravam em empréstimo, portanto fora das dependências do Museu Nacional, foram salvos cerca de 1.000 lotes, aos quais se juntaram os cerca de 1.900 lotes recuperados no trabalho de resgate dos escombros dos armários incendiados. Todos os demais lotes foram inteiramente destruídos (cerca de 40.000).³⁷⁹

Em março de 1917, além da publicação do primeiro artigo científico sobre uma nova espécie de molusco para a zoologia coletada pela comissão científica do MN em Trindade, a estação de radiotelegrafia da ilha conseguiu se comunicar diretamente com o Rio de Janeiro. Finalmente, no dia 18 de março, após algumas tentativas frustradas de se instalar ali uma estação de radiotelegrafia, com alcance acima de 700 milhas, o Ministro da Marinha Alexandrino de Alencar recebeu o primeiro telegrama da estação da Ilha da Trindade.

A notícia da primeira comunicação entre esta estação — que fora incrementada com novos e mais modernos equipamentos levados em janeiro de 1917 pelo “Barroso” — e o Ministro da Marinha, na capital federal, foi veiculada em vários jornais.³⁸⁰ Depois de remodelada, a estação de radiotelegrafia da Ilha da Trindade pôde estabelecer comunicações regulares com o continente e com outras estações distantes, como a de São Tomé.³⁸¹ O envio do primeiro telegrama da Ilha da Trindade para o continente, o que muitos jornais chamaram de inauguração da rádio, ocorreu 10 dias antes da MB comemorar os 10 anos da fundação do

³⁷⁹PIMENTA, Alexandre Dias. Coleção de Mollusca do Museu Nacional, sua importância histórica e reconstrução. Livro de Resumos XXVII Encontro Brasileiro de Malacologia (XXVII EBRAM) “Um planeta, um oceano”. Porto Alegre, UFCSPA, 4 a 8 out. 202, p.30.

³⁸⁰O MINISTRO da Marinha recebe o primeiro radiograma da Ilha da Trindade. **A Republica**, Curitiba, PR, 19 mar. 1917, p. 2; TELEGRAMMAS. **Jornal do Recife**. Recife, PE, 20 mar. 1917, p. 3; AS COMUNICAÇÕES radio-telegraphicas com a Ilha da Trindade. **A Tribuna**, Santos, SP, 20 mar. 1917, p. 2; ESTAÇÃO radiográfica. **Diário da Manhã**, Vitória, ES, 20 mar. 1917, p. 2; O MINISTRO da Marinha recebe o primeiro radiograma da ilha da Trindade. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, RJ, 21 mar. 1917, p. 4; NOVA estação radio-telegraphica. **A Provincia**, Recife, PE, 21 mar. 1917, p. 1; A ESTRÉA da estação radiográfica da ilha da Trindade. **Diário de Pernambuco**, Recife, PE, 21 mar. 1917, p. 1;

³⁸¹MM - Ministério da Marinha. Relatório apresentado ao Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil. **Imprensa Naval**, Rio de Janeiro, RJ, abril de 1918, p. 91.

seu “Serviço de Telegraphia Sem Fio”. Vale ressaltar que a Marinha foi pioneira nesse tipo de serviço no Brasil. Em 1904, a instituição deu início ao primeiro período de experiências, montagens e instalações de postos de telegrafia sem fio, adquirindo duas estações do tipo “Telefunken” e instalando-as na Ilha das Cobras. Nessa mesma época, os navios “Aquidaban”, “Barroso”, “Riachuelo”, “Tamoyo” e “Benjamin Constant” foram equipados com estações “Telefunken”.³⁸²

Publicado no livro sobre a história do Serviço Radiotelegráfico da Marinha, *O S.R.M. de hontem e de hoje*, de Luiz José de Brito Reis, o texto destacado a seguir mostra o quão importante foi para os navegadores daquela época o desenvolvimento da radiotelegrafia:

Nas horas amargas do perigo, e que a bordo de alguma embarcação perdida em proceloso oceano, todos, empolgados pela tétrica imagem do letal e derradeiro sono, se precipitam aos meios de salvamento; em que a confusão impera, assenhoreando-se dos mais calmos e mais fortes; em que a luta irrefreável pela existência, movida pelo natural e humano instinto de conservação, faz os homens olvidarem todos os preconceitos da civilização e os de raça; e que somem todas as esperanças de salvação, um único ser humano — qual o novo Sansão na força da vontade — se mantém alheio ao perigo iminente, desprezando o que o homem tem de mais caro que é a sua própria vida, e tocando com as pontas dos dedos salvadores o manipulador de sua estação, a remessa ao espaço em convencionados e conhecidos sinais, a palavra palpitante que vê pendente de cada lábio nervoso: — Socorro! S.O.S.!... E a sua voz ouvida por algum viajor errante dos mares infindáveis é que concorre para o aparecimento inesperado do batel da esperança! E esse ente — quase divinal — é o telegrafista de bordo. A ti — radiotelegrafista — sobem diariamente hinos de admiração e de homenagem em todos os recantos do mundo! [...] Nota: S.O.S, do inglês “Save Our Soul” (salve nossa alma)³⁸³

O primeiro telegrama da estação da Ilha da Trindade foi enviado ao Ministro da Marinha pelo comandante da ilha, o Primeiro-Tenente Belfort Guimarães, que comunicou ao ministro que tudo ia bem, na melhor ordem. A estação que recebeu o telegrama ficava no Morro da Babilônia, no Rio de Janeiro, e havia entrado em funcionamento no dia 11 de junho de 1909. Esta foi a primeira estação de telegrafia sem fio da Repartição Geral dos Telégrafos, que em 1910 expandiu a radiotelegrafia por centelhamento para as estações das capitais do litoral brasileiro.³⁸⁴

³⁸²REIS, ref. 53.

³⁸³REIS, ref. 53, p. 3.

³⁸⁴TICIANELLI, Edberto. História de Alagoas Março de 2024 Instituições, Memória A história do telégrafo em Maceió. 4 mar. 2024. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/a-historia-do-telegrafo-em-maceio.html>. Acesso em: 15 jun. 2024.

Embora o êxito da estação radiotelegráfica da Ilha da Trindade tivesse tido destaque nos jornais brasileiros, um dos técnicos responsáveis pelo tão esperado funcionamento daquela estação acabou chamando a atenção dos jornalistas. Seu nome era Ludolf Walmann, um alemão de nascimento, que trabalhava no serviço de telegrafia da MB.

Ele fez parte da viagem que o navio mineiro “Carlos Gomes” fez a Trindade, em maio de 1916, quando a estação foi instalada, porém em um lugar inapropriado. No início de 1917, ele retornou à ilha, para instalar novos equipamentos e transferir a estação para um local mais apropriado, dando início, finalmente, como visto anteriormente, às comunicações regulares desta com o continente.

O alemão Walmann ocupou o primeiro cargo civil que existiu no Serviço Radioteleográfico da Marinha, quando pelo aviso de número 463, de 31 de maio de 1906, foi contratado para exercer as funções de mecânico e eletricista na estação central da Ilha das Cobras. Ele acompanhou o serviço telegráfico da Marinha desde a instalação da primeira estação “Telefunken” no navio “Aquidabã”.³⁸⁵ Entretanto, pelo fato de ser alemão, a MB acabou sendo questionada e criticada pela imprensa brasileira por permitir que ele tivesse acesso a um equipamento de comunicação estratégico para a defesa do país no Atlântico Sul, ainda mais no período da guerra, como atesta a reportagem a seguir do jornal *A Rua*, intitulada *A estação radiográfica da Trindade nas mãos de um alemão - os serviços que ele poderá prestar aos corsários à nossa custa*, e publicada, com grande destaque, na primeira página deste veículo:

A nossa Marinha de Guerra na sua repartição de radiotelegrafia mantém empregados estrangeiros que estão ao corrente de todos os seus trabalhos que recebem e expedem radiogramas. Não só isso, empregados que vivendo no seio da Armada entre oficiais e marinheiros, observam, estudam e penetram habilmente os segredos militares, sabendo como é natural e até onde pode chegar a nossa eficiência naval. Um desses estrangeiros é o súdito alemão Ludolf Waldmann, que se encontra presentemente na Ilha da Trindade como encarregado da nossa estação de rádio telegrafia. Conhecemo-lo. Moço ainda, alto, é um tipo simpático de prussiano. Ao partir o ‘Barroso’ para aquela ilha solitária, viajamos mesmo com ele numa das lanchas da Marinha. — Para Trindade? Sim. Respondeu-nos num português complicado. — Vou mudar e melhorar a estação radiotelegráfica da ilha. Pretendo alteá-la mais, de modo que seja muito maior o seu raio de ação. — E o senhor já a conhece?—Já estive lá e volto agora...E o ‘Barroso’ à tarde partiu levando a seu bordo o alemão Ludolf Waldmann. É admissível isso? E num momento como o que atravessamos é razoável que continuemos a pagar um súdito do Kaiser para

³⁸⁵REIS, ref. 53.

dirigir um posto de tão alta importância? Responda-nos o senhor Almirante Alexandrino de Alencar. O senhor Ludolf Waldmann pode alegar em seu favor, os poucos ou muitos anos de Brasil. Os seus contratantes podem gabar-lhe a competência, os méritos, mas a verdade é que a sua presença na Marinha é escandalosa, escandalosíssima. Ninguém ignora o espírito de solidariedade dos alemães, que sacrificam tudo em proveito do seu imperador e do seu país. E com a maior naturalidade que se transformam em espões e esquecem a hospitalidade que recebem, para lograrem os fins em vista. Encarregado de uma estação poderosa, num ponto estratégico admirável é de crer que esse alemão desminta as normas de procedimento dos seus patrícios, deixando de comunicar-se com os corsários que afundam os navios neutros no Atlântico? A Ilha da Trindade, pela sua posição a perto de 800 mi da costa, deve prestar excelentes serviços aos navios mercantes que fogem à pirataria teutônica nos mares. Como ponto que é de marcação para a derrota, rumo ao sul da África. Acresce que os navios a vela, com grandes carregamentos de mercadorias procedentes da prata, principalmente, buscam avistar aquela ilha, em cujo paralelo correm os ventos alísios favoráveis à navegação. Isolada em pleno oceano, a sua nova estação radiotelegráfica instalada agora numa elevação da Praia das Tartarugas tem de certo um enorme poder. E é um posto dessa ordem e de um departamento militar que a nossa imprevidência, a nossa proverbialíssima imprevidência entrega discricionariamente a um súbito de Guilherme Segundo.³⁸⁶

Ludolf Waldmann acabou sendo afastado da rádio durante o período da Grande Guerra. Em 1924, no entanto, ele acabou sendo nomeado capitão-tenente da Armada. Dessa forma, era mais fácil manter o princípio de autoridade e disciplina, quando o especialista alemão tivesse de chefiar montagens de estações a bordo dos navios da Marinha, onde sempre tinha de dar ordens e direção aos inferiores e praças da especialidade de telegrafia.³⁸⁷

A facilidade, até certo ponto, com que a estação radiotelegráfica da Ilha da Trindade tinha em se comunicar com outras estações como, a de São Tomé e Olinda, contrastava com as dificuldades que a Marinha encontrava para se comunicar com a Região Centro-Oeste do Brasil via estações radiográficas com fio.

O jornal *O Imparcial* publicou no dia 26 de abril de 1917, um artigo, no qual destacava o fato de algumas ordens de prontidão expedidas do Rio de Janeiro para as unidades da Marinha situadas em Mato Grosso levarem mais de seis dias para serem recebidas, o que provocava queixas contra o Telégrafo Nacional e o sistema de radiotelegrafia com fio que foi instalado a um custo alto, na região.³⁸⁸ Neste artigo, o jornal fez severas críticas ao Ministro Alexandrino e afirmou que um dos motivos da morosidade do serviço de telégrafo entre o Rio de Janeiro e

³⁸⁶A ESTAÇÃO radiográfica da Trindade nas mãos de um alemão. *A RUA*, Rio de Janeiro, RJ, 10 fev. 1917, p. 1.

³⁸⁷REIS, ref. 53, p. 112.

³⁸⁸O PROBLEMA da subsistência. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, RJ, 26 abr. 1917, p. 4.

a Região Centro-Oeste do país foi por causa da decisão do ministro de enviar para Ilha da Trindade, a estação de radiotelegrafia sem fio de Iguaçu, que devia servir de entreposto com Mato Grosso.

[...] As comunicações telegráficas entre o Rio de Janeiro e o Mato Grosso são feitas ao longo de linhas de milhares de quilômetros de extensão através de florestas imensas e de pantanais sem fim. Durante a estação seca, que acontece nos meses de junho, julho agosto e setembro, o problema da conservação das linhas se torna relativamente fácil, uma vez que os temporais são raros e poucos violentos. Por outro lado, na estação das chuvas, as linhas do telégrafo que passam através das florestas e dos pântanos sofrem imensamente. Todas essas dificuldades, entretanto, já poderiam ter sido removidas [...] com a utilização do telégrafo sem fio, em uso por todo o mundo civilizado e que mesmo entre nós já adquiriu um notável desenvolvimento. No caso brasileiro, o território do Acre é um exemplo de como pode ser útil o telégrafo sem fio. Este território é servido por cinco estações dos sem fio que o ligam a todos os pontos da Terra, onde há telégrafo. Para os países imensos como o nosso, sem redes telegráficas e cobertos de florestas imensas, o sistema telegráfico que se devia desenvolver de preferência a qualquer outro é o S/F, isto é, sem fio. No entanto até ainda bem pouco tempo foram consumidos milhares e milhares de contos de réis para fechar o famoso circuito telegráfico de Mato Grosso ao Amazonas, que absorveu milhares de quilômetros de fios e exigiu a construção de dezenas de estações destinadas à desapareição num futuro que não vem longe. No que diz respeito, particularmente, às comunicações com Mato Grosso, a Marinha queixa-se agora, e com razão, da dificuldade de comunicações. Mas uma coisa de que ninguém se lembra é de que o culpado dessa situação é exatamente esse senhor Alexandrino, como é fácil demonstrar. Quando o Almirante Belfort foi Ministro da Marinha, procurando resolver, desde essa época, o problema das comunicações com o Mato Grosso, adquiriu algumas estações de S/F muito possantes. Era plano do almirante, para atender as necessidades mais urgentes, como ele próprio declarou, estabelecer uma estação aqui no Rio, outra em Santa Marta, no Rio Grande do Sul, outra na Foz do Iguaçu e outra, finalmente, em Porto Murtinho. Nesse ínterim, assume a pasta da Marinha o senhor Alexandrino e, na sua fúria de demolição de tudo o que podia guardar um traço da administração de seus antecessores, não poupou sequer o plano simples e magnífico das estações do S/F. A estação do Rio foi montada a capricho e é uma das boas estações do mundo. Essa teve a sorte de fazer parte do programa cinematográfico do almirante. A de Santa Marta foi mudada para Fortaleza de Santa Cruz, em Santa Catarina. A do Iguaçu, que devia servir de entreposto com Mato Grosso, foi mandada para a Ilha da Trindade [...] agora o senhor Ministro se queixa da morosidade das comunicações. De quem é a culpa?³⁸⁹

No final de março e início de abril de 1917, outra notícia que teve grande repercussão na imprensa foi a de que o corsário alemão “Seeadler” (“Águia do mar”) havia capturado uma embarcação francesa, a “Cambronne”, nas proximidades da Ilha da Trindade e despachado nela

³⁸⁹O PROBLEMA da subsistência. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 26 abr. 1917, p. 4.

mais de 260 prisioneiros de outras 11 embarcações afundadas por ele, no Atlântico Norte, sendo nove na região do Arquipélago de São Pedro e São Paulo.³⁹⁰ Vários jornalistas foram ao porto do Rio em busca de informações sobre o ocorrido. Foi para lá que a “Cambronne” havia sido rebocada pelo vapor brasileiro “Nilo Peçanha” que a encontrou ao largo de Cabo Frio. O caso era grave.

A barca francesa vinha de Antofagasta, no Chile, trazendo para Marselha um grande carregamento de nitrato, produto utilizado na fabricação de fertilizantes e explosivos. Na altura da Ilha da Trindade, avistou um veleiro, de bandeira norueguesa, que lhe enviou sinais para se aproximar. Ao chegar mais próximo, a embarcação norueguesa levantou uma bandeira com o sinal I.D., que significava: “pare ou faça fogo”.

Na verdade, o veleiro não era norueguês, mas, sim, o corsário “Seeadler”, que pertencia a Marinha Mercante alemã. Com uma guarnição de 64 homens, o corsário alemão era movido a motor e estava artilhado com canhões de 105 mm e algumas metralhadoras móveis. “Os veleiros que demandavam tranquilamente os portos estavam longe de supor que aquele navio era um fantasma misterioso que varria os mares de embarcações frágeis que um tiro de canhão um só bastava para desarvorar.”³⁹¹

Um escaler, dirigido por um oficial alemão, desceu do “Seeadler” e veio até a “Cambronne” com a seguinte ordem: a barca francesa teria de receber 263 prisioneiros,³⁹² de 11 embarcações que o navio de guerra alemão havia posto a pique. Esses prisioneiros, formados em sua maioria por ingleses, italianos, franceses e estadunidenses, deviam ser desembarcados no porto do Rio de Janeiro.

Um segundo escaler do “Águia do Mar” trouxe a bordo da “Cambronne” uma guarnição de marinheiros que destruiu toda a carga da barca francesa, além de danificar seus mastros e velas.³⁹³ Com estas medidas, os alemães não quiseram impedir a navegação da “Cambronne”,

³⁹⁰UMA barca franceza, desarvorada, entra na nossa bahia, conduzindo tripulantes de onze navios postos a pique próximo à Trindade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 31 mar. 1917, p.1; A PIRATARIA alemã. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 31 mar. 1917, p.1; DUZENTOS e tantos náufragos aliados. **A Provincia**, Recife, PE, 31 mar. 1917, p.1; JORNAL do Recife. Recife, PE, 31 mar. 1917, p.2; JORNAL Pequeno. Recife, PE, 2 abr. 1917, p.3; PACOTILHA. São Luiz, MA, 2 abr. 1917, p.1; TERIA acontecido algum atentado alemão em águas brasileiras?. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ, 2 mai. 1917, p.1; ESTADO do Pará. Belém, PA, 31 mar. 1917, p.3; A BARCA ‘Cambronne’. A Gazeta, São Paulo, SP, 31 mar.1917, p.6; A GUERRA. **O Matto-Grosso**. Cuiabá, MT, 5 abr. 1917, p.4.

³⁹¹UMA barca franceza, desarvorada, entra na nossa bahia, conduzindo tripulantes de onze navios postos a pique próximo à Trindade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 31 mar. 1917, p. 1.

³⁹²LÜCKNER, Conde Félix de. **El Ultimo Corsario**. Revista de Marina y Aviacion. Ano XVII, n.3, p. 313, mai./jun. 1932.

³⁹³UMA, ref. 391.

mas deixá-la mais lenta. Os oficiais alemães também abasteceram o navio francês de víveres, transferindo para ele diversos gêneros alimentícios como batatas, açúcar, bolachas e conservas.

Por volta das 18h, feito o transporte de todos os prisioneiros e decidido que o comando da embarcação francesa ficaria a cargo do comandante mais velho a bordo, que era o capitão do navio britânico “Pinmore”, a “Cambronne” seguiu com dificuldades rumo ao Rio de Janeiro, conforme havia ordenado o comandante do “Seeadler”, o Conde Von de Lückner.³⁹⁴ “Assim iniciamos a nossa nova rota, rumo à Guanabara, que como já se sabe transpusemos hoje às 6h25 da tarde, debaixo de muita alegria, coragem e esperança pela vitória definitiva da nossa causa”³⁹⁵, declarou ao jornal *Correio da Manhã*, o Comandante Mathien da “Cambronne”.

Após nove dias de navegação, com ventos bons, a “Cambronne” finalmente foi encontrada pelo “Nilo Peçanha” que a rebocou até o Rio de Janeiro, aonde chegaram em 30 de março de 1917. Os tripulantes capturados pelo corsário alemão disseram às autoridades marítimas e à imprensa que tiveram um bom tratamento por parte dos alemães, com direito a três refeições por dia.

Os navios capturados e afundados pelo “Seeadler” foram os seguintes: o britânico “Gladys Royal”, com 5.500 toneladas de carvão, e o britânico “Lundy Island”, com 4.500 toneladas de açúcar, no Atlântico Norte; o veleiro francês “Charles Gounod”, com 3.100 toneladas de trigo; o canadense “Perce Halifax”, com 500 toneladas de peixe e madeira; o francês “Antonin”, com 4000 toneladas de nitrato, o italiano “Buenos Aires” com 3000 toneladas de salitre; o britânico “Pinmore Glinork”, com 3.636 toneladas de trigo; o canadense “British Yeoman”, com 3.070 toneladas de trigo; o francês “La Rocheforcauld”, com 3.050 toneladas de nitrato; o francês “Dupleix”, com 3.000 toneladas de nitrato; e o britânico “Horngarth”, com 6.500 toneladas de trigo, nas proximidades do Arquipélago de São Pedro e São Paulo.³⁹⁶

Indagado, na época, sobre as façanhas do corsário alemão, o Ministro da Marinha declarou que elas estavam fora da alçada do governo brasileiro por terem sido praticadas além das 200 milhas náuticas, na Ilha da Trindade, onde as águas são abertamente extraterritoriais. No entanto, se os respectivos governos assim o desejarem, o governo brasileiro assistiria aos naufragos em tudo que lhes fosse necessário.³⁹⁷

³⁹⁴O PAIZ. Rio de Janeiro, RJ, 31 mar. 1917, p.1.

³⁹⁵UMA, ref. 391.

³⁹⁶*Ibid.*

³⁹⁷A ACÇÃO dos piratas alemães no Atlântico Sul. *A Época*, Rio de Janeiro, RJ, 1 abr. 1917, p. 3.

Por que os corsários alemães, como o “Mowe”, o “Geier” e o “Seeadler”, operavam nas proximidades da Ilha da Trindade e dos arquipélagos de Fernando de Noronha e de São Pedro e São Paulo? A resposta está nos ventos que sopram na região. De acordo com o comandante da Marinha e diretor do Lloyd na época, Carlos Midosi, nas áreas marítimas próximas a essas ilhas oceânicas brasileiras sopram, predominantemente, os ventos alísios que são chamados pelos ingleses de *trade winds*.³⁹⁸ Esses ventos movimentam-se do Norte e do Sul em direção às zonas próximas à Linha do Equador.

As correntes oceânicas associadas aos ventos alísios contribuíram para que antigas embarcações europeias e africanas navegassem até as Américas e das Américas para a Ásia. Até os dias atuais, algumas embarcações utilizam esses ventos, que normalmente são calmos.³⁹⁹

O Comandante Carlos Midosi explicou que os veleiros vindos do Pacífico passam pela Ilha da Trindade, assim como os navios vindos da Argentina e do Uruguai são obrigados a passar por Fernando de Noronha a fim de apanhar os ventos alísios que os vão levar até a Linha do Equador. Eis o motivo dos corsários alemães preferirem as proximidades destas duas ilhas no Atlântico para saquear e afundar os veleiros dos países aliados. Seria por isso também que os comandantes das barcas afundadas pelo “Seeadler” ficaram surpresos de não terem encontrado nas proximidades dessas ilhas algum dos navios dos aliados que patrulham o Atlântico.⁴⁰⁰

As “moças de Minas” e outras histórias

No período da Grande Guerra, o interesse de jornais e revistas pela Ilha da Trindade traduziu-se em centenas de publicações, com distintas abordagens sobre a ilha e voltadas para diferentes perfis de público, incluindo o feminino.

É o caso da revista semanal ilustrada *Futuro das moças*, que circulou no Rio de Janeiro entre os anos de 1917 e 1918. Em uma das seções dessa revista, a imagem que se tinha na época

³⁹⁸A GUERRA nos mares. **Jornal Pequeno**, Recife, PE, 19 abr. 1917, p. 3.

³⁹⁹SILVA, Bruce Francisco Pontes; FEDEROVA, Natalia. Distúrbios Ondulatórios de Leste Sobre o Atlântico Tropical Sul: Revisão e Discussão Sobre Terminologia. **Revista Brasileira de Meteorologia**, v.38, p.2, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-77863810025>

⁴⁰⁰A PIRATARIA no Atlântico Sul. **A Rua**, Rio de Janeiro, RJ, 1 abr. 1917, p. 1.

de como os tesouros da Ilha da Trindade eram bem guardados e escondidos serviu de metáfora para descrever o jeito de se vestir das “moças de Minas”, em um artigo sobre moda feminina:

Há tempos, o senhor arcebispo de Diamantina tirou-se um dia, dos seus altos cuidados de pastor das almas, e pôs se a reparar o vestuário das moças: viu que elas usavam, com muita graça, golas abertas e saias redondas. E, logo, receoso da salvação da alma das moças e zeloso pelo que viam ou podiam ver os olhos dos rapazes, o santo homem fulminou àquelas modas com os raios de sua reprovação. Desde esse tempo, todas as moças de Minas passaram a usar colarinhos à moda da senhora Dona Maria I de Portugal e saias modelo Maria Lameira. Por essa época, os colos morenos, cor de jambo, maduro de sol, das nossas raparigas de 14 a 29 anos, foram velados, guardados e escondidos, com mais cuidado e mais segredos do que os tesouros da Ilha da Trindade [...]⁴⁰¹

A associação que é feita neste texto entre os tesouros da Ilha da Trindade e os colos das jovens mulheres brasileiras é mais um exemplo de como a mídia contribuiu, naquela época, para a difusão de uma imagem idealizada e romantizada da ilha, bem como para a perpetuação, no imaginário popular, da lenda que segue viva até hoje, como já mencionada, dos tesouros da Ilha da Trindade.

Trata-se, portanto, de um tema valioso para os estudos relacionados à fomentação da mentalidade marítima e cultura oceânica no Brasil, cuja influência dos jornais, revistas e outros meios de comunicação, incluindo o cinema e a literatura, tiveram e ainda têm um papel chave. Isto porque a maior parte do conhecimento marítimo e oceânico que é adquirido pelas pessoas, desde a infância, é fruto das mensagens e informações que são difundidos por estes meios.

No mesmo mês em que o artigo sobre os decotes das moças de Minas foi publicado, o Brasil rompeu as relações diplomáticas e comerciais com a Alemanha⁴⁰² (entre outros motivos, pelo torpedeamento do navio brasileiro “Paraná” por um submarino alemão). No dia 21 de abril de 1917, 10 dias após esta histórica decisão do governo brasileiro, o cruzador “Tiradentes” da MB seguiu rumo à Ilha da Trindade.⁴⁰³

Comandado pelo Capitão-Tenente Cantuaria Guimarães, o “Tiradentes” (Figura 50), que era considerado mais uma canhoneira do que um cruzador em razão de suas pequenas dimensões e baixa velocidade,⁴⁰⁴ foi para lá com dois objetivos: manter uma unidade de guerra

⁴⁰¹GRAÇA, Maria. Cartas Mineiras. **Futuro das Moças**, Rio de Janeiro, RJ, n.4, 25 abr. 1917, p. 3

⁴⁰²BRASIL. Relatório do Ministério das Relações Exteriores 1917. **Imprensa Nacional**, Rio de Janeiro, RJ, 1931, p. 62.

⁴⁰³STORINO, ref. 50.

⁴⁰⁴ALMEIDA, Francisco Alves de. A situação material dos navios de guerra da Armada Nacional ao final de 1917. **Revista Navigator**, Rio de Janeiro, RJ, v. 3, n. 5, p. 7-19, 2007.

no local, considerado uma base naval estratégica de primeira ordem, e levar materiais destinados à estação radiotelegráfica, além de mantimentos e víveres para a guarnição militar daquela ilha.⁴⁰⁵ Também levou “várias mudas de plantas, entre elas palmeirinhas que servirão para a arborização daquela ilha.”⁴⁰⁶

Figura 50: O cruzador “Tiradentes”.



Fonte: <https://www.naval.com.br/ngb/T/T037/T037-f05.jpg>.

No dia 10 de maio, o cruzador regressou ao porto do Rio de Janeiro. Apesar do Ministro da Marinha ter autorizado a família do encarregado da estação radiográfica da Trindade a seguir no cruzador, não há registro de que ela tenha ido para lá. Um dos oficiais do “Tiradentes”, o Segundo-Tenente Oswaldo Osíris Storino, com 21 anos, foi como voluntário nesta viagem por dois motivos. O primeiro foi revelado pelo próprio Storino, em um artigo que escreveu na Revista Marítima, em 1986, quando já era almirante:

Nosso entusiasmo pela Ilha da Trindade começou em 1909, no Colégio Pedro II, durante uma aula de Geografia. Discorrendo sobre ilhas oceânicas pertencentes ao Brasil, o respeitado e estimado professor Coelho Lisboa (senador pelo Estado da Paraíba) deteve-se um pouco mais citando a Ilha da Trindade. Acostumado aos discursos parlamentares, o conceituado mestre proferiu uma patriótica alocução censurando os invasores britânicos que, pela terceira vez, haviam ocupado sumariamente esta ilha, incontestavelmente

⁴⁰⁵O CRUZADOR ‘Tiradentes’ saiu hontem para a Ilha da Trindade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 22 abr. 1917, p.8; O REGRESSO do cruzador ‘Tiradentes’ da Ilha da Trindade. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, RJ, 11 mai. 1917, p.2.

⁴⁰⁶O ‘TIRADENTES’ vae, em dupla missão, para a Ilha da Trindade. **A Época**, Rio de Janeiro, 11 abr. 1917, p.1.

brasileira. O fato ocorrera entre 1895 e 1897. Graças à serenidade e firmeza da diplomacia brasileira que exibiu documentos insofismáveis de nossa soberania naquele afastado rincão, o governo britânico recuou do seu propósito de ali fixar-se. Não houve, nem era juridicamente aceitável, recurso à arbitragem. A ação do governo de Portugal durante o litígio, teve apenas um caráter amistoso para facilitar o entendimento entre Brasil e Inglaterra. O episódio teve um epílogo feliz, bem diverso do que ocorreu do que ocorre, até hoje, com Gibraltar e Falklands (Malvinas). Naquela época (1909), estávamos empolgados com as leituras das histórias de Júlio Verne, das viagens de Gulliver, do famoso Robinson Crusoe e das aventuras do incrível Barão de Munchausen. Nosso cérebro de estudante ginásial era campo fértil para imaginar a Ilha da Trindade como um atraente mistério. Fizemos propósito de conhecê-la logo que fosse possível.⁴⁰⁷

Este relato do Almirante Storino é uma evidência de como a escola e a literatura são importantes no sentido de atizar a curiosidade de jovens estudantes sobre o oceano.

Neste contexto educacional e oceânico, nasceu em 2017, em Portugal, o conceito “Escola Azul”, que tem segundo o “Maré de Ciência”, um programa de extensão da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), os seguintes objetivos:

Trabalhar o pensamento crítico e criativo para engajar ativamente a comunidade escolar na cultura oceânica; desenvolver o pensamento crítico e criativo para engajar ativamente a comunidade escolar na cultura oceânica, e incentivar estudantes a terem uma maior consciência sobre o oceano, a criarem laços afetivos com o oceano e promoverem ações e mudanças de comportamentos para e em prol da sustentabilidade do oceano.⁴⁰⁸

Atualmente, o Brasil conta com 295 “Escolas Azuis” cadastradas em 20 diferentes unidades federativas brasileiras.⁴⁰⁹ Apesar do tema cultura oceânica não fazer parte do foco principal deste projeto, vale apontar a relação que há entre o interesse do Almirante Storino pela Ilha da Trindade, que teve origem em uma aula de geografia, e o conceito de “Escola Azul”. Considerando a realização de futuros estudos e a importância que o tema “Mentalidade Marítima” representa para a MB e o país, é importante ressaltar que a formação da cultura oceânica da população brasileira está intimamente relacionada com o conteúdo que é difundido não apenas nos meios de comunicação, mas também nas instituições de educação formal, como as escolas e as universidades, e de educação não-formal, como os museus e os centros de cultura.

⁴⁰⁷STORINO, ref. 50, p.89.

⁴⁰⁸MARÉ de Ciência - Escola Azul Brasil. Sobre. 2023, n.p. Disponível em: <https://escolaazul.maredeciencia.eco.br/sobre/>. Acesso em: 17 jun. 2024.

⁴⁰⁹*Ibid.*

O segundo motivo que levou o antigo estudante do Colégio Pedro II e oficial da MB a seguir como voluntário na viagem do “Tiradentes” até Trindade foi o seu desejo de praticar cálculos de navegação como já fizera antes a bordo do Navio-Escola “Benjamin Constant” e do “Patacho Caravelas”, em dois longos cruzeiros, em 1915 e 1916, respectivamente, que não estiveram em Trindade.

Acrescia a circunstância de que sendo o comandante do navio um profissional de grande competência dele esperávamos receber os melhores ensinamentos. Cedo nos convencemos de que ele não dispunha de tempo nem vocação para instrutor. [...] A oficialidade do navio ficou assim constituída: Comandante Capitão-Tenente Antônio Sabino Cantuaria Guimarães; Imediato Primeiro-Tenente Aníbal Correia de Matos; e mais os Segundo-Tenentes Oswaldo Osiris Storino e Ignácio de Barros Barreto Júnior.⁴¹⁰

De acordo com o Almirante Storino (1986), o “Tiradentes” era um pequeno e obsoleto cruzador que fora classificado como aviso hidrográfico e alterado, internamente, a fim de transportar “farto material para as construções indispensáveis, além de gêneros alimentícios, medicamentos, combustíveis, líquidos, motores e o destacamento que renderia o grupo ali aquartelado.”⁴¹¹

Com a necessidade de se conquistar espaço para a carga, o “Tiradentes” foi perigosamente modificado, na opinião do almirante: “Não sabemos dizer se o navio, assim destravado, correu mais risco na ida (tão carregado) ou na volta (muito leve).”⁴¹² Como o mar estava em boas condições de navegação, nada de grave aconteceu. Storino se apresentou a bordo do “Tiradentes” no dia 7 de abril de 1917 e foi surpreendido com uma prova de confiança: a de ser encarregado da navegação. Com esta responsabilidade, ele teve de lidar durante a viagem com “sextante, bússola, cronômetro, cartas marítimas, tábuas de Norie e de Radler de Aquino, sondas, instrumentos destinados às previsões meteorológicas.”⁴¹³

Storino relatou detalhes da sua inesquecível viagem para a Ilha da Trindade:

A viagem foi extremamente penosa porque os serviços de quarto em viagem e no fundeadouro, com o revezamento só dos três oficiais, tornou-se o sacrifício de que ainda nos lembramos. Sob a alegação de cansaço, nossos substitutos nos rendiam com atraso muitas vezes, mas a camaradagem apagou qualquer ressentimento. O comandante impressionava por sua forte

⁴¹⁰STORINO, ref. 50, p. 91.

⁴¹¹*Ibid.*

⁴¹²*Ibid.*

⁴¹³STORINO, ref. 50, p.92.

personalidade: dinâmico (36 anos de idade), elevado grau de cultura, mas exigente e temperamental dificultando a convivência. A chegada à ilha para o comandante acontecia pela quarta vez em 12 anos, mas para nós o espetáculo tinha caráter de novidade. Amanhecia e, avistada a 40 milhas, a Trindade se apresentava como uma mancha escura em fundo claro. Com a diminuição da distância iam melhorando os contornos de um majestoso panorama: inúmeros picos, como agulhas de catedrais góticas, dos quais se destacavam o Trindade (600 m) e o Desejado; os recortes da costa talhada a pique e umas formas estranhas como a do Monumento. Este pico, quase cilíndrico, com cerca de 260 m de altura, apresenta o aspecto de um falo, como um obsceno capricho da natureza. Na Ponta Norte destacam-se massas pontiagudas que justificam o nome de Crista de Galo. A costa que começa a pique na Ponta Norte corre ao sudeste até o extremo do Valado, leito de antiga torrente donde entra ligeiramente para formar a Praia dos Portugueses, infletindo-se de novo para este até as pedras entre as quais fica o chamado Porto da Canoa. Contornando-se a ilha para sudeste sucediam-se os Recifes e Praias do Marco do Andrada e das Tartarugas, a Praia Vermelha e o Morro do Paredão. No extremo da Praia Vermelha acha-se a boca nordeste da maior curiosidade da ilha: o Túnel, com 100 m de extensão por 15 de largura e 10 na menor altura. É grandioso o aspecto do arco de entrada, com 20 m de altura e diminuição gradativa para os 15 do interior. A Galeria é ligeiramente curva, sem prejuízo da beleza natural. Tartarugas gigantes fazem do Túnel o seu refúgio predileto. Foge, então, a costa para o noroeste, formando a Enseada do Príncipe, o melhor fundeadoiro da ilha. Surge aí novo capricho da natureza: junto a uma praia de areia grossa, uma réplica do famoso Pão de Açúcar, que, na Guanabara, domina a entrada como sentinela. Estende-se a costa para sudoeste até a Ponta dos Cinco Farilhões. Entra novamente até a Ponta Oeste para formar na Enseada da Cachoeira, em cuja praia há pedras que facilitam o desembarque. O litoral, pelo lado noroeste (entre a Ilha da Racha ou Rachada) e a Ponta Norte (Crista do Galo), é de rochedos inabordáveis, muito batidos pelo mar. Nossa permanência no local estava (obviamente) condicionada ao raio de ação do ‘Tiradentes’, entretanto as fainas (transporte do material para a ilha) só podiam ser executadas do nascer ao pôr do sol. Tornava-se impraticável qualquer fana noite. A extensa muralha de coral ao longo da Praia dos Portugueses parecia um baluarte contra qualquer incursão. Nas cavidades do coral, os ouriços e moreias castigavam terrivelmente os mais corajosos marujos, tornando um suplício a fana já difícil pelo embate das vagas. O estado do mar é, ali, condição decisiva. Os paióis de mantimentos do aviso hidrográfico comportavam rações para 104 tripulantes durante 20 dias; dispúnhamos de dois tanques de aguada com capacidade de 11 mil litros e dois de reserva com pouco mais do que isso. A viagem de ida levou cinco dias; a permanência no local durou dez; a viagem de regresso ao Rio consumiu quatro dias; assim com um total de 19 dias (Rio—Trindade—Rio), tivemos uma pequena margem de segurança de 24 horas. Não houve preocupação com imprevistos. Em terra, a atividade era febril. Conferir e aplicar o material transportado, determinar as coordenadas de um Pilar (lat. S 20°30’18,5”, e long. W Gr. 29°18’55,5”) e remover para a bordo a carga dispensável. O cumprimento da rotina de bordo, com tão reduzido número de oficiais, não nos permitiu um pequeno turismo na ilha. Além das sondagens na Praia dos Portugueses e retificação de alguns acidentes mencionados em cartas e levantamentos anteriores, tivemos que nos contentar com um melancólico namoro do panorama, com binóculo. Embarcado o destacamento que conosco

regressava ao Rio, suspendemos da Trindade no dia 6 de maio de 1917 e a 10 de maio do mesmo ano fundeávamos na Guanabara. Aumentou em nosso espírito o desejo de voltar e conhecer melhor a ilha; satisfizemos esse propósito em 1919 na condição de comandante militar, permanecendo na ilha 100 dias, de maio a setembro. Desse período contaremos outra história em novo artigo.⁴¹⁴

Em 18 de maio de 1917, poucos dias após a chegada do “Tiradentes” em Trindade, o *A Epoca* publicou uma nota, criticando o Ministro da Marinha, Alexandrino Faria de Alencar, na primeira página do jornal. De acordo com a publicação, o destroyer “Amazonas”, da MB, não havia ido a Cabo Frio conforme o próprio jornal havia noticiado dias antes, mas, sim, à Ilha Comprida, buscar cabritos que o Almirante Alexandrino iria mandar enviar para a Ilha da Trindade. “Se não fosse tão triste a ideia do titular da pasta da Marinha comentá-la-íamos. Sua excelência transformou um navio de guerra da nossa esquadra em navio caçador de cabritos”⁴¹⁵, ironizou o periódico.

Ainda em maio, foi inaugurado na Ilha da Trindade um aparelho automático de luz A.G.A, montado sobre armação de ferro com 2 m e 35 cm de altura, acima do solo e 9 m, acima do mar, tendo as seguintes características: lampejos de cor branca, com 0’5 segundos de duração, 5 segundos de ocultação e alcance de 15 milhas, com tempo claro. Este foco luminoso abrangia 187°45’ de horizonte, contados dos 47°45 NW a 40°SE.⁴¹⁶

A tabela (Figura 51) a seguir faz uma demonstração da economia que representava os aparelhos de luz A.G.A, como o que foi instalado na Ilha da Trindade, em comparação a outros sistemas de luz.⁴¹⁷

⁴¹⁴STORINO, ref. 50, p. 92 - 95.

⁴¹⁵A EPOCA. Rio de Janeiro, RJ, 18 mai. 1917, p. 1.

⁴¹⁶A TRINDADE tem um novo poste luminoso. *A Noite*, Rio de Janeiro, RJ, 27 mai. 1917, p. 5; UM poste de luz na Ilha da Trindade. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, RJ, 28 mai. 1917, p. 7.

⁴¹⁷BRASIL Relatório do Ministro de Estado dos Negócios da Marinha - Anexo-B, Relatório da Superintendência de Navegação. *Imprensa Nacional*, Rio de Janeiro, RJ, p.32, abr. 1918.

Figura 51: Tabela demonstrativa da economia realizada com os aparelhos de luz A.G.A.

Mapa demonstrativo da economia realizada com a transformação dos aparelhos de luz do sistema Wilson e outros em aparelhos automaticos do sistema A. G. A. com bicos de 15 e 25 litros

NUMERO	NOMES DOS FARÓES	NATUREZA DO APARELHO DE LUZ		CONSUMO ANUAL DE COMBUSTIVEL			DESPEZA ANUAL COM COMBUSTIVEL		OBSERVAÇÕES
		Antes da transformação	Depois da transformação	Antes da transformação		Depois da transformação	Antes da transformação	Depois da transformação	
				Kerosene em litros	Carbureto em litros	Acumuladores A. G. A.			
1	Tutoya	Poste de 7 1/2	Bico de 15 L.	—	1400	3	1:106\$000	202\$500	Transformado em A. G. A. em 7-9-917.
2	Amarração	Boia de 7 1/2	Poste bico de 25 L.	—	1400	4	1:106\$000	270\$000	Transformado em A. G. A. em 23-8-917
3	Camocim	Boia de 8 1/2	Bico de 15 L.	—	1600	3	1:264\$000	202\$500	Transformado em A. G. A. em 4-11-967.
4	Santo Alberto	Poste de 7 1/2	Bico de 25 L.	—	1400	4	1:106\$000	270\$000	Transformado em A. G. A. em 6-10-914.
5	Peixe-pau	Boia de 7 1/2	Bico de 15 L.	—	1400	3	1:106\$000	202\$500	Transformado em A. G. A. em 16-2-916.
6	Rio Real	Poste a 1 mécha	Bico de 25 L.	372	—	4	171\$120	270\$000	Transformado em A. G. A. em 12-10-915.
7	Quipe	Poste de 8 1/2	Bico de 25 L.	—	1600	4	1:264\$000	270\$000	Transformado em A. G. A. em 10-12-914.
8	Ilha da Trindade	Poste de 8 1/2	Bico de 25 L.	—	1600	4	1:264\$000	270\$000	Inaugurado, já com A. G. A. em 20-4-917.
9	Laginha	Poste a 1 mécha	Bico de 25 L.	372	—	4	171\$120	270\$000	Transformado em A. G. A. em 21-10-916.
10	Fortaleza de Santa Cruz	Poste electrico (100 velas)	Bico de 25 L.	—	—	4	141\$000	270\$000	Transformado em A. G. A. em 20-12-915.
11	Fortaleza da Lage	Poste electrico (100 velas)	Bico de 25 L.	—	—	4	141\$000	270\$000	Transformado em A. G. A. em 16-12-915.
12	Flemengo	Poste de 7 1/2	Bico de 15 L.	—	1400	3	1:106\$000	202\$500	Transformado em A. G. A. em 3-12-915.
13	Villegagnon	Poste electrico (400 velas)	Bico de 25 L.	—	—	4	216\$504	270\$000	Transformado em A. G. A. em 3-12-915.
14	Torre da Ilha Fiscal	Poste de 8 1/2	Bico de 25 L.	—	1600	4	1:264\$000	270\$000	Inaugurado, já com A. G. A. em 3-3-915.
15	Boia a E da Ilha Fiscal	Boia de 7 1/2	Bico de 15 L.	—	1400	3	1:106\$000	202\$500	Inaugurado, já com A. G. A.

32

Fonte: Marinha do Brasil (1918).

Assim como o Almirante Storino teve acesso no Colégio Pedro II a informações sobre a Ilha da Trindade, alunos do Instituto Lafayette também tiveram a oportunidade de conhecer a ilha em uma conferência proferida no MN, no dia 9 de julho de 1917, pelo professor Hugo Braga.⁴¹⁸ Divulgar e ensinar a história natural, especialmente a do Brasil, para o público fazia parte do regulamento do MN a que se refere o Decreto n. 11.896, de 14 de janeiro de 1916.⁴¹⁹ Esta possibilidade de estudantes terem acesso a conhecimentos científicos sobre uma ilha oceânica brasileira é mais uma amostra da importância dos museus, como o MN, na educação não formal e difusão de informações sobre o oceano e os ecossistemas marinhos.

Em uma notícia sobre a conferência do professor Hugo Braga, no MN, sobre a Ilha da Trindade⁴²⁰, dirigida aos alunos, professores e diretores do Instituto Lafayette, o jornal *O Imparcial* fez questão de elogiar o modelo de ensino do Instituto, que segundo o texto publicado:

⁴¹⁸O INSTITUTO La-Fayette vae iniciar as visitas aos museus, escriptorios comerciais etc. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 9 out. 1917, p. 5.

⁴¹⁹BRASIL. Decreto n. 11.896 de 14 de janeiro de 1916. Dá novo regulamento ao Museu Nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 841, 18 jan. 1909.

⁴²⁰O INSTITUTO, ref. 418.

[...] segue uma orientação nova, prática e produtiva, norteando o espírito dos seus alunos para o trabalho para a vida intensa do comércio, da indústria, formando capacidades efetivas, caracteres resolutos, profissionais, competentes que venham dar um golpe de morte na burocracia e na empregomania, o maior dos nossos males.⁴²¹

Segundo a notícia, era comum em países da Europa, bem como nos EUA “as visitas dos estabelecimentos de ensino aos museus aos grandes escritórios e armazéns das empresas comerciais e das fábricas aos mercados às alfândegas nas repartições públicas etc.”⁴²²

A partir da leitura dessa e de outras publicações pesquisadas e analisadas, vale destacar a diversidade de temas e assuntos que foram abordados, no período da Grande Guerra, em artigos e notícias de jornais e revistas que têm relação direta com a Ilha da Trindade. Estes assuntos extrapolam a questão da importância estratégica e militar da ilha e se aproximam, por exemplo, do contexto cultural dos brasileiros, como visto no artigo *Moças de minas*, e do contexto educacional, como no caso dessa conferência e visita dos alunos do Instituto Lafayette ao MN. Vale mencionar também as notas na seção de esportes do jornal *O Imparcial* anunciando a ida de Mimi Sodré para a Ilha da Trindade e o seu retorno para jogar um dos clássicos mais antigos do futebol carioca, Botafogo e Fluminense.

A reportagem do *O Imparcial*, que inicia anunciando a conferência de um acadêmico sobre a Ilha da Trindade no MN, e termina discorrendo sobre os benefícios do modelo educacional do Instituto Lafayette para o Brasil, é um exemplo interessante da referida diversidade de temas tratados nos meios de comunicação, na época da Grande Guerra, que tiveram algum tipo de relação com a Ilha da Trindade.

Novas viagens para Trindade

O Navio-Escola “Benjamin Constant”, sob o comando do Capitão de Mar e Guerra Heleno Pereira, deixou no dia 18 de julho, à tarde, o porto do Rio de Janeiro com destino à Ilha da Trindade. O navio levou em viagem de instrução a turma de 1917, com 41 guardas-marinha. A bordo do “Benjamin Constant”, seguiu o Primeiro-Tenente Ernesto de Araújo, novo comandante da guarnição militar da ilha, para substituir o seu colega de igual patente Armando Belfort Guimarães, que permaneceu durante sete meses na ilha. Juntos com o novo comandante

⁴²¹O INSTITUTO, ref. 418.

⁴²²*Ibid.*

da ilha, viajaram o Primeiro-Tenente Médico, Dr. Fernando Lopes Gonçalves, e praças a fim de substituir toda a guarnição militar de Trindade.⁴²³ Mantimentos e grande quantidade de artigos bélicos⁴²⁴ também seguiram a bordo do “Benjamin Constant”.

De acordo com a medida nº 2.608 do Ministério dos Negócios da Marinha, de 13 de julho de 1917, assinada pelo Ministro Alexandrino Faria de Alencar, dessa data em diante, além dos gêneros da tabela de alimentação, deveriam ser fornecidos os seguintes itens à guarnição militar da Ilha da Trindade: canjica, leite condensado, queijo e sobremesa, devendo também serem aumentadas as rações de arroz e feijão.⁴²⁵

Sobre a grande quantidade de artigos bélicos, de acordo com Belfort Guimarães, Trindade fora guarnecida e artilhada pelo governo brasileiro, para demonstrar o domínio do país naquela ilha.⁴²⁶ Diante da já desgastada relação diplomática entre Brasil e Alemanha, cujos submarinos já haviam afundado alguns navios mercantes de bandeira brasileira, é possível supor que esses armamentos já indicavam a intenção do Brasil em declarar guerra contra o Império alemão e aumentar o poder de defesa do destacamento militar na Ilha da Trindade.

De volta ao Rio de Janeiro, Belfort Guimarães, de acordo com o *Jornal do Commercio*, relatou a um jornal baiano que existiam em Trindade três casas de madeira, duas para o alojamento da guarnição e uma onde funcionava a estação radiotelegráfica com alcance de 1.200 milhas, e que durante todo o período em que lá esteve, nada de anormal aconteceu ali, tendo visto poucos navios de guerra na região.⁴²⁷

Após a missão em Trindade, o “Benjamin Constant” passou por diversos portos e navegou a vela, fazendo durante a viagem exercícios de sinaleiros, artilharia de incêndio e outros. Com exceção de Belfort Guimarães, do fiel Augusto José Douvind e dos telegrafistas José Tavares Cansação e Augusto José da Rosa, que regressaram ao Rio de Janeiro em outra embarcação, provavelmente no navio “Ituberá”, o médico, o enfermeiro e praças que ali se encontravam seguiram viagem no navio-escola. Após dois dias em Trindade, o “Benjamin

⁴²³O ‘BENJAMIN Constant’ partiu para a Trindade. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, RJ, 19 jul. 1917, p.3; O ‘BENJAMIN Constant’ parte hoje em viagem de instrução. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ, 18 jul. 1917, p.5.

⁴²⁴O ‘BENJAMIN Constant’ novamente em S. Luiz. **Pacotilha**, São Luiz, MA, 5 out. 1917, p.6.

⁴²⁵BRASIL. Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Almirante reformado Alexandrino Faria de Alencar - Relatório do Ministro de Estado dos Negócios da Marinha – Anexo ao Relatório. **Imprensa Nacional**, Rio de Janeiro, RJ, p. 132, abr. 1918.

⁴²⁶O BRAZIL e a guerra. **Jornal do Commercio**, Manaus, AM, 4 out. 1917, p.1.

⁴²⁷*Ibid.*

Constant” foi para a Bahia, onde ficou 20 dias; depois para Fernando de Noronha, permanecendo ali durante 10 dias; e, em seguida, zarpou para Belém.⁴²⁸

No dia 15 de outubro, as divisões navais do Centro e do Sul da Marinha de Guerra do Brasil deram início ao serviço de patrulhamento da extensa costa marítima do país. A esquadra brasileira, que participou desta missão, era formada pelos couraçados, “Deodoro”, “Floriano”, “Minas Gerais” e “São Paulo”; os cruzadores “Barroso”, “Bahia”, “República”, “Rio Grande do Sul” e “Tiradentes”; os contratorpedeiros “Amazonas”, “Alagoas”, “Pará”, “Mato Grosso”, “Parahyba”, “Paraná”, “Piauí”, “Rio Grande do Norte”, “Santa Catarina” e “Sergipe”; o tender “Ceará”; o iate “José Bonifácio”; os cruzadores auxiliares “Belmonte” e “Parnahyba”; os submersíveis “F1”, “F3” e “F5”; e os navios mineiros “Carlos Gomes”, “Jaguarão” e “Mário do Couto”.⁴²⁹

O navio mineiro “Carlos Gomes”, sob o comando do Capitão de Corveta Alfredo Andrade Dodsworth, zarpou conjuntamente com os demais e seguiu para a Ilha da Trindade, levando o Primeiro-Tenente Médico Dr. Oswaldo Palhares, que ficou encarregado do serviço médico da ilha. Também foi a bordo do “Carlos Gomes”, uma comissão composta pelos Tenentes da Armada Aníbal Corrêa de Matos e Graciano Adolpho Monteiro de Barros, da Superintendência de Navegação do Ministério da Marinha, e outra liderada pelo assistente de primeira classe da diretoria de meteorologia e astronomia do ON, o engenheiro civil e astrônomo Mario Rodrigues de Souza.⁴³⁰

A comissão militar cooperou com a comissão do ON com o objetivo de determinar a posição geográfica da Ilha da Trindade, tendo a comissão do Observatório empregado o telégrafo sem fio para determinação da longitude. Outro objetivo da comissão do ON era a instalação de uma estação meteorológica na ilha.⁴³¹

Desde 1889, o ON era subordinado ao Ministério da Guerra. Com o Decreto nº 7.501 de 12 de agosto de 1909, o presidente da República Nilo Peçanha criou o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, passando o Observatório para este ministério e transformando-o, até 1921, na Diretoria de Meteorologia e Astronomia.⁴³² De acordo com o

⁴²⁸O ‘BENJAMIN Constant’ novamente em S. Luiz. **Pacotilha**, São Luiz, MA, 5 out. 1917, p.6.

⁴²⁹O PATRULHAMENTO do Atlântico. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ, 13 out. 1917, p. 3.

⁴³⁰GAZETA de Notícias. Rio de Janeiro, RJ, 16 out. 1917, p.1.

⁴³¹MM - Ministério da Marinha. Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil. **Imprensa Naval**, Rio de Janeiro, RJ, abril de 1918, p.67 e 193.

⁴³²OLIVEIRA, Fabíola de. **INMET: 100 anos de meteorologia no Brasil**. Instituto Nacional de Meteorologia, Brasília, DF, p. 26-27, 2009.

livro *Observatório Nacional 190 anos: uma viagem no tempo e no espaço* (2018), as medições realizadas pelos astrônomos do ON, nos anos 1892 e 1893, tiveram um papel fundamental na demarcação do Distrito Federal, e entre 1895 e 1909, na divisão das fronteiras do Brasil com a Bolívia e na resolução de antigas pendências territoriais com os seguintes países vizinhos: Uruguai, Argentina, Peru, Colômbia e Venezuela.⁴³³

O ON também era responsável pela regulação e distribuição da hora civil, que é um elemento essencial para cálculos astronômicos, geodésicos e náuticos.⁴³⁴

Desde que o Observatório Nacional iniciou suas atividades, o serviço da hora é mantido ininterruptamente. Além de estabelecer a hora local, o Observatório também era responsável pela transmissão da hora para a cidade. O sinal da hora local era dado às 8 horas da manhã e, a partir de 1871, passou a ser fornecido ao meio-dia do tempo médio. A transmissão usava um método inglês conhecido como *time-ball* ou método do balão. Este sistema consistia no alçamento de um balão que inflava e subia por um mastro atingindo o seu topo quando o relógio do Observatório indicasse meio-dia. Assim, quando o balão do Observatório atingia o topo do mastro, os navios do porto podiam ajustar seus relógios e cronômetros.⁴³⁵

Esse serviço funcionou até 1920, sendo substituído pela transmissão radiotelegráfica da hora, que já ocorria desde 1918. Este tipo de transmissão além de ser mais rápida, também era mais segura para os navios e diversos serviços que dispunham de aparelho telegráfico.⁴³⁶

A medição das coordenadas geográficas da Ilha da Trindade fazia parte também dos trabalhos de elaboração da Carta Geográfica da República Comemorativa do Centenário da Independência do Brasil (Figura 52).⁴³⁷

Publicada em 1922, ano em que a Independência do Brasil completava 100 anos, esta Carta foi organizada pelo Clube de Engenharia, cujo presidente — e relator da Carta — era o engenheiro Francisco Boehringer.⁴³⁸ Para o pesquisador do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), Bruno Capilé (2019):

⁴³³BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. **Observatório Nacional 190 anos: uma viagem no tempo e no espaço**. Rio de Janeiro: Observatório Nacional, 2018, 48p.

⁴³⁴*Ibid.*, p.8.

⁴³⁵*Ibid.*

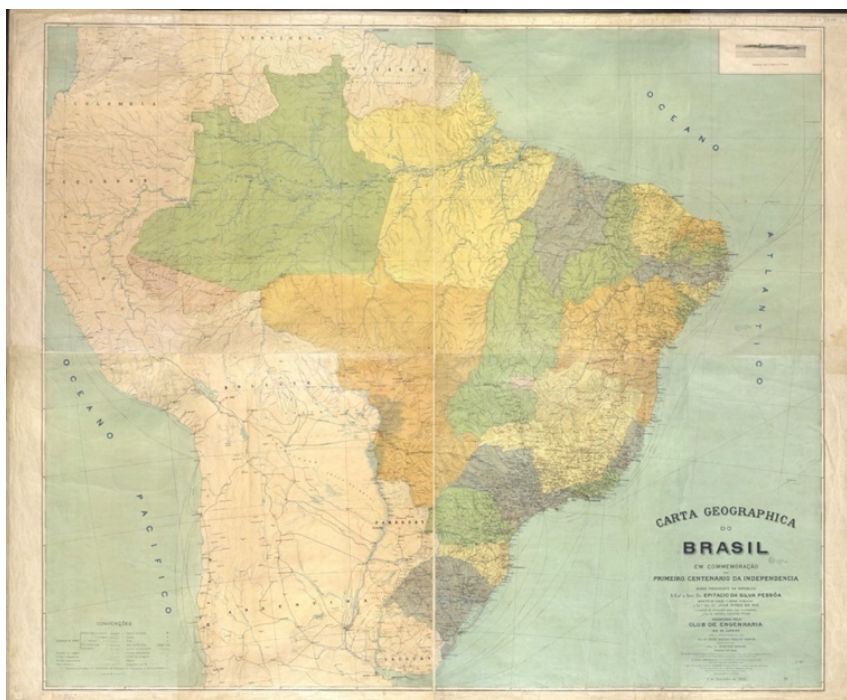
⁴³⁶*Ibid.*, p.9.

⁴³⁷CARTA Geral da República. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 16 out. 1917.

⁴³⁸CAPILÉ, Bruno. O Clube de Engenharia na confecção da Carta Geográfica do Brasil para a comemoração do 1º Centenário de Independência do Brasil. Clube de Engenharia, Rio de Janeiro, RJ, 11 jan. 2019. Disponível em: <https://portalclubedeengenharia.org.br/o-clube-de-engenharia-na-confeccao-da-carta-geografica-do-brasil-para-a-comemoracao-do-1o-centenario-de-independencia-do-brasil/>. Acesso em: 16 jun. 2024.

(A Carta Geográfica da República) foi fundamental na resolução de problemas como os litígios fronteiriços entre os estados brasileiros, no planejamento das estruturas de integração nacional (ferrovias, portos, telégrafos), e na drástica redução de antigos erros cartográficos. Nas palavras de muitos, o primeiro ‘mapa científico’ do Brasil. No cenário internacional, a Carta de 1922 no projeto de mapeamento mundial pela Comissão Internacional do Mapa ao Milionésimo, foi o único mapa latino-americano elaborado por instituições locais.⁴³⁹

Figura 52: Carta geográfica da República comemorativa do Centenário da Independência do Brasil.



Fonte: BNDigital.

Bruno Capilé ressaltou que nos primeiros anos da República, os mapas nacionais eram desenvolvidos pelo Serviço Geográfico do Exército motivados pelo compromisso com a defesa, a soberania nacional e a modernização do país. A partir de 1908, a metodologia de levantamento topográfico realizado por meio de triangulações passou a ser criticado principalmente pela sua demora. Essas críticas foram lideradas por Henrique Morize, que na época era sócio do Clube de Engenharia, diretor do ON e presidente da Sociedade Brasileira de Ciências. A solução encontrada para calcular as latitudes e longitudes dos pontos de referências estratégicos foi conciliar a antiga técnica de medição com os métodos astronômicos. A elaboração do mapa contou com o apoio do Ministério da Viação, por intermédio da repartição geral dos Telégrafos,

⁴³⁹CAPILÉ, ref. 438.

do Ministério da Marinha, por meio da Diretoria de Navegação, e do Ministério da Agricultura, por meio do ON. O Ministério do Exterior contribuiu com dados e elementos cartográficos sobre os limites internacionais e interiores do Brasil, com sua extensa mapoteca. Também foram coletadas informações importantes nos arquivos do Ministério do Interior e no Arquivo Público.⁴⁴⁰

O *Jornal do Commercio* de 16 de outubro de 1917 deu destaque ao trabalho de medição das coordenadas geográficas da Ilha da Trindade a ser realizada no local pelo astrônomo do ON:

Com os trabalhos de determinação feitos pelo astrônomo Mário de Souza por intermédio do cabo submarino, entre a Ilha de Fernando de Noronha e Recife, desapareceram as dúvidas até então existentes sobre a longitude dessa ilha; o mesmo se fará agora quanto à Ilha da Trindade afastada cerca de 600 mi do litoral, isto é, o triplo da distância entre a costa e Fernando de Noronha.⁴⁴¹

Com relação às dúvidas existentes sobre a longitude da Ilha da Trindade, Ribeiro escreveu:

A posição da Ilha da Trindade apareceu sempre na bibliografia especializada com os mais variados deslocamentos, tanto em latitude com em longitude. A partir, no entanto, do início do século passado, os valores das coordenadas geográficas que lhe eram atribuídas, passaram a oscilar apenas 2' dos valores reais. A observação mais precisa anteriormente feita foi a realizada pelo astrônomo Mario Rodrigues de Souza, do Observatório Nacional, em 1917 [...]. Pelas suas observações, as coordenadas geográficas do marco assinalado na planta eram as seguintes: Latitude 20°30'18".5 S / Longitude 29°18'55".5 O.⁴⁴²

A planta (Figuras 53 e 54), a qual Ribeiro se refere, faz parte do acervo da Biblioteca da Marinha. Segundo este documento (1918), as medições foram realizadas em outubro de 1917, pelos Tenentes Corrêa de Mattos e Monteiro de Barros, em colaboração com o astrônomo Dr. Mario Rodrigues, completando o trabalho iniciado em 1914 pelo Primeiro-Tenente Antonio Sabino Cantuaria Guimarães. As posições geográficas exatas do poste A.G.A e do Pico Trindade foram determinadas pela transposição da do Pilar, sobre o qual foram feitas as

⁴⁴⁰CAPILÉ, ref. 438.

⁴⁴¹A CARTA Geral de República. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, RJ, 16 out. 1917, p. 4.

⁴⁴²RIBEIRO, P. de A. Expedição à Ilha da Trindade. *Revista Brasileira de Geografia*, 13: 293-314, abr./jun. 1951, p.139.

observações astronômicas. A latitude ($20^{\circ}30'18'',5$ S) foi determinada pela observação de estrelas e a longitude ($29^{\circ}18'55'',5$ W), pela radiotelegrafia.⁴⁴³

Figura 53: Planta com as coordenadas geográficas da Ilha da Trindade (1918) – Parte 1.

Figura 54: Planta com as coordenadas geográficas da Ilha da Trindade (1918) – Parte 2.



Fonte: Biblioteca da Marinha do Brasil.

Foto: Mauricio Salles (2024).

De acordo com o Centro de Hidrografia da Marinha a atual posição geográfica⁴⁴⁴ da Ilha da Trindade corresponde a:

Latitude - $20^{\circ}30'21.02''$ S

Longitude - $29^{\circ}18'29.57''$ W

A correspondência radiotelegráfica foi um dos métodos utilizados por Mario Rodrigues para fazer a medição das coordenadas geográficas da ilha. Para isso, ele contou com o apoio das estações radiotelegráficas de Trindade e da Ilha do Governador — do Ministério da Marinha — e de São Tomé, da Repartição Geral dos Telégrafos. A estação da Ilha do Governador, que tinha grande potência, foi orientada pelo astrônomo a transmitir seis séries de sinais às 21 horas. Já a de São Tomé, três séries, às 22 horas, como mostra o telegrama a seguir (Figura 55). Este

⁴⁴³MINISTÉRIO da Marinha. Planta da Ilha da Trindade. Biblioteca da Marinha, 1918.

⁴⁴⁴MARINHA do Brasil. Estações Maregráficas. Centro de Hidrografia da Marinha. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/chm/estacoes-maregraficas>. Acesso em: 03/10/2024.

foi enviado no dia 24 de outubro para o diretor do ON, por Mario Rodrigues, dois dias após a sua chegada na ilha, via estação radiotelegráfica de Trindade.

Figura 55: Telegrama de Mario Rodrigues comunicando sobre a sua chegada na ilha e os procedimentos para a realização da correspondência radiotelegráfica (1918).

31432

DR. DIRECTOR OBSERVATÓRIO NACIONAL RIO

Indicações de serviço

(RA) (OFF)

Imprensa Nacional

RECEBIDO

de

às

por

Repartição Geral dos Telegraphos

A Administração não aceita responsabilidade pelos prejuízos resultantes de erros ou demora na transmissão e entrega de telegrammas. — Art. 109 do Regulamento aprovado pelo Decreto n. 9.148, de 27 de Novembro de 1911. (Art. 3.º da Convenção Internacional Telegraphica de São Petersburgo.)

RADIOTELEGRAMMA DE ILHA TRINDADE VIA SPN 32-81-24-5210-

A CHEGUEI BEM MATERIAL DESEMBARCOU BOAS CONDIÇÕES TENHO INCERTO PONTOS DEVIDO FRACO PODER DESTA ESTACAO SINAES DEVEM SER ENVIADOS A MIM REGULARMENTE TODAS NOITES INDEPENDENTEMENTE PEDIDO OU CHAMADOS DAQUI PONTOS HORARIO SERVICO DEVE SER 21 HORAS TRANSMISSORES SEREIS SINAES DE GOVERNADOR COM GRANDE POTENCIA PONTOS SAO TOME ENVIARA 22 HORAS TRÊS SÉRIES SINAES PONTOS FAVOR TOMAR PROVIDÊNCIAS AFIM ESTE HORARIO NAO SOFRER ATRAZO PONTOS ROGO AVISAR MINHA FAMILIA PONTOS SAUDS = MARIO

Fonte: Observatório Nacional (1918).

Cheguei. Material desembarcou em boas condições. Devido ao fraco poder desta estação, sinais devem ser enviados a mim, regularmente, todas as noites, independente de pedido ou chamados daqui. O horário de serviço deve ser 21h, transmissão de seis séries de sinais de Governador com grande potência. São Tomé enviará, 22 horas, três séries de sinais. Por favor tomar providências a fim deste horário não sofrer atraso. Rogo avisar minha família. Saudações. Mario.⁴⁴⁵

Os telegramas pesquisados no ON mostram que, entre os dias 25 e 31 de outubro, as estações radiotelegráficas da Ilha do Governador e de Cabo de São Tomé tentaram se comunicar com a de Trindade e vice-versa, sendo a troca de sinais muitas vezes prejudicada devido a fortes descargas, como revelou o responsável técnico da estação de Cabo de São Tomé: “Percebemos ontem Trindade falando Olinda não compreendendo devido fortes descargas. Contudo sinais

⁴⁴⁵REPARTIÇÃO GERAL DOS TELEGRAPHOS. Radiotelegramma de Ilha da Trindade. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, RJ, n.31432, 24 out. 1917.

Trindade eram suficientes para troca sinais. Avisei Mario via Olinda ia trocar amanhã madrugada. O tempo agora encoberto. Peço troca hoje preferindo depois 21 horas [...]”⁴⁴⁶

Figura 56: Telegrama do encarregado da estação de São Tomé explicando que a troca de sinais com a estação de Trindade foi prejudicada devido às fortes descargas.

32459 (a)

Sr. Dr. Director Observatorio Indicações de serviço

Castello Rio

RECEBIDO

de C

ds 9.10

por Forz

Repartição Geral dos Telegraphos

A Administração não aceita responsabilidade pelos prejuizos resultantes de erros ou demora na transmissão e entrega de telegrammas.— Art. 100 do Regulamento approved pelo Decreto n. 9.148, de 27 de Novembro de 1911. (Art. 3.º da Convenção Internacional Telegraphica de S. Petersburgo).

CARIMBO

REPARTIÇÃO GERAL DOS TELEGRAPHOS

ESTACIÃO CENTRAL

Telegramma de Cabo S. Thomé N. 81 Pl. Data 25 Hora

Percebemos hontem Trindade fallando Olinda não comprehendendo devido fortes descargas. Comtudo signaes Trindade eram suficientes para troca signaes. avisei Mario via Olinda ia trocar amanhã madrugada. Tempo agora encoberto. Peço troca hoje preferindo depois 21 horas. Sds =

Benjamin

Fonte: Observatório Nacional (1918).

A estação de Olinda também serviu de canal de comunicação com o Rio de Janeiro como mostra telegrama a de Mario Rodrigues, enviado ao diretor do ON: “Somente hoje recebi seus rádios de 28, 29 (de outubro) e 2 (de novembro). Regressarei amanhã. Favor avisar família.”⁴⁴⁷ Pelas datas dos telegramas pesquisados no Acervo do ON, Mario Rodrigues permaneceu na ilha durante duas semanas. O material a que ele se referiu no telegrama que avisava sobre a sua chegada era uma estação meteorológica de segunda classe.

⁴⁴⁶REPARTIÇÃO GERAL DOS TELEGRAPHOS. Radiotelegramma de Cabo S. Tomhé. Rio de Janeiro, RJ, n. 81, 25 out. 1917.

⁴⁴⁷REPARTIÇÃO GERAL DOS TELEGRAPHOS. Radiotelegramma de Olinda bordo da Ilha da Trindade. Rio de Janeiro, RJ, n. 3976, 24 out. 1917.

Figura 57: Telegrama de Mario Rodrigues transmitida pela estação de Olinda ao Diretor do ON.

ENDERECO

Indicações de serviço

3976

DR DIRECTOR OBSERVATORIO RIO =

RECEBIDO

de

às

por

Repartição Geral dos Telegraphos

Administração não aceita responsabilidade pelos prejuizos resultantes de erros ou demora na transmissão e entrega de telegrammas. — Art. 100 do Regulamento approvado pelo Decreto n. 9.148, de 27 de Novembro de 1911. (Art. 3º da Convenção Internacional Telegraphica de São Petersburgo.)

CARIMBO

NOV 1917

RADIOTELEGRAMMA DE DE OLINDA BORDO ILHA TRINDADE HO 24 3P 18H40 =

SÓMENTE HOJE RECEBI SEUS RADIOS DE 28 29 E 2 PONTO REGRESSAREI AMANHA PONTO FAVOR AVISAR FAMILIA PONTO SAUDS. = MARIO =

OBSERVATORIO NACIONAL

NOV 1917

DIRECTOR DO OBSERVATORIO

Fonte: Observatório Nacional (1918).

A ideia de instalar uma estação meteorológica na Ilha da Trindade surgiu antes mesmo do desembarque da primeira expedição de ocupação brasileira da ilha. É o que atesta o memorando, nº 198, do ON, de 23 de maio de 1916 (Figura 58). Este documento, enviado pelo chefe da Seção de Meteorologia e Física do Globo do ON, Nuno Alves Duarte da Silva, ao diretor dessa instituição, Henrique Morize, ressalta as vantagens desta estação para o serviço de previsão do tempo:

Tendo sido resolvida pelo governo da República a ocupação permanente da Ilha da Trindade, por força de Marinha que para lá seguiu, julgo de toda a conveniência o estabelecimento na mesma de uma estação meteorológica especial, atendendo às condições excepcionais de situação da mesma, coadjuvando, assim, os serviços relativos ao ensaio da previsão do tempo iniciados por esta seção. Inútil se me torna encarecer o inestimável serviço relativo ao ‘Ensaio da Previsão do Tempo’, em estudo nesta seção, que deverá prestar tal estação, no objetivo em vista, às Marinhas militar e mercante, concorrendo com um inapreciável contingente para conhecimento da marcha das depressões tão pouco conhecidas ainda deste lado do Equador. Caso aprovardes tal criação, tomaria a liberdade de, junto do senhor Ministro da Marinha, pedir-vos respeitosamente intercederdes com a vossa boa vontade de sempre por esses estudos e indiscutível influência, a fim de quando se

apresentar ocasião azada, esse desidrato que não deixará de concorrer para facilitar um dos objetos visados por este Instituto.⁴⁴⁸

Figura 58: Memorando do ON que ressalta a importância da estação meteorológica da Ilha da Trindade para o serviço de previsão do tempo (1916).



Fonte: Observatório Nacional (1916).

Entre as atribuições previstas em regulamento da Diretoria de Meteorologia e Astronomia estavam: fazer a previsão do tempo e dar avisos marítimos e agrícolas, baseados

⁴⁴⁸SILVA, Nuno Alves Duarte da. Memorando dirigido ao diretor do Observatório Nacional. Acervo do Observatório Nacional, Rio de Janeiro, Documento n.198, 1916.

nas observações locais e nos despachos telegráficos, noticiando a formação e marcha das depressões, ondas frias, tempestades etc.; organizar e dar publicidade à carta diária do tempo, bem como às previsões e avisos aos navegantes e agricultores; e determinar a expansão da rede de estações de observação meteorológica existente à época.⁴⁴⁹

A publicação comemorativa de 190 anos do ON informa que em 1917, já havia no Brasil 222 estações meteorológicas, “as quais acompanhavam o trajeto das linhas telegráficas abertas nesse mesmo período pela chamada Comissão Rondon.”⁴⁵⁰ Nesse mesmo ano, o Observatório deu início ao serviço de previsão do tempo”.⁴⁵¹

A partir de 1917, os jornais passaram a publicar com regularidade a previsão do tempo e informações meteorológicas para a aviação, para a Marinha e sobretudo para a agricultura. Segundo Oliveira (2009), nesta época, a população do Rio de Janeiro, onde teve origem o serviço de previsão de tempo no Brasil, tinha interesse neste serviço principalmente para conferir “a condição das praias e do Carnaval, em um tempo em que as marchinhas e blocos nas ruas ainda envolviam boa parte da população da cidade.”⁴⁵² Em resposta a este memorando, Morize afirmou que teria muita satisfação em satisfazer o desejo de Nuno Alves Duarte da Silva, com relação à montagem de uma estação meteorológica na Ilha da Trindade: “Penso que não poderá ser se não de terceira A ou B, a vista da falta de instrumentos. Para que possa providenciar a respeito, preciso, porém, que informes se haverá verba suficiente para remunerar os observadores e saber quais serão estes.”⁴⁵³

⁴⁴⁹BRASIL. Decreto nº 7.672, de 18 de novembro de 1909. Crêa no Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio a Directoria de Meteorologia e Astronomia. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 8885, 30 nov. 1909. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-7672-18-novembro-1909-513270-republicacao-104185-pe.html>. Acesso em: 16 jun. 2024.

⁴⁵⁰Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas (1907-1915).

⁴⁵¹BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Observatório Nacional 190 anos: uma viagem no tempo e no espaço. Rio de Janeiro: Observatório Nacional, p. 13, 2018.

⁴⁵²OLIVEIRA, Fabíola de. **INMET: 100 anos de meteorologia no Brasil**. Instituto Nacional de Meteorologia, Brasília, DF, p. 37, 2009.

⁴⁵³MORIZE, Henrique Charles. Montagem de uma estação meteorológica na Ilha da Trindade. Carta dirigida ao Chefe da Seção de Meteorologia. Acervo do Observatório Nacional, Rio de Janeiro, Documento n.260, 2 jul. 1916 ou 1917.

Figura 59: Resposta do diretor do ON sobre a proposta de se instalar uma estação meteorológica em Trindade.

260

Montagem de uma
estação Meteorológica na
Ilha da Trindade

2 julho 7

Chefe da Sec. de Meteorologia

Teria muita satisfação em satisfazer vossa desejo
em relação a estação na Ilha da Trindade.
Penso que não poderá ser senão de terceira A ou
B, a vista da falta de instrumentos. Para q^o
possa providenciar a respeito, preciso porém que
informes se houvera verba suficiente p^o remun-
erar os observadores e saber quantos serão estes.
A este respeito surge nova dúvida, pois na
Ilha somente oficiais e funcionários da marinha
existam, e o Sr. Dr. Calogera, da Fazenda, acaba
de revogar a interpretação liberal que o Sr. Calo-
gera, da Agricultura, havia dado a respeito das
observações militares⁴⁵⁴ cujas gratificações não são conside-
radas acumuláveis e o é agora.

Saudações

Morize

Fonte: Observatório Nacional.

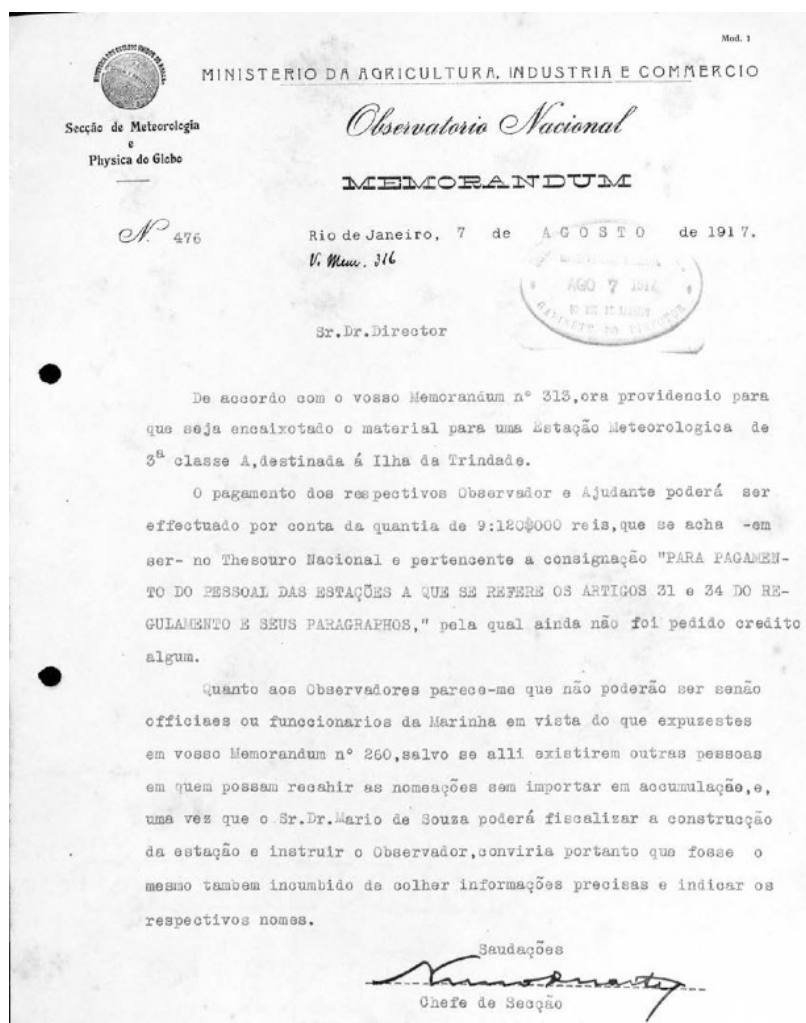
Além da questão da verba para pagamento do observador e de seu ajudante, o diretor do ON Henrique Charles Morize também sugeriu que estes fossem oficiais e funcionários da Marinha do destacamento presente na ilha, sendo que eles seriam instruídos pelo astrônomo Mario Rodrigues. Mas era preciso que Nuno Alves verificasse com as autoridades competentes do Ministério da Fazenda e da Marinha a possibilidade desses militares acumularem a gratificação desse serviço.

Em 7 de agosto, Nuno enviou novo memorando ao diretor Morize esclarecendo que o pagamento poderia ser efetuado por conta da verba de 9.120\$000 réis do Tesouro Nacional referente à consignação “para pagamento do pessoal das estações a que se refere os artigos 31 e 34 do regulamento e seus parágrafos”⁴⁵⁴, pela qual ainda não havia sido pedido crédito algum.

⁴⁵⁴SILVA, Nuno Alves Duarte da. Memorando dirigido ao diretor do Observatório Nacional. Acervo do Observatório Nacional, Rio de Janeiro, RJ, Documento n.476, 7 ago. 1917.

Quanto aos observadores, Nuno concordou com a ideia do diretor de que fossem oficiais ou funcionários da Marinha, uma vez que o astrônomo Mario de Souza poderia fiscalizar a construção da estação e instruir o observador, conforme Morize havia sugerido. Também caberia ao astrônomo indicar os respectivos nomes.

Figura 60: Memorando sobre o pagamento do pessoal da estação meteorológica da Ilha da Trindade (1917)



Mod. 1

MINISTERIO DA AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMMERCIO

Secção de Meteorologia
e
Physica do Globo

Observatorio Nacional

MEMORANDUM

N.º 476

Rio de Janeiro, 7 de A G O S T O de 1917.

V. Mm. 316

Sr. Dr. Director

De accordo com o vosso Memorandum n.º 313, ora providencio para que seja encaixotado o material para uma Estação Meteorologica de 3.ª classe A, destinada á Ilha da Trindade.

O pagamento dos respectivos Observador e Ajudante poderá ser effectuado por conta da quantia de 9:120.000 reis, que se acha -em ser- no Thesouro Nacional e pertencente a consignação "PARA PAGAMENTO DO PESSOAL DAS ESTAÇÕES A QUE SE REFERE OS ARTIGOS 31 e 34 DO REGULAMENTO E SEUS PARAGRAPHS," pela qual ainda não foi pedido credito algum.

Quanto aos Observadores parece-me que não poderão ser senão officiaes ou funcionarios da Marinha em vista do que expuzestes em vosso Memorandum n.º 260, salvo se alli existirem outras pessoas em quem possam recahir as nomeações sem importar em accumulação, e, uma vez que o Sr. Dr. Mario de Souza poderá fiscalizar a construcção da estação e instruir o Observador, conviria portanto que fosse o mesmo tambem incumbido de colher informações precisas e indicar os respectivos nomes.

Saudações

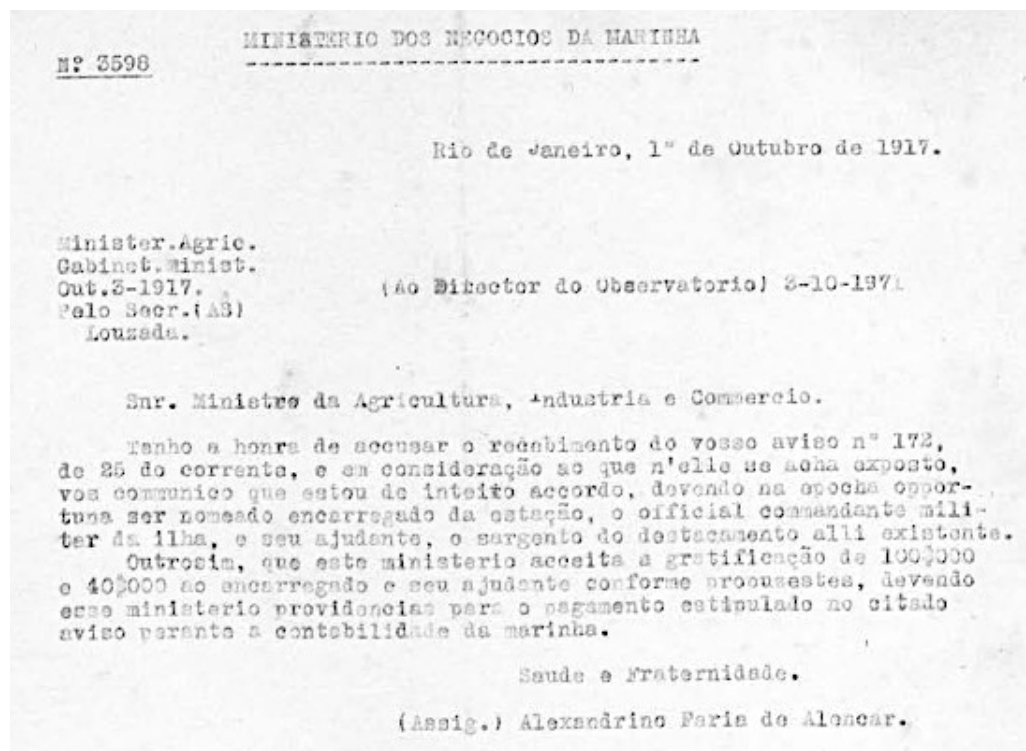
[Signature]

Chefe de Secção

Fonte: Observatório Nacional (1917).

A proposta de que os próprios militares da guarnição da ilha assumissem as observações meteorológicas da estação de Trindade foi aceita pelo Ministro da Marinha, Alexandrino Faria de Alencar em carta (Figura 61) enviada ao Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio.

Figura 61: Carta do Ministro da Marinha aceitando a proposta do Ministro da Agricultura para que os militares assumissem as observações meteorológicas em Trindade (1917).



Fonte: Observatório Nacional (1917).

Tenho a honra de acusar o recebimento do vosso aviso número 172, de 25 do corrente, em consideração ao que nele se acha exposto, vos comunico que estou de inteiro acordo, devendo na época oportuna ser nomeado encarregado da estação, o oficial comandante militar da ilha e seu ajudante, o sargento do destacamento ali existente. Outrossim, que este ministério aceita a gratificação de 100\$000 e 40\$000 ao encarregado e seu ajudante, conforme propusestes, devendo este ministério providenciar para o pagamento estipulado no citado aviso perante a contabilidade da Marinha.⁴⁵⁵

Porém, o assistente de primeira classe, Hermínio Silva, encarregado da Climatologia, lembrou que, de acordo com as disposições regulamentares, só seria possível os militares trabalharem na estação meteorológica, se esta fosse de segunda classe, em vez de terceira.⁴⁵⁶

⁴⁵⁵ ALENCAR, Alexandrino Faria de. Carta dirigida ao Diretor do Observatório Nacional. Ministério dos Negócios da Marinha. Acervo do Observatório Nacional, Rio de Janeiro, RJ, documento n. 35981 out. 1917.

⁴⁵⁶ SILVA, Nuno Alves Duarte da. Memorando dirigido ao diretor do Observatório Nacional. Acervo do Observatório Nacional, Rio de Janeiro, RJ, Documento n.685, 13 out. 1917.

Figura 62: Documento sobre a mudança da estação meteorológica para uma de segunda classe.



Fonte: Observatório Nacional (1917).

A proposta foi aceita por todos e no dia 15 de outubro a primeira estação meteorológica da Ilha da Trindade (Figura 63) seguiu viagem para lá, poucos dias antes de o Brasil declarar guerra contra a Alemanha, fato este que será apresentado na seção seguinte.

Figura 63: Imagem da estação meteorológica da Ilha da Trindade (1919).



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo DPHDM.

Foto: O.O. Storino (1919) / Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

2.4 – A Ilha da Trindade na imprensa após o Brasil declarar guerra contra a Alemanha (1917-1918)

Diante do torpedeamento, por um submarino alemão, do quarto navio mercante brasileiro, o “Macau” (e da prisão do comandante deste navio), o presidente da República, Wenceslau Braz, enviou uma mensagem ao Congresso Nacional, no dia 25 de outubro de 1917, na qual afirmava que o Brasil estava em estado de guerra imposto pela Alemanha e que os congressistas precisavam caracterizar na lei medidas contra a Alemanha, a altura das agressões que viera a sofrer o Brasil.⁴⁵⁷

O Poder Legislativo atendeu imediatamente o apelo do Executivo e por meio do Decreto n.º 3.361, de 26 de outubro de 1917 “ficava reconhecido e proclamado o estado de guerra iniciado pelo Império alemão contra o Brasil”.⁴⁵⁸ Por meio deste Decreto o presidente da República ficava autorizado a “adotar todas as medidas de defesa, nacional e segurança pública, que julgar necessárias, abrindo os créditos precisos ou realizando as operações de crédito que forem convenientes para este fim”.⁴⁵⁹

Figura 64: Manchete do jornal *Correio da Manhã* anunciando a declaração de guerra do Brasil contra a Alemanha (1917).



Fonte: Jornal *Correio da Manhã* (RJ), 27/10/1917, p.1.
Acervo: Fundação da Biblioteca Nacional/Hemeroteca Digital.

⁴⁵⁷GOMES, Wenceslau Braz Pereira Gomes. Mensagem apresentada ao Congresso Nacional na Abertura da Primeira Sessão da Décima Legislatura. Rio de Janeiro, RJ, p.19-20, 1918.

⁴⁵⁸BRASIL. Decreto n.º 3.361, de 26 de outubro de 1917. Reconhece e proclama o estado de guerra iniciado pelo Império Alemão contra o Brasil. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, v. 169, 26 out. 1910. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-3361-26-outubro-1917-776105-publicacaooriginal-139969-pl.html>. Acesso em: 15 jun. 2024.

⁴⁵⁹*Ibid.*

Dias após a publicação do decreto, dois navios mercantes nacionais, o “Acary” e o “Guahyba”, levando café, couro e cereais para França, foram torpedeados por submarinos alemães em águas portuguesas. Neste ataque, dois marinheiros brasileiros morreram e quatro ficaram feridos.⁴⁶⁰ Em represália, o Congresso Nacional decretou e sancionou a Lei n.º 3.393, de 16 de novembro de 1917, com 14 artigos, que autorizava o governo brasileiro, entre outras medidas, a:

[...] declarar, sucessivamente, em estado de sítio, para fins constitucionais, as partes do território da União onde o exigirem as necessidades e os deveres da situação em que se acha o país, pela guerra que lhe impôs a Alemanha; [...] declarar sem efeito, durante o período da guerra, os contratos e operações celebrados com súditos inimigos, individualmente ou em sociedade, para fornecimentos e obras públicas de qualquer natureza [...] decretar o sequestro não só de todos os bens, quantias, valores, efeitos ou créditos referidos na letra a, como também os de que súditos inimigos sejam credores, nos bancos, casas bancárias, caixas econômicas, montes de socorro ou estabelecimentos particulares, que recebam em depósito, garantia, ou para qualquer fim, bens, valores ou mercadorias; [...] decretar a retenção nas alfândegas ou entrepostos públicos ou particulares de mercadorias destinadas a inimigos e encontradas nos respectivos armazéns, podendo ordenar a venda das mesmas, recolhido o produto, em depósito, ao Tesouro Nacional, onde será inscrito individualmente e com todas as especificações, como garantia das indenizações pelos prejuízos causados pelo inimigo à Nação; [...] decretar a restrição, suspensão, ou uso e gozo, no interesse da defesa nacional, dos direitos pertencentes a súditos inimigos em matéria de propriedade industrial; [...] decretar a liquidação das empresas inimigas, singularmente, ou em globo, ressalvados os direitos dos nacionais; [...] decretar a fiscalização especial sobre as empresas inimigas, qualquer que seja a sua natureza, podendo suspender suas operações ou cassar-lhes a autorização para funcionar no Brasil; [...] decretar a internação, em campos de concentração, ou em lugares não destinados às prisões comuns, dos súditos inimigos que se mostrarem inconvenientes ou suspeitos à causa do Brasil; [...]⁴⁶¹

De acordo com Willis de Faria, autor do livro *A fantástica Ilha da Trindade*, a ilha recebeu um radiograma informando sobre a entrada do Brasil na guerra contra os alemães, no

⁴⁶⁰GOMES, ref. 457, p.21.

⁴⁶¹BRASIL. Lei n. 3.393, de 16 de novembro de 1917. Autoriza o Governo a, desde já, e até 31 de dezembro, declarar, sucessivamente, o estado de sítio nas partes do território da União onde o exigirem as necessidades e os deveres da situação e dá outras providências”. **Coleção de Leis da República do Brasil (1889 - 2000)**. Câmara dos Deputados, Brasília, DF. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1910-1919/lei-3393-16-novembro-1917-572815>

publicacaooriginal96124pl.html#:~:text=Decretada%20a%20liquida%C3%A7%C3%A3o%20das%20empresas,e%20subditos%20estrangeiros%20n%C3%A3o%20inimigos. Acesso em: 16 jun. 2024.

dia 3 de novembro de 1917.⁴⁶² Com a declaração de guerra do Brasil ao Império alemão, o comando militar da Ilha da Trindade assumiu a defesa da soberania daquele pequeno pedaço isolado do território nacional. Nas palavras do Almirante Storino: “O título da organização suava pomposo, mas os recursos eram inexpressivos sob o ponto de vista bélico. Se fossem atacados os que lá estavam, tornar-se-iam gloriosos defuntos ou pobre prisioneiros”.⁴⁶³

Figura 65: Almirante Storino (no centro da foto) na Ilha da Trindade (1919).



Fonte: Arquivo da Marinha / Acervo DPHDM/ Coleção: O.O. Storino (1919).
Foto: O.O. Storino (1919) / Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

O comandante do destacamento militar na Ilha da Trindade, quando o Brasil decidiu entrar na guerra, era o Primeiro-Tenente Ernesto de Araújo, que permaneceu no local até fevereiro de 1918.

Aviso aos navegantes e outras notícias sobre a Ilha da Trindade

Em janeiro de 1918, o jornal *Gazeta de Notícias* publicou um Aviso aos Navegantes emitido pela Superintendência de Navegação, sob o comando do Almirante Américo Silvano, alertando os capitães de embarcações que trafegavam na costa do Brasil, sobre as novas

⁴⁶²FARIA, ref. 54, p.73.

⁴⁶³STORINO, ref. 51, p. 46.

coordenadas da posição geográfica da Ilha da Trindade. Os resultados anunciados, que anulavam os valores publicados nos Avisos aos Navegantes de número 92, de 18 de agosto de 1916, e de números 4 e 68, de 18 de maio e de 31 de agosto de 1917, respectivamente, foram os seguintes: do poste iluminativo AGA - 20°30'30" 5S, de latitude e 29°18'36"8W, de longitude W do meridiano de Greenwich; e do Pico - 20°30'30"0 de latitude S e 29°19'37"0 de longitude W do meridiano de Greenwich.⁴⁶⁴

Ainda em janeiro de 1918, o Chefe do EMA designou para o posto de comandante da Ilha da Trindade, o Primeiro-Tenente Francisco Pedro Rodrigues da Silva⁴⁶⁵, e para o posto de Médico Naval do destacamento da ilha, o Primeiro-Tenente Médico Dr. Erasmo José da Cunha Lima, em substituição ao Primeiro-Tenente Médico Dr. Oswaldo Palhares, que iria regressar ao Rio de Janeiro a bordo do navio “Carlos Gomes”.⁴⁶⁶

Segundo o jornal *O Imparcial* de 14 de fevereiro de 1918, o doutor Oswaldo Palhares chegou enfermo da Ilha da Trindade e acabou tendo de ser operado de apendicite, no dia 13 de fevereiro. A reportagem afirma que a intervenção cirúrgica foi feita com sucesso na Casa de Saúde São Sebastião pelo doutor Raul Batista, auxiliado pelos doutorandos Marcos Santos e Edmundo Câmara.⁴⁶⁷

O problema de saúde que quase tirou a vida do doutor Oswaldo Palhares dá uma ideia dos riscos que corria aquele pequeno grupo de brasileiros, que viviam isolados, com poucos recursos, na Ilha da Trindade. O hospital mais próximo da ilha ficava a mais de 600 milhas de distância, o que significava, aproximadamente, de três a quatro dias de navegação até a cidade mais próxima no continente, que era Vitória (ES). Tudo isso, sem contar com o fato de que não havia em Trindade um navio à disposição do destacamento militar. As embarcações da Marinha que iam, esporadicamente, para lá, como o “Barroso”, o “Benjamin Constant”, o “Carlos Gomes” e o “Tiradentes”, transportando alimentos, animais, materiais e pessoas, permaneciam na ilha, geralmente, por volta de uma semana.

⁴⁶⁴ A POSIÇÃO geográfica da ilha da Trindade. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, RJ, 26 jan. 1918, p.7; AVISO aos Navegantes - Determinação geográfica duma ilha. **A Tribuna**, Santos, SP, 25 jan. 1918, p. 4.

⁴⁶⁵ O COMMANDO militar da Ilha da Trindade. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ, 22 jan. 1918, p. 3; O COMANDANTE da ilha da Trindade. **A Tribuna**, Santos, SP, 24 jan. 1918, p. 1.

⁴⁶⁶ O NOVO médico da Ilha da Trindade. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, RJ, 18 jan. 1918, p. 5; MÉDICO naval para a ilha da Trindade. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 18 jan. 1918; DIÁRIO de Pernambuco, Recife, PE, 18 jan. 1918 p.3.

⁴⁶⁷ O DR. Oswaldo Palhares sofreu uma operação. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 14 fev. 1918, p.8.

A sorte do Dr. Palhares foi que ele adoeceu, provavelmente, dias antes da chegada do “Carlos Gomes” em Trindade ou a bordo deste navio, durante o seu regresso ao Rio de Janeiro, aumentando as suas chances de sobreviver à doença.

Em 2 fevereiro de 1918, assumiu o posto de comandante militar da Ilha da Trindade, o Tenente Francisco Pedro Rodrigues da Silva, no lugar do Primeiro-Tenente Ernesto de Araújo⁴⁶⁸, que estivera por mais de seis meses no comando da ilha. O Tenente Francisco Pedro Rodrigues da Silva permaneceu no posto de comandante até 14 de maio, sendo substituído pelo Primeiro-Tenente Oscar Eduardo Martins.⁴⁶⁹ No lugar do Dr. Erasmo José da Cunha Lima, foi designado para assumir o posto de Médico Naval da ilha, também em maio de 1918, o Primeiro-Tenente Médico Heraldo Maciel.⁴⁷⁰

No contexto da saúde dos brasileiros que viviam em Trindade, sujeitos a enfermidades inesperadas, era vital contar com uma equipe de Inspeção de Saúde, formada por um médico naval e um enfermeiro na ilha, que eram substituídos por uma nova equipe após algum tempo (geralmente entre 2 a 6 meses) servindo no local. Em nenhum momento, durante a ocupação, entre 1916 e 1919, o destacamento militar da Ilha da Trindade ficou desguarnecido de um médico no local.

Outro ponto importante no contexto da segurança daqueles que habitavam a ilha, era o apoio que a estação de radiotelegrafia da Trindade poderia prestar, em uma emergência médica. Neste caso, o comandante da ilha tinha a possibilidade de solicitar via radiotelegrafia a ajuda de algum navio próximo dali que estivesse indo para o Rio de Janeiro ou para outra cidade brasileira, no sentido de resgatar e transportar algum doente grave ou alguém que tivesse se acidentado gravemente na ilha para um hospital no continente.

A importância das estações radiotelegráficas da Ilha da Trindade, de Ladário e da recém-concluída (e de alta potência) do Rio Grande do Norte foi mencionada na reportagem do *A Razão*, em 11 de fevereiro de 1918. Esta importância estava associada à função que o serviço de rádio da MB prestava nas comunicações rápidas entre as repartições navais e os navios que estavam nos estados, e de avisar oportunamente à população e às autoridades brasileiras competentes sobre os casos de sinistros marítimos.⁴⁷¹

⁴⁶⁸ BACELLAR, Gilerto Huet de. DHDM. Documento sobre a história da Ilha da Trindade, [s.d.].

⁴⁶⁹ *Ibid.*

⁴⁷⁰ ACTOS Officiaes. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, RJ, 25 abr. 1918, p.6.

⁴⁷¹ A MARINHA tem mais uma estação radio-telegraphica. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ, 11 fev. 1918, p.4; A RADIOTELEGRAFIA na Marinha. **Diário de Pernambuco**, Recife, PE, 27 fev. 1918, p. 2.

Esta reportagem, republicada dias depois no *Diario de Pernambuco*, elogiava o Ministro Alexandrino de Alencar pelo seu trabalho de ampliação do serviço de radiotelegrafia da MB e pelo fato de ele ter conseguido fazer a montagem dessas estações “sem dotação orçamentária especial, unicamente com os recursos obtidos no próprio orçamento”.⁴⁷² Ressaltava ainda que era desejo do ministro fazer a montagem de novas estações à proporção que os recursos permitissem.⁴⁷³ Segundo José Luiz Reis de Brito (1936): “Ontem, meia dúzia de estações costeiras iniciava a rede naval de comunicações; hoje duplicando este número, e melhorada a eficiência, os sinais da Armada são espalhados pela vasta orla litorânea que se estende dos baixios do norte às coxilhas do sul”.⁴⁷⁴

No início de maio de 1918, foi divulgada na imprensa brasileira a notícia de que o Ministro da Marinha havia solicitado ao seu colega da Agricultura, mudas de árvores frutíferas, como laranjeiras e limoeiros, para serem plantadas em Trindade.⁴⁷⁵ A princípio, essa informação poderia parecer sem importância, mas, por outro lado, deixava evidente a intenção da Marinha de seguir ocupando a Ilha da Trindade e buscar soluções para melhorar a qualidade de vida da guarnição da ilha.

Interessante observar que, apesar de o Brasil estar em guerra contra Alemanha, as notícias referentes à Ilha da Trindade, veiculadas na imprensa naquele período, não faziam qualquer tipo de menção aos riscos que as embarcações que iam para lá, assim como a guarnição militar da ilha, corriam de serem atacadas pelos alemães.

Um novo artigo científico, a próxima viagem do ‘Benjamin Constant’ e uma moeda encontrada em Trindade

O segundo artigo científico decorrente das pesquisas iniciadas em 1916 na Ilha da Trindade foi publicado no dia 4 de maio de 1918 na revista *O Brazil-Médico: Revista semanal de medicina e cirurgia*, na seção “Trabalhos do Instituto Oswaldo Cruz”.

⁴⁷²A MARINHA tem mais uma estação radio-telegraphica. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ, 11 fev. 1918, p.4.

⁴⁷³*Ibid.*

⁴⁷⁴REIS, ref. 53, p.169.

⁴⁷⁵JORNAL O Paiz. Rio de Janeiro, RJ, 1 mai. 1918, p. 2; JORNAL do Commercio. Rio de Janeiro, RJ, 1 mai. 1918, p. 5; JORNAL O Pharol. Juiz de Fora, MG, 2 mai. 1918, p. 1.

O Brazil-Médico, que surgiu em 15 de janeiro de 1887, era uma revista semanal vinculada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com estreitas relações com a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.⁴⁷⁶

Intitulada *Notas helminthologicas. III Cucullanus pulcherrimus, n.sp. de nematoideo*, esta publicação foi assinada pelo Dr. Antonio Luiz de Barros Barreto que descreveu cinco exemplares de machos e dois de fêmeas de uma nova espécie de helmintos para a ciência, a *Cucullanus pulcherrimus*.

Os exemplares dessa nova espécie de vermes parasitas foram encontrados por Lauro Travassos no intestino de um peixe da espécie *Caranx lugubris* (Poey, 1860), popularmente conhecido como xaréu-preto, que, de acordo com Miranda Ribeiro foi o único exemplar da espécie coletado em Trindade em 1916.⁴⁷⁷

Este exemplar está conservado até hoje em álcool na Coleção Ictiológica do Departamento de Vertebrados do MN-UFRJ. Duas pequenas fichas de papel escritas à mão por Miranda Ribeiro, com o nome da espécie, o autor, data e localidade da coleta foram encontradas dentro da boca deste peixe quando ele estava sendo preparado para ser fotografado para este trabalho. Ele também possui marcas em seu dorso, indicando que foi autopsiado. Tudo isso leva a crer que este exemplar foi o hospedeiro (coletado por Pedro Pinto Peixoto) dos vermes parasitas de uma espécie nova para a ciência descoberta por Barreto em 1918. Segundo Travassos (1919), os vermes parasitas que estavam na barriga do *Caranx lugubris* foram “confiados ao Dr. Barreto, que na ocasião fazia um trabalho, ainda inédito sobre estes parasitas”.⁴⁷⁸

Os exemplares desta nova espécie de helmintos para a ciência, cujas principais características, como tamanho, cor, formato, estruturas etc. foram detalhadamente descritas por Barreto, também estão conservados em álcool na Coleção Helminológica do Instituto Oswaldo Cruz (CHIOC).⁴⁷⁹

⁴⁷⁶MENDES, M. I. B. DE S.; NÓBREGA, T. P. DA. O Brasil-Médico e as contribuições do pensamento médico-higienista para as bases científicas da educação física brasileira. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 1, pág. 210, jan. 2008.

⁴⁷⁷RIBEIRO, ref. 48.

⁴⁷⁸TRAVASSOS, ref. 47, p.162.

⁴⁷⁹FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Coleção Helminológica do Instituto Oswaldo Cruz. Disponível em: <http://chioc.fiocruz.br/catalogue>. Acesso em: 22 jun. 2024.

Figura 66: Exemplar da espécie *Caranx lugubris* coletado em Trindade em 1916.



Fonte: Coleção Ictiológica do MN/Setor de Ictiologia do Departamento de Invertebrados.
Foto: Mauricio Salles (2024).

Figura 67: Exemplares da espécie *Cucullanus pulcherrimus* (Barreto, 1918).



Fonte: Coleção Helminológica do Instituto Oswaldo Cruz.
Foto: Mauricio Salles (2024).

Em 2023, esta coleção que conserva atualmente mais de 40 mil lotes de helmintos e que corresponde ao maior acervo latino-americano destes organismos, completou 110 anos.⁴⁸⁰

⁴⁸⁰ GOMES, Max. Helmintos centenários: representativo para a saúde pública, medicina veterinária e conservação da biodiversidade. Instituto Oswaldo Cruz, 2023. Disponível em:

“Colecionar vermes pode soar como uma atividade estranha para muitos. Porém, para a pesquisa científica, esse ofício ajuda cientistas a desvendarem um pouco mais sobre os impactos e as dinâmicas de diferentes doenças parasitárias”.⁴⁸¹

Os lotes dessa coleção são constituídos, em sua maioria, de vermes que parasitam animais de todos os biomas da fauna brasileira, bem como de ambientes urbanos e ecossistemas de águas continentais e marinhas. O Dr. Travassos foi o grande responsável pela preservação deste acervo:

Até 1913, os exemplares de helmintos eram mantidos separadamente. A unificação ocorreu quando o médico José Gomes de Faria, considerado o grande incentivador da helmintologia no Instituto, decidiu reunir e organizar esses espécimes junto com seu discípulo, Lauro Travassos. Em 1915, Travassos assumiu a curadoria da Coleção e, apoiado no riquíssimo acervo, formou novas gerações de helmintologistas que, posteriormente, assumiram a responsabilidade de preservar os exemplares, contribuindo para a modernização e o crescimento do número de amostras.⁴⁸²

Figura 68: Parte da Coleção Helmintológica do Instituto Oswaldo Cruz.



Fonte: Coleção Helmintológica do Instituto Oswaldo Cruz.
Foto: Mauricio Salles (2024).

<https://www.ioc.fiocruz.br/noticias/helmintos-centenarios-representativo-para-saude-publica-medicina-veterinaria-e-conservacao>. Acesso em: 16 jun. 2024.

⁴⁸¹ *Ibid.*

⁴⁸² *Ibid.*

Os exemplares-tipos da espécie *Cucullanus pulcherrimus* que foram descritos pelo Dr. Barreto estão registrados no CHIOC sob o número 1591.⁴⁸³ Já segundo a publicação científica do Dr. Antonio Luiz de Barros, publicada na revista *Brazil Médico*, em 1918, ele está registrado sob o nº 1491. Só que a espécie referente a este número é a *Trichostrongylus orientalis*, que foi coletada no Japão em 1916. Conclui-se, então, que a revista divulgou o número errado, como mostra a ficha de registro da espécie na CHIOC. Segundo Martins (1994): “Tipos são exemplares nos quais se fundamentaram descrições de espécies. São sempre muito importantes e valiosos, pois geralmente seu exame permite elucidar uma série de problemas taxonômicos”.⁴⁸⁴

Figura 69: Ficha de registro da espécie *Cucullanus pulcherrimus* na CHIOC.

INSTITUTO OSWALDO CRUZ. Seção de Helmintojia.	Nome	<i>Cucullanus pulcherrimus</i> (Barreto, 1918).			Observ.
	Hosp.	<i>Caranx lugubris</i> Poey.			
	Local.	Intestino.			
	Prov.	Ilha da Trindade.			
	Meio cons.	<i>Glicerina</i> álcool glic.			
	Col.	Travassos	Dat.		
			N. 1591.	Tipos	Aut.

Fonte: Coleção Helminológica do Instituto Oswaldo Cruz
Foto: Mauricio Salles (2024).

A Ilha da Trindade ainda repercute nos noticiários

Na análise das reportagens veiculadas no período da Grande Guerra, observou-se que toda vez que um navio da MB era designado para ir até Trindade, a viagem sempre era noticiada, evidenciando, assim, a relevância da Ilha da Trindade para os jornais e revistas daquela época.

⁴⁸³ FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Coleção Helminológica do Instituto Oswaldo Cruz. Disponível em: <http://chioc.fiocruz.br/catalogue>. Acesso em: 22 jun. 2024.

⁴⁸⁴ MARTINS, U.R.A. Coleção taxonômica. In: PAPAVERO, N. (Org.). Fundamentos práticos de taxonomia zoológica: coleções, bibliografia, nomenclatura. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994. Cap. 1, p.27.

Ainda em maio de 1918, por exemplo, o jornal *O Imparcial* publicou uma nota⁴⁸⁵ afirmando que o presidente da República havia recebido em audiência, no Palácio do Catete, os guardas-marinha e o Capitão de Mar e Guerra Ferreira da Silva, comandante do Navio-Escola “Benjamin Constant”, que iria partir em viagem de instrução aos portos do Norte do país, incluindo Trindade. Evidente, que o fato dos guardas-marinha e o comandante do navio-escola terem sido recebidos pelo presidente da República contribuiu para este evento ter sido noticiado pelo jornal. Entretanto, no texto desta publicação, entre todos os territórios brasileiros, nos quais o “Benjamin Constant” iria atracar ou fundear, a Ilha da Trindade foi o único citado.

Nem mesmo a fracassada busca pelo tesouro na ilha fez a imprensa parar de publicar notícias sobre o assunto. Bastou um funcionário da MB, Guilherme Stwillinms, encontrar uma moeda de bronze em Trindade, que a lenda do tesouro voltou à tona nos jornais.

De acordo com o *Jornal do Brasil*, o funcionário da Marinha levou essa moeda, que ele encontrou casualmente na Praia dos Portugueses, até a redação do jornal. O objeto parecia ter um grande valor pela antiguidade da efígie e do texto latino impressos nele, cuja tradução era a seguinte: “Pela ata do Primeiro Conselho de Nicéia existente em Roma atesta-se que pela presença de sr. Anastácio, monge e mártir, era afugentado o demônio e repelidas as doenças”.⁴⁸⁶ Em Nicéia, lembrou o jornal, houve dois Conselhos Ecumênicos. O primeiro, em 325, que condenou o arianismo, e o segundo, em 787, contra os iconoclastas. A notícia também sugeria que a moeda poderia trazer pistas sobre a época primitiva exata em que a ilha foi descoberta.⁴⁸⁷

No início de agosto de 1918, os jornais *A Noite*, *O Paiz*, *A Epoca* e outros periódicos anunciaram em suas páginas a realização de uma conferência que seria proferida pelo então diretor do MN, o professor Bruno Lobo, sobre a Ilha da Trindade.

Hoje, às 20 e 30 horas, na Biblioteca Nacional o senhor professor Bruno Lobo fará uma conferência sobre a Ilha da Trindade. O atual diretor do Museu Nacional, em 1916, esteve na Ilha da Trindade, onde fez estudos e coleta de material, deixando também dois preparadores do museu que, seis meses depois, trouxeram novos espécimes de geologia, da flora e da fauna daquela região. A conferência será ilustrada com projeções cinematográficas e o material colhido nessa ocasião, passado em revista. A entrada é franca.⁴⁸⁸

⁴⁸⁵ OS GUARDAS-MARINHA recebidos pelo sr. presidente da Republica. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 7 mai. 1918, p. 3.

⁴⁸⁶ UM achado que deve interessar os colecionadores de antiguidades. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, RJ, 8 jul. 1918 p. 4.

⁴⁸⁷ *Ibid.*

⁴⁸⁸ A ILHA da Trindade. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 3 ago. 1918, p. 9.

O evento fazia parte de uma série de conferências promovidas pela BN. Mas este, que lotou os salões da instituição, foi uma das mais concorridos. “Raramente a concorrência pública atinge as proporções a que ontem chegou, enchendo literalmente o grande salão de conferências da Biblioteca”.⁴⁸⁹ De acordo com o *Jornal do Commercio*, a conferência do professor Bruno Lobo contou com a presença de grandes nomes da política, da ciência e da intelectualidade brasileira.

O vasto salão da Biblioteca Nacional, onde realizou, ontem, a sua anunciada conferência sobre a Ilha da Trindade, o senhor professor Bruno Lobo, diretor do Museu Nacional, achava se repleto de pessoas gradas, representantes do nosso mundo político, professores das escolas superiores, professores do Museu Nacional, oficiais do Exército e Marinha, estudantes de diversas faculdades etc. Entre outros lotamos os senhores Almirante Alexandrino de Alencar; senador doutor Eptácio Pessoa; deputado Eugênio Muller; deputado Josino de Araújo; professor doutor Benjamin Baptista; professor doutor Ernani Pinto; professor doutor Aloysio de Castro, diretor da Faculdade de Medicina; professor Dr. Nascimento Gurgel; doutor Manuel Cícero Peregrino da Silva, diretor geral da instrução pública; doutor Bastos Tigre; doutor João Lopes, e inúmeras outras pessoas.⁴⁹⁰

A partir do conteúdo desta conferência, o professor Bruno Lobo (1919) escreveu um extenso artigo: *Ilha da Trindade*,⁴⁹¹ que será resumidamente apresentado a seguir. De acordo com o artigo, Lobo começou a sua palestra dizendo que ia procurar fazer uma síntese do estudo que vinha sendo feito por ele, em colaboração com o professor Hugo Braga. Este estudo era resultado de observações pessoais e fundamentado em valiosa bibliografia, na qual se destacavam estudos inéditos de Miranda Ribeiro, César Diogo, Hermann von Ihering, Carlos Moreira, Borgay de Mendonça, Betim Paes Leme, Lauro Travassos, Campos Porto, Frederico Hoehne e Pedro Martins. O diretor do MN fez questão de elogiar o trabalho e a contribuição científica prestados pelos preparadores do museu, Pedro Peixoto Velho e José Domingos dos Santos, que “pelo espaço de seis meses, com uma dedicação acima de qualquer elogio, isolados do mundo, permaneceram nesse áspero território do Brasil colhendo material para estudo e registrando fatos de real interesse para a ciência.”⁴⁹²

⁴⁸⁹ CONFERÊNCIAS. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, RJ, 4 ago. 1918 p. 6.

⁴⁹⁰ A ILHA da Trindade – Conferência do professor Bruno Lobo na Bibliotheca Nacional. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, RJ, 4 ago. 1918, p. 3.

⁴⁹¹ LOBO, ref.19.

⁴⁹² *Ibid.*

A importância do apoio da Marinha e de seus oficiais à primeira grande expedição científica brasileira na Ilha da Trindade foi ressaltada por Lobo, no seu artigo:

Essa longínqua parte do país, — cuja importância estratégica não escapou ao governo brasileiro, quer na monarquia, quer na República, e neste, ao espírito patriótico do Almirante Alexandrino de Alencar, digno Ministro da Marinha, promotor da ocupação militar que de maio de 1916 dura até a presente época — deve ser estudada e tornada conhecida. Graças a nobreza e a concepção progressista deste benemérito chefe da Marinha brasileira é que se tem sido possível os cientistas brasileiros viajando nos navios da nossa Marinha de Guerra chegar até essa afastada ilha, perdida no Atlântico, a fim de estudá-la convenientemente. Nunca esqueceremos os encantadores momentos passados em companhia da brilhante e competente oficialidade da Marinha. Sempre teremos em mente a fidalga hospedagem do Almirante Lamenha Lins que, em 1916, a bordo do ‘Barroso’, confirmava mais uma vez a aliança hoje em dia solúvel entre os que servem a Pátria — no mar — e os que trabalham nos laboratórios de pesquisas científicas. O Museu Nacional de História Natural não poderá esquecer o carinho e dedicação com que os nossos marinheiros trataram os seus funcionários. Em vigílias de bordo, várias vezes invocamos o vulto, que até hoje nos entusiasma impressiona, de Saldanha da Gama, cuja memória deve sempre pairar sobre o espírito dos marinheiros e cientistas, pois reunia os predicados de almirante competentíssimo e naturalista de grande saber, representando assim a sua excepcional personalidade, a aludida aliança entre marinheiros e cientistas que deverá sempre existir para garantia do progresso do Brasil.⁴⁹³

Após a apresentação e os agradecimentos iniciais, o conferencista fez um resumo da história da Ilha da Trindade, desde a sua controversa descoberta:

Entre os nossos e os modernos historiadores portugueses é pacífico que a Ilha da Trindade foi descoberta por João da Nova, que partiu de Lisboa a 5/03/1501 e de caminho para as Índias encontrou essa montanha denominada Conceção ou Conceição. Mesmo nos documentos do nosso Ministério das Relações Exteriores que serviram de base para a reivindicação da ilha quando a Inglaterra a ocupou em 1895, se fala positivamente nessa data — 1501 — e nesse nome — João da Nova. Entretanto, os velhos cronistas da epopeia marítima portuguesa divergem dessa opinião. Barros e Castanheda, para não citar outros, asseguram que de fato, o João da Nova descobriu a Ilha da Conceição, mas a 8° Sul. Daí a confundir a Conceição (a Ascensão africana) com a Trindade vai muito.⁴⁹⁴

Pelo fato de não haver um consenso entre os historiadores sobre quem descobriu a ilha, Lobo explicou que as antigas cartas geográficas das ilhas da Trindade e Ascensão, que foram

⁴⁹³ LOBO, ref.19, p. 107 – 108.

⁴⁹⁴ *Ibid.*, p. 108.

tomadas por antigos viajantes, colocavam essas duas ilhas muito próximas umas das outras, o que dificultava saber com precisão qual delas era Trindade. Era comum também, pela falta de precisão dos instrumentos de medição na época, os viajantes tomarem erroneamente as coordenadas geográficas de uma ilha. Depois essas coordenadas eram corrigidas por outras expedições. Na opinião de Lobo, o conquistador e político português Affonso de Albuquerque, seria possivelmente o descobridor:

Em falta de outros documentos, ficava o reconhecimento de 1503, pelo Capitão-mor Afonso de Albuquerque, que partiu de Lisboa a 6 de abril. Ele diz (João de Empoli, da Armada de Afonso de Albuquerque), que de Cabo Verde engolfaram de 758 léguas e navegando nesta volta 28 dias avistaram terra que por outros tinha sido descoberta [...] e se chamava Ilha da Ascensão, junto à qual estiveram toda a noite, quase a ponto de se perderem com grande temporal e vento de travessia. Observou João de Empoli que a ilha que avistaram não tinha nenhum valor, o que nos leva a crer que foi a nossa Ascensão, ou Trindade, a que foi observada [...]. A asseveração de que a terra já tinha sido descoberta parece provir da mesma noção errada da Ascensão de João da Nova.⁴⁹⁵

Dando sequência à palestra, o conferencista citou navegadores estrangeiros e brasileiros que visitaram Trindade a partir do início do século XVIII, como Edmundo Halley, que julgando ter descoberto a ilha, a ocupou em abril de 1700, em nome da Inglaterra. As lendas dos tesouros, assim como algumas expedições de naturalistas e a ocupação da ilha pelos portugueses, no final do século XVIII, e pelos ingleses, em 1895, quando Trindade já pertencia ao Brasil, também foram mencionadas.⁴⁹⁶ Sobre a ocupação inglesa no final do século XIX, Lobo contou um fato que, segundo ele, era pouco conhecido:

Quando estivemos recentemente em Buenos Aires, Luiz Agote, o professor da Faculdade de Medicina dessa cidade, nos referiu que em 1895, sendo diretor da Saúde Pública, teve de examinar os papéis de um navio que chegaram a essa cidade, tendo antes tocado em Montevideo. Pesquisando sobre o porto de origem, verificou que vieram da Trindade com documentos passados por autoridades inglesas. Estranhando o fato, denunciou a legação brasileira na Argentina, a qual ato contínuo, telegrafou nesse sentido ao governo da República. Assegura o professor Agote ter sido essa a primeira notícia dada ao Brasil sobre a ocupação inglesa.⁴⁹⁷

⁴⁹⁵ LOBO, ref.19, p. 110.

⁴⁹⁶ LOBO, ref.19. p. 128-131.

⁴⁹⁷ LOBO, ref.19. p. 123 - 124.

Sobre a sua viagem a Trindade, em 1916, Lobo descreveu no artigo: as dificuldades que encontrou para desembarcar, os aspectos geológicos, a fauna, a vegetação e as fontes de água da ilha. Citou também as espécies novas de vermes e peixes encontradas e estudadas, respectivamente, por Lauro Travassos e Miranda Ribeiro.

Desde o primeiro dia da chegada da missão em Trindade, em 24 de maio de 1916, Lobo contou que somente após inúmeras tentativas e de terem contornado a ilha várias vezes, ele, a bordo de um escaler, junto com o Capitão-Tenente Moraes Rêgo, o Tenente Olavo Araújo, um sinaleiro e um marinheiro, conseguiram alcançar, no dia 26 de maio, um pequeno rochedo (Figura 70), na Praia da Cachoeira. Neste dia, somente eles conseguiram desembarcar, devido às péssimas condições de mar. Nos dois dias subsequentes, o mar continuou agitado, impedindo que outras pessoas também descessem na ilha. Lobo e o restante do grupo permaneceram na parte S.O. da ilha por três dias. Tentaram escalar o primeiro pico, na direção de Leste, com o objetivo de estudar o território e atravessar para o outro lado. As dificuldades da escalada e o cansaço fizeram-nos desistir da ideia.

Figura 70: Rochedo da Praia da Cachoeira onde foi feito o primeiro desembarque da missão, realizado pelo professor Bruno Lobo, o Capitão-Tenente Moraes Rêgo, o Tenente Olavo Araújo, um sinaleiro e um marinheiro.



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo DPHDM/Coleção da Expedição Científica Bruno Lobo (1916).
Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

Resolveram, então, seguir na direção do lado Nordeste da ilha, a fim de transpor o vale entre os picos Desejado e da Trindade. Depois de um certo tempo, a caminhada se tornou

perigosa. À medida em que o grupo avançava, fragmentos de lava rolavam do solo com risco de acertar e ferir os que vinham atrás. Segundo Bruno Lobo, durante três dias, com todas as comunicações com o “Barroso” cortadas, eles ficaram ao relento, e devido às condições climáticas, foram castigados alternativamente pelo vento, chuva e pelo sol abrasador. Para afugentar os caranguejos e os ratos que habitavam em grande número a ilha, o grupo fez uma fogueira que acabou provocando um incêndio alimentado por detritos de vegetação. Sobre o fogo, ele relatou o seguinte:

Subiu violento e crepitou no silêncio entre o grasnar e os pios agudos das milhares de aves marinhas despertadas por esse espetáculo insólito e os uivos de sereia do ‘Barroso’, que nos acreditava em perigo e nos lançava à luz dos seus holofotes. Lutamos para isolar-nos das chamas, arrancando rapidamente os vegetais vizinhos à nossa barraca.⁴⁹⁸

O tempo melhorou no terceiro dia, mas como as dificuldades eram insuperáveis, o grupo resolveu voltar ao navio para tentar desembarcar na parte Leste da ilha. O reembarque foi feito em condições difíceis, mas relativamente pouco perigosas. No dia 31 de maio, com o auxílio de uma jangada construída de madeira especial do Norte do Brasil, Bruno Lobo e outras pessoas conseguiram desembarcar na Praia das Tartarugas. O diretor do MN contou que por causa de uma onda, teve de alcançar a praia a nado: “Devido a uma vaga um pouco maior a jangada chocou-se com uma pedra, sendo todos nós atirados a grande distância, ganhando a terra a nado, o que foi feito sem dificuldades maiores.”⁴⁹⁹

A jangada, durante alguns dias, foi a melhor alternativa para o desembarque na Praia das Tartarugas. Porém, não demorou muito para ela ser destruída por uma onda. Um escaler do “Barroso” também sofreu grandes avarias após ser arremessado à praia por outra onda (aquele mesmo escaler que, posteriormente, foi trazido de volta ao Rio de Janeiro, no “Carlos Gomes”, para ser consertado). Daí em diante, o desembarque tornou-se impossível, deixando completamente isolados os que estavam na ilha, entre eles o Dr. Bruno Lobo.

A solução foi construir uma nova jangada com barris vazios e tábuas e tentar o desembarque em outro ponto, na Praia dos Portugueses, onde, durante alguns dias, ocorreram embarques e desembarques sucessivos, coordenados pelo Capitão-Tenente Alcino de Affonseca, cujo trabalho foi elogiado no artigo pelo diretor do museu. Mas como é comum em

⁴⁹⁸ LOBO, ref.19. p. 133 – 134.

⁴⁹⁹ LOBO, ref.19. p. 134.

Trindade, o mar foi ficando cada vez mais forte e impedindo novos desembarques. O Dr. Pedro Martins, o pesquisador Lauro Travassos, o preparador do museu Armando Santos Beleza e parte do destacamento militar da ilha, passaram alguns dias tentando desembarcar, até conseguirem, sob forte tensão. “Nunca é demais insistir sobre as mudanças bruscas que sofre o mar que cerca a Trindade. Relativamente calmo, transforma-se subitamente em violento, impetuoso e as comunicações com a terra se tornam impossíveis”,⁵⁰⁰ explicou Lobo.

O embarque e o reembarque eram um grande desafio. As últimas pessoas que reembarcaram no “Barroso”, na enseada da Praia dos Portugueses, só tiveram êxito com o auxílio de uma prancha que era puxada rapidamente do escaler. Amarrados por uma corda, os passageiros foram obrigados a enfrentar as fortes ondas das linhas de arrebentação deitados nesta prancha.

De longe, a 20 milhas, já a ilha é visível. Em pouco, começa a emergir como uma massa cinzenta, escura mancha destacada no fundo azul. Depois aparecem os picos e os despenhadeiros como uma dentadura falha e pré-histórica voltada para o espaço. De perto é como um bloco severo agreste inóspito e esturricado batido pelos ventos e açoitado pelas ondas.⁵⁰¹

Figura 71: Vista do lado Leste da Ilha da Trindade a bordo do “Barroso” (1916).



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo DPHD /Coleção da Expedição Científica Bruno Lobo (1916).
Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

⁵⁰⁰ LOBO, ref. 19, p. 135.

⁵⁰¹ *Ibid.*

Entre os lugares na ilha descritos pelo diretor do MN em seu artigo, destaca-se o Morro do Furado ou Morro do Túnel (Figura 72), como também era conhecido, que é constituído por uma grande massa de lava que cobre a rocha perfurada. A beleza desse túnel e o ruído provocado pelo arrebentar das ondas em seu interior, impressionaram o cientista.

Figura 72: Morro do Furado ou Morro do Túnel (1916).



Fonte: Arquivo da Marinha/ Acervo DPHDM/Coleção da Expedição Científica Bruno Lobo de 1916.
Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

Junto a este morro, Lobo mencionou uma praia onde o Dr. Pedro Martins havia encontrado dois blocos de parafina, que poderiam ser resíduos de petróleo. Outros pontos na ilha descritos pelo cientista foram: uma montanha de 360 m de altura, situada ao sul e parecida com o Morro do Pão de Açúcar (Figura 73), no Rio de Janeiro. Na parte centro-oeste, o pico mais alto da ilha, o da Trindade, com 606 m de altura, e ao seu lado, o Pico do Desejado, um pouco mais baixo. Ao Norte, o pico Crista de Galo e o da Grazina, com 418m, entre outros. E a Oeste, o Pico do Monumento, com 280 m de altura.

Sobre a constituição geológica, Lobo explicou que Trindade era formada por uma montanha de 606 m de altura que apresentava uma série de picos e morros. A ilha possuía uma forma irregular e uma superfície de 7 km², sendo o seu terreno bastante acidentado. Devido aos constantes desmoronamentos provocados pelas chuvas e pelo vento, e pela desagregação do solo, o aspecto geral da ilha devia mudar periodicamente. Vale ressaltar que no contexto

científico, as imagens das fotografias de 1916 da expedição do Bruno Lobo, referentes aos aspectos geológicos da ilha, podem servir de comparação com relação a imagens atuais e fornecer dados interessantes sobre as mudanças dos aspectos geológicos de Trindade após mais de um século. Isso vale também para as imagens da Cachoeira do Oeste registradas (possivelmente) pelo Dr. Pedro Martins.

Quem percorre a Trindade tem a impressão de que ela está se desfazendo. A escalada da montanha é perigosa pois a um pequeno esforço, os pedrouços desequilibrados rolam para os despenhadeiros esmagando a sua passagem quem encontrar pelo caminho. A lava decomposta forma atoleiros, aumentados pelas milhares de tocas feitas pelos caranguejos.⁵⁰²

Figura 73: Morro do Pão de Açúcar na Ilha da Trindade em 1916.



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo DPHDM /Coleção da Expedição Científica Bruno Lobo de 1916.

Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

Durante uma escalada, quando tentou subir uma encosta de mais de 400 m de altura, Lobo relatou que num determinado momento não conseguia mais encontrar apoio seguro para os pés e as mãos:

⁵⁰² LOBO, ref.19, p. 139.

A pressão por nós exercida deslocava o fragmento do plano inclinado em que nos encontrávamos, forçando rápida mudança, com a certeza de que no passo seguinte tínhamos de repetir a mesma luta. E pobre de quem ficava para trás. Que diga o ilustrado Comandante Moraes Rêgo, cuja bondade e gentileza permitiram que fosse sempre o diretor do Museu Nacional, o primeiro a galgar a montanha pelas escarpas fortemente inclinadas.⁵⁰³

Nas expedições pela ilha, o diretor do MN encontrou grandes blocos de lava, “que nos dão a impressão de terem passado por uma grande fornalha”.⁵⁰⁴ A impressão que ele teve de que a ilha era de origem vulcânica, corroborava com os relatos dos geólogos que já haviam feito referências a Trindade. Sobre o material geológico que foi coletado pela comissão do MN, Lobo disse que o entregou a um especialista em Geologia, o professor Alberto Betim Paes Leme, que identificou e analisou diversas amostras.

Figura 74: Grandes blocos de rochas que rolaram das montanhas (1916).



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo DPHDM /Coleção da Expedição Científica Bruno Lobo de 1916.
Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

⁵⁰³ LOBO, ref.19, p. 139 – 140.

⁵⁰⁴ LOBO, ref.19, p. 137.

Na conferência, segundo o artigo, Bruno Lobo apresentou à plateia seis amostras de fragmentos de solo da ilha para mostrar como ele era constituído e ilustrar, didaticamente, o complexo fenómeno vulcânico que deu origem a Trindade.

Vede a primeira mostra um *syenito nephelínico porphyroide*, que testemunha uma consolidação em grande profundidade do magma eruptivo. Já o segundo espécime, de *linguaito*, apresenta o mesmo magma cristalizando mais rapidamente, indicando que ele se deslocou entre as paredes de uma fratura da crosta terrestre onde terminou a sua solidificação. É o testemunho inegável da primeira fase da manifestação vulcânica. A amostra número 3 é um *phonolito* constituído pelo mesmo magma, cuja consolidação completa se fez na fratura que precedeu a chaminé vulcânica. Quanto à amostra número 4, *lava cordea*, representa uma manifestação efusiva do magma durante o paroxismo vulcânico. Repare por último no espécime de tuffa, aglomerado de elementos provenientes da manifestação vulcânica, tais como cinzas lama etc. Vede ainda a amostra de areia da Praia das Tartarugas cuja complexidade é notável.⁵⁰⁵

A vegetação da ilha, na opinião do diretor do MN, era “fraca e primitiva”, e a flora, “relativamente pobre”. Grandes árvores atiradas pelo solo chamaram a sua atenção. Provavelmente, elas foram arrancadas violentamente por algum furacão, explicou o cientista. Estes troncos, como já visto, também foram mencionados pelo naturalista Campos Porto do JBRJ, em 1917.

Sobre a distribuição das plantas na ilha, Lobo relatou que na parte oeste e na encosta leste, a vegetação é rara, sendo encontrada mais nos vales, nas vizinhanças da grande cachoeira e no chapadão, onde se encontram arbustos de 4m de altura e alguns fetos arborescentes (Figura 75).

Nas praias e zonas baixas, sobretudo na parte nordeste da ilha, Lobo constatou que era abundante uma convolvulácea, a *Ipomcea pes-caprae* Sweet., que existe no litoral arenoso de quase todo o mundo e um outro vegetal, uma leguminosa, a *Canavalia obtusifolia* D.C. (Figura 76), igualmente abundante e que produz uma fava cuja semente servia de alimento.

A flora mais rica ficava próxima ao chapadão. Lobo mencionou também uma árvore frutífera, uma figueira muito velha e raquítica que apesar disso tinha dois frutos maduros. A parte Oeste é quase toda coberta de samambaias — *Cyathea vestita*. No alto, o cientista encontrou inúmeras árvores atingindo no máximo 5m de altura, da família das Myrsinaceas.

⁵⁰⁵ LOBO, ref. 19, p. 137.

Figura 75: Fetos arborescentes e outras plantas (1916).



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo DPHDM/Coleção da Expedição Científica Bruno Lobo de 1916.
Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

Figura 76: Vegetação rasteira constituída em sua maioria pela *Canavalia obtusifolia*, D.C.



Fonte: Arquivo da Marinha/ Acervo DPHDM / Coleção da Expedição Científica Bruno Lobo de 1916.
Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

Lobo contou ainda que os preparadores do museu encontraram outras figueiras, que provavelmente foram plantadas pelos portugueses. As plantas colhidas nessa primeira

expedição científica foram entregues à Seção de Botânica do MN e foram classificadas pelo especialista César Diogo. As espécies colhidas foram as seguintes: *Achyrocline* sp.; *Diodia dasycephala*; *Lippia*; *Ipomoea pes-caparae*; *Banara*; *Caesalpinia bonducella*; *Canavalia obtusifolia*; *Oxalis corniculata*; *Argemone mexicana*; *Pisonia obtusata*; *Alternanthera polygonoides*; var. *radicans*. f. *pubescens*; *Asplenium praemorsum*; *Doryopteris pedata*; *Polypodium lepdopteris*; *Polydium pectinatum*.⁵⁰⁶

Sobre a fauna da Ilha da Trindade, disse Bruno Lobo: “que seu estudo seduz a todos que nela aportam.”⁵⁰⁷ Lá ele encontrou numerosas aves e outros animais que, segundo ele, “se encontravam em completa liberdade em plena luta pela vida.”⁵⁰⁸

Corais, esponjas, polvos, formigas, baratas, gafanhotos, libélulas, aranhas, caranguejos, fragatas, grazinas e tartarugas foram algumas espécies observadas pela comissão científica na ilha, escreveu Lobo. Muitos animais tiveram destaque na conferência, como uma mosca parasita:

Parasitando as fregatas encontramos um *Hippoboscideo*, gênero *Olfersia*. Às vezes abandonam aquelas aves e procuravam picar o homem sendo muito insistentes nos ataques e só abandonando a presa quando violentamente repelidos. Convém referir que existem parasitas em quase todas as aves.⁵⁰⁹

Os crustáceos também, sobretudo os caranguejos da espécie *Goniopsis cruentatus* e *Gecarcinus lagostoma*, “que existem em grande quantidade na ilha pelas praias, sobre as pedras, tendo sido encontrados pelas encostas até 600 m de altura.”⁵¹⁰ Conforme explicação do cientista, o *Gecarcinus lagostoma*:

É o verdadeiro dono da ilha. É temido pelos filhotes de aves marinhas e causa uma grande destruição entre as tartarugas quando saem do ovo. São curiosos, insistentes e ousados, nada receando, o que nos provocava grande impaciência, a ponto de, competentemente, armados, de tempos a tempos, termos de corrê-los a pau. Não se davam por achados, momentos depois, as caixas, as roupas, pacotes, alimentos, tudo enfim era novamente invadido por tão enervante animal. Tudo querem ver e possuir. Aqui é um cartucho ou relógio que vai sendo conduzido para a toca ali, são os restos de uma ave marinha que arrasta além de uma pequena tartaruga que carrega.⁵¹¹

⁵⁰⁶ LOBO, ref. 19, p. 142.

⁵⁰⁷ LOBO, ref. 19, p. 144.

⁵⁰⁸ LOBO, ref. 19, p. 147.

⁵⁰⁹ LOBO, ref. 19, p. 146.

⁵¹⁰ *Ibid.*

⁵¹¹ LOBO, ref. 19, p. 147-148.

Lobo relatou que a comissão científica do MN aprisionou uma fragata viva amarrando a sua pata junto à barraca dos pesquisadores. No dia seguinte, só existiam os ossos. A ave fora, durante a noite, atacada pelos caranguejos e destruída por eles. Depois do incêndio, a comissão observou que cada caranguejo carregava um companheiro morto durante a queima. Parecia “um verdadeiro enterro”, disse Bruno Lobo. Só que o fim, segundo ele, não foi “caritativo, pois logo adiante o animal que conduzia devorava avidamente o morto.”⁵¹²

As fragatas (Figura 77) eram bem maiores que os caranguejos, mas isso não significava uma luta desigual entre eles. Era comum, relatou Lobo, ver os caranguejos muito amarelos carregando em uma de suas tenazes, um filhote de tartaruga e com a outra se defendendo das aves marinhas que tentavam a todo custo arrancar-lhes a presa.

As fragatas, apesar de toda a sua avidez não ousam atacá-los de frente. Para dominá-los, seguram-nos por detrás e os deixam cair de 3 a 4 m de altura sobre pedras, provocando assim a sua morte. Só nestas condições podia a ave apossar-se da pequena presa, evitando que o bico fosse agarrado pela forte tenaz ainda livre. Assim morto servia de banquete para os companheiros.⁵¹³

Figura 77: Ninho de fragatas (1916). Percebe-se, no plano mais elevado, a presença de um macho, com seu papo vermelho inflado, e uma fêmea, com plumagem branca ao redor do pescoço e parte do tórax.



Fonte: Arquivo da Marinha/ Acervo DPHDM / Coleção da Expedição Científica Bruno Lobo de 1916.
Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

⁵¹² LOBO, ref. 19, p. 148.

⁵¹³ LOBO, ref. 512.

Alguns caranguejos foram trazidos de Trindade e conservados vivos durante vários meses no MN e no quintal da residência do Dr. Bruno Lobo, localizada na Praia de Ipanema. Lobo considerava os caranguejos da Ilha da Trindade incômodos e irritantes:

Todos que visitaram a Trindade lembrar-se-ão por toda a vida desses verdadeiros donos da terra que provocam referências pouco amistosas. [...] De fato presidem a toda a existência de quem salta na ilha. Querem saber dos nossos menores atos, metem-se na nossa vida íntima. É quase uma tortura lembrar aquelas largas pinças aquele andar torto e cauteloso, aqueles movimentos lentos e preguiçoso e, principalmente, aqueles olhos estrábicos, esbugalhados, fixos como a se esforçarem para compreender as coisas.⁵¹⁴

Outro animal que atraiu grande interesse dos cientistas foram as tartarugas. Lobo contou que no dia 31 de maio de 1916, eles se depararam com um bando de centenas desses pequenos répteis, recém-natos, saindo dos ovos que estavam enterrados em um grande fosso cavado na areia. Assim que conseguiam se livrar das cascas dos ovos, as tartaruguinhas se encaminhavam rapidamente para o mar para fugir das aves. O instinto desses animais era notável: “Colocados em situação de caminharem distanciando-se da água, mesmo que o plano fosse inclinado mudavam logo de direção e procuravam o meio líquido”, observou Lobo. A rapidez e a voracidade com que as maiores aves da ilha, as fragatas, eram capazes de engolir uma pequena tartaruga impressionou a todos da comissão científica. Estas aves eram numerosíssimas, nas palavras de Lobo, e como eram completamente selvagens não temiam o homem.

Sobre nós investiu em bandos quando desembarcamos. Não só as fragatas como umas grazinas acompanharam os cientistas na ilha por toda a parte [...] produzem um ruído ensurdecedor, sobretudo a *Aestrellata trinitatis* e as Fregatas, e principalmente à noite. Segundo Lobo, os ovos de todas essas aves representam ótimo alimento.⁵¹⁵

O preparador Pedro Peixoto Velho, numa certa manhã, foi ajudar os pequenos quelônios. Sem temer o preparador, as fragatas investiam para tirar das mãos dele os pequenos animais. Pedro Velho defendeu-se a pau, mas isso nada adiantou. Teve de recorrer, então, a uma arma, lembrou Lobo:

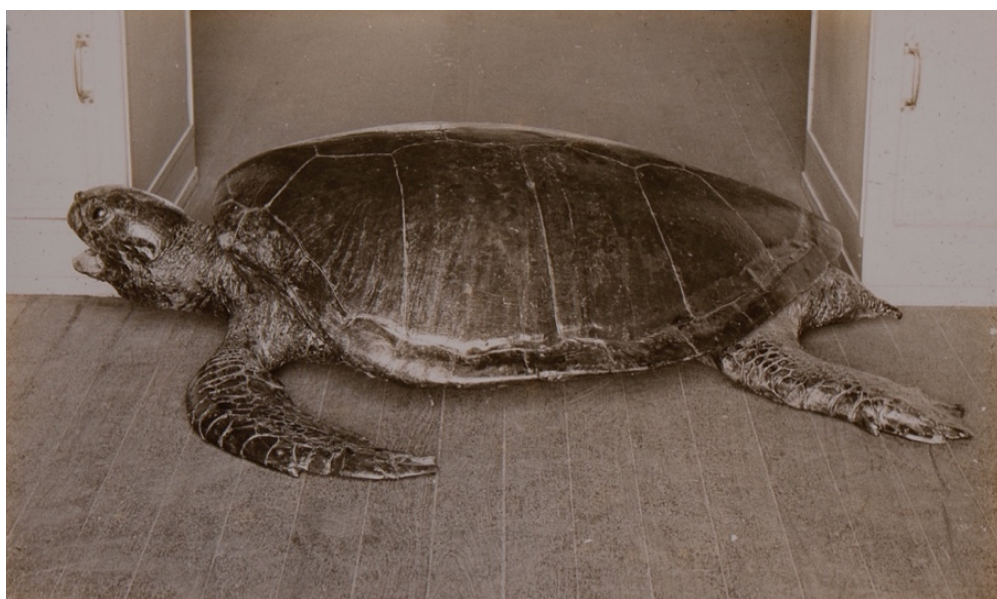
⁵¹⁴ *Ibid.*

⁵¹⁵ LOBO, ref. 19, p. 154.

Vendo que continuava a ser seriamente roubado pelas espertas aves marinhas apelou para a espingarda e abateu algumas delas, e entre estas uma que com grande avidez engolia as tartarugas. Lançando mão de uma faca abriu-a rapidamente e teve o prazer de retirar três tartaruguinhas vivas que, postas na água, desapareceram com rapidez.⁵¹⁶

As milhares de tartaruguinhas que conseguiam escapar das fragatas e dos caranguejos, se escondiam nos bancos de coral. No fundo do mar, elas tinham de escapar de um outro inimigo: as garoupas. Quando esses peixes, com suas bocas enormes, eram sacrificados pelos cientistas, geralmente, em seus estômagos, eram encontrados no mínimo dois ou três exemplares dessas tartaruguinhas, explicou Lobo. Ele também relatou que na noite de 1 para 2 de junho de 1916, um marinheiro sozinho conseguiu virar uma grande tartaruga (Figura 78), que foi oferecida ao MN e trazida para o Rio de Janeiro. Esse animal viveu algum tempo no Lago da Quinta da Boa Vista, enriquecendo as coleções do museu.

Figura 78: Tartaruga capturada em Trindade por um marinheiro e trazida para o MN. Exemplar taxidermizado sobre o piso de madeira original do Palácio de São Cristóvão, sede do Museu Nacional.



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo DPHDM/Coleção da Expedição Científica Bruno Lobo de 1916.
Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

Os exemplares adultos da *Chelonia mydas*, uma vez surpreendidos, disse Lobo:

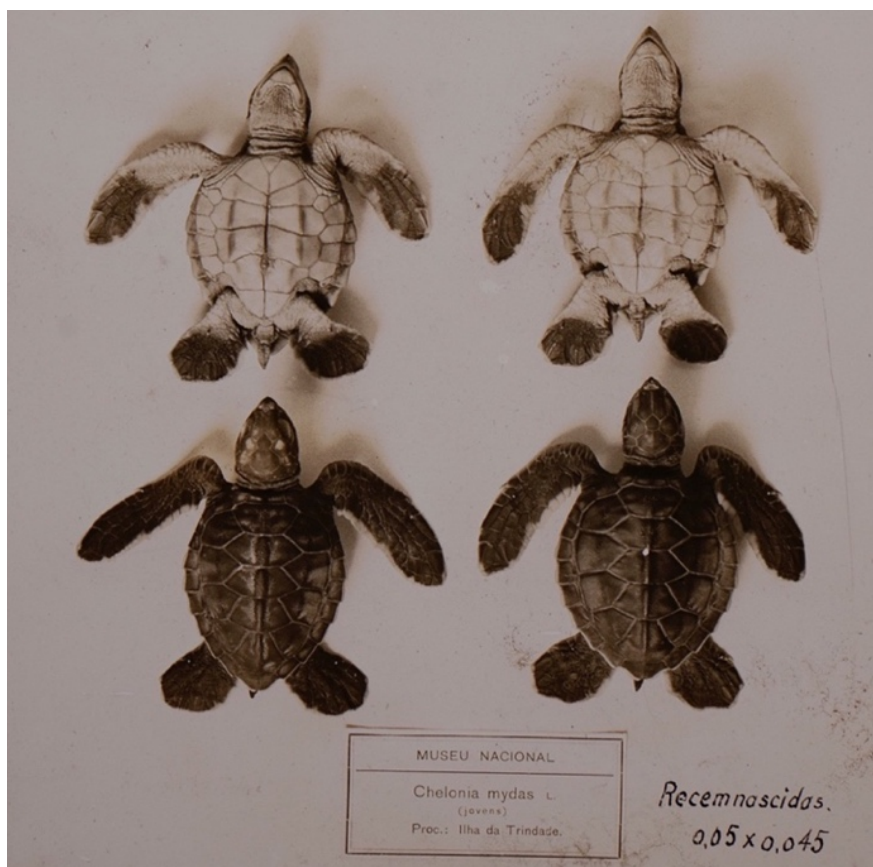
[...] correm para a água com extraordinária ligeireza, devendo quem quiser aprisioná-los, agir rapidamente [...] procurando, por meio de uma alavanca, virar o animal sobre o dorso. Uma vez postos nessa posição nada mais podem

⁵¹⁶LOBO, ref. 19, p.149.

fazer, apesar de ingentes esforços. Elas vêm à praia fazer a postura, que se compõem de várias centenas de ovos. Cavam areia, fazem a postura e cobrem os ovos.⁵¹⁷

Além do grande exemplar da *Chelonia mydas*, a comissão científica trouxe uma centena de pequenas tartarugas vivas desta espécie (Figura 79). Umas morreram, outras foram oferecidas ao aquário da Prefeitura existente no Passeio Público. O professor Bruno Lobo levou algumas tartaruguinhas para um pequeno aquário em Ipanema. Ali, elas se alimentavam de camarões, outros crustáceos e pequenos peixes, “demonstrando grande docilidade e ao mesmo tempo excessiva avidez pelo alimento.”⁵¹⁸ Após um ano, verificou-se que as pequenas tartarugas que passaram a viver no aquário do Passeio Público ficaram mais desenvolvidas, afirmou o cientista.

Figura 79: Quatro filhotes de tartaruga coletadas na Ilha da Trindade. Nota-se a etiqueta original com os dados de entrada no acervo do Museu Nacional, assim como as medidas dos recém-nascidos coletados.



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo DPHDM/Coleção da Expedição Científica Bruno Lobo de 1916.
Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

⁵¹⁷ LOBO, ref. 19, p. 151.

⁵¹⁸ *Ibid.*

De acordo com o artigo do diretor do MN, das dezenas de espécies de peixes coletadas pela comissão do MN em Trindade, as mais numerosas eram o peixe-porco (*Melichthys piceus* Poey.)⁵¹⁹, as garoupas (*Cerna adscencionis* Osb.)⁵²⁰ e o peixe-camiseta (*Chaetodon striatus* L.). O peixe-porco foi descrito por Bruno Lobo como um animal venenoso e impróprio para alimentação. Sempre que ancorava, o “Barroso” era cercado por milhares deles. O mesmo acontecia com os botes utilizados nos desembarques e pescarias. Na região encontrava-se também um pequeno peixe, o camiseta (*Chaetodon striatus* L.), nome este dado pelos marinheiros do “Barroso” pelo seu aspecto listado. As garoupas também foram apontadas por Bruno Lobo como sendo uma das espécies de peixe mais abundantes no mar de Trindade, muitas delas com dimensões exageradas.

É de sentir a emoção ao ser puxado um peixe que chega a pesar mais de 40 kg, verificando-se muitas vezes o fato de os numerosos tubarões que não abandonam as praias, mas nunca atravessam a arrebentação despedaçarem o pescado quase à flor da água, deixando ao pescador a cabeça do peixe ou uma linha sem anzol.⁵²¹

Figura 80: O resultado de uma pescaria feita de terra, a linha, em Trindade (1916). Nota-se a forte presença das garoupas nesta captura.



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo DPHDM /Coleção da Expedição Científica Bruno Lobo de 1916.
Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

⁵¹⁹ O nome científico atual desta espécie é *Melichthys niger* (Bloch, 1786).

⁵²⁰ O nome científico atual desta espécie é *Epinephelus adscensionis* (Osbeck, 1765).

⁵²¹ LOBO, ref. 19, p. 153.

Lobo contou que era possível matar a pau as garoupas que ficavam presas entre as pedras nas praias. Na areia, ele apreciava a grande quantidade de peixes nas ondas transparentes do mar:

Quando a vaga se forma e se adelgaça ao precipitar-se nas praias é de ver como, às vezes, os peixes são numerosos. Vistos através da transparência da água, tem-se a ideia perfeita de um trabalho de cristal *Gallé* ou *Daum*, com os seus caprichos desenhos e relevos coloridos representados na água pelos peixes.⁵²²

Os únicos mamíferos encontrados na ilha pela comissão científica foram as cabras e uma espécie de rato. Quando os pesquisadores chegaram na parte oeste da ilha e galgaram a montanha, puderam ouvir, noite adentro, o berrar das cabras. O preparador do museu Pedro Peixoto Velho, que permaneceu por cerca de seis meses na ilha, encontrou no Chapadão da Trindade um rebanho com mais de 40 cabras, das quais algumas foram sacrificadas para alimentação.

Sobre o valor e o futuro da Ilha da Trindade, Lobo afirmou que o cultivo em larga escala no local não era possível — no máximo, realizar ali uma pequena plantação de milho, mandioca e alguns legumes. Nem mesmo a pesca, que era abundante por lá, poderia ser feita com vantagem industrial, pois além da Trindade ser muito distante do continente, “há lugares na costa brasileira tão piscosos como as águas da ilha”.⁵²³ Também não se sabe se lá tem petróleo como muito suspeitam. Na opinião do professor Bruno Lobo, a localização estratégica, sob o ponto de vista militar, é o maior valor que Trindade pode oferecer ao Brasil. Afinal, não foi à toa que a Inglaterra tentou se apropriar da ilha por três vezes, para transformá-la numa base naval.

Para os brasileiros a maior vantagem está exatamente no fato de se encontrar em distância de mais de 600 milhas a leste da costa do Espírito Santo. É uma atalaia, um posto de vigia em zona do Atlântico. [...] Será um posto de carvão, uma base de submarinos, um refúgio de hidroaviões, representando um importante papel na defesa de larga parte da nossa costa, podendo ainda, caso nos convenha, perturbar enormemente a navegação do Atlântico Sul. É certo que as despesas de adaptação serão inúmeras, que teremos de fazer um porto de difícil construção, fortificar definitivamente as partes acessíveis da ilha e providenciar pelo fornecimento de víveres e munições para a guarnição local. Convém, porém, não esquecer como Heligoland, simples rochedo, que a Inglaterra cedeu à Alemanha em 1895, foi transformada em uma fortaleza

⁵²²LOBO, ref. 521.

⁵²³LOBO, ref. 19, p. 156.

inexpugnável. [...] No momento tudo deve ser feito para que seja mantida a nossa soberania. [...] ⁵²⁴

No final da conferência, segundo o *Jornal do Commercio*, uma grande salva de palmas coroou “as últimas palavras do orador que foi muito felicitado pelos presentes.”⁵²⁵ Outros veículos da imprensa também “rasgaram” elogios à palestra, como o jornal *Gazeta de Noticias*, para qual o tema sobre a Ilha da Trindade foi belíssimo, “fértil de observações curiosas e cheias dos mais úteis apontamentos para um futuro estudo das ilhas do litoral brasileiro”.⁵²⁶ O professor Bruno Lobo foi responsável por uma noite histórica no contexto da divulgação científica da Ilha da Trindade.

É inútil comentar aqui o êxito que a excelente palestra do senhor doutor Bruno Lobo alcançou. O distinto conferencista é um nome sobejamente conhecido na nossa sociedade e nos nossos meios científicos, onde a sua forte inteligência e grande cultura o tornaram devidamente considerado. Por tudo isto se compreende a extraordinária concorrência que ontem afluiu à Biblioteca Nacional ávida por ouvir a palavra autorizada do senhor doutor Bruno Lobo.⁵²⁷

Figura 81: Formação Valado onde a vegetação é mais intensa (1916).



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo DPHDM/Coleção da Expedição Científica Bruno Lobo de 1916.
Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

⁵²⁴ LOBO, ref. 19, p. 157.

⁵²⁵ A ILHA da Trindade – Conferência do professor Bruno Lobo na Bibliotheca Nacional. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, RJ, 4 ago. 1918, p. 3.

⁵²⁶ A CONFERENCIA do Dr. Bruno Lobo. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, RJ, 5 ago. 1918, p. 5.

⁵²⁷ A CONFERENCIA do Dr. Bruno Lobo. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, RJ, 5 ago. 1918, p. 5.

Figura 82: Ponta Sul da Ilha da Trindade (1916).



Fonte: Arquivo da Marinha/ Acervo DPHDM / Coleção da Expedição Científica Bruno Lobo de 1916.
Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

Figura 83: Praia dos Portugueses.



Fonte: Arquivo da Marinha/ Acervo DPHDM / Coleção da Expedição Científica Bruno Lobo de 1916.
Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

Figura 84: Embarcações de apoio do “Barroso” e uma jangada improvisada (1916).



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo DPHDM /Coleção da expedição científica Bruno Lobo de 1916.
Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

Figura 85: Aves (adulto e filhote) da espécie *Estrellata arminjoniana* (1916).



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo DPHDM/Coleção da Expedição Científica Bruno Lobo de 1916.
Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

Figura 86: Navio-Escola “Benjamin Constant” e escaleres na Praia dos Portugueses (1916).



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo DPHDM/Coleção da Expedição Científica Bruno Lobo de 1916.
Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

Durante a apresentação do professor Bruno Lobo na Biblioteca Nacional, foram feitas diversas projeções cinematográficas de diversos aspectos da ilha. Essas projeções, de mais de 40 slides, foram bastante apreciadas pela plateia. Parte destes slides — cerca de 42 cromos positivos de vidro, com alta qualidade de imagem e incalculável valor histórico e científico — está, atualmente, sob a guarda da DPHDM. Cerca de três desses cromos estão com partes dos vidros quebrados. É possível que alguns cromos projetados na conferência do MN tenham sido perdidos no incêndio que destruiu grande parte dos acervos do museu, em 2018. São imagens que revelam uma pequena amostra dos cenários, panoramas, vegetação e fauna da Ilha da Trindade nos cinco primeiros meses da ocupação. Os cromos foram fotografados e digitalizados em alta resolução para publicação neste trabalho.

Inspirado na conferência do diretor do MN, o colunista de moda da revista *Careta*, Mario de Haristal, escreveu uma crônica,⁵²⁸ na qual ele citou a palestra do professor Bruno Lobo sobre a Ilha da Trindade, como um meio de as pessoas tornarem-se mais eruditas, sem muito esforço. Nesta crônica, intitulada *Pelo bom tom*, o colunista fez uma crítica aos “árbitros

⁵²⁸ HARISTAL, Mario de. Pelo bom tom. *Careta*, n. 530, ano XI, 17 ago. 1918, p. 28.

da elegância carioca”, pessoas que entendem de moda, sabem orientar a “nossa sociedade em formação” na escolha de um figurino elegante, mas que são, muitas vezes, “quase analfabetas”, pois não gostam de se ilustrar:

Ninguém que tenha vivido uma hora em cada uma das diferentes rodas frequentadas pelos árbitros da elegância carioca poderá se esquivar a uma rude crítica ao atraso, quase analfabetismo, não raro, que a maioria deles demonstra, quer nos gestos, quer nas palavras, quer na ação. Confirma-se, pois, a história de que o hábito não faz o monge porquanto os elegantes incluídos no meu *Ról de gente chic*, que são todos que se definem pela ignorância com uma frase ridícula ou um fato comprometedor, vestem-se geralmente com regular capricho, e falam alto, muito alto mesmo... A cortesia que muitos entendem constituir a ciência de toda a elegância, nada mais é de que um dos dons que a natureza concedeu ao homem para diferenciá-lo dos outros animais, podendo no seu máximo desenvolvimento tornar-se um adorno característico em determinado indivíduo, mas nunca a ciência da própria elegância em toda a coletividade. Convém notar que, em todos os tempos, segundo o salão e a época — cavaleiro, fidalgo ou cidadão — o representante da moda sempre timbrou, se é verdade que no bem trajar, sobretudo no apuro do gesto, no requinte sistemático do espírito, através do qual, com um sorriso nos lábios ou uma flor na mão, traçava em grande ou sóbrio estilo, todos os moldes da galanteria. Pois esse requinte de espírito, só atingido pelos cultos, é o que falta na quase totalidade de nossos elegantes, cuja cultura é geralmente tão pobre e falha de orientação que dir-se-ia de alguns deles nunca terem entrado numa escola. [...] Ora se não possuímos uma Sorbonne temos, contudo, uma biblioteca pública. Os senhores já encontraram algum *dandy* em qualquer de seus compartimentos? Creio que não, de onde se conclui que eles não gostam de se ilustrar.⁵²⁹

Para ilustrarem-se e tornarem-se realmente elegantes, Mario de Haristal sugere que os “árbitros da elegância carioca” deveriam frequentar as conferências que estavam sendo realizadas na BN, como a da Ilha da Trindade, pois:

Elas (as conferências) são feitas por homens ilustres, que desenvolvem interessantes e instrutivos temas, como a realizada há pouco sobre a *Ilha da Trindade* pelo doutor Bruno Lobo, estando já organizada o programa de setembro que será preenchido por Alberto de Oliveira — *O soneto brasileiro, de Gregório de Matos a Raimundo Correia* — e Dr. Fernando Raja Gabaglia - *Antes e depois de Ayres de Casal*. Eis um método prático de se ilustrar sem esforço e quem, como os nossos elegantes, nada têm a fazer, se dele não se aproveita, pode apurar o talho e o tecido que veste à perfeição, nunca será um tipo de verdadeiro requinte no alto mundo, porque lhe falta ao espírito o desenvolvimento preciso, a noção exata da beleza para a crítica suave, que resume a erudição num gesto a tempo; para a frase encantadora que exalta a sinceridade no artificialismo do amor — para todo esse bazar de futilidades

⁵²⁹ HARISTAL, ref. 528.

enfim que constitui, armando-lhe o máximo efeito, a própria harmonia em que se agita a alma sùtil e vibrátil dos salões.⁵³⁰

O pacote “Itaperuna”, a DNOG e a influenza espanhola

De maio de 1916 a agosto de 1918, o “Barroso”, o “Benjamin Constant”, o “Carlos Gomes” e o “Tiradentes” já haviam participado das missões militares na Ilha da Trindade. Essas missões incluíam o transporte de materiais, mantimentos, mudas de árvores, animais, artigos bélicos e integrantes da guarnição militar que serviam na ilha. O único navio que não pertencia à MB mas que também participou de uma dessas missões foi o “Itaperuna”. Segundo um documento do acervo do DPHDM sobre a Ilha da Trindade, cujo texto é assinado pelo primeiro-tenente encarregado da Seção de Documentação Histórica da MB, Gilberto Huet de Bacellar, o navio “Itaperuna”, da Companhia Nacional de Navegação Costeira, realizou uma viagem em agosto de 1918 para Trindade.⁵³¹ Há poucos dados sobre essa viagem. De acordo com Farias, em 25 de agosto de 1918, o pacote “Itaperuna” foi a embarcação que levou o Primeiro-Tenente Luiz Garcia à Trindade para assumir o comando da guarnição da ilha no lugar do Tenente Oscar Eduardo Martins.⁵³²

No dia 20 de agosto de 1918, os jornais cariocas *Correio da Manhã*, *A Noite* e *Jornal do Commercio* divulgam uma nota afirmando que em breve uma nova guarnição e oficiais iriam para Trindade substituir os militares que lá estavam.⁵³³ “Ao que ouvimos vão ser nomeados para aquela ilha o Primeiro-Tenente Luiz Garcia Barroso, como comandante do destacamento militar, e o Capitão-Tenente Médico, Dr. Bonifácio da Cunha Figueiredo, como médico do destacamento.”⁵³⁴ Esses dois oficiais iriam substituir, respectivamente, os Tenentes Oscar Eduardo Martins, então comandante, e o Médico Naval Dr. Eraldo Maciel. O Enfermeiro Naval Manuel Carneiro, também foi designado pelo Almirante Adelino Martins, Chefe do EMA, para substituir o Enfermeiro Naval Agenor Pinto de Sousa, que estava servindo na ilha.⁵³⁵

⁵³⁰HARISTAL, ref. 528.

⁵³¹BACELLAR, Gilerto Huet de. DPHDM. Documento sobre a história da Ilha da Trindade, [s.d.].

⁵³²FARIA, ref. 54, p. 74.

⁵³³OS NOVOS oficiais de Marinha que vão para a Trindade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 20 ago. 1918, p. 4; ILHA da Trindade – A designação do novo comandante e medico. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, RJ, 20 ago. 1918, p. 2; JORNAL do Commercio, Rio de Janeiro, RJ, 20 ago. 1918, p. 5

⁵³⁴OS NOVOS oficiais de Marinha que vão para a Trindade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 20 ago. 1918, p. 4.

⁵³⁵PARA o destacamento militar da Trindade. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 21 ago. 1918, p. 4; OFFICIAES da Armada que vão para a Ilha da Trindade. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ, 22 ago. 1918, p. 5.

Alguns oficiais da MB que participaram das missões militares na Ilha da Trindade também serviram na Divisão Naval em Operações de Guerra (DNOG) composta pelos seguintes navios: cruzadores “Rio Grande do Sul” e “Bahia”, contratorpedeiros “Piauí”, “Rio Grande do Norte”, “Parahyba” e “Santa Catarina”, tender “Belmonte” e rebocador “Laurindo Pitta”. A participação militar brasileira na Grande Guerra consistiu, principalmente, no envio para a Europa desta esquadra sob o nome de DNOG.⁵³⁶

Comandada pelo Almirante Pedro Max Fernando Frontin, que esteve na Ilha da Trindade no início de 1917, a DNOG, segundo Almeida (2022), tinha como objetivo patrulhar uma área triangular no Atlântico Norte, entre o Senegal, as Ilhas de Cabo Verde e Gibraltar. Neste último ponto, a esquadra brasileira se agregaria à Força Naval britânica naquela região.⁵³⁷ “No trânsito a partir de Fernando de Noronha, a DNOG deveria iniciar patrulha antissubmarino com vistas a proteger o tráfego mercante na área”.⁵³⁸

Em setembro de 1918, vários jornais brasileiros noticiaram que dezenas de homens da DNOG — provavelmente 89,⁵³⁹ de acordo com as reportagens de 27 e 28 de setembro de 1918, publicadas, respectivamente, nos jornais *A Noite* e *Correio da Manhã* — haviam morrido por causa de uma doença misteriosa, altamente letal, que provavelmente seria a influenza espanhola. A esquadra brasileira, que havia saído no último mês de maio do Brasil, estava estacionada em Dakar para a realização de serviços de conserto e manutenção dos navios.

No dia 23 de setembro, o jornal *Correio da Manhã* publicou uma entrevista⁵⁴⁰ com o Ministro da Marinha, que revelou o seguinte: “Os telegramas, infelizmente, trazem-me a relação dos oficiais vítimas do terrível mal⁵⁴¹, que não sabemos qual é, e mais 47 óbitos entre marinheiros foguistas e criados”.⁵⁴²

Perguntado sobre as providências que estariam sendo tomadas no Brasil respondeu: “Já designei três médicos e o respectivo pessoal de enfermagem que devem seguir pelo *Príncipe*

⁵³⁶ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. **Da guerra à diplomacia**: A história da Divisão Naval brasileira na Grande Guerra. Rio de Janeiro, RJ: Letras Marítimas, 2022.

⁵³⁷*Ibid.*, p. 688.

⁵³⁸*Ibid.*, p. 280.

⁵³⁹A MARINHA recebeu expressivas condolências do almirantado inglês. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 26 set. 1918, p. 3; A INFLUENZA Espanhola- O Ministerio da Marinha ainda hontem não recebeu a relação dos marinheiros victimados. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 28 set. 1918, p. 1.

⁵⁴⁰CORREIO da Manhã, 23 set. 1918, p. 3.

⁵⁴¹Na época, não se tinha certeza qual era a doença que estava acometendo os brasileiros da DNOG. Desconfiava-se que poderia ser a influenza espanhola, ou até mesmo tifo, dengue, entre outras.

⁵⁴²AINDA o terrível mal que victimou os nossos marujos, nas costas africanas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 23 set. 1918, p. 3.

Udine, com o material de farmácia destinado a socorrer os nossos patrícios”.⁵⁴³ Segundo o jornal, a missão médica brasileira que havia sido enviada para a França a bordo do navio “La Plata” também foi atingida pela doença. “Tendo necessidade de tocar em porto africano para receber tropas destinadas a Marselha, na França, o *La Plata* foi invadido pelo morbus, falecendo quatro compatriotas nossos e estando enfermos, 11”.⁵⁴⁴

No contexto da Ilha da Trindade, vale destacar a reportagem do jornal *A Razão*, do dia 24 de setembro de 1918, sobre o caso envolvendo a influenza espanhola e a esquadra brasileira em Dakar. Essa reportagem foi dividida em duas partes, veiculadas respectivamente, na primeira e na segunda página deste periódico.

De acordo com a reportagem, uma missão sanitária nacional, composta de quatro médicos e seis enfermeiros, estava indo para Dakar a fim de prestar ajuda médica aos brasileiros que lá se encontravam acometidos pela doença. A missão deveria seguir para Dakar a bordo do paquete italiano “Príncipe de Udine” (como afirmou o Ministro da Marinha na sua entrevista concedida ao *Correio da Manhã*), ou no paquete “Ásia”, um transatlântico austríaco que o Lloyd Nacional havia adquirido há pouco tempo, ou no cruzador “Barroso”, que já estava no dique, desde o dia anterior, “para limpar o fundo e se apresentar para esta honrosa comissão de serviço”.⁵⁴⁵

O que chama a atenção nesta reportagem é o fato de ela iniciar afirmando que um dos médicos que estaria indo para Dakar — para servir na esquadra da DNOG e prestar ajuda aos brasileiros infectados — havia servido na Ilha da Trindade (no início de 1918, quando o Brasil já havia entrado na guerra).

Mesmo tendo como foco as vítimas brasileiras em Dakar e a influenza espanhola, a reportagem deu grande importância ao fato de que o médico que estava indo se apresentar na DNOG já teria servido alguns meses em Trindade.

Estivemos ontem, à tarde, no gabinete do sr. Almirante Alexandrino de Alencar, com o Primeiro-Tenente Médico da Armada Dr. Erasmo José da Cunha Lima, um dos médicos dos serviços de saúde, a seguir quanto antes para Dakar, com destino aos navios de guerra brasileiros que ali se encontram com doentes de influenza espanhola. Falando com o distinto médico, que vai partir cheio de nobre entusiasmo, pelo cumprimento do seu dever, soubemos

⁵⁴³*Ibid.*

⁵⁴⁴*Ibid.*

⁵⁴⁵ALASTRA-SE a influenza hespanhola em Portugal – Os mortos pela peste da guerra. *A Razão*, Rio de Janeiro, RJ, 24 set. 1918, p. 2.

que pertencia à Defesa Minada e que estivera anteriormente na Ilha da Trindade.⁵⁴⁶

Considerando os riscos associados à guerra, à situação de viver isolado em uma ilha hostil e inóspita no meio do oceano, e de poder ser contaminado por uma doença pouco conhecida, o Dr. Erasmo José da Cunha Lima, merece o reconhecimento da sociedade brasileira e da MB pela sua bravura, heroísmo e dedicação ao país e aos seus conterrâneos.

Graças a esta pesquisa sobre a Ilha da Trindade, foi possível resgatar a história deste Primeiro-Tenente Médico, cujo trabalho foi importantíssimo para o Brasil, no período da Grande Guerra, seja na Ilha da Trindade, cuidando da saúde do destacamento militar brasileiro, seja na DNOG, em Dakar, na África, empregando todos os seus esforços como médico, a fim de minimizar os impactos da influenza espanhola na Esquadra brasileira, que sucumbia por causa desta terrível doença que fez milhões de vítimas no mundo inteiro.

De acordo com o artigo *A alta mortalidade da pandemia espanhola na Divisão Naval em Operações de Guerra em 1918* (2013), um total de 125 homens da DNOG “tiveram a pandemia de influenza descrita como causa de morte nos relatórios oficiais diários escriturados pelos oficiais dos navios”.⁵⁴⁷ Considerando as mortes provocadas pela gripe espanhola em todo o mundo, o artigo estima entre 20 e 50 milhões de pessoas. Esta pandemia de 1918 pode ser considerada “uma das crises mais devastadoras em saúde pública em tempos recentes.”⁵⁴⁸

Como quase sempre acontecia toda vez que uma embarcação da MB era designada para ir à Trindade, parte da imprensa brasileira noticiava o fato, como já foi comentado. Dessa vez, as notícias davam conta de que o “Benjamin Constant” iria zarpar para Trindade no dia 14 de novembro de 1918, sob o comando do Capitão de Fragata Joaquim Nunes de Souza, levando os praças que iriam render os que lá se encontravam e mantimentos para a ilha.⁵⁴⁹

Estava previsto também para viajar no “Benjamin Constant” o Primeiro-Tenente Médico Dr. Annibal Bittencourt, designado para substituir o Dr. Raimundo Bonifácio de

⁵⁴⁶*Ibid.*, p.1.

⁵⁴⁷ALLONSO, Wladimir J., SCHUCK-PAIM, C., SHANKS, G. D., ALMEIDA, F. E. A. A alta mortalidade da pandemia espanhola na divisão naval em operações de guerra em 1918. Tradução: Francisco Eduardo Alves de Almeida. **Revista Navigator**, Rio de Janeiro, RJ, v. 9, n. 17, p. 12, 2013.

⁵⁴⁸*Ibid.*, p.15.

⁵⁴⁹*Ibid.*

⁵⁴⁹O ‘BENJAMIN Constant’ parte hoje para a Trindade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 14 set. 1918, p. 6; NAVIO-ESCOLA ‘Benjamin Constant’. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 13 set. 1918, p. 9; JORNAL do Commercio, Rio de Janeiro, RJ, 12 nov. 1918, p. 7; JORNAL do Commercio, Rio de Janeiro, RJ, 13 nov. 1918, p. 6; MINISTERIO da Marinha. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 14 set. 1918, p. 6.

Carvalho.⁵⁵⁰ Devido ao surgimento de vários casos de gripe a bordo do “Benjamin Constant”, acabou partindo para Trindade em seu lugar, no dia 20 de novembro, o cruzador “Barroso”, sob o comando do Capitão de Fragata Damião Pinto da Silva, levando o destacamento militar que iria render o que lá se encontrava. No “Barroso”, seguiu viagem também o novo comandante da ilha, o Primeiro-Tenente Rhadamato do Campo Y Amoedo, que iria assumir o posto no lugar do Primeiro-Tenente Luiz Garcia Barroso.⁵⁵¹

Segundo uma nota publicada no jornal *A Razão*⁵⁵², havia um boato de que o “Barroso” estaria transportando para Trindade presos que se achavam enclausurados na Polícia Central. “Ter-se-ia consumado mais essa violência?”⁵⁵³, questionou a nota que não citava fonte alguma que comprovasse tal suspeita. Esta publicação é uma evidência de quanto parte da imprensa era crítica ao governo e à própria ocupação da Ilha da Trindade.

Ao chegar de Trindade, o comandante do “Barroso”, o Capitão de Fragata Damião Pinto da Silva escreveu, no dia 06 de dezembro, um relatório⁵⁵⁴ sobre a viagem do navio até lá e a missão de desembarque de mantimentos que realizou na ilha. Este documento foi enviado para o Serviço da Armada da Seção do Estado Maior.

No relatório, o comandante relatou que foram feitas fainas de emergência no navio, como exercícios de “incêndio, colisão e combate para que o pessoal, quase todo novo, se familiarizasse com os seus lugares detalhados, nas diferentes tabelas”.⁵⁵⁵ Solicitou alguns consertos apontados pelo Chefe de Máquinas do navio e reclamou das máquinas frigoríficas da embarcação: “A frigorífica, pela construção e arranjos do depósito, tipo da máquina e estado das serpentinas é completamente inútil a bordo. Não temos como conservar a menor porção de alimento [...]”⁵⁵⁶ Elogiou a disciplina e o trabalho dos marinheiros, cuja maioria, segundo ele, era inexperiente neste ofício:

Os marinheiros do ‘Barroso’, conquanto em sua maioria bisonhos e pouco militares, trabalham de modo satisfatório e são obedientes. O trabalho de

⁵⁵⁰O ‘BARROSO’ partiu hontem para a Ilha da Trindade. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, RJ, 20 nov. 1918, p.3.

⁵⁵¹O ‘BARROSO’ sae hoje para a Ilha da Trindade. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, RJ, 19 nov. 1918, p.3; O Combate

⁵⁵²JÁ estarão transportando presos?. *A Razão*, Rio de Janeiro, RJ, 20 nov. 1918, p. 4.

⁵⁵³*Ibid.*

⁵⁵⁴PINTO, Damião. Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha – DPHDM. Relatório do Capitão de Fragata e Comandante do ‘Barroso’ sobre a viagem deste navio à Ilha da Trindade em novembro e dezembro de 1918. Acervo do DPHDM, 6 dez. 1918.

⁵⁵⁵ *Ibid.*

⁵⁵⁶ *Ibid.*

desembarque do material da Trindade e o recebimento de carvão último satisfizeram-me e provaram que eles só precisam de ser guiados e aconselhados convenientemente. Por efeito da gripe que atacou quase toda a guarnição por mais de um mês, os exercícios foram abandonados e creio ser esta a causa da moleza geral. Já estes tiveram início e espero fazê-los prosseguir sempre que possível.⁵⁵⁷

Sobre o desembarque do material para Trindade, escreveu que foi feito com relativa facilidade e em curto espaço de tempo. Porém, nas suas palavras, trata-se de:

Uma manobra pouco maneira e que por vezes deve causar muitos incômodos a quem a dirige e executa. Os escaleres de bordo não apropriados a tais misteres sofrem com os constantes embates no costado do navio e nos barris da Jangada; raro é que não venham para conserto depois da faina. Conviria, creio, um salva-vidas de forte construção que, confiado à guarda do pessoal da ilha fosse enviada a cada navio, que ali ancorasse com sobressalente e mantimentos. A embalagem dos mantimentos que vão para a Trindade não é convenientemente feita. As latas com açúcar, velhas, mal soldadas ou grudadas com pedaços de papel, inutilizam-se com qualquer tranco e não são poucos os que elas devem sofrer. O encaixotamento é feito como se fosse para um transporte curto e fácil e os sacos além de não serem dobrados, são velhos e remendados, sendo isto causa de perda de gêneros que, ou são repostos pelos do paiol do navio ou ficam faltando à guarnição da ilha que não tem onde os requisitar. Peço-vos, pois, uma especial recomendação para este serviço. Embora não tivesse havido perda de um só volume, eu tive de mandar ajeitar latas e coser sacos para evitar perdas de mantimentos.⁵⁵⁸

A Ilha da Trindade no meio científico

Um dos aspectos mais relevantes da história da primeira ocupação brasileira permanente da Ilha da Trindade foi o científico. Em 29 de novembro de 1918, por exemplo, de acordo com o jornal *O Imparcial*, realizou-se na Escola Politécnica uma sessão da Sociedade Brasileira de Ciências (SBC) com a presença de vários de seus fundadores, entre eles: Henrique Charles Morize, Juliano Moreira, Manoel Amoroso Costa, Theophilus Henry Lee, Carlos Ernesto Julius Lohmann, Everardo Adolpho Backheuser, Mario Rodrigues de Souza, Alberto Betim Paes Leme, Lauro Travassos, Alípio de Miranda Ribeiro, Henrique Beaurepaire Rohan Aragão e Domingos Fernandes da Costa.⁵⁵⁹

Alguns destes cientistas fundadores da SBC ou participaram de expedições na ilha, como Lauro Travassos e Mario Rodrigues de Souza, ou realizaram estudos com materiais

⁵⁵⁷PINTO, ref. 554.

⁵⁵⁸*Ibid.*

⁵⁵⁹SOCIEDADE Brasileira de Ciencias. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 30 nov. 1918, p. 3.

coletados no local pela comissão científica do MN, como é o caso de Alberto Betim Paes Leme e Alípio de Miranda Ribeiro. Lembrando que Henrique Charles Morize também teve uma atuação importante na instalação da primeira estação meteorológica da ilha. Nessa seção da SBC na Escola Politécnica anunciada pelo *O Imparcial*, entre outras comunicações científicas foi realizada uma apresentação sobre a fauna da Ilha da Trindade, pelo professor do MN Alípio de Miranda Ribeiro.

Esta apresentação e a participação de renomados cientistas brasileiros em estudos científicos sobre a Ilha da Trindade evidenciam o quanto as primeiras pesquisas nacionais na ilha, iniciadas em 1916 pelo MN, tiveram grande repercussão e relevância no meio científico. Naquela época o Brasil vivia um ambiente de renovação das ciências:

A Sociedade Brasileira de Ciências foi fundada em 3 de maio de 1916, passando a ter a denominação de Academia Brasileira de Ciências a partir de 1921. Foi criada por professores da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, sendo essa a sua primeira sede, situada no Largo de São Francisco de Paula. Professores e pesquisadores de diversas instituições lá se reuniam visando o desenvolvimento e a divulgação das atividades científicas em um ambiente de renovação das ciências no Brasil. Seu primeiro presidente foi Henrique Charles Morize (1860-1930).⁵⁶⁰

De acordo com Carvalho e Moreira (2017), a ciência que existia no Brasil na virada do século XIX para o século XX era uma ciência tímida.⁵⁶¹ Com o surgimento da SBC, uma nova geração de cientistas passou “a trabalhar sobre os desafios impostos pela realidade nacional, em vez de buscar temas nas principais linhas de pesquisa da comunidade científica internacional”.⁵⁶² Um dos primeiros membros da Sociedade, por exemplo, foi o sanitarista Oswaldo Cruz, que dedicou a sua vida científica a enfrentar os problemas de saúde pública nacionais.

Apesar das várias instituições que já realizavam ou apoiavam pesquisas e das publicações que divulgavam seus resultados, o país ainda carecia de um cenário científico mais robusto e organizado. A Primeira Guerra Mundial escancarou essa e outras fragilidades nacionais – por exemplo, a vulnerabilidade da economia brasileira, devido à forte dependência das

⁵⁶⁰SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. **Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1970)**. Disponível em: https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/wiki_dicionario/index.php/SOCIEDADE_BRASILEIRA_DE_CI%C3%80NCIAS. Acesso em: 18 jun. 2024.

⁵⁶¹CARVALHO, J. M. de; MOREIRA, I. C. (Org.) *Ciência no Brasil: 100 anos da Academia Brasileira de Ciências*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2017.

⁵⁶²*Ibid*, p.14.

importações. Mas foi justamente durante esse período de guerra, enquanto os olhos do mundo se voltavam para a Europa, que o Brasil iniciou um processo importante de renovação, um movimento de afirmação da produção cultural e científica do país. Nos salões da Escola Politécnica do Rio de Janeiro – uma das mais importantes instituições científicas de sua época, ao lado do Museu Nacional, do Observatório Nacional e do Instituto Soroterápico Federal em Manguinhos –, a preocupação com os rumos da ciência no Brasil era particularmente relevante. Ali, um punhado de professores renomados e inventivos começou a idealizar uma associação que transcendesse os muros da Escola e abrigasse também profissionais de outras especialidades além das engenharias. Eles tinham como objetivo primordial reunir os principais cientistas do Brasil para discutir e divulgar pesquisas importantes nas diferentes áreas do conhecimento, impulsionando o desenvolvimento da ciência pura no país [...]. Nas primeiras sessões delinear-se as principais linhas de atuação da Sociedade Brasileira de Ciências, notadamente o incentivo à ciência desvinculada de objetivos comerciais ou industriais.⁵⁶³

A SBC tinha como um dos seus objetivos promover o desenvolvimento e a prosperidade nacional por meio da ciência e da popularização de temas científicos, como *A fauna da Ilha da Trindade* e *A radiotelegrafia ultra potente e o desenvolvimento da ciência elétrica*, tema da primeira conferência de divulgação científica da SBC, proferida pelo sócio e professor Mário Ramos.⁵⁶⁴ Sobre este último tema, vale lembrar, como já foi dito neste trabalho, que a primeira estação de radiotelegrafia da Ilha da Trindade fornecia energia elétrica para a vila militar na ilha.

O início da relação entre nacionalismo e ciência é abordado no artigo: *As ciências na formação do Brasil entre 1822 e 2022: história e reflexões sobre o futuro*.⁵⁶⁵ Segundo os autores (2022), embora o surgimento da consciência nacional só tenha vindo a ocorrer em meados do século XIX, a pesquisa científica promovida nas últimas décadas do século XVIII foi fundamental para despertar na geração de brasileiros formados nas principais universidades europeias, a ideia de pátria. “Nas décadas após a proclamação da Independência, o processo de consolidação e institucionalização das atividades científicas seguiu ocorrendo atrelado ao projeto político de desenvolvimento do potencial econômico do Brasil.”⁵⁶⁶

A partir de 1822:

⁵⁶³CARVALHO, J. M. de; MOREIRA, I. C. (Org.) *Ciência no Brasil: 100 anos da Academia Brasileira de Ciências*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2017, p.13.

⁵⁶⁴*Ibid.*, p. 19.

⁵⁶⁵LIMA, Nísia Trindade et al. *As ciências na formação do Brasil entre 1822 e 2022: história e reflexões sobre o futuro*. Estudos Avançados. São Paulo, v. 36, n. 105, p. 211-233, 2022.

⁵⁶⁶*Ibid.*, p. 215.

Os cientistas deram contribuições cruciais ao debate sobre constituição do Estado; identidade nacional; cidadania; visões sobre populações; políticas públicas de saúde e educação; projetos de criação de universidades; circulação internacional de saberes; soberania, desenvolvimento nacional, inserção do Brasil no mundo e convivência entre o atraso e a modernidade.⁵⁶⁷

Na Grande Guerra, a realização na Ilha da Trindade de: pesquisas científicas sobre a fauna, a flora, as formações geológicas e aspectos gerais da ilha; levantamentos hidrográficos e geológicos; análise química da qualidade da água doce da ilha; medição das coordenadas geográficas da ilha; instalação de uma estação de radiotelegrafia e outra meteorológica; estudos sobre a viabilidade econômica (agricultura e piscicultura) da ilha, fizeram parte de um período da história da ciência nacional que foi marcada pelas políticas federais de estímulo ao desenvolvimento econômico e social do país. Neste contexto, destacam-se as expedições científicas do IOC e da Comissão Rondon no interior do Brasil, com diversos objetivos.

Entre eles: realizar “levantamentos de quadros epidemiológicos de regiões interioranas com vistas ao combate de doenças que ameaçavam vidas e a economia nacional”⁵⁶⁸, além de produzir conhecimento científico e soluções tecnológicas para a área de saúde (no caso do IOC); e colaborar com projetos regionais de modernização e diversificação econômica, como a construção de ferrovias e hidrelétricas, o desenvolvimento da agricultura e o mapeamento e integração dos territórios do interior do país (no caso da Comissão Rondon).⁵⁶⁹ No caso da ocupação da Ilha da Trindade, além de toda a questão relativa à defesa, colonização, projetos de modernização e integração do território, a relação entre nacionalismo e ciência é um ponto a ser ressaltado.

Que castigo merece o Kaiser

O fim da Grande Guerra, em 11 de novembro de 1918, quando a Alemanha e os Aliados assinaram o Armistício de Compiègne, representava além da rendição alemã, segundo o Almirante Storino (1987), um alívio para o destacamento militar brasileiro na Ilha da Trindade: “A partir de 11 de novembro, a guarnição da ilha respirou aliviada com a aceitação do armistício entre os beligerantes”.⁵⁷⁰

⁵⁶⁷ LIMA, ref. 565, p.232.

⁵⁶⁸ LIMA, ref. 565, p.218.

⁵⁶⁹ *Ibid*, p.218-219.

⁵⁷⁰ STORINO, ref. 51, p.46-47.

Aproveitando-se deste momento histórico e de grande repercussão, o *A Noite* lançou o concurso “Que castigo merece o Kaiser?” (Figura 87), com o objetivo de premiar a resposta mais original que representasse um “desabafo aos sentimentos de indignação e revolta contidos durante quatro anos, tempo da guerra, todo ele cheio de práticas, as mais bárbaras e terríveis levadas à conta desse maldito imperador-rei, que afinal foi abatido pelos soldados da humanidade.”⁵⁷¹

Entre as sugestões dos leitores que participaram do concurso, duas frases faziam menção à Ilha da Trindade: “Ser internado na Ilha da Trindade e comandar um exército de soldados de chumbo”⁵⁷², proposta enviada pelo leitor que assinou como Oilz 1.302, e “exilado na Ilha da Trindade e ali deixado até ser comido pelos caranguejos”⁵⁷³, frase do leitor Placidino Coutinho. Este concurso continuou até o início de 1919.

De novo, Guilherme está doente atacado dos nervos. Terá principiado para ele o remorso? Serão as visões dos seus horríveis crimes? O seu castigo não tardará. Que castigo merece o Kaiser? Deve o Kaiser viver. Matá-lo nunca! Que o faça o grande ser que governa este mundo, que fez o sol e a lua e fez o céu rotundo [...]. Afundou naus a 1000, esse Guilherme Segundo. E mais [...] ceifou vidas sem conta! [...] Deve ser prisioneiro criminoso em uma ilha ou selva federal qual um leão ou pantera. Onde falar não possa criatura alguma. E ali deve ficar seu lar, uma tapera, e lendo teosofia (o bruto se acostuma). Para ficar sabendo o castigo que o espera. (Benedicto Machado).⁵⁷⁴

Nesta nova publicação, de 1919, para castigar o imperador alemão Guilherme II, que fora derrotado pelos países aliados na Grande Guerra, o leitor Luís Mollica sugeriu: “Internar o bruto na Ilha da Trindade”.⁵⁷⁵

O castigo proposto por três leitores do *A Noite*, associa a ilha a um lugar infernal. Esta imagem da Ilha da Trindade como sendo um “prolongamento do purgatório” foi muito divulgada em várias reportagens da época. Neste contexto, é possível supor que a imagem que esses leitores tinham da ilha foi influenciada pelos jornais, pois, possivelmente, eles nunca estiveram no local. Este é um tema relevante para futuras pesquisas: o papel dos meios de comunicação na formação da imagem que as pessoas têm dos ambientes oceânicos que são

⁵⁷¹Que castigo merece o Kaiser?. *A Noite*, Rio de Janeiro, RJ, 2 dez. 1918, p. 5.

⁵⁷²*Ibid.*

⁵⁷³Concursos. *Folha do Littoral*, Camocim, CE, 29 dez. 1918, p. 2.

⁵⁷⁴MACHADO, Benedicto. Que castigo merece o Kaiser. *A Noite*, Rio de Janeiro, RJ, 17 jan. 1919, p.5.

⁵⁷⁵*Ibid.*

lugares, como é o caso da Ilha da Trindade, praticamente inacessíveis para a população em geral.

Figura 87: Concurso do jornal *A Noite* (1918).



Fonte: *A Noite* (RJ), 2/12/1918, p.5.

Acervo: Fundação da Biblioteca Nacional/Hemeroteca Digital.

Com o fim da Grande Guerra, a probabilidade de a Ilha da Trindade voltar a ficar desguarnecida pelo governo brasileiro era grande. Afinal, o risco de ela ser invadida por outra nação, que foi o principal motivo que levou o Brasil a guarnecer a ilha militarmente, era praticamente nulo. Apesar disso, o revezamento das guarnições e oficiais em Trindade e as viagens dos navios da MB para lá não cessaram, como será visto a seguir.

2.5 – Os últimos meses da ocupação (1919)

No dia 18 de dezembro de 1918, os periódicos *Jornal do Commercio*, *O Paiz*, *Correio da Manhã* e *A Razão* noticiaram que o Navio-Escola “Benjamin Constant” seria a próxima embarcação a ir à Trindade, provavelmente no início da segunda semana de janeiro de 1919. Nessa viagem, o “Benjamin Constant” iria conduzir o novo médico para ali nomeado, o Primeiro-Tenente Médico Dr. Lourenço Maranhão Vieira, além de pessoal, material e víveres destinados ao respectivo destacamento.⁵⁷⁶ Tais notícias, para um leitor mais atento, traziam uma mensagem implícita de que mesmo com o fim da guerra, o Brasil continuava no intuito de ocupar ininterruptamente a Ilha da Trindade. Mas até quando?

No dia 11 de janeiro de 1919, o Navio-Escola “Benjamin Constant” saiu do Rio de Janeiro e foi direto para Trindade com a missão de levar mantimentos para o destacamento militar e material para a estação radiotelegráfica, retornando em seguida para o Rio de Janeiro. O navio levou também uma grande quantidade de sementes de capim, alfafa e de outros cereais para serem plantados nos terrenos cultiváveis da ilha. Esta nova viagem do “Benjamin Constant” foi amplamente divulgada nos jornais, mais uma vez evidenciando a relevância da ocupação brasileira da ilha no meio jornalístico.⁵⁷⁷

Esta pesquisa não encontrou nenhum documento ou notícia de jornal informando quando o Primeiro-Tenente Rhadamanto do Campo y Amoedo, que estava no comando do destacamento militar da Ilha da Trindade nesta época, foi substituído pelo seu colega de igual patente, Joaquim Terra da Costa. É provável que o novo Comandante Terra da Costa tenha seguido a bordo do “Benjamin Constant” nesta viagem e o Primeiro-Tenente Rhadamanto do Campo y Amoedo tenha regressado ao Rio de Janeiro neste navio.

⁵⁷⁶JORNAL do Commercio, Rio de Janeiro, RJ, 18 dez. 1918, p. 5; MINISTERIO da Marinha **O PAIZ**, Rio de Janeiro, RJ, 18 dez. 1918, p. 4; O ‘BENJAMIN Constant’ vae partir para a Ilha da Trindade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 18 dez. 1918, p. 3; A VIAGEM do ‘Benjamin’. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ, 18 dez. 1918, p. 4.

⁵⁷⁷MINISTÉRIO da Marinha. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 7 jan. 1919, p. 4; O ‘BENJAMIN Constant’ vae à Trindade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 7 jan. 1919, p. 2; O ‘BENJAMIN Constant’ vae à Trindade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 7 jan. 1919, p. 2; ILHA da Trindade. **Correio Paulistano**, São Paulo, SP, 7 jan. 1919, p. 4; O ‘BENJAMIN Constant’ irá a Ilha da Trindade. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 7 jan. 1919, p. 8; MINISTERIO da Marinha. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, RJ, 11 jan. 1919, p. 8; ILHA da Trindade. **Correio Paulistano**, São Paulo, SP, 12 jan. 1919, p. 2; O ‘BENJAMIN Constant’ partiu para a Ilha da Trindade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 13 jan. 1919, p. 4; Telegrammas. **Jornal do Recife**, Recife, PE, 13 jan. 1919, p. 1; O ‘BENJAMIN Constant’ partiu. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 11 jan. 1919, p. 3; A PARTIDA do ‘Benjamin Constant’ para a Trindade. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ 7 jan. 1919, p.2.

No dia 15 do mês seguinte, o “Benjamin Constant” saiu novamente do porto do Rio, mas desta vez passou primeiro no Colégio Naval, localizada na enseada Batista das Neves, em Angra dos Reis (RJ), onde recebeu a turma de guardas-marinha que iria empreender uma viagem de instrução dali até Trindade, de lá para Santos e depois, Florianópolis. Da capital catarinense, o navio regressaria ao Rio de Janeiro, com previsão de chegar ali em 31 de março próximo.⁵⁷⁸ “O comandante do navio, o Capitão de Fragata Nunes de Souza, recebeu instruções para fazer a vela todos os cruzeiros, devendo utilizar-se das máquinas unicamente na entrada e saída dos portos ou em caso de extrema necessidade”.⁵⁷⁹

Antes da partida, o Ministro da Marinha Gomes Pereira visitou o “Benjamin Constant”.⁵⁸⁰ No dia 20 de fevereiro, o jornal *A Epoca* publicou uma nota informando que o Chefe do EMA, Almirante Mourão dos Santos, havia recebido um telegrama do comandante do “Benjamin Constant”, comunicando que o navio-escola navegava em direção a Trindade em boas condições, sendo ótimo o estado sanitário de todos a bordo.⁵⁸¹

“A viagem desse navio correu admiravelmente, tendo demorado cerca de dois meses em cruzeiro pelas costas do sul”.⁵⁸² O Navio-Escola “Benjamin Constant” passou por Trindade, Santa Catarina, Santos, São Sebastião e, antes de regressar ao porto do Rio de Janeiro, deixou a turma de aspirantes no Colégio Naval, em Angra dos Reis (RJ).⁵⁸³

Menos de um mês após o “Benjamin Constant” deixar a Ilha da Trindade em direção à Santa Catarina, um naufrágio de uma escuna (“Chaska”), com a bandeira dos EUA, ocorreu em 15 de março de 1919 nas proximidades da ilha.⁵⁸⁴ Este acontecimento repercutiu na imprensa brasileira. De acordo com os jornais da época, a escuna “Chaska”, que pertencia à firma R. Lawrence Smith, de Nova York, conduzindo 1.792 toneladas de carvão de Durban, na África do Sul, teve o seu carregamento incendiado, provocando uma explosão a bordo e o naufrágio da embarcação.⁵⁸⁵ Em dois escaleres, 11 marinheiros mais o capitão da “Chaska” e sua esposa, que foi a primeira mulher a desembarcar em Trindade desde que o território passou a ser

⁵⁷⁸CORREIO da Manhã. Rio de Janeiro, RJ, 14 fev. 1919, p.2.

⁵⁷⁹A VIAGEM do ‘Benjamin Constant’. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 13 fev. 1919, p. 3; NA pasta da Marinha. **Correio Paulistano**, São Paulo, SP, 14 fev. 1919, p. 3.

⁵⁸⁰CORREIO da Manhã. Rio de Janeiro, RJ, 14 fev. 1919, p.2.

⁵⁸¹O ‘BENJAMIN’ e o ‘Barroso’ navegam bem. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 20 fev. 1919, p. 3.

⁵⁸²O ‘BENJAMIN’ chegou. **A Epoca**. Rio de Janeiro, RJ, 2 abr. 1919, p. 3.

⁵⁸³*Ibid.*

⁵⁸⁴O ALMIRANTE Caperton chega a Nova York. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 9 abr. 1919, p. 2.

⁵⁸⁵MINISTERIO da Marinha. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 27 mar. 1919, p. 4.

ocupado permanentemente pelo Brasil, “por um milagre escaparam à morte e conseguiram chegar à ilha”⁵⁸⁶, onde foram acolhidos pelo destacamento militar brasileiro.

O Almirante Mourão dos Santos, chefe do EMA, recebeu um telegrama do Comandante da Ilha da Trindade Terra da Costa, às cinco horas da manhã, comunicando-lhe sobre o naufrágio e o acolhimento da tripulação estrangeira que havia sobrevivido ao acidente. Assim que recebeu a notícia, o Almirante Mourão dos Santos levou o caso ao conhecimento do Ministro da Marinha, o Almirante Gomes Pereira.⁵⁸⁷

De acordo com o jornal *Gazeta de Notícias*, a “Chaska” estava consignada à companhia Texas e estava carregada de gasolina.⁵⁸⁸ Provavelmente, era uma embarcação nova. “O aludido navio parece que é de construção recente porque o seu nome não se acha registrado no *Lloyd register*, [...] onde se encontram consignadas todas as construções navais concluídas até o referido ano”.⁵⁸⁹

Após um entendimento entre o Ministro da Marinha do Brasil e o comandante da esquadra dos EUA no Atlântico Sul, o Almirante William Banks Caperton, ficou resolvido que um dos navios de guerra pertencentes a essa divisão, o cruzador “Chicago”, iria até a Ilha da Trindade resgatar os náufragos e levá-los até Nova York.⁵⁹⁰ Mas, no final, ficou resolvido que em vez do Chicago, o navio responsável pela missão de resgate em Trindade seria o cruzador-couraçado “Pittsburg”, navio capitânia da esquadra dos EUA, comandada pelo Almirante Caperton. Com isso, o Almirante Clarence Stewart Williams teve de assumir o comando do patrulhamento do Atlântico Sul.⁵⁹¹

Com a previsão de chegar na Ilha da Trindade no dia 23, o “Pittsburg” partiu do Porto do Rio de Janeiro no dia 20 de março, às 15h. Antes disso, porém, o Almirante Caperton esteve no Ministério da Marinha para despedir-se do Ministro da Marinha e do Chefe do EMA do Brasil. Ele também visitou o Arsenal do couraçado “Minas Gerais”, capitânia da divisão do centro da Marinha de Guerra do Brasil, além de outras repartições. As altas autoridades

⁵⁸⁶SINISTRO Marítimo. **Jornal do Commercio**, Manaus, AM, 18 mar. 1919, p. 3.

⁵⁸⁷O NAUFRÁGIO da escuna norte-americana *Chaska*. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, RJ, 17 mar. 1919, p. 2.

⁵⁸⁸*Ibid.*

⁵⁸⁹*Ibid.*

⁵⁹⁰O NAUFRÁGIO da ‘Chaska’. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, RJ, 19 mar. 1919, p. 2; A PARTIDA do *Pittsburg*. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, RJ, 21 mar. 1919, p. 6.

⁵⁹¹JORNAL do Commercio. Rio de Janeiro, RJ, 5 abr. 1919, p.7.

brasileiras também estiveram a bordo do “Pittsburg” retribuindo as visitas do almirante americano.⁵⁹²

Também seguiu a bordo do “Pittsburg” Maurice Casenave, alto comissário francês nos EUA e que esteve no Brasil substituindo interinamente o ministro francês Paul Claudel.⁵⁹³ O diplomata francês chegou no Arsenal de Marinha ao meio-dia, onde recebeu honras militares. Às 3h da tarde o “Pittsburg” partiu em direção à barra “dando uma salva de 21 tiros, tendo içado, nessa ocasião, o pavilhão brasileiro. A Fortaleza de Villegaignon respondeu às salvas içando também o pavilhão norte-americano.”⁵⁹⁴ No dia 8 de abril, o “Pittsburg” chegou em Nova York, procedente do Rio de Janeiro e da Ilha da Trindade, onde resgatou com sucesso os náufragos da escuna “Chaska”. Ao entrar no porto, o navio foi saudado por diversos navios de guerra.⁵⁹⁵ No site *Naval History and Heritage Command* da Marinha dos EUA foi encontrada uma fotografia (Figura 88) que mostra, provavelmente, o momento do resgate de alguns náufragos da “Chaska” na Ilha da Trindade pelo “Pittsburg”.

Figura 88: Sobreviventes do navio americano (possivelmente o “Chaska” que afundou próximo à Trindade) resgatados pelo “Pittsburg”.



Fonte: Naval History and Heritage Command / Collection of Lieutenant Commander Ellis M. Zacharias, USN, 1931.

⁵⁹²A PARTIDA do *Pittsburg*. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, RJ, 21 mar. 1919, p. 6.

⁵⁹³A PARTIDA do *Pittsburg*. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, RJ, 21 mar. 1919, p. 6.

⁵⁹⁴O ‘PITTSBURG’ deixou o nosso porto. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, RJ, 21 mar. 1919, p. 3.

⁵⁹⁵O ALMIRANTE Caperton chega a Nova York. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 9 abr. 1919, p. 2.

Dados sobre esta foto no site apresentam as seguintes informações: "Sobreviventes do navio americano perdido em um incêndio no caminho da África do Sul para a América do Sul resgatados pelo *USS Pittsburgh (CA-4)*, a 500 milhas da costa do Brasil [...] em torno de 1917-1918, depois de 1910 e antes de 1919."⁵⁹⁶ Apesar de mencionar que o evento aconteceu no período entre 1910 e 1919, o próprio site da Marinha dos EUA não indica a data exata desta fotografia, sugerindo na sua descrição que o resgate aconteceu por volta de 1917 e 1918. Também não descreve o local específico onde foi realizado o resgate pois não há menção à Ilha da Trindade e a distância citada de 500 milhas da costa do Brasil é menor do que a distância entre a ilha e o ponto mais próximo da costa do país. Pelas informações divulgadas por vários veículos da imprensa brasileira na época e as informações contidas no site da Marinha americana sobre a referida foto, é possível deduzir que ela realmente se trata de uma imagem do resgate que aconteceu, provavelmente, no final de março ou início de abril de 1919.

Dias antes dos sobreviventes do “Chaska” chegarem a Nova York a bordo do “Pittsburg”, o jornal *A Epoca* noticiava que o Almirante Lamenha Lins, que foi o comandante do “Barroso” na histórica viagem que o navio fez em 1916 a Trindade, que deu início à primeira ocupação brasileira permanente daquela ilha, havia falecido. Em sua homenagem, o jornal escreveu:

Faleceu ontem em sua residência na rua São Clemente, número 373, o sr. Almirante reformado José Libânio Lamenha Lins de Souza. Essa notícia consternou profundamente os meios navais, pois, que apesar de reformado, o Almirante Lamenha Lins contava ainda com muitos admiradores e amigos na Marinha. O Almirante Lamenha foi um oficial distinto tendo desempenhado com brilhantismo muitas importantes comissões. Sua fé de ofício é longa e está cheia de elogios pelos bons serviços prestados ao país. O Almirante José Libânio Lamenha Lins de Sousa nasceu no estado de Pernambuco a 6/01/1861 tendo entrado para a Escola Naval em 1878. Como guarda-marinha tomou parte na viagem da corveta vital de Oliveira no bar Báltico. Depois obteve as seguintes promoções: guarda-marinha em 12/03/1880; segundo-tenente em 24/11/1881; primeiro-tenente em 15/12/1883; capitão-tenente em 8/01/1890; capitão de corveta em 21/08/1901; capitão de fragata em 25 de outubro de 1911; capitão de mar e guerra em 24/04/1913. Sua promoção ao posto de contra-almirante verificou-se em 1918 tendo logo após apresentado o seu pedido de reforma. Entre as comissões que desempenhou o ilustre almirante, destacam-se o comando do cruzador ‘Barroso’ na viagem à Ilha da Trindade; a demarcação de limites entre a Bolívia e o Brasil; o comando do corpo de marinheiros nacionais; a de inspetor da fazenda e fiscalização e a de diretor

⁵⁹⁶NAVAL History and Heritage Command. “USS Pittsburgh (CA-4). Collection of Lieutenant Commander Ellis M. Zacharias, USN, 1931 (tradução nossa). Disponível em: <https://www.history.navy.mil/content/history/nhnc/our-collections/photography/numerical-list-of-images/nhnc-series/nh-series/NH-50000/NH-50076.html>. Acesso em: 18 jun. 2024.

do Arquivo e Biblioteca da Marinha. O enterro do ilustre almirante realiza-se hoje saindo o préstito fúnebre da casa acima indicada, às 17h. As honras fúnebres serão prestadas por uma brigada da Marinha.⁵⁹⁷

A popularização da Ilha da Trindade, a nova viagem do ‘Barroso’ e a relação do Brasil com os países “aliados”

Em abril e maio de 1919, os jornais *O Paiz* e *A Razão* deram destaque a uma série de conferências que seriam realizadas a partir do dia 8 de maio daquele ano no MN. Uma dessas conferências era a do professor Betim Paes Leme sobre os aspectos geográficos da Ilha da Trindade.⁵⁹⁸ As palestras e conferências sobre os diferentes aspectos científicos e ambientais da Ilha da Trindade, como esta do professor Betim Paes Leme e as proferidas pelo professor Hugo Braga, no MN, em 1917, e pelo professor Bruno Lobo, em 1918, na BN, foram amplamente divulgadas na imprensa brasileira, contribuindo desta forma para a popularização e divulgação científica da Ilha da Trindade.

Além do início desta série de palestras, outro evento ocorrido no mês de maio de 1919, teve destaque na imprensa brasileira: a viagem do “Barroso” a Trindade. No dia 21 de maio, sob o comando do Capitão de Mar e Guerra Raul Oscar de Faria Ramos, o cruzador “Barroso” saiu do porto do Rio de Janeiro em direção à Ilha da Trindade.⁵⁹⁹ O Almirante Mourão dos Santos, Chefe do EMA, passou em revista a respectiva guarnição do cruzador antes dele iniciar a sua quinta viagem à Trindade desde o início da ocupação militar da ilha coordenada pela MB. O almirante assistiu à partida do “Barroso” a bordo do contratorpedeiro “Sergipe”. “Ao deixar o porto, o cruzador [...] trocou sinais de despedida e de boa viagem com os quartéis das ilhas das Cobras, de Villegaignon e da Fortaleza de Santa Cruz”.⁶⁰⁰

Nessa viagem, o “Barroso” levou os víveres e sobressalentes para a estação radiotelegráfica e para a guarnição militar da ilha, bem como os oficiais, suboficiais e praças que estavam indo substituir os que lá se encontravam e iriam regressar ao Rio de Janeiro. Pelo EMA foram designados para servir em Trindade, como oficial médico, o Primeiro-Tenente Médico Dr. Pedro de Moraes e Matos em substituição ao seu colega Aníbal Bittencourt; e como

⁵⁹⁷FALLECEU o almirante Lamenha Lins. *A Epoca*. Rio de Janeiro-RJ, 30 de março de 1919, p.3.

⁵⁹⁸MUSEU Nacional. *O Paiz*, Rio de Janeiro, RJ, 27 abr. 1919, p. 7; CONFERÊNCIAS. *A Razão*, Rio de Janeiro, RJ, 30 de abril de 1919, p. 7; CONFERÊNCIAS. *O Paiz*, Rio de Janeiro, RJ, 6 mai. 1919, p. 4.

⁵⁹⁹MINISTERIO da Marinha. *O Paiz*, Rio de Janeiro, RJ, 21 mai. 1919, p. 4; JORNAL do Commercio, Rio de Janeiro, RJ, 22 mai. 1919, p. 1; O ‘BARROSO’ partiu. *A Rua*, Rio de Janeiro, RJ, 21 mai. 1919, p. 1.

⁶⁰⁰O ‘BARROSO’ partiu para a Trindade. *A Noite*, Rio de Janeiro, RJ, 21 mai. 1919, p. 4.

comandante do destacamento militar da ilha, o Primeiro-Tenente Oswaldo Osíris Storino, no lugar do oficial de igual patente, Joaquim Terra da Costa.⁶⁰¹ Os jornais ainda não sabiam, mas o novo destacamento militar da Ilha da Trindade levado pelo “Barroso”, seria, na verdade, o último a guarnecer o local neste primeiro período de ocupação brasileira permanente da ilha.

Mesmo após o término da guerra, notícias relacionadas com a Ilha da Trindade como o naufrágio da escuna “Chaska” e as viagens do “Benjamin Constant” e do “Barroso” para a ilha, continuavam tendo espaço nos noticiários, assim como a questão que envolveu a Inglaterra e o Brasil na disputa diplomática travada pela soberania de Trindade, há mais de duas décadas. Esta questão voltou a ser citada em alguns artigos de jornais que abordavam diferentes aspectos do cenário internacional neste período pós-guerra.

Um desses artigos, publicado no jornal *Republica*, defendia a ideia de que o Brasil só teria a lucrar com “a passagem dos títulos brasileiros para os EUA que sempre se têm mostrado nossos amigos”.⁶⁰² De acordo com este artigo, os EUA sempre trataram o Brasil com a máxima distinção, ao contrário da Inglaterra, com a sua atitude na questão da Ilha da Trindade.⁶⁰³

Outro artigo, publicado na primeira página do jornal *Gazeta de Noticias*, fazia severas críticas ao governo francês e, em um certo tom de ameaça, afirmava que o Brasil havia entrado na guerra “por uma questão de dignidade nacional” e não iria se subordinar “ao ponto de vista estreito” da França, pois essa era a tradição do Brasil que os ingleses puderam testar quando tentaram se apossar da Ilha da Trindade, em 1895.⁶⁰⁴

O Sr. George Clemenceau, Primeiro-Ministro de França, não se contentou somente em opor o seu veto a nossa justa pretensão de propriedade dos navios ex-alemães. Sua excelência foi além para manifestar a sua gratidão por tudo quanto o Brasil fez pela França: quer aumentar o imposto da entrada do nosso café no seu país. O governo francês talvez tenha razão... Afinal de contas, para ele, cuja ignorância geográfica é proverbial, este Brasil deve continuar a ser esse país de *lá-bas*, cheio de cobras, mosquitos e imbecis [...]. Nessa luta em que a França, pelo atual gabinete, procura empenhar-se contra o Brasil ela tem muito mais a perder do que nós. E garantimos que para ela é muito mais fácil tomar conta das bacias do Sarre, de toda a margem direita do Reno, de se apossar da Alemanha inteira, do que subordinar o Brasil ao seu estreito ponto

⁶⁰¹DIARIO de Pernambuco, Recife, PE, 18 mai. 1919, p. 3; MINISTERIO da Marinha. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 20 mai. 1919, p. 3; Correio da Manhã, Rio de Janeiro, RJ, 20 mai. 1919, p. 2; O IMPARCIAL Rio de Janeiro, RJ, 21 mai. 1919, p. 6; O ‘BARROSO’ parte hoje para Trindade. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 21 mai. 1919, p. 2; O ‘BARROSO’ partiu. **A Rua**, Rio de Janeiro, RJ, 21 mai. 1919, p. 1; O ‘BARROSO’ partiu para a Trindade. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ, 22 mai. 1919, p. 2.

⁶⁰²A PASSAGEM dos títulos brasileiros para os Estados Unidos. **Jornal Republica**, Florianópolis, SC, 16 mai. 1919, p. 1.

⁶⁰³*Ibid.*

⁶⁰⁴NOSSOS amigos de França.... **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, RJ, 14 jun. 1919, p. 1.

de vista. Porque nós não precisamos de nenhum favor. Entramos na guerra sem precisar fazer negócios de diplomacia secreta. Entramos quando nos aprouve, por uma questão de dignidade nacional, sem que careçamos de nos abrigar atrás de ninguém. Essa é, aliás, a nossa tradição: e a Inglaterra o pôde testar quando foi do incidente da Ilha da Trindade [...].⁶⁰⁵

Já o *A Razão* fez uma correlação entre a questão da Ilha da Trindade com o fato de a Inglaterra ser, entre as grandes nações, a menos popular no Brasil:

Quando dizemos menos popular, não nos referimos evidentemente aos sentimentos das altas classes, das classes intelectuais, que conhecendo bem a nossa história, sabem quanto devemos à amizade britânica um dos mais poderosos fatores do reconhecimento da nossa Independência em 1825. Queremos aludir às classes populares para as quais a influência mais poderosa é sempre a do último fato. E como a Inglaterra teve conosco recentemente um grave conflito por causa da Ilha da Trindade, o povo brasileiro a incluía entre os santos que não eram do seu altar.⁶⁰⁶

Ainda de acordo com o artigo do *A Razão*, esta pouca simpatia com os ingleses e a admiração do povo brasileiro pela França puderam ser comprovadas quando o Brasil fez uma grande manifestação no dia 4 de julho de 1917, em homenagem ao dia da Independência dos EUA, que foi o primeiro país do continente americano a declarar guerra à Alemanha.⁶⁰⁷

Para tomar parte nessa parada comemorativa da data da Independência americana, desceram à terra as guarnições do ‘New Castle’, cruzador inglês, e do ‘Marseillaise’, cruzador francês, além dos marinheiros dos navios americanos da divisão do Atlântico Sul. O senhor Nilo Peçanha no decreto de rompimento das relações com a Alemanha, fez sentir que assim agiram em atenção aos Estados Unidos e à doutrina de Monroe. Pois bem, quando todos as marujas estrangeiras, depois da parada, passaram triunfalmente pela Avenida Rio Branco, a mais aclamada e festejada não foi a americana, mas a francesa. À inglesa foram dadas apenas alguns vivas muitos chochos. Isso mais do que qualquer outro argumento definiu o profundo amor que nos ligava à França.⁶⁰⁸

Mas, segundo o *A Razão*, a França estava tratando o Brasil com desprezo, chegando a ignorar a participação do país no Conselho Executivo da Liga das Nações, do qual a França fazia parte.⁶⁰⁹

⁶⁰⁵NOSSOS, ref. 604.

⁶⁰⁶DESLOCAMENTO do eixo. *A Razão*, Rio de Janeiro, RJ, 22 mai. 1919, p. 2.

⁶⁰⁷*Ibid.*

⁶⁰⁸*Ibid.*

⁶⁰⁹*Ibid.*

Todos os jornalistas que acompanharam a nossa embaixada na Conferência da Paz voltaram da França decepcionados e cheios de uma revolta íntima contra os franceses. Foram tratados como desprezíveis representantes de uma nação insignificante. [...]. A imprensa francesa tão irrequieta e cheia de curiosidade parece ter-se combinado para nos cercar do mais completo e significativo silêncio. Enquanto isso se passava e ainda se está passando, a Inglaterra, nação de admirável faro político e diplomático e cujos conhecimentos de Geografia são universalmente reconhecidos [...] tratou de nos cercar de toda a consideração, mostrando assim que compreende o nosso valor atual e principalmente o nosso valor futuro. Desde a esquadra brasileira que foi à Europa tomar parte na guerra até a nossa embaixada, tudo quanto foi brasileiro foi tratado pela Inglaterra com provas de especial carinho e amizade, o que concorreu para que a missão do doutor Eptácio Pessoa tivesse o êxito que se sabe na Conferência da Paz. [...]. Por tudo isso, está se dando aceleradamente um deslocamento do eixo das nossas relações internacionais: a Inglaterra como a Itália está sem esforço tomando o lugar afetivo e moral que aqui por muitos anos ocupou a França.⁶¹⁰

O dia a dia da guarnição militar na Ilha da Trindade

Quando voltou da Ilha da Trindade, onde permaneceu de 24 de maio a 1 de setembro de 1919 (data do fim da ocupação), o Primeiro-Tenente Oswaldo Osiris Storino teve de contar “centenas de vezes, histórias de caranguejos, tartarugas, a terceira ocupação inglesa, a lenda do tesouro etc.”⁶¹¹

Segundo ele (1987), essas histórias nunca foram passadas para o papel. Estavam presentes somente na sua memória. Até que, décadas depois, estimulado pelo Serviço de Documentação Geral da Marinha, ele, já no posto de almirante, finalmente escreveu, “com atraso de quase 70 anos”⁶¹², dois artigos que foram publicados em 1986 e 1987 na Revista Marítima Brasileira, (trechos do conteúdo destes artigos já foram anteriormente citados), contando detalhes da sua rotina na ilha e até de quando foi convidado a assumir o comando da força militar que lá servia, entre outras histórias. O primeiro artigo (1986) já foi abordado neste trabalho e trata da viagem que Storino fez a Trindade no “Tiradentes”, em 1917. Um resumo do segundo artigo (1987), que revela a rotina e seus últimos dias na ilha como comandante do último destacamento militar da primeira missão brasileira de ocupação permanente de Trindade, será apresentado a seguir.

⁶¹⁰DESLOCAMENTO, ref. 606.

⁶¹¹STORINO, ref. 51, p. 43.

⁶¹²*Ibid.*

Corria o mês de maio, tinha eu 23 anos de idade e apenas dez meses no posto de primeiro-tenente. Fui chamado ao Estado-Maior da Armada e levado à presença do Subchefe, que já me conhecia por ter sido Diretor da Escola Naval em 1914, quando eu cursava o terceiro ano. Sabendo que eu era músico *dileitante*, indagou qual o instrumento de minha preferência. Ao saber que era o piano, foi taxativo: ‘Assim não dá; o transporte é difícil, e o desembarque, impossível: leve um violino.’ Compreendi logo que se tratava de missão na Ilha da Trindade porque, na saleta de espera, dois colegas, assustados, aguardavam o resultado da minha presença no EMA. Se eu fizesse alguma ponderação justa, seria dispensado, e um dos dois seria escalado. Eu tinha fortes motivos para pedir dispensa: grave enfermidade de meu pai e estava cursando a Escola Politécnica para candidatar-me ao Quadro de Engenheiros Navais. O Subchefe do EMA era um pouco ríspido, mas justo. Entretanto, nada ponderei: declarei-me pronto para cumprir as ordens.⁶¹³

Storino assumiu o comando do destacamento militar da Ilha da Trindade no dia 24 de maio de 1919. Neste dia, ao encontrar o oficial que ele iria substituir, o Primeiro-Tenente Joaquim Terra da Costa, o novo comandante ficou profundamente impressionado com a emoção do colega: “A perspectiva da volta ao Rio parecia-lhe um sonho, com a reconquista da liberdade; trêmulo, alagado de suor, quase não podia falar. Confessou-me que a permanência na ilha tinha sido um grande sacrifício.”⁶¹⁴

A viagem no “Barroso” que levou Storino até Trindade não teve percalços no caminho. Porém, o desembarque foi, nas suas palavras, “sacrificante e perigoso, muito dependente das condições de mar e vento.”⁶¹⁵ Algumas expedições, segundo ele, não conseguiram chegar à terra, como as de Dumont Derville e de Silveira da Moita, ocorridas, respectivamente, em 1826 e 1871.

Para retratar o desafio que representava o desembarque em Trindade, o Almirante Storino lembrou que o “Barroso”, em 1916, precisou de mais de 10 tentativas para desembarcar os primeiros expedicionários que deram início à ocupação contínua da ilha. De acordo com o Almirante Storino, a melhor maneira de alcançar a terra em Trindade, naquela época, era ir de jangada até as praias dos Portugueses, Marco do Andrada, Vermelha e Príncipe; ou de escaler até o Porto da Canoa e a Praia da Cachoeira a oeste. Já a utilização de uma balsa para o desembarque tornava a travessia entre o navio e a ilha, um tanto quanto perigosa.

Sangram-se mãos e dedos; os pés ferem-se na muralha de coral paralela à praia; muito carregada, corria o risco de virar ou não vencer a arrebentação; muito leve, multiplicava as viagens para escoamento da carga e castigava o

⁶¹³STORINO, ref. 51, p.43-44.

⁶¹⁴STORINO, ref. 51, p. 44.

⁶¹⁵*Ibid.*, p. 45.

pessoal. Creio que apesar do helicóptero, hoje (a balsa) ainda é utilizada, embora alada por sarilho fixado em terra, com cabo de manilha, e usando os aparelhos de força do navio.⁶¹⁶

Além do posto de comandante, Storino também acumulava a função de encarregado da estação meteorológica de segunda classe da Ilha da Trindade. Diariamente, às 9h, 14h e 21h, ele observava e registrava as indicações dos aparelhos que compunham essa estação (Figura 89), e à noite, por meio da estação radiotelegráfica da ilha, transmitia para o ON, em código, todos os dados meteorológicos registrados. “Muito aprendi com os ensinamentos contidos no excelente livro sobre meteorologia, de Sampaio Ferraz. Era, além disso, uma boa ocupação, que me ajudava a passar o tempo.”⁶¹⁷

Figura 89: Comandante Storino registrando dados da estação meteorológica da Ilha da Trindade (1919).



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo DPHDM/Coleção: O.O. Storino (1919).
Foto: O.O. Storino (1919). Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

⁶¹⁶STORINO, ref. 51, p. 45.

⁶¹⁷STORINO, ref. 51, p. 46.

Entre as obrigações da organização militar na ilha estava o cumprimento da tabela: “Alvorada, horário de refeições, distribuição de fainas adequadas ao local, exercícios convenientes à saúde do pessoal, recreio e silêncio. Estimular divertimentos cabíveis, evitando o mau humor, era também nossa preocupação (manter o moral elevado).”⁶¹⁸

Manter a saúde física e mental era um grande desafio para todos que viviam ali isolados do mundo pois havia muitos fatores adversos como as dificuldades de comunicação com o continente: não havia instalação telefônica, nem jornais ou revistas para saber das notícias da família, dos amigos e do Brasil. A comunicação via radiotelegrafia era feita em código e sujeita a interrupções causadas por mau tempo ou defeitos na estação de radiotelegrafia. A eficiência desta estação dependia de um mastro metálico estaiado à beira-mar, com 52,50 m de altura, que vinha sofrendo há dois anos a ação constante de vento e chuva. Além disso, Storino elencou outra série de problemas:

Por economia de combustível, a iluminação elétrica era interrompida ao toque de silêncio; o estoque de alimentos perecíveis durava pouco por falta de refrigeração; havia predominância de artigos enlatados, o que, além de aumentar a salinidade, oferecia o risco de botulismo; a alimentação, na base de enlatados, de carne seca, bacalhau, siris, caranguejos e frangos com gosto de maresia (porque mariscavam na praia), não favorecia a abstinência sexual da coletividade masculina ali segregada; não havia igreja, cinema, auditório, aparelhos de rádio, televisão, liquidificador, refrigerantes; eram impraticáveis a natação, remo ou vela.⁶¹⁹

Por outro lado, a paisagem tranquila, o horizonte repousante, o ar puro sem poluição alguma, a temperatura amena, as noites estreladas, o silêncio quebrado apenas pelo barulho das ondas quebrando na praia suavizavam a vida de todos ali. Na ilha também não circulava dinheiro. “Não chegavam ao nosso conhecimento crimes, congestionamento de trânsito, inflação alarmante, jogo do bicho; não havia a angústia do Fla-Flu.”⁶²⁰

Com o desejo de registrar os seus melhores momentos na ilha, Storino levou consigo uma máquina fotográfica (Kodak-Brown). Na casa de madeira onde morou, montou uma câmara escura e passou a revelar ali as muitas fotos que tirou no período em que lá esteve. Essas fotos, segundo ele, foram mal guardadas e muitas delas sofreram danos irreparáveis. Parte delas, no entanto, estão preservadas nos acervos do DPHDM e foram digitalizadas para a publicação

⁶¹⁸STORINO, ref. 51, p. 48.

⁶¹⁹STORINO, ref. 51, p. 49.

⁶²⁰*Ibid.*

neste trabalho. Para amenizar o sacrifício de viver na Ilha da Trindade, Storino levou uma vitrola de manivela, corda e megafone, junto com os discos de sua coleção de música erudita que incluía Beethoven, Chopin e Tchaikovski. Era comum ouvir músicas durante o almoço ou jantar. Outra atividade realizada com frequência pelo Comandante Storino eram as excursões pela ilha (Figuras 90 e 91), em companhia do Primeiro-Tenente Médico Dr. Pedro de Moraes e Mattos, além dos “corajosos subalternos ali estacionados.”⁶²¹ O maior obstáculo dessas excursões era a natureza hostil do solo:

Os desmoronamentos, secularmente provocados pelas chuvas e ventos, eram agravados pela insidiosa ação dos caranguejos e ratos, mesmo em locais elevados. [...] Atingindo audaciosamente todos os pontos altos e esconderijos de grazina, corremos sempre o risco de quedas fatais com a imprevisível e quase instantânea desagregação de fragmentos de lavas. Com que serenidade contemplávamos, do alto, aquele panorama deserto! Nunca vimos embarcações nas proximidades; o céu e o mar nos deixavam extasiados. Um dos primeiros pontos que galgamos foi o Pico da Grazina a 400 m de altura, dali descortinando o Pão-de-Açúcar e o Morro do Paredão. Nosso alpinismo continuou, sempre com entusiasmo, comemorando datas como Onze de Junho, Santo Antônio, São João e São Pedro, estas últimas com belas fogueiras.⁶²²

Figura 90: Excursões pela Ilha da Trindade (1919).



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo DPHDM/Coleção: O.O. Storino (1919).
Foto: O.O. Storino (1919). Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

⁶²¹STORINO, ref. 619.

⁶²²*Ibid.*

Figura 91: Excursões pela Ilha da Trindade (1919).



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo DPHDM /Coleção: O.O. Storino (1919).
Foto: O.O. Storino (1919). Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

Aos domingos e nas datas relevantes, todos usavam o uniforme branco e “a bandeira nacional era içada (Figura 92) com maior solenidade, toques e cânticos.”⁶²³

Figura 92: Içamento da Bandeira na ilha (1919).



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo DPHDM /Coleção: O.O. Storino (1919).
Foto: O.O. Storino (1919). Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

⁶²³STORINO, ref. 619.

Outra importante atividade realizada na ilha era cuidar dos animais que, de certa forma, garantiam a alimentação da guarnição. Ali eram criados um touro e um boi; duas vacas; muitas cabras, cabritos, bodes, carneiros, ovelhas, porcos, galinhas comuns, galinhas-d'angola (que foram apelidadas de “a famosa banda alemã da ilha”) e pombos.

Diariamente, os habitantes da ilha tinham à sua disposição leite e ovos. Havia também uma pequena horta que proporcionava uma alimentação mais saudável, enriquecida com legumes e saladas.

É interessante observar o contraste: em vez de canhões, torpedos, minas, agulha giroscópica, cronômetros etc., cuidávamos de animais domésticos e plantas como bananeiras, limoeiros, tomateiros e outros artigos prosaicos, invadindo a seara dos agrônomos e veterinários. Aquilo, afinal, era uma granja. A vida e as nações são feitas efetivamente de contradições e mudanças.⁶²⁴

Entre os poucos livros que Storino encontrou na ilha, ele fez questão de citar uma obra que ele considerou monumental: *A História da Guerra do Paraguay*, escrita por Max von Versen, um enviado especial do rei da Prússia e traduzida pelo Visconde do Rio Branco. “A permanência na ilha me possibilitou lê-la até o fim com a serenidade que a extensão da obra exige.”⁶²⁵

Figura 93: Alojamento dos oficiais (1919).



Fonte: Arquivo da Marinha/ Acervo DPHDM/Coleção: O.O. Storino (1919).
Foto: O.O. Storino (1919). Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

⁶²⁴STORINO, ref. 51, p. 50-51.

⁶²⁵*Ibid.*, p.51.

Apesar de achar “o esporte mais chato do mundo”⁶²⁶, Storino disse que a pesca constituía um prazer para a maior parte do pessoal que servia na ilha (Figura 94). Uma espingarda Flaubert era o instrumento de pesca do Dr. Pedro de Moraes e Mattos. Muitos marujos conseguiam pescar jogando pedras. “Eu me deliciava com frequência com as garoupas que me ofereciam e eram habilmente preparadas pelo mestre-cuca. Detestei a carne e os ovos de tartaruga, embora o cozinheiro tivesse feito os maiores esforços para tomá-los apetitosos”.⁶²⁷

Figura 94: Parte da guarnição militar em uma pescaria na entrada do Túnel (1919).



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo DPHDM /Coleção: O.O. Storino (1919).
Foto: O.O. Storino (1919). Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

Sobre a passagem dos portugueses na ilha, no século XVIII, o comandante estranhou o fato de não haver encontrado nenhum vestígio de um santuário ou de ruínas de um templo, pois segundo ele: “Em suas andanças pelas terras conquistadas, os portugueses, tradicionalmente católicos, erigiam logo capelas ou igrejas modestas ou suntuosas”.⁶²⁸ A construção antiga que

⁶²⁶STORINO, ref. 51, p. 51.

⁶²⁷*Ibid.*

⁶²⁸*Ibid.*

mais chamou a sua atenção foi “uma estrada pavimentada de pedras que revelava tenacidade comparável aos trabalhos do antigo Egito (Figura 95).”⁶²⁹

Figura 95: Estrada de pedras construída pelos portugueses em Trindade (1919).



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo DPHDM/Coleção: O.O. Storino (1919).
Foto: O.O. Storino (1919). Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

Lembrando das imprudências que cometeu na ilha, o Almirante Oswaldo Osíris Storino culpou o ímpeto natural da mocidade. Perigosamente, várias vezes ele se aproximou da boca do túnel (Figura 96), local que o fascinava; procurou nascentes d'água entre arbustos e em solos pedregosos; arriscou-se, tentando caçar cabras selvagens, que nunca chegou a ver; mergulhou e nadou “sem avaliar o perigo que corria, numa piscina que a própria natureza formou, colocando uma antepara rochosa entre o lago e o oceano. Com violência a onda galgava a muralha de pedra e rolava como uma cachoeira para dentro da piscina.”⁶³⁰

Pouco antes de setembro, Storino esperava ser substituído no Comando por um colega de maior ou igual patente. Mas, isso não iria acontecer. O motivo: o primeiro-Ministro civil da Marinha, Raul Soares, sob o mandato do então atual presidente da República Eptácio Pessoa, havia determinado que fosse retirado o destacamento da Ilha da Trindade por ser “desnecessária

⁶²⁹STORINO, ref. 51, p. 51.

⁶³⁰*Ibid.*

e dispendiosa a sua ocupação militar permanente”.⁶³¹ A princípio, o material ali existente deveria ficar acondicionado e disposto de modo a ser garantida a sua conservação na ilha. Mas depois ficou resolvido que o material de fácil remoção deveria retornar para o Rio de Janeiro. “Foi, portanto, com surpresa, que recebi a ordem de regresso, com a agravante do abandono. Minha exoneração consta da Portaria da Inspetoria da Marinha nº 4.148, de 10 de setembro de 1919.”⁶³², escreveu Storino.

Figura 96: Entrada do Túnel (1916).



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo DPHDM /Coleção: O.O. Storino (1919).
Foto: O.O. Storino (1919). Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

A decisão de desocupar a ilha significava um grande desafio para o Comandante Storino devido à complexidade e o tempo reduzido para cumprir a missão.

O cruzador ‘Barroso’ não podia ficar longo prazo à nossa disposição para que o transporte do que lá estava fosse feito com critério. O canhão Armstrong 76 mm, por exemplo, foi desmontado, as espécies catalogadas, protegidas com graxa e postas em engradados. A estação de rádio teria de funcionar até o fim. Os alimentos continuariam no paiol à nossa disposição enquanto houvesse gente na ilha. Nos prédios de madeira, até a última hora, teríamos louça e móveis em uso. O atropelo era inevitável. Assumi a responsabilidade da

⁶³¹MINISTERIO da Marinha. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 17 ago. 1919, p.3.

⁶³²STORINO, ref. 619.

operação, deixando na ilha o que absolutamente não podia ser removido. Fui bem-sucedido.⁶³³

De acordo com *O Jornal*, o EMA de vez em quando iria mandar a Trindade um navio de guerra para remover para o Rio de Janeiro o material que não pudesse ser conduzido. No caso do farol que foi instalado na ilha e que era abastecido de dois em dois anos, ele seria, a princípio, mantido pelas autoridades navais por ser um equipamento necessário à navegação.⁶³⁴

Figura 97: Pilar da Ilha da Trindade. Na foto, o Comandante O.O. Storino e o Primeiro-Tenente Médico Pedro de Moraes e Mattos apoiado no Pilar (1919).



Fonte: Arquivo da Marinha/ Acervo DPHDM / Coleção: O.O. Storino (1919).
Foto: O.O. Storino (1919). Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

No dia 28 de agosto de 1919, o cruzador “Barroso” da 2ª Divisão Naval e sob o comando do Capitão de Mar e Guerra José Francisco de Moura (Figura 98) partiu às 15h do Rio de Janeiro com destino à Ilha da Trindade com a missão de buscar o pessoal da guarnição e parte do material ali existente.⁶³⁵

⁶³³STORINO, ref. 48, p. 51-52.

⁶³⁴A OCUPAÇÃO militar da Ilha da Trindade foi acabada. **O Jornal**, Rio de Janeiro, RJ, 19 ago. 1919, p. 3.

⁶³⁵RUMO à Trindade. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, RJ, 29 ago. 1919, p. 3.

Figura 98: Capitão de Mar e Guerra José Francisco de Moura.



Fonte: Acervo da família.

O embarque no “Barroso” do pessoal que estava na ilha, realizado no dia 02 de setembro de 1919, quase acabou em tragédia, como revelou o Almirante Storino:

Para nosso consumo foram abatidos vários animais, entre os quais um bovino. Ocorreu-me levar um quarto de carne fresca para melhoria do rancho do ‘Barroso’; não foi uma imprudência, foi uma insensatez. A carne depositada no estrado inferior da balsa ainda sangrava, tingindo as ondas. Vimo-nos perseguidos por cações ou tubarões audaciosos. Repelidos por cróques, remos e facões, eles investiam e, na travessia até o escaler e neste até o ‘Barroso’, quase perdemos a batalha. Houve um milagre.⁶³⁶

O “Barroso” chegou ao porto do Rio de Janeiro no dia 05 de setembro de 1919, fundeando às 11h30. A missão de trazer o pessoal do destacamento militar que se encontrava na Ilha da Trindade, bem como material mandado transportar por ordem do EMA, foi realizado com êxito e sem incidentes. “A estação radiotelegráfica que foi instalada na Ilha da Trindade cujos serviços foram valiosos durante a guerra”⁶³⁷ também foi transportada para o Rio. O comandante desse cruzador o Capitão de Mar e Guerra José Francisco de Moura, apresentou-se às autoridades da Armada logo depois de haver chegado, assim como o Primeiro-Tenente Osvaldo Osiris Storino.⁶³⁸

⁶³⁶STORINO, ref. 48, p. 52.

⁶³⁷O ‘BARROSO’. *A Federação: Orgam do Partido Republicano*, Porto Alegre, RS, 9 set. 1919, p. 5.

⁶³⁸MINISTERIO da Marinha. *O Paiz*, Rio de Janeiro, RJ, 6 set. 1919, p. 4.

O “Barroso” chegou dias antes do previsto, de acordo com alguns jornais.⁶³⁹ Pelas informações fornecidas à imprensa pelo próprio Ministério da Marinha o referido cruzador só estaria de volta depois do dia 10 do corrente.⁶⁴⁰ De acordo com o *Gazeta de Noticias*, o Almirante Gomes Pereira chefe do EMA mandou enviar um telegrama para o comandante do cruzador “Barroso”, quando este já havia chegado em Trindade, determinando-lhe que só regressasse de lá depois do dia 10 de setembro.⁶⁴¹ Como os representantes da imprensa não foram informados sobre a antecipação da chegada do “Barroso” ao Rio de Janeiro, o *Jornal do Brasil* lamentou o ocorrido:

Esse modo de dar informações aos representantes dos jornais é muito usual na Armada. Ele é profundamente lamentável porque no caso não se trata apenas do interesse da Marinha e sim, das famílias dos oficiais e praças que estão servindo em determinados vasos de guerra. [...] Esse modo irregular de dar notícias deve merecer não só a atenção do doutor Raul Soares como do próprio chefe do Estado Maior da Armada. Não se trata de desvendar segredos militares, não se justificando, portanto, esse sigilo, esse verdadeiro disparate.⁶⁴²

A decisão do EMA de deixar a Ilha da Trindade novamente desguarnecida teve grande repercussão na imprensa brasileira. Enquanto alguns jornais apenas noticiaram o fato em pequenas notas, outros optaram por publicar artigos mais aprofundados sobre o tema. O *Jornal do Brasil*, por exemplo, escreveu um artigo resumindo a história da Ilha da Trindade, incluindo dados e informações sobre a sua descoberta, sua ocupação pelos portugueses, a lenda dos tesouros ali escondidos por piratas, a tentativa em vão da Inglaterra de apossá-la, a soberania brasileira sobre a ilha, a difícil logística da MB de manter lá permanentemente uma guarnição militar, entre outras questões, e ainda fez algumas críticas à ocupação:

Logo no início dessa ocupação era bem difícil a vida na Trindade, pela carência de elementos que só com o tempo se foram acumulando. Os primeiros habitantes prepararam para os vindouros um terreno mais confortável sendo que nos últimos 10 meses já se gozava na ilha de um relativo bem-estar. Clima dos mais hospitaleiros, terra cultivável, se bem que em trecho muito reduzido da sua extensão, água nascente, abundância de pesca e alguma caça, eram os meios naturais que a terra oferecia para a subsistência dos seus povoadores. Estes chegaram e trouxeram consigo as infalíveis armas

⁶³⁹JORNAL do Commercio, Rio de Janeiro, RJ, 6 de set. de 1919, p. 4; O REGRESSO do ‘Barroso’. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, RJ, 6 set. 1919, p. 6; A ILHA da Trindade. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, RJ, 4 set. 1919, p. 3; NOTAS officiaes. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 4 set. 1919, p. 6.

⁶⁴⁰O REGRESSO do ‘Barroso’. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, RJ, 6 set. 1919, p. 6.

⁶⁴¹A ILHA da Trindade. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, RJ, 4 set. 1919, p. 3.

⁶⁴²O REGRESSO, ref. 633.

do progresso com que desbastaram as rudezas selvagens da natureza que encontraram. Assim é que dentro em pouco era a ilha dotada de construções para o abrigo da gente, iluminação elétrica, canalização de água para as casas, um posto de observação meteorológica e uma estação de telegrafia sem fio que diariamente recebia do Rio de Janeiro as mais frescas notícias do Brasil e do mundo. Desta sorte, deixar a Trindade de ser o degredo que era dantes, o buraco recôndito da terra escolhido pelo pirata para ocultar os roubos sacrílegos de que jamais lançou mão. Por dificuldade de desembarque nunca poderia a ilha ser fortificada a ponto de precaver-se contra prováveis assaltos. Assim, até se tornava irrisória a sua ocupação militar estabelecida por ocasião da grande guerra absolutamente inútil diante do que por acaso poderia acontecer. De três em três meses, a guarnição composta de oficiais inferiores e marinheiros, cada um com a sua função, que nada mais adiantava do que conservar o existente, era renovada — aliás, com critério e pontualidade. Pelo que se conclui não possuía para nossa Trindade outra vantagem do que essa de obrigar a Marinha a fazer sair um dos seus navios quatro vezes por ano para conduzir para a ilha novos homens e a sua competente manutenção. Desta maneira e com segurança, partia do nosso porto a nau de guerra com grandes lucros para a sua tripulação que tinha para o seu *metier* o melhor e mais eficaz ensejo de aperfeiçoar a sua aprendizagem. A esta hora, as ordens já serão expedidas para a desocupação da famosa ilha. De novo, ver-se-á ela, entregue à sua natureza bruta, ao domínio ufano dos seus penhascos e à sobrançeria irritada dos seus caranguejos, os primeiros habitantes — únicos —, a quem por força e por direito competem os planos de uma verdadeira ocupação militar.⁶⁴³

Figura 99: A vila militar vista da casa do Comando.



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo DPHDM /Coleção: O.O. Storino (1919).
Foto: O.O. Storino (1919). Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

⁶⁴³A ILHA da Trindade. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, RJ, 20 ago. 1919, p. 6.

Figura 100: Casas de madeira na ilha (1919).



Fonte: Arquivo da Marinha/Acervo DPHDM / Coleção: O.O. Storino (1919).
Foto: O.O. Storino (1919). Reprodução da foto original: Claudio Ciambelli (2023).

Outros jornais também criticaram a política do governo brasileiro de guarnecer militarmente a Ilha da Trindade de forma contínua. De acordo com uma publicação do *O Jornal*, nesses mais de três anos de ocupação ininterrupta da Ilha da Trindade: “Gastou-se muito dinheiro e gastar-se-ia mais se não fosse a providência agora adotada. E a Trindade vai cair novamente em esquecimento a não ser que se organizem novas expedições para a descoberta dos grandes tesouros que ela encerra.”⁶⁴⁴

Mas nem todos os jornais foram a favor da desocupação. Em uma pequena nota publicada em 19 de agosto de 1919, o *Jornal Pequeno* sugere que parte da imprensa havia reprovado a resolução do doutor Raul Soares, Ministro da Marinha, retirando o destacamento militar da Ilha da Trindade.⁶⁴⁵

Em uma segunda publicação, *O Jornal*, em tom de ironia, alerta que com a Ilha da Trindade agora desocupada militarmente e entregue à guarda dos caranguejos que nunca a abandonaram, era possível que os caranguejos do Pacífico, “maiores, mais pesados e mais saborosos do que os caranguejos do Atlântico”⁶⁴⁶, tivessem ido para lá iniciar uma intensa

⁶⁴⁴A OCUPAÇÃO militar da Ilha da Trindade foi acabada. **O Jornal**, Rio de Janeiro, RJ, 19 ago. 1919, p. 3.

⁶⁴⁵TELEGRAMMAS. **Jornal Pequeno**, Recife, PE, 19 ago. 1919. p. 3.

⁶⁴⁶A SITUAÇÃO internacional dos caranguejos. **O Jornal**. Rio de Janeiro, RJ, 21 set. 1919, p. 2.

colonização. Foram parar nas águas do Atlântico levados por pescadores de caranguejos. Segundo a publicação, os caranguejos do Pacífico que foram levados para colonizar as águas atlânticas “levavam pequenas chapas de metal com inscrições em duas línguas pedindo que fosse avisado o competente departamento americano do lugar e data em que fossem pescados”.⁶⁴⁷ Por causa destes crustáceos, sugeriu a reportagem, o Brasil deveria enviar a Trindade uma comissão de inquérito. Afinal, atrás dos caranguejos, poderiam vir os pescadores; atrás dos pescadores, os capitalistas; e atrás dos capitalistas, os soldados. Conclusão: a Ilha da Trindade estaria correndo um sério risco de ser invadida novamente por forças militares estrangeiras por causa dos caranguejos do Pacífico.

Desde o dia 2 de setembro de 1919, o poste de luz A.G.A que estava funcionando na Ilha da Trindade foi retirado “por ordem superior”.⁶⁴⁸ Para minimizar as chances de acontecer um acidente marítimo durante à noite, em torno da ilha, a Superintendência de Navegação do Ministério da Marinha, sob o comando do Almirante Américo Brasília Silvano, publicou no mesmo mês um Aviso aos Navegantes alertando sobre a retirada da luz. A diretoria do Lloyd brasileiro também expediu uma circular aos comandantes de navios comunicando-lhes este aviso.⁶⁴⁹

A história do Wolf no Brasil e os arquivos do Museu Nacional

Em 16 de novembro de 1919, o *Jornal do Brasil* veiculou uma notícia sobre os livros de literatura alemã, impressos na própria Alemanha, que foram publicados sobre a Grande Guerra.⁶⁵⁰ Um desses livros citava uma história interessante sobre a passagem na Ilha da Trindade do navio alemão “Wolf”, “que já havia capturado ou afundado mais de uma dúzia de navios.”⁶⁵¹

Toda a gente deve lembrar-se do famoso navio pirata ‘Wolf’ que apareceu em todos os mares inclusive em nossas costas aprisionando e afundando navios de todas as bandeiras apesar de perseguido pelos rápidos e numerosos cruzadores ligeiros das esquadras aliadas. ‘Wolf’ era um pequeno cruzador

⁶⁴⁷A SITUAÇÃO, ref. 646.

⁶⁴⁸MINISTÉRIO da Marinha. **Jornal O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 16 set. 1919, p. 3; JORNAL do Commercio. Rio de Janeiro, RJ, 10 set. 1919, p. 7; NOTAS officiaes. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 10 set. 1919, p. 4; NO Ministério da Marinha. **O Jornal**, Rio de Janeiro, RJ, 10 set. 1919, p. 7.

⁶⁴⁹JORNAL do Commercio, Rio de Janeiro, RJ, 12 set. 1919, p. 7; NO LLOYD Brasileiro. **O Jornal**, Rio de Janeiro, RJ, 12 set. 1919, p. 9.

⁶⁵⁰UM erro do Estado-Maior da Marinha. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, RJ, 16 nov. 1919, p. 4.

⁶⁵¹QUEIROZ, ref. 85, p.44.

disfarçado admiravelmente de navio cargueiro. Saiu da Alemanha atravessou a barreira formidável da numerosa e poderosa esquadra de Jellicoe, navegou 451 dias percorrendo 64.000 milhas e voltou a Hamburgo por esse mesmo caminho do Mar do Norte.⁶⁵²

De acordo com o *Jornal do Brasil*, em 15 de novembro de 1917, depois de afundar o veleiro francês “Marechal Davout”, o “Wolf” estava indo para Trindade, que supunha deserta, a fim de ancorar e receber carvão de um navio mercante espanhol que havia aprisionado, o “Igots Mendi”,⁶⁵³ além de “descansar a guarnição e reparar as suas máquinas pois desejava depois de um ano de cruzeiro, regressar à Alemanha.”⁶⁵⁴

Dentre os navios corsários alemães, o “Wolf” era “o único a possuir um hidroavião para reconhecimento e abordagem”.⁶⁵⁵ No dia 21 do mês corrente, este hidroplano “deveria fazer o reconhecimento da Ilha da Trindade”.⁶⁵⁶ A missão, no entanto, foi abortada pois o telégrafo sem fio do “Wolf” havia interceptado o seguinte telegrama: “Sr. comandante militar da Ilha da Trindade — Comunico-vos que na data de hoje (21/11) assumi as funções de chefe de Estado-Maior da MB. Adelino Martins, Vice-Almirante”.⁶⁵⁷ Graças a este telegrama, o “Wolf” decidiu se afastar da Trindade e teve de fazer o conserto de suas máquinas e receber carvão longe dali, em pleno oceano. A facilidade com que os alemães conseguiram interceptar e traduzir o telegrama do Chefe de Estado Maior da MB foi considerada um erro pelo *Jornal do Brasil*, mesmo que este erro tenha evitado um possível conflito armado entre a guarnição militar brasileira da ilha e o “Wolf”.

Não podemos deixar de comentar o que se encontra na página 132 do interessante livro sobre a pirataria do Wolf pois supomos que o Estado Maior da Marinha receberá uma excelente lição. Apesar de leigos, não compreendemos que a Marinha, em plena guerra, não possuisse nenhum código secreto para as suas diferentes estações. [...] Esperamos, por isso, que o Estado Maior da Marinha organize o seu código desde o tempo de paz, de forma que se não reproduza o triste caso cujo conhecimento tivemos pela leitura do livro alemão. O Capitão de Fragata Nerger ficou muito grato ao Estado Maior da nossa Marinha. Fiquemos aqui. Para que conjecturar sobre o que poderá acontecer se a nossa Marinha não tiver mais cautela aplicando processos que são comezinhos em todas as organizações armadas do mundo?

⁶⁵²UM, ref. 643.

⁶⁵³QUEIROZ, ref. 651.

⁶⁵⁴UM, ref. 643.

⁶⁵⁵QUEIROZ, ref. 651.

⁶⁵⁶UM, ref. 643.

⁶⁵⁷UM, ref. 643.

Apenas deixamos registradas a magnífica lição que nos deu a leitura do livro do comandante do pirata ‘Wolf’.⁶⁵⁸

No dia 8 de dezembro de 1919, o jornal *O Paiz* noticiou o lançamento do volume XXII dos *Archivos do Museu Nacional*, “destinado não somente à publicação dos resultados das pesquisas e estudos feitos no museu desde a edição do último volume, mas também à comemoração do primeiro século de existência deste instituto”.⁶⁵⁹ Nesta edição da publicação do museu, o jornal destacou uma série de três artigos sobre a Ilha da Trindade, que trazia entre outras informações, os principais resultados científicos dos estudos iniciados em 1916, na Ilha da Trindade pela comissão científica do MN.

O primeiro artigo (1919), assinado pelo Prof. Bruno Lobo e intitulado *Ilha da Trindade*, corresponde à transcrição da conferência que ele apresentou na BN, em 1918. Naquela ocasião, o então diretor do MN teve a oportunidade de apresentar à sociedade brasileira aspectos históricos, científicos, geológicos e ambientais da Ilha da Trindade, além dos primeiros resultados da expedição científica que lá esteve, em 1916, liderada por ele e apoiada pela MB. Um resumo e vários trechos desta conferência já foram citados neste trabalho.

O segundo artigo (1919), *Material Helminológico da Ilha da Trindade*⁶⁶⁰, foi escrito pelo Dr. Lauro Travassos, médico e pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz. Travassos conta que a expedição do MN na Ilha da Trindade não foi produtiva no campo da helmintologia. A difícil missão de desembarque na ilha e reembarque no “Barroso” atrapalhou o trabalho dos cientistas. “Uma vez chegados a Trindade tivemos de passar vários dias a bordo, em torno da ilha, à espera de oportunidade propícia ao desembarque, que se realizou em más condições, quando poucos dias já estavam para o navio regressar...”⁶⁶¹

Apesar de terem ficado quatro dias na ilha, impossibilitados de retornarem ao “Barroso” pelas condições do mar, não foi possível ao grupo de cientistas aproveitar este tempo para colher material de pesquisa, porque os dois últimos dias foram quase inteiramente ocupados em tentativas de embarque: “Ora num, ora no outro ponto, obrigando-nos a sucessivas caminhadas da Praia das Tartarugas à dos Portugueses por sobre pedras hostis ou sobre solo de cascalho e

⁶⁵⁸*Ibid.*

⁶⁵⁹ARCHIVOS do Museu Nacional. **Jornal O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 8 dez. 1919, p. 4.

⁶⁶⁰TRAVASSOS, ref. 44.

⁶⁶¹*Ibid.*, p. 161.

areia crivado de tocos de guaiamus, ocultos por leguminosa trepadeira, o que tornava exaustivas as caminhadas.”⁶⁶²

No dia 4 de junho, realizamos o embarque que não foi certamente em condições muito cômodas e seguras, tendo ficado em terra nossa bagagem com o material colhido, e tendo por ela gentilmente zelado o doutor Pedro Martins, distinto médico da Armada que acompanhava na ilha o destacamento de Marinha que lá permaneceu. Só alguns meses mais tarde, nos chegou ele às mãos, ainda por obséquio do doutor Pedro Martins.⁶⁶³

Além do apoio do Dr. Pedro Martins, Travassos fez questão de elogiar também e de deixar registrado neste artigo o “inestimável auxílio” do preparador do MN Armando Santos Belleza, que além de obter animais para exame também ajudou nas autópsias e “na tarefa de proteger o material contra a investida dos abundantes guaiamus que tudo queriam conduzir para suas tocas”.⁶⁶⁴

De acordo com o artigo de Travassos, foram 42 autópsias realizadas, sendo sete no primeiro dia e 31 no segundo. No terceiro dia, nenhuma, e no quarto, quatro. Dos 42 animais examinados, 13 eram aves e 29, peixes. Das aves, quatro exemplares eram da espécie *AEstrellata arminjoniana* (um estava parasitado por *Echinorhynchideo* e dois, por cestoides), um da espécie *Aestrellata trinitatis*, outro da *Piscator sula*, cinco da *Gygis alba* (estes sete espécimes não estavam parasitados) e dois da *Fregata minor* (um deles, estava parasitado por cestoides). Dos peixes, quatro exemplares eram de *Echidna catenata* (todos parasitados com trematódeos e três com nematoides); onze, de *Abudefduf saxatilis* (apenas um estava parasitado com nematoide); e um, de *Caranx lugubris* (também parasitado com nematoide). Treze exemplares de outras três espécies diferentes de peixes não estavam parasitados.

Os parasitas encontrados nas aves ainda não haviam sido estudados por Travassos até a publicação do artigo. Os nematoides encontrados no intestino e estômago dos peixes eram de três espécies, duas pertencentes ao gênero *Cucullanus* e uma de um novo gênero da subfamília Physalopterinae.

Apesar de ter afirmado no início do seu artigo que a expedição científica de 1916 à Ilha da Trindade não foi produtiva em material helmintológico, o Dr. Lauro Travassos encontrou no estômago de um exemplar de *Echidna catenata* Bloch, 1795, conhecida como moreia-corrente

⁶⁶²*Ibid.*

⁶⁶³TRAVASSOS, ref. 44, p. 161.

⁶⁶⁴*Ibid.*

(Figura 102), um novo gênero de parasita, o *Heliconema* Travassos, 1919 (Figura 101), e no intestino de um exemplar de *Caranx lugubris* Poey, 1860, uma nova espécie para a zoologia, como já foi mencionada, a *Cucullanus pulcherrimus* Barreto, 1918. O status de novo gênero e de nova espécie de helmintos (coletados na Ilha da Trindade) descritos no artigo é válido até hoje, de acordo com a plataforma online World Register of Marine Species (WoRMS).⁶⁶⁵ O objetivo do WoRMS⁶⁶⁶ é fornecer uma lista oficial e abrangente de nomes de organismos marinhos. O material tipo do novo gênero *Heliconema* Travassos, 1919, está registrado no CHIOC sob os números 6.377 (Figura 103) e 6.391.

Figura 101: Tipos do novo gênero *Heliconema* Travassos coletados em 1916 na Ilha da Trindade.



Fonte: Coleção Helmintológica do Instituto Oswaldo Cruz.
Foto: Mauricio Salles (2024).

665Nemys eds. (2024). Nemys: World Database of Nematodes. *Cucullanus pulcherrimus* Barreto, 1918. Accessed through: World Register of Marine Species at: <https://www.marinespecies.org/aphia.php?p=taxdetails&id=122938> on 2024-10-05

666WoRMS Editorial Board (2024). World Register of Marine Species. Available from <https://www.marinespecies.org> at VLIZ. Accessed 2024-10-05. doi:10.14284/170

Figura 102: Exemplar de *Echidna catenata* Bloch, 1795, coletado em 1916 na Ilha da Trindade.



Fonte: Coleção Ictiológica do MN.
Foto: Mauricio Salles (2024).

Figura 103: Ficha de registro da espécie *Heliconema heliconema* Travassos, 1918, na CHIOC.

I. O. C. COLEÇÃO HELMINTOLÓGICA	N.	6.377	INSTITUTO OSWALDO CRUZ	
	Nome N.	<i>Heliconema heliconema</i> Trav., 1918		
	Hosp.	<i>Echidna catenata</i> (Bl.)		
	Local.	Estômago		
	Prov.	Ilha Trindade		
	Meio cons.	Form. a 5%		
	Col. por	Travassos	Dat.	13-6-1916
	Det. por		Dat.	
Preparação de		Dat.		
Aut. n.	6377	Obs.	Cotipis	
Typ. do Instituto Oswaldo Cruz				

Fonte: Coleção Helmintológica do Instituto Oswaldo Cruz.
Foto: Mauricio Salles (2024).

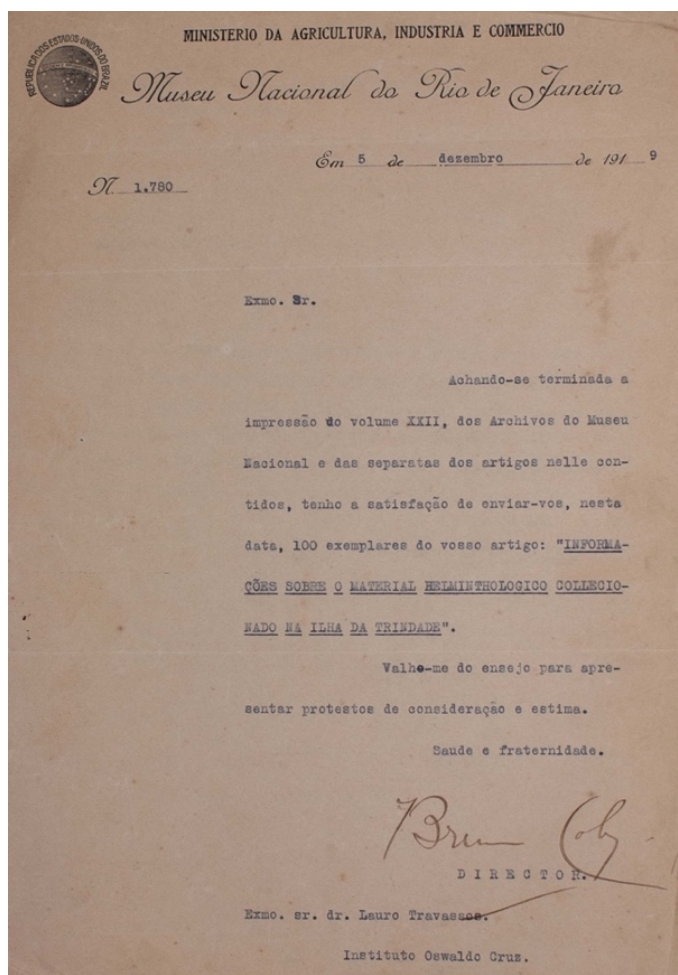
No final do artigo, Lauro Travassos agradeceu ao professor Bruno Lobo pelo “convite de acompanhar a expedição do museu à interessante Ilha da Trindade”⁶⁶⁷, lamentando não ter conseguido coletar “o material abundante que era de esperar, sobretudo parasitas de peixes abundantíssimos naquelas longínquas paragens. Infelizmente, as pesquisas feitas são muito

⁶⁶⁷TRAVASSOS, ref. 44, p. 166.

limitadas para que se tenha ideia da fauna helmintológica local”.⁶⁶⁸ Por sua vez, o diretor do MN Bruno Lobo enviou ao Dr. Lauro Travassos uma carta em papel timbrado do “Ministério da Agricultura Industria e Commercio” e do MN, datada de 5 de dezembro de 1919, com os seguintes dizeres:

Achando-se terminada a impressão do volume XXII, dos arquivos do Museu Nacional e das separatas dos artigos nele contidos, tenho a satisfação de enviar-vos, nesta data, 100 exemplares do vosso artigo: Informações sobre o material helmintológico colecionado na Ilha da Trindade. Valho-me do ensejo para apresentar protestos de consideração e estima Saúde e fraternidade. Bruno Lobo.⁶⁶⁹

Figura 104: Carta do diretor do MN ao Dr. Lauro Travassos.



Fonte: Coleção Lauro Travassos/IOC-Fiocruz.
Foto: Mauricio Salles (2024).

⁶⁶⁸TRAVASSOS, ref. 44, p.166-167.

⁶⁶⁹LOBO, Bruno. Carta dirigida ao Dr. Lauro Travassos. Acervo da Fiocruz, Coleção Lauro Travassos, Rio de Janeiro, Documento n.1780, 1919.

O terceiro artigo da série sobre a Ilha da Trindade, publicado no volume XXII dos *Archivos do Museu Nacional*, foi escrito pelo Prof. Alípio Miranda Ribeiro (1919): *A fauna vertebrada da Ilha da Trindade*. No início deste artigo, Miranda Ribeiro cita as múltiplas visitas de navegantes que passaram pela ilha por motivos diversos, seja por um simples acidente de rota, seja pelo desejo de posse do lendário tesouro lá enterrado. “O primeiro destes foi o viajante português Tristão da Cunha; o segundo Halley, o grande astrônomo inglês de fama universal; o terceiro foi Hooker, outro inglês de fama imorredoura, celebrizado nos *Gêneros Botânicos* que escreveu com Bentham.”⁶⁷⁰

No campo científico, Miranda Ribeiro destaca o trabalho do naturalista do Museu do Brooklyn, Robert Cushman Murphy, que em 1913, coletou peixes e aves da Ilha da Trindade, estudando as aves sozinho e os peixes em colaboração com John Treadwell Nichols, do Museu Americano de História Natural. Em seguida, o professor do MN comenta sobre as expedições brasileiras a Trindade:

De 1914 a 1916, o Brasil ali teve duas expedições, uma do Tenente Cantuária Guimarães e outra do professor Bruno Lobo, atual diretor do Museu Nacional que aproveitando a ida de um cruzador brasileiro à ilha, ali foi e deixou um preparador de taxidermia e um auxiliar de petrógrafo, os senhores Pedro Pinto Peixoto Velho e José Domingues dos Santos Filho, os quais fizeram um estágio de cinco meses colhendo material e informações interessantes.⁶⁷¹

De acordo com Miranda Ribeiro, o material coletado em Trindade, na expedição de 1916 do MN, consta de mamíferos, aves, répteis, crustáceos, insetos, moluscos, vermes, equinodermas e esponjas, e foi distribuído pelo Prof. Bruno Lobo aos cientistas Carlos Moreira (crustáceos e insetos) e Hermann von Ihering (moluscos), ficando ele, Miranda Ribeiro, encarregado de estudar os animais vertebrados da ilha. Ele também citou em seu artigo o Dr. Lauro Travassos, elogiando-o pelo seu esforço na coleta de vermes endoparasitas durante a expedição, “tendo a gentileza de também colecionar peixes para o museu”.⁶⁷²

Com relação aos peixes da Ilha da Trindade, Ribeiro explica que até Nichols e Murphy haviam sido registradas apenas 16 espécies. Já a expedição do MN foi responsável pela coleta de 37 espécies, sendo uma delas nova para a ciência, a *Ophioblennius trinitatis* (Miranda

⁶⁷⁰RIBEIRO, ref. 45, p. 171.

⁶⁷¹RIBEIRO, ref. 45 p. 172.

⁶⁷²*Ibid.*

Ribeiro, 1919). Esta espécie (Figura 105) é descrita e apresentada pelo Prof. Miranda Ribeiro em seu artigo.

A partir da coleta destas 37 espécies de peixes da Ilha da Trindade, a fauna brasileira, segundo Ribeiro, ficou acrescida de nove espécies; as coleções do MN, de 16 espécies que ainda não possuía; e a zoologia ganhou três novas espécies. Porém, destas três novas espécies descritas por Miranda Ribeiro em seu artigo, a única que era realmente uma novidade científica era a *Ophioblennius trinitatis* (Miranda Ribeiro, 1919).

Figura 105: Holótipo da *Ophioblennius trinitatis* (Miranda Ribeiro, 1919), coletado em Trindade (1916).



Fonte: Fonte: Coleção Ictiológica do MN.

Foto: Victor Brito (2019).

As outras duas espécies, a *Kyphosus palpebrosus* e a *Muraena trinitatis*, tidas por Ribeiro como novas para a zoologia, já haviam sido descritas respectivamente pelos cientistas Carl Linnaeus e Johann Jakob von Kaup, que deram a elas os seguintes nomes: *Kyphosus bigibbus* (Lacepède, 1801)⁶⁷³ e *Gymnothorax miliaris* (Kaup, 1856)⁶⁷⁴.

Atualmente, na coleção científica do Setor de Ictiologia do MN, estão registrados 96 exemplares de 24 espécies de peixes que possivelmente foram coletados pela comissão científica do MN, em 1916.⁶⁷⁵ Segundo os registros desta coleção, a maioria foi coletada pelo preparador do museu Pedro Peixoto Velho, mas há também exemplares coletados pelo Dr. Lauro Travassos e ao menos um espécime, pelo Prof. Bruno Lobo.

Sobre os répteis, a expedição do MN coletou, segundo o artigo, uma única espécie, a *Chelonia mydas* (Linnaeus, 1758), “a tartaruga gigantesca do Atlântico e das nossas costas”⁶⁷⁶.

⁶⁷³FROESE, R. and D. Pauly. Editors. (2024). FishBase. *Kyphosus bigibbus* Lacepède, 1801. Accessed through: World Register of Marine Species at: <https://www.marinespecies.org/aphia.php?p=taxdetails&id=218707> on 2024-10-05

⁶⁷⁴FROESE, R. and D. Pauly. Editors. (2024). FishBase. *Gymnothorax miliaris* (Kaup, 1856). Accessed through: World Register of Marine Species at: <https://www.marinespecies.org/aphia.php?p=taxdetails&id=271852> on 2024-10-05

⁶⁷⁵MOREIRA, Cristiano. R. Coleção Científica do setor de ictiologia do MN: Ilha da Trindade, Rio de Janeiro, RJ, [s.d.].

⁶⁷⁶RIBEIRO, ref. 45. p. 178.

Segundo Miranda Ribeiro, a captura de tartarugas em Trindade poderia ser “uma fonte de renda de grande importância, se tratada industrialmente”.⁶⁷⁷ Bruno Lobo trouxe da Ilha da Trindade um grande exemplar desta espécie (como já foi mencionado) e vários filhotes. Na coleção científica do setor de Herpetologia do Departamento de Vertebrados do MN, há o registro⁶⁷⁸ (Figura 106) de 16 “exemplares jovens” desta espécie, porém eles não foram encontrados. Possivelmente, estes indivíduos faziam parte da Reserva Técnica do MN que foi destruída no incêndio de 2018. A *Chelonia mydas*, também conhecida como tartaruga-verde, é considerada uma espécie ameaçada de extinção, de acordo com o *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção 2018*.⁶⁷⁹

Figura 106: Registro da entrada no Museu Nacional de 16 exemplares jovens da espécie *Chelonia mydas* (Linnaeus, 1758), coletados por Pinto Peixoto Velho na Ilha da Trindade em 1916.

COLECCIONADOR Pinto Peixoto V.	FICHA <i>Cheloniidae</i> <i>Chelonia mydas</i>	NUMERO 22	PROCEDENCIA Ilha da Trindade	OBSERVAÇÕES 16 exemplares jovens
DE ESPECIMENS ♀ IND.	INDICAÇÃO	ENTRADA EM	MOVIMENTO	
COLECCIONADOR Pinto Peixoto V.	FICHA <i>Cheloniidae</i> <i>Chelonia mydas</i>	NUMERO 23	PROCEDENCIA Ilha da Trindade	OBSERVAÇÕES plastron.
DE ESPECIMENS ♀ IND.	INDICAÇÃO	ENTRADA EM	MOVIMENTO	

Fonte: Répteis livro tomo 1, página 2 (parte)/Coleção Acústica do MN/UFRJ; MNFOTO: Coleção de fotos e vídeos do MN/UFRJ.
Foto: Marcos Bilate.

Com relação às aves, a expedição do MN foi responsável pela coleta de oito espécies, que segundo Miranda Ribeiro, enriqueceram as coleções do museu em cinco espécies e uma subespécie; a fauna brasileira, em três espécies; e a zoologia, em duas espécies: a *Fregata ariel trinitatis* e a *Piscatrix sula autumnalis*, ambas descritas por Miranda Ribeiro em seu artigo. Porém, de acordo com o Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira (SiBBR), essas duas espécies não são novas para ciência. A *Fregata ariel trinitatis* (Miranda Ribeiro, 1919) é uma subespécie nova.⁶⁸⁰ Já a *Piscatrix sula autumnalis* já havia sido descrita por outro

⁶⁷⁷Ibid.

⁶⁷⁸MUSEU Nacional. MNVOC: Coleção Acústica do MN/UFRJ; MNFOTO: Coleção de fotos e vídeos do MN/UFRJ. Répteis livro tomo 1, página 2 (parte).

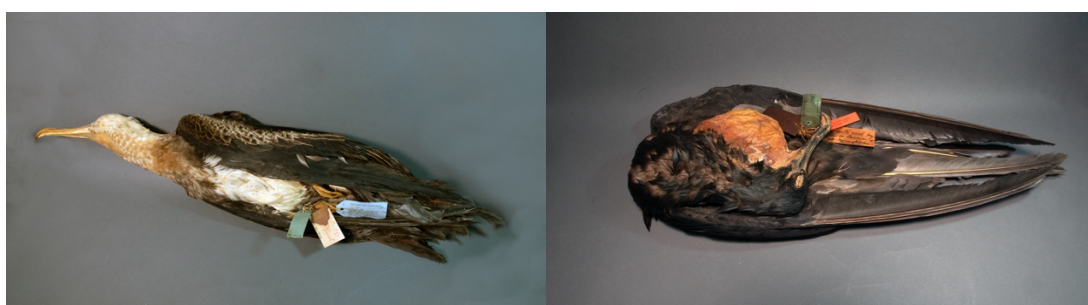
⁶⁷⁹ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção. ICMBio/MMA, Brasília, DF, v. I, ed. 1, p. 170, 2018.

⁶⁸⁰SiBBR - Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira. *Fregata ariel trinitatis* (Miranda Ribeiro, 1919). Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação - MCTI. Disponível em: <https://ala-bie.sibbr.gov.br/ala-bie/species/230614>. Acesso em: 18 jun. 2024.

cientista, Carl Linnaeus, que a nomeou de *Sula sula* (Linnaeus, 1766).⁶⁸¹ Atualmente, das oito espécies coletadas em 1916 na Ilha da Trindade pela comissão científica do MN, duas subespécies são consideradas criticamente em perigo de extinção, a *Fregata minor* (Gmelin, 1789), ou tesourão-grande (Figura 107), e a *Fregata ariel* (Gray, 1845), ou tesourão-pequeno (Figura 108)⁶⁸². A Ilha da Trindade é o único local de reprodução dessas duas subespécies,⁶⁸³ cujos exemplares coletados em 1916 na Ilha da Trindade estão conservados até hoje na Coleção Científica do setor de Ornitologia do MN como mostram as figuras a seguir.

Figura 107: *Fregata minor* (Gmelin, 1789).

Figura 108: *Fregata ariel* (Gray, 1845).



Fonte: Coleção Científica do Setor de Ornitologia do Departamento de Vertebrados do MN.

Foto: Mauricio Salles (2024).

Outra espécie coletada na ilha pelos pesquisadores do museu foi a *Pterodroma arminjoniana*, também conhecida como grazina-de-Trindade ou petrel-de-Trindade, que é a única ave marinha globalmente ameaçada que se reproduz no Brasil.⁶⁸⁴ No *Catálogo das Aves do Museu Nacional*⁶⁸⁵ consta a coleta de 20 exemplares da grazina-de-Trindade realizada em 1916, na Ilha da Trindade, todos eles coletados pelo preparador do MN Pedro Peixoto. Este número dá uma ideia do grande número de grazinas-de-Trindade que havia naquela época na ilha e que hoje estão criticamente em perigo de extinção.⁶⁸⁶ Neste catálogo, vale destacar também o registro de um exemplar de *Pterodroma arminjoniana*, coletado na ilha em 1914 pelo

⁶⁸¹SiBBr - Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira. *Sula sula* (Linnaeus, 1817). Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação - MCTI. Disponível em: <https://ala-bie.sibbr.gov.br/ala-bie/species/159400>. Acesso em: 18 jun. 2024.

⁶⁸²ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção. ICMBio/MMA, Brasília, DF, v. I, ed. 1, p. 109.

⁶⁸³LEAL, Gustavo da Rosa. Aves da Ilha da Trindade. Universidade Federal do Rio Grande. **INFOCIRM**, v. 30, n. 1, p.16-18, 2018.

⁶⁸⁴LEAL, ref. 676.

⁶⁸⁵NACINOVIC, Jorge. Catálogo das Aves do Museu Nacional, v. I, s/a.

⁶⁸⁶ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção. ICMBio/MMA, Brasília, DF, v. I, ed. 1, p.108.

Primeiro-Tenente Cantuaria Guimarães. O oficial da MB chegou a mencionar, em seu relatório sobre esta viagem, as numerosas aves que existiam em Trindade, entre elas as “grazinas cinzas”⁶⁸⁷, que era como ele denominava as grazinas-de-Trindade. Esta ave coletada pelo Tenente Cantuaria foi entregue ao Museu da Pesca.

Figura 109: Registro (nº 2575) de um exemplar da espécie *Pterodroma arminjoniana* coletada em 1914 na Ilha da Trindade pelo Primeiro-Tenente Cantuaria Guimarães.

Nº	Sexo	Especie	Local	Data	Coletor	Outros
2573	♀	<i>Pterodroma arminjoniana</i>	Ilha de Trindade	9-VIII-16	P.P. Peixoto	119
2574	♀	<i>Pterodroma arminjoniana</i>	Ilha de Trindade	25-VI-16	P.P. Peixoto	119
2575	♀	<i>Pterodroma arminjoniana</i>	Ilha de Trindade	XII-14	Cantuaria Guimarães	119
576	♂	<i>Pterodroma arminjoniana</i>	Ilha de Trindade	9-VIII-16	P.P. Peixoto	119
7	♀	<i>Pterodroma arminjoniana</i>	Ilha de Trindade	26-VI-16	P.P. Peixoto	119
7	♀	<i>Pterodroma arminjoniana</i>	Ilha de Trindade	18-VI-16	P.P. Peixoto	119

Fonte: NACINOVIC, Jorge [s.d.] /Catálogo das Aves do Museu Nacional, vol. I.

Foto: Mauricio Salles (2024).

Inaugurado em 10 de novembro de 1914, na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, o Museu da Pesca era administrado pela Inspetoria da Pesca.⁶⁸⁸ A inspetoria da Pesca foi criada pelo governo brasileiro em 1912. Este órgão foi comandado inicialmente por Alípio de Miranda Ribeiro, chefe da seção de zoologia do MN, e tinha como objetivo estudar e divulgar os recursos naturais das águas brasileiras, desenvolvê-los e regular a sua utilização.⁶⁸⁹ De acordo com o Decreto n. 9.672, de 17 de julho de 1912, que criou a Inspetoria da Pesca, entre as funções do chefe do gabinete de zoologia deste órgão estava o estudo das aves, répteis, sáurios e mamíferos aquáticos.⁶⁹⁰ Provavelmente, a grazina-de-Trindade coletada por Cantuaria Guimarães foi

⁶⁸⁷GUIMARÃES, Cantuaria. Comissão à Ilha da Trindade. Revista Marítima Brasileira, ano XXXIV, n.7, p. 1438. Rio de Janeiro, RJ: **Imprensa Naval**, 1915.

⁶⁸⁸VITAL, Andre Vasques; BARRETO, Cristiane Gomes. Navegando pelos mares da controvérsia política: a Inspetoria da Pesca e os primeiros estudos sobre o plâncton no Brasil (1913-1915). **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 49, p. 318-335, dez. 2018.

⁶⁸⁹BRASIL. Decreto n. 9.672, de 17 de julho de 1912. Crêa a Inspectoria de Pesca e aprova o respectivo regulamento. Portal da Câmara dos Deputados. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 9701, 23 jul. 1912. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-9672-17-julho-1912-524046-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 2 jul. 2024.

⁶⁹⁰ *Ibid.*

enviada para este gabinete para ser estudada. Em 1915, a Inspetoria da Pesca foi extinta, assim como o Museu da Pesca, recentemente fundado. O material zoológico deste museu, do qual a grazina-de-Trindade fazia parte, foi entregue aos cuidados do MN⁶⁹¹ e está lá até hoje como mostra a figura a seguir.

Figura 110: Etiqueta da coleta da espécie *Pterodroma arminjoniana* com o nome do Primeiro-Tenente Cantuaria Guimarães.



Fonte: Coleção Científica do Setor de Ornitologia do Departamento de Vertebrados do MN /
Foto: Mauricio Salles (2024).

Este documento histórico (a etiqueta da coleta de uma ave marinha realizada pelo Tenente Cantuaria Guimarães) é mais uma evidência da importância dada pela MB aos estudos científicos sobre a biodiversidade das ilhas oceânicas brasileiras, no início do século XX, e que não foi apenas por uma questão de soberania nacional que a instituição apoiou as primeiras pesquisas do MN na Ilha da Trindade, em 1916.

Trindade para crianças e as últimas publicações de 1919 sobre a ocupação da ilha.

Já com a ilha desguarnecida, o autodenominado *Jornal das Crianças, O Tico-Tico* publicou no dia 17 de dezembro de 1919, um artigo especial sobre a Ilha da Trindade. De acordo

⁶⁹¹POMBAL Jr, J. P. Ribeiro ou Miranda-Ribeiro? Nota Biográfica sobre Alípio de Miranda Ribeiro (1874-1939). *Revista Brasileira de Zoologia*, v. 3, n. 19, set. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbzool/a/rBkytqsshQkBgprFHSSXc9k/#>. Acesso em: 2 jul. 2024.

com a BNDigital, “O Tico-Tico foi a primeira e a mais importante revista voltada para o público infanto-juvenil no Brasil. O primeiro número circulou em 11 de outubro de 1905, tendo à frente o jornalista Luís Bartolomeu de Souza e Silva.”⁶⁹²

O interessante deste artigo é a sua linguagem didática e objetiva, utilizada para apresentar informações históricas e dados científicos sobre a Ilha da Trindade. Além disso, das centenas de publicações dos periódicos da época pesquisados neste trabalho, esta foi uma das poucas publicações, senão a única a mencionar a Ilha de Martim Vaz. Por outro lado, o artigo não cita a expedição científica de 1916 do MN, dando relevância apenas aos cientistas estrangeiros que realizaram estudos na ilha no final do século XIX.

Das ilhas brasileiras, a mais afastada da costa é o grupo denominado Trindade. Está situada na altura do Espírito Santo e fica distante da Costa do Brasil cerca de 1200 km. Muito pouco se sabe hoje deste pequeno arquipélago. A ilha maior chama-se Trindade, as outras ilhas ou rochedos circunvizinhos são denominados Martim Vaz. Trindade é uma ilha escarpada de origem vulcânica e de difícil acesso. O seu ponto culminante, isto é, o seu monte mais alto mede perto de 700 m. A ilha tem quase cinco milhas quadradas. É de uma grande esterilidade, quase toda ela nua de vegetação. Só a leste e ao sul, encontram-se pequenos e pobres bosques. A flora é de grande pobreza. A fauna não vai além da flora. Os mamíferos que ali se encontram em pleno estado de selvageria são pouquíssimos. [...] O clima da Trindade é bom, há abundantes chuvas no inverno. Mas a vida ali é difícil pela esterilidade do solo e pela desolação em que a ilha se encontra no meio do oceano, afastada dos centros de civilização. O Primeiro Homem de ciência que visitou a Ilha da Trindade foi o célebre botânico inglês Joppe Hooher, em 1839 ou 1843. Trinta anos depois, o doutor Hansley estudou a ilha principal sob o ponto de vista geológico. Foi ele o primeiro que afirmou que o arquipélago era de origem vulcânica. Em 1872 o próprio doutor Hansley que andava numa grande expedição científica pelos oceanos no barco de sondagem ‘Challenger’ verificou que a Trindade está circundada de um banco muito extenso, a menos de 200 m de profundidade. E dali concluiu que a ilha é uma enorme montanha submarina. Diz Wappaeus que certas condições naturais da ilha têm mudado: que os antigos mananciais da água doce que a regavam têm desaparecido e com eles os bosques das partes mais elevadas. Os naturalistas supõem que a pobreza da flora é devido à grande quantidade de cabras [...] ⁶⁹³

Em 31 de dezembro, no último dia do ano de 1919, o jornal *O Paiz e Correio da Manhã*,⁶⁹⁴ publicaram uma nota afirmando que o Ministro das Relações Exteriores do Brasil, a

⁶⁹²BN - Biblioteca Nacional. Acervo – O TICO-TICO: a mais importante revista voltada para o público infanto-juvenil no Brasil [s.d.]. Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/explore/curiosidades/acervo-tico-tico-mais-importante-revista-voltada-publico>. Acesso em: 18 jun. 2024.

⁶⁹³A ILHA da Trindade. **O Tico Tico**: Jornal das Crianças, Rio de Janeiro, RJ, n. 741, ano XIV, p. 18, 17 dez. 2019.

⁶⁹⁴MINISTERIO da Marinha. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 31 dez. 1919, p. 3; MARINHA. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, RJ, 31 dez. 1919, p. 6.

pedido do Ministro da Marinha, havia cientificado o “Bureau International de L’Union Telegraphique” (organização internacional sediada, à época, na Suíça e que tinha entre seus objetivos recolher, organizar e publicar informações de todo o tipo relativas à telegrafia e radiotelegrafia internacionais, bem como realizar todas as investigações a elas relacionadas)⁶⁹⁵ de que a estação radiotelegráfica da Ilha da Trindade cujo indicativo de chamada era S.O.F, havia sido fechada no dia 1 de setembro de 1919, por ter sido retirado o destacamento militar que servia na ilha.⁶⁹⁶

Um resumo das novas ocupações brasileiras da Ilha da Trindade e o monitoramento e proteção da Amazônia Azul

Após a retirada do destacamento militar brasileiro em 1919, a Ilha da Trindade voltou a ser povoada entre 1924 e 1926, quando foi utilizada como presídio político pelo presidente Arthur Bernardes que enviava para lá civis e militares contrários ao seu governo⁶⁹⁷; e durante a Segunda Guerra Mundial, de 1941 e 1945, quando ela foi novamente guarnecida militarmente pela MB com a finalidade de impedir que submarinos inimigos a utilizassem como base de apoio⁶⁹⁸. Em 1950, o governo brasileiro enviou a Trindade uma expedição científica, a expedição “João Alberto”, com o objetivo de planejar a ocupação permanente da ilha que acabou sendo iniciada em 1957 com a criação do POIT⁶⁹⁹. Desde então militares da MB se revezam na missão de guarnecer a ilha, coletar dados meteorológicos e dar apoio logístico às pesquisas científicas que são realizadas no Arquipélago de Trindade e Martim Vaz e seu entorno.

A partir de 2007 e 2010, respectivamente com a criação do PROTRINDADE e da Estação Científica da Ilha da Trindade (ECIT), que conta com dois laboratórios e acomodações para oito pessoas, intensificaram-se as pesquisas científicas realizadas no Arquipélago da Ilha Trindade por pesquisadores de diversas instituições de ensino e pesquisa do Brasil como FURG,

⁶⁹⁵HERREN, Madeleine et. al. International Bureau of the Telegraphic Union. League of Nations Search Engine, Heidelberg/Basel, 2010–2017. Disponível em: <http://www.lonseal.de/pub/org/241>. Acesso em: 18 jun. 2024.

⁶⁹⁶MINISTERIO da Marinha. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 31 dez. 1919, p. 3; MARINHA. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, RJ, 31 dez. 1919, p. 6.

⁶⁹⁷SOARES, Herbert. Ilha da Trindade: isolado território do ES já foi uma prisão federal. A Gazeta, Vitória, ES, 5 nov. 2019. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/colunas/herbert-soares/ilha-da-trindade-isolado-territorio-do-es-ja-foi-uma-prisao-federal-1119>. Acesso em: 05/10/2024.

⁶⁹⁸GUSMÃO, ref. 24.

⁶⁹⁹CIRM, ref. 2.

UFRGS, UFSC, UFPR, UFES, UNB, UERJ, UFRJ, UFBA, UNIVALI, USP, UNESP, DHN, MN, Instituto de Pesquisas JBRJ e ON.

A participação conjunta da comunidade científica e da MB na realização de estudos meteorológicos, climáticos, oceanográficos, geológicos, biológicos e ambientais no Arquipélago de Trindade e Martim Vaz, além de garantir o estabelecimento de uma ZEE e a soberania brasileira no entorno deste arquipélago, também contribui para a geração e difusão de novos conhecimentos científicos sobre a biodiversidade, a geologia e os ecossistemas marinhos desta remota área oceânica do Brasil no Atlântico Sul, além da realização de ações de conservação ambiental na região.⁷⁰⁰

Em 2018, o Ministério do Meio Ambiente criou por meio do Decreto nº 9.312, de 19 de março de 2018, a Área de Proteção Ambiental (APA) do Arquipélago de Trindade e Martim Vaz, com aproximadamente 40.237.708,86 hectares. Esta área protegida compreende a área da ZEE referente ao raio de 200 milhas náuticas ao redor das Ilhas de Trindade e Martim Vaz⁷⁰¹. Com este Decreto também foi criado o Monumento Natural (MONA) das Ilhas de Trindade e Martim Vaz e do Monte Columbia, com cerca de 6.915.536,11 hectares. Este MONA é constituído por quatro áreas: gleba Martim Vaz, gleba Monte Columbia, gleba Trindade e gleba Parcel das Tartarugas. Da série de montes submarinos que juntamente com as ilhas da Trindade e Martim Vaz compõem a Cadeia Vitória-Trindade, o Monte Columbia, é o mais próximo dessas ilhas.⁷⁰² A criação dessas Unidades de Conservação (UC), que são administradas de forma compartilhada pelo ICMBio e pela MB, tem por finalidade preservar os remanescentes do ecossistema insular do domínio da Mata Atlântica, as belezas cênicas, a biodiversidade e os recursos naturais marinhos existentes na parte da cadeia submersa de que trata o decreto.

A APA do Arquipélago de Trindade e Martim Vaz tem entre os seus objetivos específicos garantir a conservação dos ambientes insulares, da coluna d'água e dos montes submarinos e das suas espécies de fauna, flora e microrganismos presentes neste arquipélago e no seu entorno; assegurar os direitos de soberania, para fins de exploração e aproveitamento, conservação e gestão dos recursos naturais, vivos ou não vivos, das águas sobrejacentes ao leito

⁷⁰⁰SOUZA, Camilo de Lellis Menezes Felipe de. PROTRINDADE: Importância Estratégica da Pesquisa. **Âncoras e Fuzis**, n. 42, jul. 2011.

⁷⁰¹ BRASIL. Decreto nº 9.312 19 de março de 2018. Cria a Área de Proteção Ambiental do Arquipélago de Trindade e Martim Vaz e o Monumento Natural das Ilhas de Trindade e Martim Vaz e do Monte Columbia. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 20 mar. 2018.

⁷⁰² SIMON, Thiony Emanuel. Montes submarinos da Cadeia Vitória-Trindade como alpondras para peixes recifais. 2014. 126 f. Tese (Doutorado em Biologia Animal) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2014.

do mar, do leito do mar e do seu subsolo, e de outras atividades com vistas ao uso sustentável da ZEE para fins econômicos; promover a execução constante de pesquisa científica e monitoramento da biodiversidade na região; contribuir para a recuperação dos estoques pesqueiros, para o ordenamento da pesca, do turismo e das atividades econômicas compatíveis com a conservação ambiental que se apresentem como estratégicas à região.⁷⁰³

Já os objetivos específicos do MONA das Ilhas de Trindade e Martim Vaz e Monte Columbia são, entre outros: preservar os sítios naturais raros, compostos por ilhas e montes submarinos que representam formação única; preservar as populações das espécies endêmicas; promover a capacidade de resistência e resiliência dos ecossistemas insulares e marinhos para enfrentar cenários futuros de mudanças climáticas; promover a execução constante de pesquisa científica e monitoramento da biodiversidade na região; contribuir, por meio do mosaico de unidades de conservação e do seu zoneamento, para a recuperação dos estoques pesqueiros, e contribuir para a salvaguarda da vida humana, a segurança da navegação e a prevenção da poluição hídrica no referido MONA.⁷⁰⁴

No contexto da promoção e execução constante da pesquisa científica e monitoramento da biodiversidade na região (um dos objetivos específicos do MONA das Ilhas de Trindade e Martim Vaz e Monte Columbia), cujo apoio e participação da MB é fundamental, vale lembrar das palavras, já mencionadas, do professor Bruno Lobo, em seu artigo sobre a Ilha da Trindade, em que ele ressalta a importância da aliança entre os que servem à Pátria, no mar, e os que trabalham nos laboratórios de pesquisas científicas para a garantia do progresso do Brasil. Considerando a proteção e recuperação dos estoques pesqueiros, um dos objetivos específicos da APA do Arquipélago de Trindade e Martim Vaz, é interessante citar mais uma vez o relatório do Oficial Médico Dr. Pedro Martins sobre os primeiros meses da missão brasileira na ilha, em 1916, no qual ele alerta sobre a necessidade de se preservar os estoques pesqueiros no entorno de Trindade. Estes são apenas alguns exemplos de questões que fizeram parte da história desta missão há mais de um século e que podem ser consideradas atuais no presente, principalmente, no contexto da Amazônia Azul.

Neste sentido, vale ressaltar que, atualmente, de acordo com a CIRM, o desenvolvimento das atividades de utilização, exploração e aproveitamento sustentável dos recursos naturais da Amazônia Azul, na qual a Ilha da Trindade está inserida e tem um relevante

⁷⁰³BRASIL, ref. 701.

⁷⁰⁴BRASIL, ref. 701.

papel econômico, estratégico, científico e ambiental, devem incentivar a formação de recursos humanos na área de Ciências do Mar, estimular o desenvolvimento de pesquisa e inovação nas diversas áreas do conhecimento e contribuir para “ampliação de uma mentalidade marítima na população brasileira, despertando o interesse sobre a importância do mar e o uso racional e sustentável dos seus recursos”.⁷⁰⁵

A MB tem entre as suas atribuições monitorar e proteger a área de 5,7 milhões de Km² que compõe a Amazônia Azul. Para esta missão, está previsto até 2033 a construção do primeiro Submarino Nuclear Convencionalmente Armado do Brasil (SNCA).⁷⁰⁶ É um submarino com propulsão nuclear que não possui armamento nuclear, somente armamentos convencionais. O nome deste submarino nuclear, “Álvaro Alberto”, é uma homenagem a um falecido vice-almirante da MB e cientista, que em 1946, foi nomeado representante brasileiro no Comitê de Energia Atômica da ONU.

Do primeiro navio de guerra da MB, movido a partir da queima de carvão, o “Barroso”, no qual a inédita missão brasileira de ocupação permanente da Ilha da Trindade viajou pela primeira vez, em 1916, na Grande Guerra, ao projeto do SNCA “Álvaro Alberto”, que teve início em julho de 2012,⁷⁰⁷ passaram-se menos de 100 anos. Ao mesmo tempo que isto dá uma ideia dos avanços científicos e tecnológicos, e do fortalecimento das capacidades navais da MB na América Latina e no Atlântico Sul, que ocorreram neste período, também mostra o quanto foi desafiador para a MB (com poucos recursos tecnológicos se comparado aos atuais) coordenar há mais de um século, a ocupação e a pesquisa de uma pequena ilha, isolada no meio do oceano, distante do continente e cujo principal tesouro era — e continua sendo até hoje — a sua localização estratégica e relevância militar e científica.

⁷⁰⁵ CIRM - Comissão Interministerial para os Recursos do Mar. **Amazônia Azul**. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/secirm/pt-br/amazoniaazul>. Acesso em: 23 nov. 2024.

⁷⁰⁶ MARTELLO Alexandre. **Com 5º maior orçamento, Ministério da Defesa reserva R\$ 2,5 bilhões para submarino nuclear e caças Gripen em 2025**. Portal g1, Brasília, 19 set. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2024/09/19/com-5o-maior-orcamento-ministerio-da-defesa-reserva-r-25-bilhoes-para-submarino-nuclear-e-cacas-gripen-em-2025.ghtml>. Acesso em: 23 nov. 2024.

⁷⁰⁷ MINISTÉRIO da Defesa. **Submarino com propulsão nuclear, vamos construí-lo!**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/prosub/projeto-e-construcao>. Acesso em: 23 nov. 2024.

3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Grande Guerra, a história da missão brasileira de ocupação permanente e pesquisa científica da Ilha da Trindade teve grande repercussão na mídia impressa naquela época. O interesse da imprensa pela missão e pelos principais aspectos (histórico, militar, geopolítico, científico, ambiental, social, econômico, cultural, lendário, entre outros) relacionados com a Ilha da Trindade resultou em mais de 700 publicações, entre notas, notícias, reportagens especiais, crônicas sociais, charges, ilustrações e até poesias, que foram veiculadas em jornais e revistas de todas as regiões do Brasil. Estas publicações, que fazem parte do acervo da Hemeroteca Digital da BN, foram pesquisadas e analisadas neste estudo juntamente com outras fontes documentais, científicas, literárias e acadêmicas sobre o tema, como livros, artigos, documentos, telegramas, relatórios, cartas, fotografias e coleções científicas pertencentes a diferentes acervos históricos nacionais e internacionais. Este trabalho agregou à reduzida e pouco aprofundada literatura acadêmica sobre a referida ocupação, novos conhecimentos, dados, informações, personagens, curiosidades, fatos, acontecimentos, contextos históricos, discussões e percepções. Alguns exemplos:

- Os boatos publicados na imprensa brasileira, sobre a instalação de uma base naval britânica na Ilha da Trindade, em 1916;
- A pressão dos jornais para que o governo e o Ministro da MB dessem início à ocupação da ilha;
- O nome de todas as embarcações, comandantes e médicos oficiais da MB que participaram da ocupação da ilha;
- A história do Oficial Médico da MB Dr. Erasmo José da Cunha Lima, que após servir em Trindade, no período em que o Brasil estava em estado de guerra contra a Alemanha, foi para a África tratar dos doentes das guarnições dos navios da MB da Divisão Naval em Operações de Guerra (DNOG), acometidos pela influenza, uma doença desconhecida na época;

- A presença de um quadro, do artista e caricaturista, Hélios Seelinger, retratando o professor Bruno Lobo na Ilha da Trindade, na exposição do Primeiro Salão Brasileiro de Humor, em 1916, um evento que marcou época no início do século XX;
- A prisão do farmacêutico Maximiano Barbosa Sobrinho (pesquisador de tesouros, integrante da primeira expedição de ocupação da ilha, em 1916), por ele ter atirado no prefeito de Guaratinguetá após retornar de Trindade, onde permaneceu por seis meses em companhia da guarnição da MB, a procura dos tesouros escondidos na ilha. Alguns jornais afirmaram que ele enlouqueceu por causa da sua obsessão pelo tesouro que nunca encontrou.

Popularização e divulgação científica da Ilha da Trindade

Considerando que os jornais e revistas na Grande Guerra eram os principais meios de comunicação daquela época e levando-se em conta os resultados desta pesquisa, é possível afirmar que estes veículos contribuíram de forma significativa para a popularização de diversos aspectos relativos à Ilha da Trindade — principalmente no que diz respeito aos aspectos históricos, geopolíticos, militares, científicos e ambientais — e para a difusão de uma imagem fantástica, romantizada e estereotipada da Ilha da Trindade (um lugar mítico e misterioso, por exemplo, que esconde fabulosos tesouros). Importante salientar que a Ilha da Trindade foi citada em diversos conteúdos editoriais desses veículos — dos conteúdos voltados para assuntos relativos à Marinha, guerra, ciência, tecnologia e política internacional, aos conteúdos destinados aos leitores (incluindo o público feminino e infantil) das seções de esporte, moda, educação, humor, literatura e eventos sociais.

Também é importante mencionar que a partir da ocupação da Ilha da Trindade, uma grande diversidade de temas ligados às áreas de ciência e tecnologia foi divulgada na imprensa, como os nomes dos cientistas e das instituições científicas responsáveis pela realização dos estudos sobre a fauna, a flora e a formação geológica da Ilha da Trindade; as metodologias e os resultados das pesquisas realizadas no local; os equipamentos tecnológicos, como a estação de radiotelegrafia e um poste de luz AGA, que foram instalados na ilha; as expedições que ocorreram no decorrer dos séculos XVII a XIX, quando Trindade foi visitada por cientistas e

naturalistas estrangeiros para fins científicos e por navegadores de diferentes países em busca do lendário tesouro escondido na ilha.

A referida cobertura jornalística também contribuiu para a divulgação científica dos primeiros estudos oceânicos realizados por cientistas brasileiros em Trindade, além de ser uma relevante fonte de pesquisa para a realização de futuros estudos nas áreas de divulgação e popularização das ciências oceânicas no Brasil; jornalismo científico, educação, mentalidade marítima, conscientização e cultura oceânica.

A popularização e a divulgação científica da Ilha da Trindade não ficaram restritas apenas aos jornais e revistas. Palestras e conferências sobre a ilha foram realizadas em diferentes instituições, como a BN e o MN, proferidas por renomados cientistas brasileiros. A conferência realizada em 1919 na BN, pelo professor Bruno Lobo, diretor do MN, apresentando e divulgando os resultados científicos da expedição do museu à Ilha da Trindade, em 1916, foi um evento histórico, pioneiro e inovador no campo da divulgação das pesquisas oceânicas brasileiras. Além de uma aula sobre a Ilha da Trindade, incluindo os seus aspectos históricos, lendários, científicos, geológicos, ambientais e biológicos, o professor Bruno Lobo também apresentou amostras do solo da ilha e uma projeção cinematográfica de mais de 40 slides fotográficos (sobre assuntos científicos diversos) registrados durante a expedição.

Outros eventos que contribuíram para mostrar à sociedade brasileira a importância científica da Ilha da Trindade: a palestra do professor Hugo Braga do MN, realizada em 1918, para os alunos, professores e diretores do Instituto Lafayette; a palestra do professor Betim Paes Leme, realizada em 1919, no MN, sobre os aspectos geográficos da Ilha da Trindade; a comunicação científica realizada em uma sessão da Sociedade Brasileira de Ciências, em 29 de novembro de 1918, na Escola Politécnica, pelo professor do MN Alípio de Miranda Ribeiro, cujo tema era a fauna da Ilha da Trindade. Além destes eventos científicos, vale mencionar a presença de um quadro que mostrava o professor Bruno Lobo cercado por aves e caranguejos na Ilha da Trindade. Este trabalho, assinado pelo artista e caricaturista Helios Seelinger, foi apresentado no 1º Salão dos Humoristas, evento realizado no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro que marcou época no início do século XX e foi visitado por milhares de pessoas.

Outro ponto que merece destaque foram as informações pesquisadas tanto nos periódicos, quanto nas fontes documentais pertencentes ao acervo do ON, sobre a primeira estação meteorológica instalada na Ilha da Trindade, em 1917. Em um memorando assinado pelo chefe da *Seção de Meteorologia e Física do Globo* do ON, e dirigido ao diretor desta

instituição, Henrique Morize, é possível, por exemplo, ter conhecimento sobre a importância desta estação para as Marinhas de Guerra e Mercante do país, e para o recém-iniciado serviço de previsão de tempo do ON. Este contexto relacionado com a importância e os benefícios da estação meteorológica da Ilha da Trindade, entre outros, não foi abordado nem nas publicações dos periódicos pesquisados, nem na revisão da literatura acadêmica sobre este período da história da ilha.

Foram verificados também, nas coleções científicas do MN, do JBRJ e do Instituto Oswaldo Cruz, o registro de mais de 100 exemplares da fauna e da flora da Ilha da Trindade, que foram coletados tanto na expedição militar de 1914, comandada pelo Primeiro-Tenente Cantuaria Guimarães da MB, quanto nas expedições científicas de 1916, capitaneada pelo professor Bruno Lobo, e de 1917, liderada pelo naturalista Paulo Campos Porto, do JBRJ. Este estudo também revelou que dentre os exemplares da fauna da Ilha da Trindade coletados em 1916 pelos pesquisadores do MN, foram encontradas as seguintes novidades para a zoologia que são válidas até hoje: um gênero de helminto (*Heliconema heliconema* Travassos, 1919); três espécies, sendo uma de molusco (*Bulimulus bruno*i Ihering, 1917), uma de helminto (*Cucullanus pulcherrimus* Barreto, 1918) e outra de peixe (*Ophioblennius trinitatis* Miranda Ribeiro, 1919); e uma subespécie de ave (*Fregata ariel trinitatis* Miranda Ribeiro, 1919). Importante mencionar que tanto o MN (apesar do incêndio que destruiu grande parte dos seus acervos em 2018) quanto o IOC, ainda conservam todos os exemplares-tipos e holótipos que serviram para descrever as cinco espécies mencionadas acima. Exemplares de duas espécies de peixes, a *Kyphosus palpebrosus* e a *Muraena trinitatis*, e de uma espécie de ave, a *Piscatrix sula autumnalis*, que foram coletadas na Ilha da Trindade em 1916, descritas e apontadas por Miranda Ribeiro em seu artigo *A fauna vertebrada da Ilha da Trindade* (1919) como espécies novas para a zoologia, acabaram não sendo reconhecidas como uma novidade zoológica, pois já haviam sido descobertas e descritas por outros cientistas. Essas observações taxonômicas são importantes pois este estudo faz uma atualização do número de descobertas e novidades científicas decorrentes das coletas e estudos do MN iniciados em 1916 em Trindade. Outra contribuição importante desta pesquisa na área da divulgação científica foi a identificação de seis publicações que também tiveram origem no trabalho de pesquisa, observação e coleta de espécies realizado pela comissão científica do MN na Ilha da Trindade em 1916. O único artigo que ainda não foi citado neste trabalho foi o do cientista Carlos Moreira, que publicou em 1920, no *Bulletin de la Société Zoologique de France*, o artigo *Faune carcinologique de l'île de la*

Trindade, no qual ele descreve um total de 10 espécies de caranguejos da Ilha da Trindade, coletados pelos preparadores do MN Pedro Pinto Peixoto Velho e José Domingues dos Santos Filho, nos primeiros meses da ocupação daquela ilha, entre maio e outubro de 1916.⁷⁰⁸ De acordo com o então diretor do MN, Bruno Lobo, a comissão científica do MN trouxe alguns destes crustáceos, que foram conservados vivos durante vários meses no museu e no quintal da sua residência em Ipanema, no Rio de Janeiro.⁷⁰⁹ Ainda sobre o material biológico e mineral da Ilha da Trindade trazido pela comissão do MN em 1916, os estudos citados por Bruno Lobo em seu artigo *A Ilha da Trindade* com moluscos, plantas, amostras de solo da ilha, que vinham sendo realizados, respectivamente, por Bourguay de Mendonça, Cesar Diogo e Alberto Betim Paes Leme não foram encontrados, assim como os estudos com insetos da ilha que deram entrada no Laboratório de Entomologia Geral do MN.⁷¹⁰ No caso do estudo do naturalista do JBRJ Paulo Campos Porto sobre a flora da Ilha da Trindade, onde esteve em 1917, a pesquisa somente encontrou as coletas que foram feitas pelo naturalista, que podem ser consultadas no site do Herbário Virtual Re flora do JBRJ.

A Ilha da Trindade na Grande Guerra, a Marinha do Brasil e outros assuntos militares divulgados nos periódicos da época

No contexto da divulgação nos periódicos da época de assuntos relativos à importância da Ilha da Trindade na Grande Guerra e o papel da MB na ocupação desta ilha, entre os principais temas abordados e discutidos neste estudo, destacam-se: a expansão da Grande Guerra (iniciada na Europa) para o Atlântico, fazendo com que a imprensa, os meios políticos e militares brasileiros, passassem a se preocupar com a vulnerabilidade da Ilha da Trindade e com a possibilidade de alguma nação beligerante construir ali uma base naval, em especial a Inglaterra, que já havia se apossado da ilha há menos de 20 anos do início da guerra; as notícias não confirmadas oficialmente sobre a presença de uma esquadra inglesa em Trindade; a demora do governo brasileiro em ocupar a ilha; a eclosão no país (segundo alguns jornais) de um grande espírito patriótico em defesa da ilha.

⁷⁰⁸ MOREIRA, Carlos. **Faune carcinologique de l'île de la Trindade**. Bulletin de la Société Zoologique de France, Tome XLV, n. 3-7, Paris, 1920, p.125-129.

⁷⁰⁹ LOBO, ref. 19, p. 148.

⁷¹⁰ LOBO, ref. 19, p. 146.

Ressalta-se ainda a divulgação da história da Ilha da Trindade com ênfase na sua controversa descoberta e na disputa pela sua soberania no século XVIII entre portugueses e ingleses, e no século XIX, entre a Inglaterra e o Brasil.

No contexto da ocupação da Ilha da Trindade, a cobertura jornalística pesquisada difundiu informações sobre o nome e o posto de todos os oficiais que serviram na ilha; o nome e as características dos navios de guerra da MB; as principais estratégias de defesa e colonização da ilha; as discussões políticas sobre o fortalecimento de uma indústria de armamentos mais robusta no Brasil. Importante mencionar que muitos dos jornais pesquisados possuíam seções exclusivas dedicadas aos assuntos pertinentes à MB, nas quais foram noticiados diversos avisos, designações, comunicações e ordens dos ministros da Marinha e do chefe do EMA referentes ao trabalho das guarnições e missões militares designadas para atuarem na Ilha da Trindade e no Atlântico Sul, contribuindo para a divulgação e popularização de assuntos pertinentes à Marinha do Brasil e à Defesa Nacional. Acontecimentos ligados à guerra, como a presença e os ataques de navios corsários alemães nas proximidades da Ilha da Trindade, também foram destaque nos periódicos da época.

A diversidade das publicações

As mais de 700 publicações veiculadas na imprensa brasileira que citam a Ilha da Trindade e a sua ocupação permanente por uma guarnição militar da MB foram marcadas por diferentes gêneros jornalísticos e narrativos (notícia, entrevista, reportagem, crônica, charges, poesia, lendas e histórias); público-alvo (incluindo o infantil e o feminino); posicionamento político (contra e a favor da ocupação) e pela divulgação de diversos conteúdos (militar, científico, histórico, ambiental, cultural, artístico, político, fantásticos, entre outros) relacionados com o tema. Destaque para a cobertura *in loco* que foi realizada por dois repórteres de dois importantes jornais cariocas sobre a primeira expedição que marcou o início desta ocupação. Como já visto, trata-se da primeira cobertura jornalística *in loco* de uma expedição oceânica militar e científica brasileira na Ilha da Trindade. Com um total de 13 reportagens (nunca publicadas na literatura acadêmica), esta cobertura revelou a visão de dois jornalistas, Paulo Cleto (do *A Época*) e Idelfonso Falcão (do *A Rua*), sobre a expedição, o oceano, a Ilha da Trindade e a MB. Esta foi a primeira vez que jornalistas participaram de uma expedição militar e científica na Ilha da Trindade. Esta cobertura inclui entrevistas com oficiais da MB e

cientistas, além de revelar fatos interessantes, o lado humano dos integrantes da missão e as diferentes percepções de jornalistas, militares e cientistas sobre a ilha, como mostra o trecho a seguir de uma das reportagens assinadas por Paulo Cleto. O repórter narrou o momento em que o professor Bruno Lobo retornou ao cruzador “Barroso”, após passar três dias tentando superar o “mar grosso” para sair da ilha e reembarcar no navio. Todos achavam que o cientista havia morrido:

O aspecto deles era deplorável. Pareciam náufragos. Vinham sujos, descalços, o rosto pálido, os olhos encovados, tresnoitados, cansados, exaustos. O primeiro a transpor o convés foi o Comandante Moraes Rego. Logo todos os cercaram e num tom de voz cansada disse: Horrível! Horrível! Meus amigos. Notava-se mesmo em sua fisionomia o aspecto comum de quem passa noites em vigílias. Logo depois, desembarcaram o Dr. Bruno e o Tenente Olavo. Tinham a face macerada, olhos fundos e andavam mal. O Dr. Bruno também estava descalço, molhado completamente. Ao chegar ao portaló virou-se para todos dizendo: — Pensei em não voltar. Tive a impressão de um outro mundo! Que noites fantásticas que passamos!⁷¹¹

Personagens

A história da missão brasileira de ocupação da Ilha da Trindade na Grande Guerra teve “personagens” marcantes entre militares (oficiais e praças), médicos, cientistas, civis, jornalistas e uma única mulher, a esposa do comandante do navio de bandeira estadunidense que naufragou próximo à ilha e cuja guarnição foi acolhida pelo destacamento da MB em Trindade. A análise dos periódicos e de outros documentos históricos possibilitou ampliar o conhecimento sobre o trabalho destes personagens em Trindade, bem como a percepção deles sobre a ilha e a sua ocupação humana. É o caso do “primeiro habitante da ilha” que relatou ao repórter Paulo Cleto que estava indo voluntariamente para Trindade para fugir da polícia; do Dr. Pedro Martins, um dos oficiais médicos que serviram na ilha, que sugeriu ao Ministro da Marinha várias ações necessárias para tornar a colonização do local mais saudável e sustentável; e dos dois preparadores do MN, Pedro Pinto Peixoto e José Domingues, que ficaram quase seis meses acampados em uma barraca na ilha coletando diversas espécies da fauna local. Também foi possível conhecer a história e o destino de muitos outros personagens, como o farmacêutico Maximiano Barbosa, mencionado em muitas publicações da época e que foi preso após voltar da ilha por ter atirado no prefeito da sua cidade; e do falecimento do Contra-Almirante Lamenha

⁷¹¹CLETO, Paulo. O meu diário - A joia de turco no Atlântico. **A Época**, Rio de Janeiro, RJ, 21 jun. 1916, p.2.

Lins, menos de três anos após a primeira viagem da missão à ilha a bordo do “Barroso” que estava sob o seu comando. A partir deste conjunto de fontes históricas, também foi possível inteirar-se mais profundamente do papel de figuras importantes e conhecidas, como o Ministro da Marinha Alexandrino Faria de Alencar, um dos principais responsáveis pela ocupação, e de personagens desconhecidos da literatura acadêmica, como o Primeiro-Tenente Médico Dr. Erasmo José da Cunha Lima, cujo trabalho foi de extrema importância para o Brasil, na Grande Guerra, seja cuidando da saúde do destacamento militar brasileiro em Trindade, seja na DNOG, em Dakar, na África, tratando dos pacientes da esquadra brasileira acometidos pela influenza espanhola que fez milhões de vítimas no mundo inteiro. Teve também “personagens animais” como os caranguejos da ilha que foram destaque em várias publicações. Outro que acabou se transformando em mais uma lenda da Ilha da Trindade foi um animal que foi levado para lá: um burro, o “Burro Inteligente”, que fugia dos navios que chegavam na ilha para não ter de trabalhar. Servir à pátria, encontrar um tesouro, desvendar os mistérios da natureza, escrever uma grande reportagem, ser vítima de um naufrágio, escapar do mundo moderno ou, simplesmente, ir para lá, voluntariamente, pelo desejo de conhecer a “famosa” Ilha da Trindade, como foi o caso do Almirante Pedro Frontin, comandante da 2ª Divisão Naval, e do então Primeiro-Tenente, Oswaldo Osíris Storino, que se encantou por Trindade em uma aula de geografia, no Colégio Pedro II. Foram várias as razões e motivações que levaram muitos “personagens” militares, operários, médicos, cientistas, marinheiros, comerciantes e um caçador de tesouros à Ilha da Trindade, entre 1916 e 1919. Personagens que foram testemunhas presenciais da primeira tentativa de colonização brasileira permanente desta ilha e protagonistas de uma história de aventura, superação humana, patriotismo, nacionalismo, coragem e dedicação à ciência (que quase levou o líder da comissão científica da missão, o professor Bruno Lobo, à morte).

A lenda do tesouro e as imagens fantásticas da Ilha da Trindade na imprensa

Sobre os aspectos fantásticos relacionados com a Ilha da Trindade, um dos temas mais difundidos na cobertura jornalística sobre a ocupação militar desta ilha, na Grande Guerra, especialmente nos seus primeiros meses, diz respeito à lenda do tesouro que, supostamente, teriam sido enterrados na ilha por antigos piratas. Esta lenda ganhou força a partir da publicação do livro de E.F Knight, *The Cruise of the Alert - The narrative of a search for treasure in the*

desert Island of Trindad, que conta as aventuras de algumas expedições, incluindo a do próprio autor, que foram para Trindade em busca deste tesouro. Verificou-se neste estudo muitas publicações que citaram a história desta lenda, reforçando ainda mais a imagem da ilha como sendo a “Ilha do Tesouro”. Uma imagem que se perpetua até hoje, como visto em uma reportagem do portal *UOL*, datada de 2023.⁷¹² Para Siqueira (2006), embora o formato jornalístico busque sempre um compromisso com a realidade, “muitas vezes recorre ao espetáculo, ao sensacionalismo, ao apelo emocional que se sobrepõe ao nível de informação”.⁷¹³ Uma evidência sobre esta afirmação são os títulos das séries de reportagens assinadas por Cleto e Falcão. Ambos fazem referência à lenda do tesouro da Ilha da Trindade: *A Joia de Turco do Atlântico* e *Na Ilha dos Tesouros Fabulosos*. Daí a importância, no campo da popularização das ciências oceânicas e da educação marítima, de estudos como este, voltados para a pesquisa, análise e discussão sobre os conteúdos midiáticos referentes ao mar, ao oceano, à biodiversidade e aos ecossistemas marinhos, com o objetivo de fomentar a conscientização e a mentalidade marítima da sociedade brasileira com base no conhecimento científico. Ainda neste contexto, na análise das reportagens que fizeram parte do *corpus* da pesquisa, verificou-se o uso de figuras de linguagem como metáforas, analogias e personificações para retratar a Ilha da Trindade. Muitas publicações foram responsáveis pela divulgação de uma imagem idealizada, romantizada e estereotipada da Ilha da Trindade como um lugar fantástico, misterioso, mitológico, bíblico, paradisíaco e infernal. Uma ilha secreta que abrigava fabulosos tesouros de antigos piratas. Em muitas notícias e reportagens, a Ilha da Trindade também foi retratada de diversas formas, significados e conceitos: “Ilha dos Sonhos”, “Ilha dos Piratas”, “Ilha dos Tesouros”, “Ilha Maldita”, “Ilha dos Caranguejos”, “Joia de Turco do Atlântico”, “Joia do Atlântico”, “Ilha do Inferno”, “Nova Cólquida”, “Castelo de Tristão”, “Terra Prometida”, “Prolongamento do Purgatório”, “Um Oásis”, “Tentação Perdida no Oceano”, “Miragem Encantadora”, “Um Pechisbeque”, “Uma Penedia, Intratável e Hostil”, “Um Novo Círculo do Inferno Dantesco”, “Ilha Amaldiçoada”, “Parte da Velha Atlântida”, “Ilha Tenebrosa” etc. A difusão nos meios de comunicação (jornais, revistas, cinema, televisão, internet etc.) de imagens idealizadas, romantizadas e estereotipadas dos ambientes marinhos,

⁷¹²PORTAL UOL. **Parada de piratas**: como é a ilha brasileira que pode esconder um tesouro. Nossa Viagem, São Paulo, 12 dez. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2023/12/11/ilha-trindade-tesouro-pirata-curitiba.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 16 jan. 2024.

⁷¹³SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. “O cientista na animação televisiva: discurso, poder e representações sociais”. Em *Questão*, Porto Alegre, v.12, n.1, 2006, p.137.

das atividades marítimas, das ciências oceânicas e da biodiversidade marinha é uma área de pesquisa no campo da Comunicação, Estudos Marítimos e disciplinas afins, muito pouco explorada. Este estudo propõe uma maior atenção dos pesquisadores nesta área que poderia ser denominada de “Comunicação Azul”, isto é, como os meios de comunicação retratam o oceano, a biodiversidade e os ecossistemas marinhos no Brasil e no mundo. E como esses estudos podem auxiliar na fomentação da cultura oceânica e da mentalidade marítima da população mundial e assim contribuir com a Década do Oceano.

Críticas, elogios à Marinha e o fim da ocupação

A divulgação nos jornais dos relatos dos primeiros expedicionários brasileiros, entre militares e cientistas, que participaram da missão de ocupação da Ilha da Trindade revelou as principais dificuldades enfrentadas por eles na ilha: os riscos do desembarque, a violência do mar, o solo arenoso e pedregoso que dificultava as excursões e inviabilizava o cultivo em larga escala, a vegetação pobre, os ratos e caranguejos que devoravam as pequenas hortas plantadas pela guarnição, a solidão e o tédio daqueles que ficavam ali meses isolados etc. Diante deste cenário hostil, e a certeza de que não havia tesouro na ilha e nem a possibilidade de qualquer retorno econômico (os professores do MN Bruno Lobo e Miranda Ribeiro até mencionaram a possibilidade de ser desenvolvida na ilha uma indústria pesqueira e de aproveitamento de tartarugas, corais e esponjas, porém, a longa distância entre Trindade e o continente inviabilizava o negócio), parte da imprensa e alguns políticos passaram a criticar o governo brasileiro pelos gastos com a ocupação, considerados por eles excessivos e supérfluos. A Ilha da Trindade chegou a ser tratada por alguns periódicos como sendo um trambolho estratégico, uma dor de cabeça para o Brasil, uma ilha que nada representava, que servia apenas para a criação de cabritos e cuja ocupação era uma ideia extravagante, uma louca fantasia, um mau sonho, uma lamentável temeridade! Trindade, que já havia sido apresentada por muitos periódicos da época como a “Ilha dos Sonhos” e “A Ilha dos Tesouros Fabulosos”, passou a ser atacada por aqueles que acreditavam que ela deveria ser devolvida aos caranguejos, seus únicos e verdadeiros donos. Por outro lado, o argumento de que a ocupação militar era fundamental para garantir a soberania do Brasil sobre a Ilha da Trindade, cuja localização estratégica atraía a cobiça de muitas nações, ainda era forte. Além disso, o sucesso da missão militar, que dotou a ilha de construções, iluminação elétrica, canalização de água para as casas, um posto de

observação meteorológica e uma estação de telegrafia sem fio, que se comunicava diariamente com outras estações no continente, somado aos resultados alcançados pelos cientistas brasileiros, que lá realizaram, em tempos distintos, diferentes atividades e estudos, eram notórios. Em contraste às críticas pelos gastos com a ocupação, muitos elogios foram publicados na imprensa relativos aos trabalhos que vinham sendo realizados pela MB na Ilha da Trindade. Segundo o *Gazeta de Notícias*, a Corporação Naval desempenhou com sucesso uma das missões mais difíceis da MB.⁷¹⁴ De acordo com o *Jornal do Brasil*, esta missão foi realizada de maneira segura e competente.⁷¹⁵ Porém, quando a guerra terminou, o risco de a Ilha da Trindade ser invadida por uma esquadra estrangeira tornou-se muito pouco provável. Talvez tenha sido assim que o então Ministro da Marinha, Raul Soares, pensou, quando, em agosto de 1919, ordenou a retirada da guarnição militar da ilha — segundo ele, para evitar gastos dispendiosos e desnecessários — e de todos os equipamentos possíveis de serem retirados, como as estações de radiotelegrafia e meteorológica, colocando um ponto final na história da primeira ocupação militar brasileira permanente da Ilha da Trindade.

A atual ocupação militar da Ilha da Trindade

Por fim, este estudo propõe uma reflexão sobre a seguinte questão: diante dos gastos elevados necessários para manter permanentemente uma guarnição da MB na Ilha da Trindade, será que vale a pena o governo brasileiro continuar investindo na atual ocupação militar (iniciada no final dos anos 50) e no financiamento e apoio de expedições científicas e projetos de pesquisa na ilha e seu entorno, como acontece atualmente?

Na Grande Guerra, conforme visto neste estudo, os gastos com a missão militar na Ilha da Trindade foram um dos principais motivos que levaram o governo brasileiro a decretar o fim da primeira tentativa de ocupação permanente desta longínqua ilha. Hoje, os altos custos inerentes à presença contínua de militares em Trindade e ao apoio financeiro e logístico das pesquisas científicas na região continuam sendo um dos grandes desafios para continuidade da atual ocupação. Isto significa dizer que, assim como ocorreu nas ocupações anteriores, a Ilha da Trindade corre o risco de mais uma vez ficar desguarnecida militarmente? Se depender dos exemplos das antigas ocupações britânica, portuguesa e brasileira, sim, este risco existe.

⁷¹⁴COUSAS, ref. 250.

⁷¹⁵A ILHA da Trindade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro-RJ, 20 ago. 1919, p.6.

O jornalista Lucas Cembranelli, em uma reportagem publicada na Folha de São Paulo, questiona qual seria a importância do Brasil “gastar dinheiro para manter militares isolados numa ilha tão pequena e distante do continente?”⁷¹⁶ Segundo ele, manter uma guarnição da MB, composta de cerca de 32 homens em média, em um território de difícil acesso demanda um custo alto e uma organização muito grande. Apesar disto, o jornalista acredita que o gasto com a ocupação militar e o apoio às pesquisas científicas em Trindade é pouco diante da importância da ilha para o país, sob o ponto de vista econômico, científico e ambiental.

Trindade é muito importante economicamente para o Brasil. O governo teve uma visão estratégica em 1957, quando decidiu passar à Marinha a tarefa de ocupar e vigiar o local, tomando como base o acordo internacional sobre mares e oceanos. Este acordo, que foi assinado em 1982 durante a ‘Convenção das Nações Unidas sobre Direito do Mar - Convenção da Jamaica’, garante a exploração econômica à nação mais próxima das 200 milhas marítimas (aproximadamente 370 km) das águas marinhas numa linha reta a partir do seu território. Ou seja, foi feito um acordo amigável, dando o direito de exploração de uma zona econômica exclusiva aos países, de seus mares, dentro deste limite estabelecido. Por este motivo, Trindade é um ponto estratégico, por ser um território nacional localizado a 640 milhas náuticas (1200 km) numa reta a partir de Vitória, ou ainda águas exclusivamente brasileiras no meio do Atlântico. Esta é a grande vantagem de manter a ilha ocupada. O Brasil tem o direito de usufruir das riquezas das águas nesta região, como a pesca e a exploração de petróleo e outros minerais. Além do poder de controle militar e da responsabilidade pelas ações na região, como um possível desastre ambiental ou atividades ilegais no país, como os navios de cassinos. Considerando a mesma faixa partindo do continente, entre a ilha e o Espírito Santo, esta área de exploração se torna maior. Somando a zona dos dois lados (ilha mais continente), a área que pode ser explorada ocupa 2/3 do espaço banhado pelo oceano Atlântico. Também não se pode negar as riquezas que esta fração do território nacional possui em suas terras. A ilha é um laboratório natural muito diversificado.⁷¹⁷

No artigo *PROTRINDADE: importância estratégica da pesquisa*, Souza (2011) argumenta que a garantia da soberania da Ilha da Trindade pode exigir elevados investimentos, que são, porém, justificados pela importância geopolítica, econômica e científico-ambiental da ilha justifica estes investimentos.

A importância estratégica da localização geográfica da Ilha foi consolidada pela Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (CNUD), que garante o direito de o Brasil estabelecer, ao redor de suas ilhas oceânicas

⁷¹⁶CEMBRANELLI, Lucas. Ilha da Trindade – História. Folha Online, [s.d.]. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/aventura/ilha_da_trindade-historia.shtml. Acesso em: 18 set. 2024.

⁷¹⁷*Ibid.*

habitadas permanentemente, Mar Territorial (12 milhas) e Zona Econômica Exclusiva - ZEE (188 milhas a partir do Mar Territorial), [...] uma área marítima de 200 milhas de raio, cerca 450.000 km², equivalente ao Estado da Bahia, onde temos exclusividade para pesquisar, preservar ou explorar de modo sustentável os recursos da massa líquida, do solo e do subsolo marinhos. Trindade está próxima às regiões economicamente mais importantes e mais densamente povoadas do País. As descobertas de importantes reservatórios de hidrocarbonetos, na região pré-sal, repercutiram sobre o significado estratégico e econômico dessa área marítima, em função de suas riquezas ampliadas.⁷¹⁸

Para Souza, as pesquisas científicas são imprescindíveis para a conservação ambiental da ilha — que possui espécies endêmicas e ameaçadas, além de nascentes de água potável, entre outras riquezas naturais — pois elas orientam a Marinha a realizar ações de conservação na ilha e no seu entorno que, atualmente, abrangem duas Unidades de Conservação.

Caprinos levados para a ilha, há muitos anos, por navegadores estrangeiros, tornaram-se selvagens, e, sem predador natural, proliferaram e devastaram a vegetação nativa. Estudo do Museu Nacional orientou a Marinha na retirada das cabras, e, menos de uma década após, já se observa a recuperação da vegetação, a redução da erosão, o aumento da vazão das nascentes e o reaparecimento de aves julgadas extintas. Com menos sedimentos nas praias, o aumento da vida marinha permite que maior quantidade de aves nidifique na ilha e realimentem o ecossistema. Trindade é o maior ninhal de tartarugas verdes do Atlântico Sul (5.500 ocorrências em 2010). Esse monitoramento é feito pelo projeto TAMAR / Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio, com o apoio da Marinha.⁷¹⁹

Como visto e enfatizado por muitos autores, a atual ocupação militar na Ilha da Trindade, que completa em 2024, 67 anos, além de garantir a soberania brasileira sobre a ilha e seu entorno, dá o direito ao Brasil de explorar economicamente uma gigantesca área marítima (ZEE) abundante em recursos naturais e próxima às principais regiões petrolíferas do país. Na Grande Guerra, além do lendário tesouro que muitos acreditavam existir em Trindade, mas que nunca foi encontrado, e da possibilidade de se estabelecer ali uma atividade industrial de pesca (além da exploração econômica de tartarugas, corais e esponjas), mas que foi considerada inviável devido à longa distância entre a ilha e os principais mercados consumidores, não havia com a ocupação nenhuma perspectiva de retorno econômico. Somente o valor estratégico e

⁷¹⁸ SOUZA, Camilo de Lellis Menezes Felipe de. PROTRINDADE: Importância Estratégica da Pesquisa. *Âncoras e Fuzis*, n. 42, p. 49-50, jul. 2011.

⁷¹⁹ SOUZA, Camilo de Lellis Menezes Felipe de. PROTRINDADE: Importância Estratégica da Pesquisa. *Âncoras e Fuzis*, n. 42, p. 51, jul. 2011.

científico que Trindade reconhecidamente possuía não foi o suficiente para garantir a continuidade da sua ocupação — ainda mais com o fim da guerra que foi o principal motivo que levou a MB a ocupar a ilha.

Sobre a relevância das pesquisas realizadas na região por pesquisadores de diversas instituições científicas do país e que “ocorrem graças ao apoio logístico prestado pela MB e o seu compromisso com a ciência”⁷²⁰, destaca-se, dentro do período da atual ocupação, a importância global das ciências oceânicas no cumprimento dos objetivos da Década do Oceano, cuja missão é “catalisar soluções transformadoras baseadas na ciência oceânica para o desenvolvimento sustentável, conectando as pessoas ao nosso oceano”.⁷²¹ De acordo com a ONU, as pesquisas científicas oceânicas, como as que são realizadas em Trindade, são fundamentais para o enfrentamento e mitigação dos impactos causados pelas mudanças climáticas nos ambientes marinhos, como o aumento da temperatura e do nível das águas do mar, a acidificação do oceano e a perda de biodiversidade marinha, entre outros, que colocam em risco grande parte da população mundial. “Aumentar a compreensão donexo entre o oceano e o clima e gerar conhecimento e soluções para mitigar, adaptar e reforçar a resiliência aos efeitos das alterações climáticas [...]”⁷²² é um dos principais desafios da Década do Oceano.

Esta dimensão e compreensão da importância global da ciência como sendo uma das principais ferramentas para se atingir a conservação do oceano e a exploração sustentável dos recursos naturais marinhos, que representa mais um forte argumento para a continuidade da presença permanente de militares e cientistas na Ilha da Trindade, é um contexto político global que não existia na época da primeira ocupação permanente da Ilha da Trindade, apesar de as pesquisas científicas realizadas na ilha naquela época terem tido bastante valorização e destaque na imprensa brasileira.

O número de expedições científicas apoiadas pela MB — das quais a primeira foi a liderada pelo MN em 1916 — aumentou significativamente na atual ocupação a partir da implantação do PROTRINDADE, em 2007.⁷²³ Os investimentos do governo em pesquisas sobre as ilhas oceânicas brasileiras também aumentaram de 2019 para cá. Um edital do

⁷²⁰MESSIAS, ref. 1.

⁷²¹BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações – MCTI. Plano Nacional de Implementação da Década da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável. 2021. Disponível em: <https://decada.ciencianomar.mctic.gov.br/wp-content/uploads/2022/01/Plano-Nacional-de-Implementac%C3%A7%C3%A3o-da-D%C3%A9cada-da-Ci%C3%Aancia-Oce%C3%A2nica-links.pdf>, Acesso em: 18 set. 2024.

⁷²²*Ibid.*

⁷²³CIRM, ref. 2, p.13.

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) publicado em 2024 prevê o investimento de R\$ 10 milhões em projetos de pesquisa no âmbito do Programa Arquipélago e Ilhas Oceânicas, no qual os projetos desenvolvidos na Ilha da Trindade e Arquipélago de Martim Vaz e áreas adjacentes se enquadram. “Este valor é cerca de 65% maior do que os R\$ 6 milhões investidos na chamada anterior, lançada em 2019”.⁷²⁴ Após o início do funcionamento da ECIT, no final de 2010, as expedições científicas à Trindade tornaram-se regulares. De 2011 a 2017, mais de 60 expedições já haviam sido realizadas e cerca de 700 pesquisadores de diversas e renomadas instituições científicas do Brasil passaram pela ECIT.⁷²⁵

Por todos esses motivos, econômico, científico, político, estratégico, militar e ambiental, é difícil imaginar que o Brasil possa no futuro desistir da ocupação permanente da Ilha da Trindade, como fez em 1919 e nas duas ocupações seguintes. Porém, é importante salientar que a conscientização da sociedade brasileira sobre a importância da Ilha da Trindade para o país e para as ciências oceânicas é fundamental para a perenidade e sustentabilidade da política brasileira de ocupação, pesquisa científica e soberania deste pequeno território isolado no meio do Atlântico. Neste sentido, pesquisadores, cientistas, jornalistas, divulgadores científicos, educadores, veículos de comunicação e a própria MB têm o importante papel de contribuir para a fomentação e o incremento desta conscientização, levando para a sociedade brasileira informações acessíveis por meio de ações de comunicação, educação ambiental e produção científica que possam tornar cada vez mais conhecidos, embasados cientificamente e popularizados, os ganhos que Trindade representa para o desenvolvimento nacional, para a garantia da soberania brasileira no Atlântico Sul, para a exploração sustentável dos recursos naturais da sua ZEE, para o conhecimento e preservação do oceano, para o fortalecimento da mentalidade marítima no Brasil e para a proteção dos ecossistemas marinhos da APA do Arquipélago de Trindade e Martim Vaz e do MONA das Ilhas de Trindade e Martim Vaz e do Monte Columbia.

⁷²⁴ BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. CNPq investe R\$ 10 milhões em pesquisas no Programa Arquipélago e Ilhas Oceânicas *arquipelago-e-ilhas-oceanicas*. Brasília: CNPq, s/a. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/cnpq-investe-r-10-milhoes-em-pesquisas-no-programa->. Acesso em: 18 set. 2024.

⁷²⁵CIRM, ref. 2, p.13.

4 – REFERÊNCIAS

- A ACÇÃO dos piratas alemães no Atlântico Sul. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 1 abr. 1917.
- A BARCA ‘Cambronne’. *A Gazeta*, São Paulo, SP, 31 mar.1917.
- A CARTA Geral da República. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, RJ, 16 out. 1917.
- A CONFERENCIA do Dr. Bruno Lobo. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, RJ, 5 ago. 1918.
- A EPOCA. Rio de Janeiro, RJ, 18 mai. 1917.
- A ESTAÇÃO radiográfica da Trindade nas mãos de um alemão. **A Rua**, Rio de Janeiro, RJ, 10 fev. 1917.
- A ESTRÉIA da estação radiográfica da ilha da Trindade. **Diario de Pernambuco**, Recife, PE, 21 mar. 1917.
- A EXCURSÃO à Ilha da Trindade - O desembarque. A flora. A fauna – Algumas palavras do Sr. Dr. Bruno Lobo. **A Noticia**, Rio de Janeiro, RJ, 10 jun. 1916.
- A FAMOSA ilha dos tesouros. **A Tribuna**, São Paulo, SP, 14 jun. 1916.
- A GUERRA. **O Matto-Grosso**. Cuiabá, MT, 5 abr. 1917, p.4.
- A GUERRA nos mares. **Jornal Pequeno**, Recife, PE, 19 abr. 1917.
- A ILHA da Trindade – Conferência do professor Bruno Lobo na Bibliotheca Nacional. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, RJ, 4 ago. 1918.
- A ILHA da Trindade – Uma viagem interessante e seus resultados. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 11 jun. 1916.
- A ILHA da Trindade – Uma viagem interessante e seus resultados. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 11 jun. 1916.
- A ILHA da Trindade e os resultados da excursão do Museu Nacional – O que, em palestra, nos conta, o médico da guarnição, Dr. Antonio Lemos Filho. **A Rua**, Rio de Janeiro, RJ, 15 out. 1916.
- A ILHA da Trindade transformada em base de operações?. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro-RJ, 4 de abril de 1916.
- A ILHA da Trindade. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 3 ago. 1918.
- A ILHA da Trindade. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, RJ, 4 set. 1919.
- A ILHA da Trindade. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, RJ, 20 ago. 1919.

A ILHA da Trindade. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, RJ, 20 de agosto de 1919.

A ILHA da Trindade. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 21 jun. 1916.

A ILHA da Trindade. **O Tico Tico**: Jornal das crianças, Rio de Janeiro, RJ, n. 741, ano XIV, 17 dez. 2019.

A IMPRENSA norte-americana e a nota do Brasil à Alemanha. **A Tribuna**, Santos, SP, 11 fev. 1917.

A INAUGURAÇÃO hoje do Salão dos Humoristas. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 14 nov. 1916.

A INFLUENZA Hespanhola – O Ministerio da Marinha ainda hontem não recebeu a relação dos marinheiros victimados. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 28 set. 1918.

A LENDA da Ilha da Trindade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 14 jun. 1916.

A LONGITUDE do Pico da Ilha da Trindade foi rectificada. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, RJ, 26 ago. 1916.

A MARINHA recebeu expressivas condolências do almirantado inglez. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 26 set. 1918.

A MARINHA tem mais uma estação radiotelegraphica. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ, 11 fev. 1918.

A NOITE. Rio de Janeiro, RJ, 6 jan. 1917.

A OCUPAÇÃO militar da Ilha da Trindade foi acabada. **O Jornal**, Rio de Janeiro, RJ, 19 ago. 1919. s

A PARTIDA do ‘Barroso’ para a Trindade – Um representante da *A Epoca* seguiu a bordo. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 21 mai. 1916.

A PARTIDA do ‘Barroso’ para a Trindade. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 17 mai. 1916.

A PARTIDA do ‘Benjamin Constant’ para a Trindade. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ 7 jan. 1919.

A PARTIDA do ‘Carlos Gomes’. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, RJ, 23 set. 1916.

A PARTIDA do ‘Pittsburg’. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, RJ, 21 mar. 1919.

A PASSAGEM dos títulos brasileiros para os Estados Unidos. **A Republica**, Curitiba, PR, 16 mai. 1919.

A PIRATARIA no Atlântico Sul. **A Rua**, Rio de Janeiro, RJ, 1 abr. 1917.

A PIRATARIA allemã nos nossos mares. **A Rua**, Rio de Janeiro, RJ, 23 jan. 1917.

A PIRATARIA allemã. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 31 mar. 1917.

A POSIÇÃO geográfica da Ilha da Trindade. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, RJ, 26 jan. 1918.

A PROVINCIA. Recife, PE, 29 dez. 1916.

A RADIOTELEGRAFIA na Marinha. **Diário de Pernambuco**, Recife, PE, 27 fev. 1918.

A RAZÃO. Rio de Janeiro, RJ, 21 mar. 1917.

A RUA. Rio de Janeiro, RJ, 12 fev. 1917.

A SEMANA. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 11 jun. 1916.

A SITUAÇÃO internacional dos caranguejos. **O Jornal**, Rio de Janeiro, RJ, 21 set. 1919.

A TRINDADE tem um novo poste luminoso. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 27 mai. 1917.

A VIAGEM do 'Barroso' - A ocupação militar da ilha da Trindade - Antecedentes da ocupação. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 10 jun. 1916.

A VIAGEM do 'Barroso' à Trindade – o que nos disse o professor Bruno Lobo. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 11 jun. 1916.

A VIAGEM do 'Benjamin Constant'. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 13 fev. 1919.

A VIAGEM do 'Benjamin'. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ, 18 dez. 1918.

A VIGILÂNCIA das nossas águas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 23 jan. 1917.

ABI - Associação Brasileira de Imprensa. Caricatura celebra centenário do Salão dos Humoristas. Rio de Janeiro, 21 nov. 1916. Disponível em: <https://www.abi.org.br/caricatura-celebra-centenario-do-salao-dos-humoristas-no-rio/>. Acesso em: 15 mai. 1916.

ABONO de gratificação ao destacamento da Trindade. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ, 23 fev. 1917.

ABONO de gratificações as praças do destacamento da Trindade. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 23 fev. 1917.

ACTOS Officiaes. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, RJ, 25 abr. 1918.

AINDA o terrível mal que victimou os nossos marujos, nas costas africanas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 23 set. 1918.

AINDA o terrível mal que victimou os nossos marujos, nas costas africanas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 23 de setembro de 1918.

ALASTRA-SE a *influenza hespanhola* em Portugal- Os mortos pela peste da guerra. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ, 24 set. 1918.

ALENCAR, Alexandrino Faria de. Carta dirigida ao Diretor do Observatório Nacional. Ministério dos Negócios da Marinha. Acervo do Observatório Nacional, Rio de Janeiro, RJ, documento n. 35981 out. 1917.

ALLONSO, Wladimir J., SCHUCK-PAIM, C., SHANKS, G. D., ALMEIDA, F. E. A. A alta mortalidade da pandemia espanhola na divisão naval em operações de guerra em 1918. Tradução: Francisco Eduardo Alves de Almeida. **Revista Navigator**, Rio de Janeiro, RJ, v. 9, n. 17, 2013, p.11-21.

ALMEIDA, Francisco Alves de. A situação material dos navios de guerra da Armada Nacional ao final de 1917. *Revista Navigator*, Rio de Janeiro, RJ, v. 3, n. 5, p. 7-19, 2007.

ALMEIDA, Francisco Eduardo de Alves de. **Da guerra à diplomacia: A história da divisão naval brasileira na Grande Guerra**. Rio de Janeiro, RJ: Letras Marítimas, p. 688, 2022.

ALVES, José Valka; SILVA, Nílber Gonçalves. De Historia Naturali Insulæ Trinitatis MDCC – MMX- Três Séculos de História Natural na Ilha da Trindade com Comentários Sobre Sua Conservação. Smashwords, 2016.

ALMEIDA, Luciana. **Novo mapa do Brasil é expandido com 5,7 milhões de km² de área marítima**. Agência Marinha de Notícias, 28 set. 2023. Disponível em: <https://www.agencia.marinha.mil.br/amazonia-azul/novo-mapa-do-brasil-e-expandido-com-57-milhoes-de-km2-de-area-maritima>. Acesso em: 23 nov. 2024.

ALVES, Ruy José Válka. **Ilha da Trindade & Arquipélago Martin Vaz: Um Ensaio Geobotânico**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 1998, 144 p.

ARARA & C. Balas d'estalo. **A Tribuna**, São Paulo, SP, 22 mai. 1916.

ARCHIVOS do Museu Nacional. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 8 dez. 1919.

AS BALELAS germanophilas – O que há de verdade a respeito da Ilha da Trindade. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 9 abr. 1916.

AS COMUNICAÇÕES radio-telegraphicas com a ilha da Trindade. **A Tribuna**, Santos, SP, 20 mar. 1917.

ASCOM - Ministério das Comunicações. **Rádio no Brasil: há mais de 100 anos criando e contando histórias**. Ministério das Comunicações. Brasília, DF, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/setembro/radio-no-brasil-ha-mais-de-100-anos-criando-e-contando-historias#>. Acesso em: 14 mai. 2024.

AVISO aos Navegantes – Determinação geográfica de uma ilha. **A Tribuna**, Santos, SP, 25 jan. 1918.

BACELLAR, Gilerto Huet de. DHDM. Documento sobre a história da Ilha da Trindade, [s.d.].

BALAS d'estalo.... **A Tribuna**, Santos, SP, 26 ago. 1916.

BARROS, Antonio Luiz de. Trabalhos do Instituto Oswaldo Cruz. **O Brazil-Medico**: Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, Rio de Janeiro, RJ, ano XXXII, n.18, 4 mai. 1918.

BARROS, José D'Assunção. Fontes históricas – introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2019.

BARROS, José D'Assunção. O jornal como fonte histórica. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2023.

BAUER, M., RAGNARSDÓTTIR, Á., RÚDÓLFSDÓTTIR, A. Science and Technology in the British Press, 1946-1990 – A systematics content analysis of the press, work report, 1993.

BN - Biblioteca Nacional. Acervo – O TICO-TICO: a mais importante revista voltada para o público infanto-juvenil no Brasil. Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/explore/curiosidades/acervo-tico-tico-mais-importante-revista-voltada-publico>. Acesso em: 18 jun. 2024.

BRASIL. Decreto nº 9.312 19 de março de 2018. Cria a Área de Proteção Ambiental do Arquipélago de Trindade e Martim Vaz e o Monumento Natural das Ilhas de Trindade e Martim Vaz e do Monte Columbia. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 20 mar. 2018.

BRASIL. Relatório do Ministro de Estado dos Negócios da Marinha - Anexo-B, Relatório da Superintendência de Navegação. **Imprensa Nacional**, Rio de Janeiro, RJ, abr. 1918.

BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. CNPq investe R\$ 10 milhões em pesquisas no Programa Arquipélago e Ilhas Oceânicas arquipelago-e-ilhas-oceanicas. Brasília: CNPq, s/a. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/cnpq-investe-r-10-milhoes-em-pesquisas-no-programa->. Acesso em: 18 set. 2024.

BRASIL. Decreto n. 1.530, de 22 de junho de 1995, Parte V, art. 56º. Declara a entrada em vigor da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, concluída em Montego Bay, Jamaica, em 10 de dezembro de 1982. **Diário Oficial da União**: 23 jun. 1995.

BRASIL. Decreto n. 74.557, de 12 de setembro de 1974. Cria a Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (CIRM) e dá outras providências. Presidência da República: Brasília, DF, 12 set. 1974.

BRASIL. Decreto n. 11.896 de 14 de janeiro de 1916. Dá novo regulamento ao Museu Nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 18 jan. 1909.

BRASIL. Decreto n. 9.672, de 17 de julho de 1912. Crêa a Inspectoria de Pesca e aprova o respectivo regulamento. Portal da Câmara dos Deputados. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 23 jul. 1912. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-9672-17-julho-1912-524046-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 2 jul. 2024.

BRASIL. Decreto n.11.181, de 30 de setembro de 1914 – Crêa uma guarnição militar mixta de terra e mar, sob a administração do Ministerio da Marinha, em cada uma das ilhas de Fernando de Noronha e da Trindade. In: **Revista Marítima Brasileira**, Rio de Janeiro, n.4, ano XXXIV, out. 1914.

BRASIL. Decreto Nº 11.037, de 4 de agosto de 1914. Estabelece regras geraes de neutralidade do Brasil no caso de guerra entre as Potencias estrangeiras. **Diário Oficial da União**: seção 1, Rio de Janeiro, RJ, 5 ago. 1914. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-11037-4-agosto-1914-575458-publicacaooriginal-98652-pe.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

BRASIL. Decreto nº 3.361, de 26 de outubro de 1917. Reconhece e proclama o estado de guerra iniciado pelo Império Alemão contra o Brasil. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, v. 169, 26 out. 1910. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-3361-26-outubro-1917-776105-publicacaooriginal-139969-pl.html>. Acesso em: 15 jun. 2024.

BRASIL. Decreto nº 7.672, de 18 de novembro de 1909. Crêa no Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio a Directoria de Meteorologia e Astronomia. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 30 nov. 1909. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-7672-18-novembro-1909-513270-republicacao-104185-pe.html>. Acesso em: 16 jun. 2024.

BRASIL. Lei n. 3.393, de 16 de novembro de 1917. Autoriza o Governo a, desde já, e até 31 de dezembro, declarar, succesivamente, o estado de sitio nas partes do territorio da União onde o exigirem as necessidades e os deveres da situação e dá outras providencias”. **Coleção de Leis da República do Brasil (1889 - 2000)**. Câmara dos Deputados, Brasília, DF. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1910-1919/lei-3393-16-novembro-1917-572815publicacaooriginal96124pl.html#:~:text=Decretada%20a%20liquida%C3%A7%C3%A3o%20das%20empresas,e%20subditos%20estrangeiros%20n%C3%A3o%20inimigos.> Acesso em: 16 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações – MCTI. Plano Nacional de Implementação da Década da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável. 2021. Disponível em: <https://decada.ciencianomar.mctic.gov.br/wp-content/uploads/2022/01/Plano-Nacional-de-Implementac%C3%A7%C3%A3o-da-D%C3%A9cada-da-Ci%C3%Aancia-Oce%C3%A2nica-links.pdf>, Acesso em: 18 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. **Observatório Nacional 190 anos: uma viagem no tempo e no espaço**. Rio de Janeiro: Observatório Nacional, 2018, 48p.

BRASIL. Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brazil pelo Almirante reformado Alexandrino Faria de Alencar - Relatório do Ministro de Estado dos Negócios da Marinha – Anexo ao Relatório. **Imprensa Nacional**, Rio de Janeiro, RJ, abr. 1918.

BRASIL. Relatório do Ministério das Relações Exteriores 1917. **Imprensa Nacional**, Rio de Janeiro, RJ, 1931.

BUSANELLO, Maitê Zanella. **Vamos falar sobre exemplares-tipo?** Centro de Estudos Costeiros Limnológicos e Marinhos (CECLIMAR), UFRGS. Imbé, RS, 14 de dez 2020.

BRASIL. **Catálogo de Teses e Dissertações**. Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), 2016. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

CAPILÉ, Bruno. O Clube de Engenharia na confecção da Carta Geográfica do Brasil para a comemoração do 1º Centenário de Independência do Brasil. Clube de Engenharia, Rio de Janeiro, RJ, 11 jan. 2019. Disponível em: <https://portalclubedeengenharia.org.br/o-clube-de-engenharia-na-confeccao-da-carta-geografica-do-brasil-para-a-comemoracao-do-lo-centenario-de-independencia-do-brasil/>. Acesso em: 16 jun. 2024.

CARVALHO, J. M. de; MOREIRA, I. C. (Org.) *Ciência no Brasil: 100 anos da Academia Brasileira de Ciências*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2017.

CARTA Geral da República. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 16 out. 1917.

CASAZZA, I. F. Natureza e ciência na trajetória do botânico Paulo Campos Porto (1914-1939). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27, 2013, Natal. **Anais [...]**. Natal: ANPUH, 2013.

CASTRO, João Wagner Alencar. Ilhas oceânicas da Trindade e Fernando de Noronha, Brasil: Uma visão da Geologia Ambiental. Lisboa, Portugal, Revista da Gestão Costeira Integrada, vol. 10, n.3, 2010, pp 303-319

CEMBRANELLI, Lucas. Ilha da Trindade – História. Folha Online, [s.d.]. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/aventura/ilha_da_trindade-historia.shtml. Acesso em: 18 set. 2024.

CENTRO de Comunicação Social da Marinha. **O que é a Amazônia Azul e por que o Brasil quer se tornar potência militar no Atlântico**. 1 nov. 2019. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/economia-azul/noticias/o-que-%C3%A9-amaz%C3%B4nia-azul-e-por-que-o-brasil-quer-se-tornar-pot%C3%Aancia-militar-no-atl%C3%A2ntico#:~:text=%C3%81rea%20que%20apenas%20o%20Brasil,floresta%20amaz%C3%B4nica%20para%20o%20pa%C3%ADs>. Acesso em: 23 nov. 2024.

CIRM - Comissão Interministerial para os Recursos do Mar. **PROTRINDADE**: Programa de Pesquisas Científicas na Ilha da Trindade - 10 anos de pesquisas. 1. ed. Brasília- DF: SECIRM, 2017. 200 p. Disponível em: https://gaigerco.furg.br/images/Arquivos-PDF/protrindade-10anos_so_praias.pdf. Acesso em: 05 set. 2024.

CIRM - Comissão Interministerial para os Recursos do Mar. **Promoção da Mentalidade Marítima**. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/secirm/pt-br/promar>. Acesso em: 14 nov. 2024.

CIRM - Comissão Interministerial para os Recursos do Mar. **Amazônia Azul**. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/secirm/pt-br/amazoniaazul>. Acesso em: 23 nov. 2024.

CLETO, Paulo. *A Epoca* a caminho da Trindade - A primeira reportagem do nosso representante a bordo do ‘Barroso’ - *A filosofia* de um homem do povo. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 21 mai.1916.

CLETO, Paulo. *A Epoca* de volta da Trindade - A 'Joia de Turco' do Atlântico. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 10 jun. 1916.

CLETO, Paulo. O meu diário - A 'Joia de Turco' do Atlântico. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 11 jun. 1916.

CLETO, Paulo. *A Epoca* de volta da Trindade - A 'Joia de Turco' do Atlântico. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 13 jun. 1916.

CLETO, Paulo. *A Epoca* de volta da Trindade - A 'Joia de Turco' do Atlântico. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 15 jun. 1916.

CLETO, Paulo. *A Epoca* de volta da Trindade - A 'Joia de Turco' do Atlântico. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 17 jun. 1916.

CLETO, Paulo. *A Epoca* de volta da Trindade - A 'Joia de Turco' do Atlântico. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 21 jun. 1916.

CLETO, Paulo. *A Epoca* de volta da Trindade - A 'Joia de Turco' do Atlântico. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 25 jun. 1916.

CLETO, Paulo. *A Epoca* de volta da Trindade - A 'Joia de Turco' do Atlântico. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 26 jun. 1916.

COMPAGNON, Olivier. **O adeus à Europa:** a América Latina e a Grande Guerra. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

CONCURSOS. **Folha do Littoral**, Camocim, CE, 29 dez. 1918.

CONFERENCIAS. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ, 30 abr. 1919.

CONFERÊNCIAS. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, RJ, 4 ago. 1918.

CORDANI, Humberto G. Idade do vulcanismo no Oceano Atlântico Sul. Boletim Instituto de Geociências e Astronomia – IGA. Universidade de São Paulo.1:9–75. São Paulo – SP, 1970.

CORREIO da Manhã. Rio de Janeiro, RJ, 9 dez. 1914.

CORREIO da Manhã. Rio de Janeiro, RJ, 23 set. 1918.

CORREIO da Manhã. Rio de Janeiro, RJ, 14 fev. 1919.

CORREIO da Manhã. Rio de Janeiro, RJ, 20 mai. 1919.

CORREIO Paulistano. São Paulo, SP, 17 out. 1916.

COSTA, Dídio. Nas águas da Gasconha. **Imprensa Naval**, Rio de Janeiro, RJ, 1939.

COUSAS curiosas – A viagem à ilha dos tesouros. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, RJ, 10 de junho de 1916.

COUSAS curiosas – A viagem à ilha dos tesouros. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, RJ, 10 jun. 1916.

CRUZ, Carlos Luis Marques Castanheira da Cruz. Para uma historiografia sobre a Questão da Ilha da Trindade (1895-1896). **Navigato**r, Rio de Janeiro, RJ, 2006, v.2, n.4, p. 42-58; KÄMPF, Martin Normann. Ilha da Trindade – A ocupação britânica e o reconhecimento da soberania brasileira (1895 - 1896). Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), Brasília, DF, 2016, 221 p.

CYRANO & C. A Expedição à Trindade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 21 mai. 1916.

DARÓZ, Carlos. O Brasil na Primeira Guerra Mundial. **Contexto**, São Paulo, 2016. 208p.

DESAPARECE o manto da fantasia. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 21 mai. 1916.

DESLOCAMENTO do eixo. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ, 22 mai. 1919.

DIARIO de Pernambuco. Recife, PE, 18 jan. 1918.

DIARIO de Pernambuco. Recife, PE, 18 mai. 1919.

DO RIO. **A Tribuna**, Santos, SP, 14 dez. 1916.

DPHDM - Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha. Termo justificativo de Posse de 24 de janeiro de 1896. Fundo: OM – Ilha da Trindade. Acervo DPHDM, 1896.

DPHDM - Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha. Cruzador ‘Barroso’. Marinha do Brasil, s/a.

DUZENTOS e tantos naufragos aliados. **A Provincia**, Recife, PE, 31 mar. 1917.

ECHOS e Factos. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 19 jul. 1916.

ESTAÇÃO radiográfica. **Diário da Manhã**, Vitória, ES, 20 mar. 1917.

ESTADO de S.Paulo – Guaratinguetá, 22. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 26 fev. 1917.

ESTADO de S.Paulo – Guaratinguetá, 7. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 11 jan. 1917.

ESTADO do Pará. Belém, PA, 31 mar. 1917.

ESTARÁ mesmo a Ilha da Trindade ocupada pelos ingleses? **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 9 abr. 1916.

EXCURSÃO à Ilha da Trindade. **Revista Marítima Brasileira**. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, n.4, ano XXXIV, out.1914.

EXCURSÃO à Trindade – Episodios Curiosissimos da luta pela vida entre seus habitantes. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 12 jun. 1916.

EXCURSÃO à Trindade – Episodios Curiosissimos da luta pela vida entre seus habitantes. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 12 de junho de 1916.

EXPEDIÇÃO à Trindade - Partida do Cruzador ‘Barroso’. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 21 mai. 1916.

FALCÃO, Ildefonso Falcão. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. **O Estado**. Florianópolis, SC, 6 jul. 1916.

FALCÃO, Ildefonso Falcão. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. **O Estado**. Florianópolis, SC, 7 jul. 1916.

FALCÃO, Ildefonso Falcão. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. **O Estado**. Florianópolis, SC, 8 jul. 1916.

FALCÃO, Ildefonso Falcão. Na Ilha dos Tesouros Fabulosos. **O Estado**. Florianópolis, SC, 9 jul. 1916.

FALLECEU o Almirante Lamenha Lins. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 30 mar. 1919.

FARIA, Willis de. **A fantástica Ilha da Trindade**. Gráfica e Editora Jep. Vitória, ES, 2010, 292 p.

FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Coleção Helminológica do Instituto Oswaldo Cruz. Disponível em: <http://chioc.fiocruz.br/catalogue>. Acesso em: 22 jun. 2024.

FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Fundo Lauro Travassos: inventário analítico. Departamento de Arquivo e Documentação. Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz, 1998. Disponível em: <https://basearch.coc.fiocruz.br/fundo-lauro-travassos>. Acesso em: 23 ago. 2024.

FOLHETIM do Jornal do Commercio – A Semana – Um Tesouro e uma decepção. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, RJ, 3 ago. 1916.

FROESE, R. and D. Pauly. Editors. (2024). FishBase. *Kyphosus bigibbus* Lacepède, 1801. Accessed through: World Register of Marine Species at: <https://www.marinespecies.org/aphia.php?p=taxdetails&id=218707> on 2024-10-05

FROESE, R. and D. Pauly. Editors. (2024). FishBase. *Gymnothorax miliaris* (Kaup, 1856). Accessed through: World Register of Marine Species at: <https://www.marinespecies.org/aphia.php?p=taxdetails&id=271852> on 2024-10-05

GARAMBONE, Sidney. **A Primeira Guerra Mundial e a Imprensa Brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GAZETA de Noticias. Rio de Janeiro, RJ, 10 jan. 1917.

GAZETA de Noticias. Rio de Janeiro, RJ, 16 out. 1917.

GAZETA de Noticias. Rio de Janeiro, RJ, 18 jan. 1917.

GOMES, Max. Helmintos centenários: representativo para a saúde pública, medicina veterinária e conservação da biodiversidade. Instituto Oswaldo Cruz, 2023. Disponível em: <https://www.ioc.fiocruz.br/noticias/helmintos-centenarios-representativo-para-saude-publica-medicina-veterinaria-e-conservacao>. Acesso em: 16 jun. 2024.

GOMES, Wenceslau Braz Pereira Gomes. Mensagem apresentada ao Congresso Nacional na Abertura da Primeira Sessão da Décima Legislatura. Rio de Janeiro, RJ, p.19-20, 1918.

GRAÇA, Maria. Cartas Mineiras. **Futuro das Moças**, Rio de Janeiro, RJ, n.4, 25 abr. 1917.

GUIMARÃES, Cantuaria. Comissão à Ilha da Trindade. Revista Marítima Brasileira, ano XXXIV, n.7, p. 1435-1443. Rio de Janeiro, RJ: **Imprensa Naval**, 1915.

GUSMÃO, Daniel Martins. Ilha da Trindade: síntese histórica. **Portal Brasileira Fotográfica**, 4 out. 2019. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=16551>. Acesso em: 18 jun. 2024.

HARISTAL, Mario de. Pelo bom tom. **Careta**, n. 530, ano XI, 17 ago. 1918.

HERREN, Madeleine et. al. International Bureau of the Telegraphic Union. League of Nations Search Engine, Heidelberg/Basel, 2010–2017. Disponível em: <http://www.lonsea.de/pub/org/241>. Acesso em: 18 jun. 2024.

ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção. ICMBio/MMA, Brasília, DF, v. I, ed. 1, 2018.

IHERING, Hermann Von. LOBOA BRUNOI N. G. N. SP., A Land shell from the brazilian island of trinity. The Nautilus, São Paulo, v. XXX. N. 11, mar. 1917.

ILHA da Trindade – A designação do novo comandante e médico. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, RJ, 20 ago. 1918.

ILHA da Trindade – A próxima viagem do cruzador ‘Barroso’. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, RJ, 19 mai. 1916.

ILHA da Trindade – A sua ocupação pela Marinha - A próxima viagem do cruzador ‘Barroso’. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, RJ, 17 mai. 1916.

ILHA da Trindade – A viagem, desta vez, à ilha será do ‘Carlos Gomes’, **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro 19 set. 1916.

ILHA da Trindade. **Correio Paulistano**, São Paulo, SP, 12 jan. 1919.

ILHA da Trindade. **Correio Paulistano**, São Paulo, SP, 7 jan. 1919.

ILHA da Trindade. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, RJ, 20 jul.1985.

JÁ estarão transportando presos?. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ, 20 nov. 1918.

JORNAL do Commercio. Manaus, AM, 10 fev. 1917.

JORNAL do Commercio. Rio de Janeiro, RJ, 12 nov. 1918.

JORNAL do Commercio. Rio de Janeiro, RJ, 12 set. 1919.

JORNAL do Commercio. Rio de Janeiro, RJ, 13 nov. 1918.

JORNAL do Commercio. Rio de Janeiro, RJ, 18 dez. 1918.

JORNAL do Commercio. Rio de Janeiro, RJ, 22 mai. 1919.

JORNAL do Commercio. Rio de Janeiro, RJ, 26 e 27 dez, 1916.

JORNAL do Commercio. Rio de Janeiro, RJ, 1 mai. 1918.

JORNAL do Commercio. Rio de Janeiro, RJ, 10 set. 1919.

JORNAL do Commercio. Rio de Janeiro, RJ, 20 ago. 1918.

JORNAL do Commercio. Rio de Janeiro, RJ, 27 mai. 1916.

JORNAL do Commercio. Rio de Janeiro, RJ, 30 ago. 1916.

JORNAL do Commercio. Rio de Janeiro, RJ, 30 dez. 1916.

JORNAL do Commercio. Rio de Janeiro, RJ, 31 ago. 1916.

JORNAL do Commercio. Rio de Janeiro, RJ, 6 set. 1919.

JORNAL do Commercio. Rio de Janeiro, RJ, 9 jun. 1916.

JORNAL do Commercio. Rio de Janeiro, RJ, 5 abr. 1919, p.7.

JORNAL Pequeno. Recife, PE, 2 abr. 1917.

JORNAL do Recife. Recife, PE, 31 mar. 1917.

KNOPF, Jeffrey W. Doing a Literature Review. **PS: Political Science & Politics**, v. 39, n.1; p. 127-132, jan. 2006. Disponível em: https://writingcenter.commons.gc.cuny.edu/wp-content/blogs.dir/3005/files/2019/04/Doing_a_Literature_Review-1.pdf. Acesso em: 07 set. 2024.

LÁ vão as Evas - Agora sim a Trindade será um Paraíso. **A Rua**, Rio de Janeiro, RJ, 25 set. 1916.

LAMENTÁVEL cena de sangue. **Diário da Manhã**, Vitória, ES, 5 dez. 1916.

LEAL, Gustavo da Rosa. Aves da Ilha da Trindade. Universidade Federal do Rio Grande. **INFOCIRM**, v. 30, n. 1, 2018.

LEITE, Jorge da Silva. Aspectos da participação da Marinha de Guerra brasileira na Primeira Grande Guerra. **Revista Marítima Brasileira**, Rio de Janeiro, ed. 222, 3º trimestre, jul./ago./set. 1987, p.9-40.

Liga dos aliados. **A Província**, Recife, PE, 15 fev. 1917.

LIMA, Nísia Trindade et al. As ciências na formação do Brasil entre 1822 e 2022: história e reflexões sobre o futuro. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 36, n. 105, p. 211-233, 2022.

LOBO, Bruno. A Ilha da Trindade. *Archivos do Museu Nacional*, v. XXII. **Imprensa Nacional**, Rio de Janeiro, 1919.

LOBO, Bruno. Carta dirigida ao Dr. Lauro Travassos. Acervo da Fiocruz, Coleção Lauro Travassos, Rio de Janeiro, Documento n.1780, 1919.

LOPES, Maria Margareth. Culturas científicas sobre os oceanos na historiografia das ciências no Brasil. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 37, n. 75, set./ dez. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-87752021000300004>. Acesso em: 14 mai. 2024.

LÜCKNER, Conde Félix de. **El Ultimo Corsario**. *Revista de Marina y Aviacion*. Ano XVII, n.3, p. 307-326, mai./ jun. 1932.

MACHADO, Benedicto. Que castigo merece o Kaiser. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 17 jan. 1919.

MAIS uma violação?. **O Dia**, Florianópolis, SC, 5 mar. 1916.

MARÉ de Ciência - Escola Azul Brasil. Sobre. 2023. Disponível em: <https://escolaazul.maredeciencia.eco.br/sobre/>. Acesso em: 17 jun. 2024.

MARINHA do Brasil. A Comissão do ‘Benjamin Constant’. **Revista Marítima Brasileira**, Rio de Janeiro, n. 1, ano XXII, jul. 1902.

MARINHA do Brasil. Estações Maregráficas. Centro de Hidrografia da Marinha. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/chm/estacoes-maregraficas>. Acesso em: 03/10/2024.

MARINHA. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, RJ, 31 dez. 1919.

MARTELLO Alexandre. **Com 5º maior orçamento, Ministério da Defesa reserva R\$ 2,5 bilhões para submarino nuclear e caças Gripen em 2025**. Portal g1, Brasília, 19 set. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2024/09/19/com-5o-maior-orcamento-ministerio-da-defesa-reserva-r-25-bilhoes-para-submarino-nuclear-e-cacas-gripen-em-2025.ghtml>. Acesso em: 23 nov. 2024.

MARTINS, U.R.A. Coleção taxonômica. In: PAPAVERO, N. (Org.). *Fundamentos práticos de taxonomia zoológica: coleções, bibliografia, nomenclatura*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994. Cap. 1, p.19-43.

MARTINS, Pedro. Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha – DPHDM. Relatório sobre os primeiros meses de ocupação da Ilha da Trindade. Acervo DPHDM, 1916.

MB - Marinha do Brasil. **Pesquisas científicas nas ilhas oceânicas- PROILHAS**. Rio de Janeiro, RJ: MB, s/a Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/secirm/pt-br/psrm/ilhasoceanicas>. Acesso em: 18 jun. 2024.

MB - Marinha do Brasil. **Posto Oceanográfico da Ilha da Trindade**. Rio de Janeiro, RJ: MB, s/a. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/com1dn/poit>. Acesso em: 18 jun. 2024.

MB - Marinha do Brasil. **Programa de pesquisas científicas na Ilha da Trindade**. Rio de Janeiro, RJ: MB, s/a. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/secirm/pt-br/psrm/protrindade>. Acesso em: 18 jun. 2024.

MÉDICO naval para a Ilha da Trindade. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 18 jan. 1918.

MENDES, M. I. B. DE S.; NÓBREGA, T. P. DA. O Brasil-Médico e as contribuições do pensamento médico-higienista para as bases científicas da educação física brasileira. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 1, jan. 2008.

MESSIAS, Paulo Felipe Ohara. Ilha da Trindade, tesouro nacional no extremo leste da Amazônia Azul. **Revista INFOCIRM**, Brasília, v. 35, n. 3, 200 p, nov. 2023. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/infocirm/article/view/5100>. Acesso em: 05 set. 2024.

MIMI Sodré embarcou. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 23 mai. 1916.

MIMI vae jogar. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, 9 jun. 1916.

MINISTÉRIO da Defesa. **Submarino com propulsão nuclear, vamos construí-lo!**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/prosub/projeto-e-construcao>. Acesso em: 23 nov. 2024.

MINISTERIO da Marinha. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 14 set. 1918.

MINISTERIO da Marinha. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, RJ, 11 jan. 1919.

MINISTERIO da Marinha. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 18 dez. 1918.

MINISTÉRIO da Marinha. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 7 jan. 1919.

MINISTERIO da Marinha. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 27 mar. 1919.

MINISTERIO da Marinha. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 20 mai. 1919.

MINISTERIO da Marinha. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 21 mai. 1919.

MINISTERIO da Marinha. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 17 ago. 1919.

MINISTERIO da Marinha. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 6 set. 1919.

MINISTERIO da Marinha. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 16 set. 1919.

MINISTERIO da Marinha. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 31 dez. 1919.

MINISTÉRIO da Marinha. **Planta da Ilha da Trindade**. Biblioteca da Marinha, 1918.

MM - Ministério da Marinha. Relatório apresentado ao Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil. **Imprensa Naval**, Rio de Janeiro, RJ, abril de 1918.

MONTEVIDEO, 1. **Pacotilha**, São Luiz, MA, 4 mar.1916.

MONTEVIDEO, 3. **Jornal do Recife**, Recife, PE, 5 mar.1916.

MOREIRA, Carlos. **Faune carcinologique de l'île de la Trindade**. Bulletin de la Societé Zoologique de France, Tome XLV, n. 3-7, Paris, 1920, p.125-129.

MOREIRA, Cristiano. R. Coleção Científica do setor de ictiologia do MN: Ilha da Trindade, Rio de Janeiro, RJ, [s.d.].

MORIZE, Henrique Charles. Montagem de uma estação meteorológica na Ilha da Trindade. Carta dirigida ao Chefe da Seção de Meteorologia. Acervo do Observatório Nacional, Rio de Janeiro, Documento n.260, 2 jul. 1916 ou 1917.

MUSEU Nacional. MNVOC: Coleção Acústica do MN/UFRJ; MNFOTO: Coleção de fotos e vídeos do MN/UFRJ. Répteis livro tombo 1, página 2 (parte).

MUSEU Nacional. **Homenagem!** Rio de Janeiro, 23 out. 2019. Facebook: Museu Nacional. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/yHxKiLKXxwjzFqNa/?>. Acesso em: 26/09/2024.

MUSEU Nacional – Reunião de Congregação. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 6 jul. 1916.

MUSEU Nacional. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 27 abr. 1919.

NA MARINHA – A guarnição do ‘Carlos Gomes’ elogiada. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 21 out. 1916.

NA pasta da Marinha. **Correio Paulistano**, São Paulo, SP, 14 fev. 1919.

NA TRINDADE - O Dr. Bruno e o comandante Rego desembarcam, mas passa três dias de fome. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 2 jun. 1916.

NACINOVIC, Jorge. Catálogo das Aves do Museu Nacional, v. I, s/a.

NAVAL History and Heritage Command. “USS Pittsburgh (CA-4). Collection of Lieutenant Commander Ellis M. Zacharias, USN, 1931. Disponível em: <https://www.history.navy.mil/content/history/nhhc/our-collections/photography/numerical-list-of-images/nhhc-series/nh-series/NH-50000/NH-50076.html>. Acesso em: 18 jun. 2024.

NAVIO-ESCOLA ‘Benjamin Constant’. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 13 set. 1918.

NEMYS eds. (2024). Nemys: World Database of Nematodes. *Cucullanus pulcherrimus* Barreto, 1918. Accessed through: World Register of Marine Species at: <https://www.marinespecies.org/aphia.php?p=taxdetails&id=122938> on 2024-10-05

NO LLOYD Brasileiro. **O Jornal**, Rio de Janeiro, RJ, 12 set. 1919.

NO MAR – O aprisionamento do ‘Mowe’ pelos vasos de guerra ingleses no Atlântico. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 3 mar. 1916.

NO Ministério da Marinha. **O Jornal**, Rio de Janeiro, RJ, 10 set. 1919.

NO REGRESSO do ‘Carlos Gomes’... – Virão a seu bordo sentenciados de Santa Catharina para à Ilha da Trindade. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, RJ, 30 ago. 1916.

NO SENADO – O sr. Miguel de Carvalho falla contra o credito de mil contos para a nossa neutralidade. **A Rua**, Rio de Janeiro, RJ, 16 set. 1916.

NOGUEIRA, Clara Asperti. Revista Careta (1908-1922): Símbolo da modernização da imprensa no século XX. **Miscelânea - Revista de Pós-Graduação em Letras da UNESP**, v.8, jul./ dez. 2010.

NOSSOS amigos de França.... **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, RJ, 14 jun. 1919.

NOTAS officiaes. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 10 set. 1919.

NOTAS officiaes. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 4 set. 1919..

NOTAS. **Correio Paulistano**, São Paulo, SP, 2 jun. 1916.

NOTAS. **Correio Paulistano**, São Paulo, SP, 26 mai. 1916.

NOVA estação radio-telegraphica. **A Provincia**, Recife, PE, 21 mar. 1917.

O ‘BARROSO’ deixou, afinal, a Trindade. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, RJ, 8 jun. 1916.

O ‘BARROSO’ entrará à noite. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 9 jun. 1916.

O ‘BARROSO’ parte hoje para Trindade. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 21 mai. 1919.

O ‘BARROSO’ parte para a ilha da Trindade – Dupla missão: militar e scientifica. **Jornal do Brasil**, 20 mai. 1916.

O ‘BARROSO’ partirá hoje, à tarde. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, 20 mai. 1916.

O ‘BARROSO’ partiu para a Trindade. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 21 de maio de 1919.

O ‘BARROSO’ partiu para a Trindade. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 21 mai. 1919.

O ‘BARROSO’ partiu para a Trindade. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ, 22 mai. 1919.

O 'BARROSO' partiu. **A Rua**, Rio de Janeiro, RJ, 21 mai. 1919.

O 'BARROSO' sae hoje para a Ilha da Trindade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 19 nov. 1918.

O 'BARROSO' vae a ilha da Trindade. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 16 mai. 1919.

O 'BARROSO' vai outra vez à Trindade. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ, 30 dez. 1916.

O 'BARROSO' zarpou hontem à noite. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, RJ, 21 mai. 1916.

O 'BARROSO'. **A Federação**: Orgam do Partido Republicano, Porto Alegre, RS, 9 set. 1919.

O 'BENJAMIN Constant' – A sua chegada à Ilha da Trindade – As comunicações feitas com Fernando de Noronha. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, RJ, 12 jul. 1916.

O 'BENJAMIN CONSTANT' chegou à Bahia. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, RJ, 18 jul. 1916.

O 'BENJAMIN Constant' irá a ilha da Trindade. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 7 jan. 1919.

O 'BENJAMIN Constant' parte hoje para a Trindade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 14 set. 1918.

O 'BENJAMIN Constant' partiu para a Ilha da Trindade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 13 jan. 1919.

O 'BENJAMIN Constant' partiu. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 11 jan. 1919.

O 'BENJAMIN Constant' vae à Trindade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 7 jan. 1919.

O 'BENJAMIN Constant' vae partir para a Ilha da Trindade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 18 dez. 1918.

O 'BENJAMIN' chegou. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 2 abr. 1919.

O 'BENJAMIN' e o 'Barroso' navegam bem. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 20 fev. 1919.

O 'BENJAMIN Constant' novamente em S. Luiz. **Pacotilha**, São Luiz, MA, 5 out. 1917.

O 'BENJAMIN Constant' partiu para a Trindade. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, RJ, 19 jul. 1917.

O 'BENJAMIN Constant' parte hoje em viagem de instrução. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ, 18 jul. 1917.

O BRAZIL e a guerra. **Jornal do Commercio**, Manaus, AM, 4 out. 1917.

O 'CARLOS Gomes' segue hoje para a ilha da Trindade. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, RJ, 22 set. 1916.

O 'CARLOS Gomes' voltou hontem da Ilha da Trindade. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 14 out. 1916.

O CRUZADOR 'Tiradentes' saiu hontem para a Ilha da Trindade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 22 abr. 1917.

O 'PITTSBURG' deixou o nosso porto. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, RJ, 21 mar. 1919.

O ALMIRANTE Caperton chega a Nova York. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 9 abr. 1919.

O BRAZIL e a guerra. **Jornal do Commercio**, Manaus, AM, 4 out. 1917.

O BRAZIL-Medico, Revista Semanal de Medicina e Cirurgia. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, n.21, ano XXX, 20 mai. 1916.

O COMANDANTE da Ilha da Trindade. **A Tribuna**, Santos, SP, 24 de janeiro de 1918.

O COMANDANTE da Ilha da Trindade. **A Tribuna**, Santos, SP, 24 jan. 1918.

O COMANDO militar da Ilha da Trindade. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ, 22 jan. 1918.

O CORSÁRIO 'Mowe' aprisionado. **Correio Paulistano**, São Paulo, SP, 3 mar. 1916.

O DIA. Florianópolis, SC, 23 mar. 1916.

O DR. Oswaldo Palhares sofreu uma operação. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 14 fev. 1918.

O FUNCIONALISMO publico. **Pacotilha**, São Luiz, MA, 29 set. 1916.

O IMPARCIAL. Rio de Janeiro, RJ, 26 jan. 1917.

O IMPARCIAL. Rio de Janeiro, RJ, 7 jan. 1917.

O IMPARCIAL. Rio de Janeiro, RJ, 21 mai. 1919.

O INSTITUTO La-Fayette vae iniciar as visitas aos museus, escriptorios comerciais etc. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 9 out. 1917.

O MINISTRO da Marinha recebe o primeiro radiograma da Ilha da Trindade. **A Republica**, Curitiba, PR, 19 mar. 1917.

O MINISTRO da Marinha recebe o primeiro radiograma da ilha da Trindade. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, RJ, 21 mar. 1917.

O NAUFRÁGIO da escuna norte-americana 'Chaska'. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, RJ, 17 mar. 1919.

O NAUFRAGIO da 'Chaska'. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, RJ, 19 mar. 1919.

O NOVO médico da ilha da Trindade. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, RJ, 18 jan. 1918.

O PAIZ. Rio de Janeiro, RJ, 27 set. 1916.

O PAIZ. Rio de Janeiro, RJ, 1 mai. 1918.

O PAIZ. Rio de Janeiro, RJ, 22 set. 1916.

O PAIZ. Rio de Janeiro, RJ, 23 set. 1916.

O PAIZ. Rio de Janeiro, RJ, 26 mai. 1916.

O PAIZ. Rio de Janeiro, RJ, 31 mar. 1917, p.1.

O PATRULHAMENTO do Atlântico. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ, 13 out. 1917.

O PHAROL. Juiz de Fora, MG, 2 mai. 1918.

O PRIMEIRO Salão dos Humoristas o *vernissage* hoje. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 15 nov. 1916.

O PROBLEMA da subsistência. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 26 abr. 1917.

O QUE é a ilha da Trindade, segundo o comandante R. Sobrinho. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 18 out. 1916.

O REGRESSO do ‘Barroso’. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, RJ, 6 set. 1919.

O REGRESSO do cruzador ‘Tiradentes’ da Ilha da Trindade. Gazeta de Noticias, Rio de Janeiro, RJ, 11 mai. 1917.

O SR. Dantas Barreto é recebido pelo Senado - O Sr. Mendes de Almeida continua a mostrar os gastos vultuosos do governo actual. **A Rua**, Rio de Janeiro, RJ, 17 ago. 1916.

O SR. Mendes de Almeida responde ao desafio do sr. João Luiz – Os gastos monstruosos do governo. **A Rua**, Rio de Janeiro, RJ, 16 ago. 1916.

O ‘TIRADENTES’ vae, em dupla missão, para a Ilha da Trindade. **A Epoca**, Rio de Janeiro, 11 abr. 1917.

O *VERNISSAGE* do salão dos humoristas - Aspectos interessantes e críticas finas. **A Lanterna: Jornal da Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 13 nov. 1916.

OCCUPAÇÃO militar da Ilha da Trindade – A próxima viagem do ‘Barroso’ – Reminiscências da ocupação da ilha pela Inglaterra. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 18 mai. 1916.

OFFICIAES da Armada que vão para a Ilha da Trindade. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ, 22 ago. 1918.

OLIVEIRA, Fabíola de. **INMET: 100 anos de meteorologia no Brasil**. Instituto Nacional de Meteorologia, Brasília, DF, 2009.

OS GASTOS excessivos. **O Jornal**, São Luiz, MA, 17 ago. 1916.

OS GUARDAS-marinha recebidos pelo sr. presidente da Republica. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 7 mai. 1918.

OS NOVOS oficiais de Marinha que vão para a Trindade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 20 ago. 1918.

OS NOVOS oficiais de Marinha que vão para a Trindade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 20 ago. 1918.

OS OPERÁRIOS que foram à ilha da Trindade chegaram hontem. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, RJ, 22 jul. 1916.

O THESOURO do pirata Zulmiro está no Paraná. **Diario da Tarde**, Curitiba, PR, 9 jun. 1916, p.1.

OS THESOUROS mysteriosos – Uma excursão aos subterrâneos do pirata Zulmiro. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 31 jul. 1916.

OS VAPORES Allemães. **Diário de Pernambuco**, Recife, PE, 29 mar. 1916.

PACOTILHA. São Luiz, MA, 2 abr. 1917.

PARA o destacamento militar da Trindade. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 21 ago. 1918.

PELA Defesa Nacional. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, RJ, 1 jun. 1916.

PELA Defesa Nacional. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 10 fev. 1916.

PELO nocturno do Rio. **A Gazeta**, São Paulo, SP, 11 dez. 1916.

PESSOA, Carolina. Cinco anos após incêndio, Museu no Rio busca restauração e modernidade. Agência Brasil. Rio de Janeiro, 2 set. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/cinco-anos-apos-incendio-museu-no-rio-busca-restauracao-e-modernidade>. Acesso em: 26/09/2024.

PIMENTA, Alexandre Dias. Coleção de Mollusca do Museu Nacional, sua importância histórica e reconstrução. Livro de Resumos XXVII Encontro Brasileiro de Malacologia (XXVII EBRAM) “Um planeta, um oceano”. Porto Alegre, UFCSPA, 4 a 8 out. 202, p.30.

PIMENTA, A.D.; MONTEIRO, J.C.; BARBOSA, A.F.; SALGADO, N.C. & COELHO, A.C.S. 2014. Catalogue of the type specimens deposited in the Mollusca Collection of the Museu Nacional / UFRJ, Rio de Janeiro, Brazil. Zootaxa 3780 (1): 51-107. Disponível em: <https://ala-hub.sibbr.gov.br/ala-hub/occurrences/97ae927e-5be6-4bc5-8690-9b4d297d201b>. Acesso em: 24 set. 2024.

PINTO, Damião. Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha – DPHDM. Relatório do Capitão de Fragata e Comandante do ‘Barroso’ sobre a viagem deste navio à Ilha da Trindade em novembro e dezembro de 1918. Acervo do DPHDM, 6 dez. 1918.

PIPAROTES. **CARETA**, Rio de Janeiro, RJ, 24 jun. 1916, n.418, ano IX.

POMBAL Jr, J. P. Ribeiro ou Miranda-Ribeiro? Nota Biográfica sobre Alípio de Miranda Ribeiro (1874-1939). **Revista Brasileira de Zoologia**, v. 3, n. 19, set. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbzool/a/rBkytqsshQkBgprFHSSXc9k/#>. Acesso em: 2 jul. 2024.

POR um óculo. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 4 abr. 1916.

PORTAL UOL. **Parada de piratas**: como é a ilha brasileira que pode esconder um tesouro. Nossa Viagem, São Paulo, 12 dez. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2023/12/11/ilha-trindade-tesouro-pirata-curitiba.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 16 jan. 2024.

POSTAIS Masculinos. **O Malho**, Rio de Janeiro, RJ, n. 722, ano XV, jul. 1916.

Que castigo merece o Kaiser?. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 2 dez. 1918.

QUE castigo merece o Kaiser. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 17 de jan. de 1919.

QUEIROZ, Tito Henrique Silva. “A guerra dos corsários – ações navais na costa brasileira durante a Primeira Guerra Mundial (1914-18)”. **Navigator**, Rio de Janeiro, V. 13, n. 25.

RAMALHO, M. et al. Ciência em telejornais: uma proposta de ferramenta. In: MASSARANI, Luisa (org). **Monitoramento e capacitação em jornalismo científico: a experiência de uma rede ibero-americana**. Rio de Janeiro: Museu da Vida /Casa de Oswaldo Cruz / FIOCRUZ; Ciespal. 2012. p. 11-24.

REFLORA. Herbário Virtual. Rio de Janeiro, RJ: REFLORA, s/a. Disponível em: <https://reflora.jbrj.gov.br/reflora/herbarioVirtual/ConsultaPublicoHVUC/ConsultaPublicoHVUC.do>. Acesso em: 26 jun. 2024.

REIS, Luiz José de Brito. O *S.R.M.* de hontem e de hoje. **TYP**. Baptista de Souza, Rio de Janeiro, RJ, 1936, 170 p.

REPARTIÇÃO GERAL DOS TELEGRAPHOS. Radiotelegamma de Cabo S. Tomhé. Rio de Janeiro, RJ, n. 81, 25 out. 1917.

REPARTIÇÃO GERAL DOS TELEGRAPHOS. Radiotelegamma de Ilha da Trindade. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, RJ, n.31432, 24 out. 1917.

REPARTIÇÃO GERAL DOS TELEGRAPHOS. Radiotelegamma de Olinda bordo da Ilha da Trindade. Rio de Janeiro, RJ, n. 3976, 24 out. 1917.

RIBEIRO, Emanuelle. Em 1913, Botafogo inaugurava estádio de General Severiano com vitória sobre o Flamengo. **GLOBO Esporte**, 9 abr. 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/botafogo/noticia/em-1913-botafogo-inaugurava-estadio-de-general-severiano-com-vitoria-sobre-o-flamengo.ghtml>. Acesso em: 29/09/2024.

RIBEIRO, Miranda A. de. A fauna vertebrada da Ilha da Trindade. Archivos do Museu Nacional, v. XXII. **Imprensa Nacional**, Rio de Janeiro, RJ, 1919.

RIBEIRO, P. de A. Expedição à Ilha da Trindade. *Revista Brasileira de Geografia*, 13: 293-314, abr./jun. 1951.

RIO, 9. **Jornal do Recife**, Recife, PE, 10 abr. 1916.

RUMO à Trindade – O ‘Carlos Gomes’ adiou a sua partida para amanhã. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, RJ, 23 set. 1916.

RUMO à Trindade. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, RJ, 16 mai. 1919.

RUMO da Ilha da Trindade. **A Provincia**, Recife, PE, 23 mai. 1919.

SALADA da Semana. **O Malho**, Rio de Janeiro, RJ, Ed. 718, Ano XV, 1916.

SALÃO dos humoristas - A concorrência ao Lyoeau de Artes e Offícios. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, RJ, 19 nov. 1916.

SALINEIRO Viajado. O Brasil em face da conflagração europeia. **O Fluminense**, Niterói, RJ, 16 ago. 1916.

SE V.Ex. fosse passar três meses na ilha da Trindade, quais os três livros que levava?. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, RJ, 4 dez. 1916.

SEÇÃO de Museologia do Museu Nacional/UFRJ. **Os Diretores do Museu Nacional/UFRJ**. Coordenação Geral: Thereza de Barcellos Baumann Zavataro. Rio de Janeiro, RJ, 59 p., 2007/2008.

SECIRM. Dia da Amazônia Azul. **Revista INFOCIRM**, v. 35, n. 3, p.14, nov. 2023.

SECRETARIA da Agricultura, Commercio e Obras Publicas do Estado de São Paulo. O burro inteligente da Ilha da Trindade. *Revista O Criador Paulista (Revista da pecuária brasileira)*, São Paulo, ano XIV, mai. 1919.

SEIS meses na Ilha da Trindade – Constrangido a esse exílio, que livros levaria V. Ex.?. **A Lanterna: Jornal da Noite**, Rio de Janeiro, RJ, 7 dez. 1916.

SEIS meses na ilha da Trindade – Constrangido nesse exílio, que livros levaria v. exc.?. **Jornal Pequeno**, Recife, PE, 19 dez. 1916.

SENTENCIADOS para a Ilha da Trindade. **A Rua**, Rio de Janeiro, RJ, 3 set. 1916.

SiBBr - Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira. *Bulimulus bruno* (Ihering, 1917). Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação - MCTI. Disponível em <https://ala-bie.sibbr.gov.br/ala-bie/species/246957>. Acesso em: 24 set. 2024.

SiBBr - Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira. *Fregata ariel trinitatis* Miranda Ribeiro, 1919. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação - MCTI. Disponível em: <https://ala-bie.sibbr.gov.br/ala-bie/species/230614>. Acesso em: 18 jun. 2024.

SiBBr - Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira. *Sula sula* (Linnaeus, 1817). Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação - MCTI. Disponível em: <https://ala-bie.sibbr.gov.br/ala-bie/species/159400>. Acesso em: 18 jun. 2024.

SILVA, Bruce Francisco Pontes; FEDEROVA, Natalia. Distúrbios Ondulatórios de Leste Sobre o Atlântico Tropical Sul: Revisão e Discussão Sobre Terminologia. **Revista Brasileira de Meteorologia**, v.38, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-77863810025>

SILVA, Nílber Gonçalves da.; ALVES, Ruy José Válka. Plantas Nativas da Ilha da Trindade. **INFOCIRM**, Brasília, DF, v. 32. n.1, abr. 2020. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/infocirm/article/view/915/853>. Acesso em: 18 jun. 2024.

SILVA, Nuno Alves Duarte da. Memorando dirigido ao diretor do Observatório Nacional. Acervo do Observatório Nacional, Rio de Janeiro, Documento n.198, 1916.

SILVA, Nuno Alves Duarte da. Memorando dirigido ao diretor do Observatório Nacional. Acervo do Observatório Nacional, Rio de Janeiro, RJ, Documento n.476, 7 ago. 1917.

SILVA, Nuno Alves Duarte da. Memorando dirigido ao diretor do Observatório Nacional. Acervo do Observatório Nacional, Rio de Janeiro, RJ, Documento n.685, 13 out. 1917.

SIMON, Thiony Emanuel. Montes submarinos da Cadeia Vitória-Trindade como alpodras para peixes recifais. 2014. 126 f. Tese (Doutorado em Biologia Animal) –Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2014.

SINISTRO Marítimo. **Jornal do Commercio**, Manaus, AM, 18 mar. 1919.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. “O cientista na animação televisiva: discurso, poder e representações sociais”. **Em Questão**, Porto Alegre, v.12, n.1, 2006.

SOARES, Herbert. Ilha da Trindade: isolado território do ES já foi uma prisão federal. A Gazeta, Vitória, ES, 5 nov. 2019. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/colunas/herbert-soares/ilha-da-trindade-isolado-territorio-do-es-ja-foi-uma-prisao-federal-1119>. Acesso em: 05/10/2024.

SOCIAES, Vida Acadêmica, nos Palcos. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 5 abr.1916.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. **Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1970)**. Disponível em: https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/wiki_dicionario/index.php/SOCIEDADE_BRASILEIRA_DE_CI%C3%80NCIAS. Acesso em: 18 jun. 2024.

SOCIEDADE Brasileira de Ciencias. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 30 nov. 1918.

SOUZA, Camilo de Lellis Menezes Felipe de. PROTRINDADE: Importância Estratégica da Pesquisa. **Âncoras e Fuzis**, n. 42, jul. 2011.

STORINO, Oswaldo Osíris. Ilha da Trindade - Uma Contribuição Histórica. **Revista Marítima Brasileira**, Rio de Janeiro, ed. 220, jul./ ago./ set., 1986, p. 89-101.

STORINO, Oswaldo Osíris. Ilha da Trindade - Uma Contribuição Histórica (Parte II). **Revista Marítima Brasileira**, Rio de Janeiro, ed. 221, jan./ fev./ mar., 1987, p. 43-52.

TAPARELLI, Carlos Henrique Antunes. “A evolução tecnológica do rádio”. **Revista USP**, São Paulo, n.56, dezembro/fevereiro 2002-2003.

TELEGRAMAS – Serviço especial da Pacotilha interior. **Pacotilha**, São Luiz, MA, 30 mai. 1916.

TELEGRAMAS. **Jornal do Recife**, Recife, PE, 13 jan. 1919.

TELEGRAMAS. **Pacotilha**, São Luiz, MA, 17 ago. 1916.

TELEGRAMMAS. **Jornal do Recife**, Recife, PE, 20 mar. 1917.

TELEGRAMMAS. **Jornal Pequeno**, Recife, PE, 19 ago. 1919.

TERIA acontecido algum atentado alemão em águas brasileiras?. **A Razão**, Rio de Janeiro, RJ, 2 mai. 1917.

TICIANELLI, Edberto. História de Alagoas Março de 2024 Instituições, Memória A história do telégrafo em Maceió. 4 mar. 2024. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/a-historia-do-telegrafo-em-maceio.html>. Acesso em: 15 jun 2024.

TRAVASSOS, Lauro. Informações sobre o material helminthologico colleccionado na Ilha da Trindade. Archivos do Museu Nacional, v. XXII. **Imprensa Nacional**, Rio de Janeiro, RJ, 1919, p. 159-167.

UM achado que deve interessar os colecionadores de antiguidades. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, RJ, 8 jul. 1918.

UM BURRO ilustre. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 3 abr. 1919.

UM erro do Estado-Maior da Marinha. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, RJ, 16 nov. 1919.

UM erro do Estado-Maior da Marinha. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, RJ, 16 de novembro de 1919.

UM poste de luz na ilha da Trindade. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 28 mai. 1917.

UM VAPOR alemão aprisionado. **A Província**, Recife, PE, 4 mar.1916.

UMA barca franceza, desarvorada, entra na nossa bahia, conduzindo tripulantes de onze navios postos a pique próximo à Trindade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, 31 mar. 1917.

UMA Expedição Militar - Uma ocupação, pela nossa Marinha, da ilha da Trindade – A partida do ‘Barroso’ e das forças incumbidas da empresa. **A Notícia**, Rio de Janeiro, RJ, 21 mai.

UMA expedição que não parte. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 13 mai. 1916.

VAE ou não vae?. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, RJ, 02 mai. 1916.

VIDA Social. CONFERÊNCIAS. **O Paiz**, Rio de Janeiro, RJ, 6 mai. 1919.

VITAL, Andre Vasques; BARRETO, Cristiane Gomes. Navegando pelos mares da controvérsia política: a Inspetoria da Pesca e os primeiros estudos sobre o plâncton no Brasil (1913-1915). **Desenvolv. Meio Ambiente**, v. 49, p. 318-335, dez. 2018.

VOGT, Carlos. **Revista Ciência e Cultura**, ano 73, nº 2, jul. 2021, p.3.

VOLTARAM para o Rio operários que foram para a Trindade, no ‘Barroso’. **A Epoca**, Rio de Janeiro, RJ, 22 jul. 1916.

WESTIN, Ricardo. **Há 110 anos, marujos denunciaram chibata na Marinha e racismo no Brasil pós-abolição**. Agenda Senado, 6 nov. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/em-1910-marujos-denunciaram-chibata-na-marinha-e-racismo-no-brasil-pos-abolicao#gallery-1>. Acesso em: 04/10/2024.

WoRMS Editorial Board (2024). World Register of Marine Species. Available from <https://www.marinespecies.org> at VLIZ. Accessed 2024-10-05. doi:10.14284/170

ZAPPI, D.; Taylor, N.P. Cactaceae in Flora e Funga do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB1446>. Acesso em: 16 mar. 2024.